**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

ANA PAULA FUJISAKA

***Vivência de luto em adultos que perderam
a mãe na infância***

São Paulo

2009

ANA PAULA FUJISAKA

***Vivência de luto em adultos que perderam
a mãe na infância***

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Maria Júlia Kovács

São Paulo

2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Fujisaka, Ana Paula.

Vivência de luto em adultos que perderam a mãe na infância / Ana Paula Fujisaka; orientadora Maria Júlia Kovács. -- São Paulo, 2009. 235 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Luto 2. Infância 3. Adultos 4. Vivências emocionais I. Título.

BF575.G7

Nome: Fujisaka, A.P.

Título: Vivência de luto em adultos que perderam a mãe na infância

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dissertação apresentada e aprovada em: ____/____/____

À minha mãe, que foi embora cedo demais... e deixou tantas saudades...
Ao meu querido Daniel, que tem sido companheiro na alegria e na dor.

AGRADECIMENTOS

À prof.a Maria Julia Kovács, a quem tenho grande respeito e admiração enquanto pessoa e profissional. Agradeço imensamente pela maneira respeitosa e acolhedora ao me acompanhar, permitindo que minha trajetória no percurso deste trabalho fosse de aprendizagem e crescimento bastante significativos;

Às prof.as Vera Silvia Bussab, Leila Cury Tardivo, Maria Helena Hunziker, por serem minhas primeiras orientadoras de pesquisa ainda na graduação, pelo ensino dos primeiros passos e pelas oportunidades de reflexão;

Aos profs. Mauro Martins Amatuzzi, Ingrid Esslinger, Gabriela Casellato, Alda Nunes Rangel, por aceitaram participar das bancas de qualificação e defesa, por compartilharem seus conhecimentos teóricos e vivenciais, pelas ricas sugestões e materiais de leitura que me ofereceram;

Ao CNPQ, pelo financiamento da pesquisa;

Aos funcionários do IP-USP, pelo apoio estrutural;

Aos seis participantes desta pesquisa, pela disponibilidade e pela coragem em partilhar histórias tão ricas. Eles foram minha fonte de inspiração e me tocaram profundamente com suas vidas;

Ao grupo de orientação e ao pessoal do LEM, alguns estão indo, outros chegando, mas todos fizeram parte da construção deste trabalho: Elaine, Silvana, Tissi, Lucélia, Vanessa, Carol, Jú, Clô, Maria Carol, Karina, Cândido, Aurélio e à psicóloga Nancy Vaiciunas. Obrigada pelas sugestões e pelo apoio nesses dois anos, nossas reuniões foram um espaço descontraído e enriquecedor;

À Cláu e à Jana, amigas queridas, meu agradecimento mais que especial. Obrigada pelo carinho e pela sincera amizade, e por trabalharem ativamente ao meu lado, incentivando, orientando, lendo meus escritos, dando sugestões, sendo realmente companheiras neste percurso. Após a graduação nos separamos, mas felizmente viemos a nos reencontrar, e agora não saio mais dos seus pés...;

À Jana e à Cláu, mais uma vez, à Kate, Gui, Max e Bruno pelas boas risadas, conversas, desabafos... Para mim foram momentos terapêuticos e profundos;

Às amigas Sá, Cá, Dani, Jú e Lú, por fazerem parte da minha história há tantos anos e serem responsáveis por muito do que sou hoje. Obrigada por me ouvir, incentivar, cuidar de mim, ajudar a me descobrir, serem irmãs de coração;

À família Okura: Alice, Hideo, Douglas, Dani e Lidinha, que me adotaram em seus corações me tratando como filha. Obrigada pelo carinho e cuidado sempre tão presentes;

À Esther, minha terapeuta querida, que entrou comigo na minha mais profunda dor, me ajudando a ressignificar experiências passadas que me trouxeram tanto sofrimento. Sem sua grande competência e seu colo acolhedor certamente hoje não seria possível falar da perda de minha mãe;

Aos meus irmãos Alexandre e Vinícius, que foram pessoas essenciais em minha caminhada, me amando e apoiando mesmo em meio a tantas adversidades que passamos juntos. Amo-os profundamente;

Ao meu querido Daniel, pelas longas horas ao meu lado, horas de conversa, acolhimento, incentivo, cuidado, carinho, além da ajuda prática com sugestões, leituras dos meus escritos, traduções, formatações. Obrigada pelo grande companheirismo e pela presença sempre constante em minha vida. Eu nunca seria capaz de escrever um trabalho como esse, que resgata minha história passada, se não fosse o crescimento e o amadurecimento que esta relação de casamento me proporcionou;

A Deus, meu pai e mãe queridos, que tem me amado e sustentado fielmente durante todos esses anos da minha vida;

A todos e a muitos outros, que passaram em minha história e contribuíram para o que me tornei hoje, fazendo assim também parte deste trabalho, meu **Muito Obrigada!**

*Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus
braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

FUJISAKA, A.P. (2009). **Vivência de luto em adultos que perderam a mãe na infância.** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O presente trabalho teve como objetivo compreender a vivência de luto em adultos pela perda de suas mães na infância e como pode ser ressignificada em outras fases da vida. A morte de um ente querido leva a processos de luto dolorosos e, no caso de crianças que perdem uma figura parental, este sofrimento pode se agravar pelo fato de serem ainda dependentes física e emocionalmente de seus pais. Assim, buscou-se compreender, a partir do relato de adultos, a experiência vivida na infância e a possibilidade de ressignificações na história de vida de cada indivíduo. Trata-se de pesquisa qualitativa, com inspiração em aspectos da Abordagem Centrada na Pessoa, teoria desenvolvida por Carl Rogers. Foram realizadas entrevistas abertas, que partiram da pergunta: “como foi ter vivido a perda de sua mãe?” e foram acompanhadas de acordo com o que os colaboradores consideravam relevante. Participaram deste estudo seis adultos, 3 homens e 3 mulheres, com idades entre 32 e 61 anos, que perderam a mãe por morte quando tinham entre 5 e 12 anos de idade. Os colaboradores foram localizados pela divulgação do trabalho entre pessoas conhecidas e escolheram participar voluntariamente. Na análise compreensiva das narrativas foram destacados os trechos mais representativos e apresentados por categorias temáticas, as quais foram surgindo e se estruturando a partir dos relatos, não tendo sido estabelecidas a priori. A análise mostrou que: 1) É preciso compreender a vivência de perda da mãe no início da vida como processo dinâmico, havendo inúmeras variáveis envolvidas em cada história individual, não se podendo determinar ou prever como a criança que perdeu a mãe será quando adulta; 2) Mostrou-se importante lidar com a experiência da perda e com a dor para poder ressignificá-las, enxergando-as de maneiras diferentes, e assim integrá-las à vida, diminuindo o medo de sentimentos negativos do passado retornarem; 3) Foi possível perceber que o comportamento de permanecer vinculado à mãe ajudou os participantes a lidar com a ausência desta e a redefinir este relacionamento, integrando-o em suas vidas, não da mesma forma como era quando estava viva, mas ainda como figura importante e significativa em suas histórias. Tendo como base estes três aspectos observados, foram apresentadas orientações a profissionais de saúde, familiares e pessoas que estão próximos a crianças e adultos que perderam suas mães em idade precoce. Este trabalho pode contribuir com reflexões no sentido de minimizar o estigma social em relação a crianças e adultos que perderam suas mães de maneira prematura. E, ainda, incentivar esforços para auxiliar pessoas enlutadas em direção a maior comunicação e expressão de sentimentos relacionados à perda por morte, acreditando que um acolhimento adequado pode ajudar a lidar com essa dor e crescer por meio dela.

Palavras-chave: luto, ressignificação, abordagem centrada na pessoa, pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

FUJISAKA, A.P. (2009). Mourning in adults who have lost their mothers in the childhood. **Dissertation, Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.**

The present work aims at comprehending the mourning in adults who have lost their mothers during childhood and how this experience can be resignified in other life stages. The loved person's death leads to a painful mourning and, in the case of children who have lost a parent, this suffering might get worse because they are still physically and emotionally dependent on their parents. Thus, it was intended to comprehend, from adult narrative, the loss experience in the childhood and the possibility of resignification in each individual life. We used the qualitative approach with inspiration in some aspects of the Approach Centered in the Person, theory developed by Carl Rogers. The interviews had a non-directive approach and were started with the question: "how did you experience your mother loss?" and were conducted taking in account what the participants considered as relevant issues. Six adults participated, three men and three women, ranging from 32 to 61 years of age, whose mothers died when they were between 5 and 12 years old. The collaborators were people who had knowledge about the study through divulgation and voluntarily wished to cooperate with the research. In the narrative comprehensive analysis, outstanding issues were categorized considering thematic points, which have stood out from the speeches since they were not previously established. The analysis showed that: 1) Mother loss in the beginning of life must be understood as a dynamic process, considering that there are many factors involved in each individual life. Therefore it is not possible to determine or foresee how the child who has lost his mother will be as an adult; 2) It was shown that it is important to face the loss and grief, in order to resignify and to perceive them by different forms, and consequently be able to integrate them to the life, reducing the fear of past negative feelings; 3) It was realized that the behavior of been kept attached to their mothers aids the participants to deal with such absence and to redefine this relationship, integrating it in their life. Although it is not just same way when their mothers were alive, it keeps meaningful and important figure in their own histories. Based on these three considerations, orientations were presented to health professionals, relatives and people who are near of bereaved children and adults who suffered from mothers loss at an early ages. This study can contribute with the reflection on a way to soften the social stigma of children and adults who have lost their mother prematurely. Moreover, it can encourage the assistance to bereaved people toward a larger communication and expression of the loss feelings, considering that an adequate care can help to deal with grief and can help to grow through this situation.

Keywords: mourning, resignification, approach centered in the person, qualitative research.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: antes de tudo é preciso dizer que.....	13
1) INTRODUÇÃO: compartilhando possibilidades teóricas	19
1.1. Teorias do luto	19
1.2. Aspectos históricos e sócio-culturais.....	31
1.3. A perda na infância e a vida adulta.....	40
1.4. Um olhar Centrado na Pessoa.....	58
2) MÉTODO: trilhando os caminhos da pesquisa	67
2.1. O objetivo	67
2.2. A abordagem qualitativa.....	67
2.3. Os participantes	70
2.4. As entrevistas.....	71
2.5. A compreensão dos dados	74
2.6. As considerações éticas	77
3) ANÁLISE: desdobrando significados construídos.....	79
3.1. PEDRO	80
3.2. LUISA.....	91
3.3. REGINA	104
3.4. LUIZ ALBERTO.....	114
3.5. MÔNICA	128
3.6. LUIZ FEIJÓ.....	140
3.7. Síntese geral: entrelaçando as vivências.....	154
4) DISCUSSÃO: ampliando as reflexões.....	161
5) CONSIDERAÇÕES FINAIS: apontando possibilidades.....	183
6) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	188

7) ANEXOS	195
7.1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	195
7.2. Narrativa: Pedro	196
7.3. Narrativa: Luisa	203
7.4. Narrativa: Regina.....	209
7.5. Narrativa: Luiz Alberto.....	213
7.6. Narrativa: Mônica	221
7.7. Narrativa: Luiz Feijó.....	228

APRESENTAÇÃO: antes de tudo é preciso dizer que...

Aprendi com a primavera; a deixar-me cortar e voltar sempre inteira.
Cecília Meireles

Meu interesse pela questão das perdas e do luto inicia-se muito antes de me tornar profissional, muito antes do início da graduação em Psicologia, principia-se nas minhas experiências ainda de garotinha, e está presente em toda minha trajetória pessoal.

Exponho a seguir um trecho da minha história de vida para que o leitor saiba como cheguei a esta pesquisa e de onde falo, não do lugar de observadora e escritora somente, mas na pele de alguém que viveu o que aqui apresento em forma de estudo acadêmico. Exponho aqui uma parte de mim, não sem conflito e luta interna dolorosos, entre o medo do desnudar-me e a vontade de que este trabalho não seja apenas corpo sem alma.

Aos dois anos de idade perdi meu pai, não por morte, mas por uma doença mental chamada hoje pela psiquiatria de transtorno bipolar, que causava a ele grande instabilidade de humor e frequentemente o deixava bastante agressivo. Minha mãe vivia sob stress constante, pois a qualquer momento poderia ser novamente espancada, temendo sempre que o pior acontecesse a nós, os filhos. Por esta razão, quando eu tinha 2 anos e meus irmãos 9 anos e 6 meses de vida, minha mãe separou-se de meu pai e nós não tivemos qualquer contato com ele nos 9 anos seguintes, até os meus onze anos de idade, quando a Justiça o procurou dizendo que estávamos órfãos...

Minha mãe trabalhou muito para sustentar os filhos; mantinha dois empregos para pagar as despesas da casa e nos dar bons estudos, pois acreditava que o único meio de sairmos daquela miséria seria estudando. Estava sempre tão esgotada e irritada

quando chegava em casa altas horas da noite, que me lembro de pouquíssimas vezes em que tivemos algum tipo de conversa, de brincadeiras não tenho lembrança alguma. Eu tinha sentimentos tão ambivalentes, ao mesmo tempo em que esperava acordada que ela voltasse para casa, sentia também uma angústia e uma vontade de sumir, de me esconder, quando ouvia o trinco da porta girar.

Ela morreu em decorrência de um aneurisma cerebral durante uma madrugada. Eu ainda estava deitada, quase acordada, quando ouvi ao longe o tilintar do telefone por diversas vezes, ninguém o atendia. Dei um pulo da cama, o tirei do gancho e ouvi a voz de minha tia: “Sua mãe já acordou?”. Respondi: “Não, mas posso chamá-la”. Ao olhar para ela vi um rosto sereno e descansado, e quando a toquei senti sua pele gelada, então sussurrei: “mãe... mãe... acorda mãe”. Ela não mais acordaria, nunca mais, dormia o sono eterno. Senti a adrenalina correr todo meu corpo, um frio bem no fundo do estômago, uma pequena falta de ar, um momentâneo bloqueio de todo e qualquer pensamento. Então uma voz fraca, mas intensa como um trovão, saída de dentro de mim, me fez saber a perturbadora notícia: “minha mãe morreu”. Este foi o acontecimento mais marcante de toda minha vida.

Naquele momento senti medo, pavor. Tinha vontade de pular em seu colo, sentir seu cheiro, sua voz. Não vê-la nunca mais era um pensamento aterrorizante. Nos dias que se seguiram em muitos momentos me vi mergulhada em pensamentos e sentimentos estranhos; os mais marcantes foram a culpa por não ter sido uma boa filha, e a grande solidão por não ter com quem compartilhar minha dor. Após sua morte nunca mais conversei sobre minha mãe, até me tornar adulta. Havia um pacto de silêncio implícito entre mim e meus irmãos, e em todo o restante da família.

Com a perda da minha mãe, perdi também tudo que era conhecido para mim; perdi o convívio com meus irmãos que foram morar com outros tios, mudei de família,

de casa, de escola, de amigos, tudo se tornou desconhecido e amedrontador em tão pouco tempo. Depois disso ainda mudei de família, de casa, escola, amigos mais 6 vezes, até que com 17 anos, quando entrei na faculdade, fui morar com amigas, e só a partir daí as mudanças passaram a acontecer de maneira mais lenta e gradual. Estava mais velha e independente e podia então ter um pouco mais de controle sobre os acontecimentos da minha vida.

Algumas vivências profundas marcaram minha vida, vivências de desamparo, abandono, solidão, com muito pouco afeto e cuidado. Porém, felizmente, encontrei pessoas em meu caminho que me ajudaram a ressignificar e a reescrever minha história; pessoas que me ajudaram a transformar o sofrimento em crescimento e fortalecimento. E, se hoje consigo realizar um estudo relacionado ao que vivi, devo grande parte a estas relações tão significativas que me trouxeram até aqui.

Assim, em razão do que experienciei, desde pequena já me perguntava se o que sentia era normal, se a tristeza, o pesar, a raiva, a culpa, e outros sentimentos intensos também faziam parte da vida das crianças que não perderam pais. Desde esta época, questões relacionadas a sentimentos e comportamentos humanos me deixavam profundamente intrigada. Esta foi a principal razão para que, alguns anos mais tarde, eu escolhesse a Psicologia como carreira com a qual eu gostaria de trabalhar, e ciência na qual eu gostaria de me envolver e me aprofundar.

Durante todo meu processo de formação até os dias de hoje sempre estive envolvida em pesquisas e práticas relacionadas ao tema das perdas e do luto. Já no início da graduação um dos primeiros assuntos a me atrair, e sobre o qual me debrucei em horas de estudo foi a questão do impacto gerado em crianças pela separação da mãe a partir da Teoria do Apego de John Bowlby. Mais tarde também desenvolvi pesquisas junto a pessoas que haviam sofrido perdas auditivas, trazendo a compreensão de que a

instalação de uma deficiência pode implicar em uma quebra do ciclo vital, gerando perdas e mudanças nas esferas física, emocional, psíquica e social, resultando em dor e luto.

Após o término da graduação continuei neste mesmo caminho e ingressei no aprimoramento na Divisão de Medicina de Reabilitação do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Neste período, desenvolvi uma monografia com o tema: “A elaboração do luto na Esclerose Múltipla possibilitando o enfrentamento da doença” que, por um lado, me ajudou a compreender mais sobre o processo de luto e, por outro, despertou inúmeros questionamentos.

Assim, após um período de trabalho como psicóloga hospitalar, senti desejo de retornar à universidade para desenvolver uma pesquisa mais aprofundada. Meu primeiro projeto de pesquisa estava ligado à minha vivência no hospital, e tinha como temática a necessidade de cuidado aos cuidadores profissionais que lidam diariamente em suas práticas profissionais com perdas e luto. Porém, alguns meses após o ingresso no programa de pós-graduação, dei-me conta de que ainda estava caminhando longe do tema que realmente me interessava, estava distante da temática relacionada à minha história de vida. Seria medo? Seria uma auto-proteção inconsciente? Ainda não posso afirmar, mas felizmente percebi este desvio a tempo de retornar ao meu caminho. Foi então que, com o aval e ajuda da minha orientadora, decidi reformular meu projeto de pesquisa, voltando-me para a vivência de adultos que perderam figuras parentais precocemente. Minha intenção inicial era estudar a vivência de pessoas que perderam a mãe e/ou o pai, porém, os voluntários foram surgindo e ao final das entrevistas percebi que todos haviam perdido a mãe na infância, com exceção de um, que perdeu ambos os pais nesta fase da vida. Desta maneira, decidi focar a pesquisa sobre a perda da mãe, entendendo que não é possível observar estes dois tipos de perda como um mesmo

fenômeno, pois, “mesmo exercendo funções semelhantes, ainda continuarão existindo diferenças fundamentais entre ser pai e ser mãe” (Tiba, 2002, p.32).

Acredito que muitas destas pessoas, não apenas as que perderam pais na infância, mas aquelas que perderam pessoas queridas em qualquer momento de suas vidas, podem se sentir sós, guardando para si sentimentos e pensamentos, supondo que estes sejam incomuns ou anormais. Segundo Doka (1990) muitas pessoas enlutadas acabam colocando demandas excessivas sobre si próprias, acreditando que seu luto tem sido muito longo ou diferente do que a maioria das pessoas experiencia. No caso de adultos que perderam pais na infância, sentimentos relativos à perda podem ainda surgir 30, 40, 50 anos após a morte, podendo causar constrangimentos a estas pessoas por se sentirem como exceções à regra.

Diante disso, este trabalho visa trazer o compartilhamento e a compreensão de vivências de adultos que perderam mães prematuramente, a fim de amenizar a sensação de exceção e de isolamento que muitos podem estar vivendo neste momento. Este compartilhar pode ainda auxiliar aqueles que estão ao redor da criança ou do adulto enlutado, parentes e amigos que têm vontade de oferecer apoio, mas se vêem desorientados e constrangidos diante desta situação de dor. Espero ainda poder trazer contribuições para a Psicologia e para a sociedade em geral no que diz respeito às questões relacionadas às perdas e ao luto, tão presentes em muitos momentos de nossas vidas. Assim, tenho vontade que as páginas seguintes possam beneficiar a outras pessoas, mas posso afirmar hoje que a principal beneficiada por este trabalho sou eu mesma, pois mais do que um veículo para obter meu grau de Mestre, este estudo faz parte da ressignificação da minha própria história.

O primeiro capítulo da pesquisa é a **parte introdutória** e contém uma revisão da literatura, abarcando as principais questões teóricas sobre a temática estudada. Há

quatro subdivisões dentro deste capítulo: a primeira aborda os aspectos gerais do luto, sua definição, teorias mais difundidas, a polêmica questão entre normalidade e patologia, informações sobre variáveis influenciadoras, reações e duração; a segunda ressalta a importância dos aspectos históricos e sócio-culturais relacionados à morte e ao luto; a terceira traz a questão da vivência da perda parental na infância, sintetiza algumas das principais pesquisas com adultos que perderam pais precocemente, e ainda discorre sobre relatos autobiográficos de pessoas famosas que vivenciaram este tipo de perda; e a quarta traz uma forma de olhar esta temática a partir dos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers.

O segundo capítulo apresenta o **caminho metodológico** percorrido neste estudo. Inicialmente apresento a introdução teórica sobre pesquisa qualitativa, escolhida para nortear o trabalho, e depois exponho a maneira como cheguei aos participantes, o instrumento de coleta de dados e a forma de compreensão dos relatos.

O terceiro capítulo traz a **análise dos relatos** a partir do desdobrar das vivências das pessoas entrevistadas relacionadas à perda precoce de suas mães. Por fim, apresento a **síntese geral** com o entrelaçamento de todos os relatos, destacando suas convergências e divergências.

O quarto capítulo é a **discussão** e retoma as questões teóricas ressaltadas no primeiro capítulo, apresentando um diálogo com alguns autores, a fim de clarear os achados ao longo desta pesquisa e ampliar as reflexões.

No quinto e último capítulo são apresentadas as **principais considerações** sobre o processo desta pesquisa, além do apontamento de intervenções psicológicas com pessoas que perderam a mãe no início da vida e de algumas possibilidades de estudos futuros

1) INTRODUÇÃO: compartilhando possibilidades teóricas

1.1. Teorias do luto

*“Basta uma pessoa estar faltando no mundo para que o mundo inteiro
fique vazio para você.”
Philippe Ariès*

Quando estudamos a questão do luto, logo sobrevém uma imensidão de conteúdos e questionamentos. O que é luto? É uma doença? É um processo ou apenas um estado? Existem fases? É vivido da mesma forma pelas pessoas? Existem emoções, sentimentos e pensamentos que caracterizam a vivência de luto? É um fenômeno individual e/ou social? Quando começa? O luto tem fim? Além de muitos outros. É tamanha a complexidade contida neste conceito que existem inúmeras idéias diferentes, e até divergentes, a respeito desta temática.

O que é possível afirmar de início é que o luto é complexo e, muitas vezes, paradoxal. Ao mesmo tempo em que é diferente para cada pessoa, podemos nos sentir próximos e compreendidos por aqueles que já o experienciaram. Ao mesmo tempo em que há um grande desejo e necessidade de reencontrar a pessoa perdida, podemos também nos sentir ressentidos e enraivecidos por termos sido deixados. Ao mesmo tempo em que gera sofrimento, o enlutamento pode trazer consigo também crescimento e amadurecimento; muitos conseguem dizer que sobreviveram à uma aguda dor e que, ainda assim, se tornaram pessoas melhores. Ao mesmo tempo em que há a morte de uma parte de nós junto com a pessoa amada, pode haver também o nascimento de novas relações e vivências. E, como diz Raimbault (1979), ao mesmo tempo em que se sente a ausência, é possível sentir a presença nesta ausência.

Assim, no decorrer deste subcapítulo, tenho o intento de apresentar uma revisão da literatura para que o leitor tenha um pequeno panorama dos posicionamentos de alguns dos principais autores que estudaram e/ou estudam e escrevem sobre a temática do luto se posicionam.

Definição

Segundo Kovács (1992), o processo de luto por definição é um conjunto de reações diante de perdas, sendo consideradas perdas as relações nas quais existia anteriormente um vínculo significativo, ou seja, um investimento afetivo. O rompimento deste vínculo significativo exige um trabalho psíquico de elaboração por meio do qual a pessoa reorganiza sua vida, sendo este um percurso gradual de ressignificações de relações, atividades e papéis.

Estes vínculos significativos não são estabelecidos apenas com pessoas, mas podem também se dar com bens materiais, com o próprio corpo, atividades (como uma profissão ou um hobby), condições sociais (como status e poder), entre outras possibilidades (Bowlby, 1982/2001).

Antes de discorrer acerca do luto é importante definirmos alguns conceitos. Em inglês existem três palavras diferentes: grief, mourning e bereavement. Porém, em português costuma-se utilizar apenas a palavra ‘luto’ quando nos referimos a qualquer um destes três conceitos, o que pode gerar dificuldades de compreensão.

Bereavement significa **enlutamento** e pode ser definida como a situação objetiva de um indivíduo que experienciou uma perda significativa. O termo bereaved pode ser traduzido como ‘indivíduo enlutado’, e é utilizado para nomear os familiares e amigos do morto (Corr, 2003-2004).

Grief significa **pesar**, ou seja, aflição e dor, que são sentidos pela pessoa que perdeu alguém significativo em sua vida. É uma reação interna e subjetiva (Corr, 2003-2004). Bowlby (1982/2001) afirma que, ainda que as manifestações do luto sejam influenciadas pela cultura, a reação universal ao rompimento de um vínculo significativo é o pesar, ou seja, sempre haverá dor pela perda de um objeto amado.

Mourning significa **luto** e pode ser definido como o processo psicológico que mobiliza esforços para lidar com o pesar que a perda do objeto amado gerou e para reorganizar o mundo interno e externo agora sem a presença física deste. E estes esforços podem ser tornados públicos através do choro, verbalização de sentimentos, ritos sociais, e outros meios, ou podem ocorrer sem que sejam percebidos (Corr, 2003-2004).

Assim, no decorrer deste trabalho, em substituição às palavras em inglês, utilizarei os seguintes termos:

- *Bereavement*: estar de luto, perder alguém
- *Bereaved*: enlutado (a)
- *Grief*: pesar, aflição, dor
- *Mourning*: luto, vivência de luto ou de enlutamento, processo de luto ou de enlutamento

Aspectos importantes

Há três aspectos sobre o luto que merecem destaque:

1) **O luto precisa ser compreendido como um processo** e não como uma única ação ou resposta dada por uma pessoa, num determinado momento, pois “envolve uma sucessão de quadros que se mesclam e se substituem” (Parkes, 1998, p.24).

Kübler-Ross (1969/2002) também acredita no luto como processo, chamando a atenção para o fato de que cada processo individualizado contém momentos diferentes, sendo importante perceber que uma mesma pessoa precisa de cuidados e olhares específicos em cada um dos diferentes momentos de sua vivência de enlutamento; seja um momento de negação, raiva, depressão, ou outros que possam surgir após a perda de um ente querido.

2) **O processo de enlutamento é vivenciado por cada pessoa de modo singular** e diferenciado das demais, pois há em cada caso uma imensidão de variáveis envolvidas. Dessa maneira, não é possível estabelecer padrões para o modo como cada ser humano reagirá à perda de uma pessoa querida. Schoen et al. (2004), e Walsh e McGoldrick (1998) consideram em suas pesquisas que o processo de luto é bastante variável, pois cada indivíduo o vivencia de maneira pessoal e única.

3) **A vivência de luto não pode ser considerada doença.** Segundo Parkes (1998), muitas pessoas quando experienciam perdas e sofrem em decorrência delas procuram médicos em lugar de procurar amigos ou religiosos. O autor afirma que o papel do médico seria tranquilizar as pessoas sobre a normalidade destas reações, já que muitos vão em busca de procedimentos médicos que sejam mágicos, e aliviem instantaneamente a dor pela perda de um ente querido, porém afirma que “é arriscado medicalizar as crises normais da vida e tratar o luto como uma doença” (p.15).

Teorias mais conhecidas

Atualmente a literatura científica tem apresentado diferentes contribuições teóricas sobre o luto, porém os trabalhos de Sigmund Freud no início do século XX e os de John Bowlby na década de quarenta deste mesmo século foram relevantes, pois

iniciaram um resgate da importância deste tema na sociedade da época, abordando a questão do luto como processo natural e não como doença. A seguir apresento uma síntese destas duas diferentes teorias.

Freud, numa perspectiva psicanalítica, no texto ‘Luto e Melancolia’ (1915-1917/1996), define o luto como reação à perda de um ente querido, sendo este um processo difícil, que pode ser lento e doloroso, porém necessário para que o ego possa se abrir para novas possibilidades de vínculo. Descreve o trabalho do luto como reação a uma desorganização da energia (libido) que estava ligada a um objeto que foi perdido; não tendo mais o objeto ao qual estava vinculada, a libido precisa ser desligada deste e transferida, através do estabelecimento de novas relações. E, embora o luto seja gerador de comportamentos e sentimentos como um profundo desânimo, desinteresse pelas atividades cotidianas, perda temporária da capacidade de amar, distúrbios do sono e inibição de atividades externas, não pode ser considerado como condição patológica e será superado com o tempo, na maior parte das vezes.

Bowlby (1982/2001), baseando-se em princípios da etologia, afirma que há uma relação íntima entre os primeiros vínculos estabelecidos, principalmente entre a figura de apego (que geralmente é a mãe) e o bebê, e a forma de lidar com as perdas e separações futuras. Ressalta que há outros fatores envolvidos, o que não permite uma relação determinista de causa e efeito, mas estas ligações são modelos que podem ter grande influência sobre os recursos internos de que o indivíduo dispõe. Segundo o autor, vínculos ansiosos, ambivalentes e afastamentos precoces da figura de apego aumentam a probabilidade de complicações futuras em processos de separação e enlutamento. Podem ocorrer dificuldades em se fazer o desligamento da pessoa perdida ou da atividade que já não existe mais, e em se estabelecer novas possibilidades de vinculação,

o que poderá abrir caminho para complicações no processo de enlutamento normal com reações como distorção e adiamento do processo.

Normal e Patológico

Muitos autores, com a intenção de identificar e auxiliar pessoas que estejam sofrendo pela vivência de uma perda, passaram a diferenciar aqueles processos de luto em que se observam fatores de complicação daqueles em que as pessoas conseguem retomar o curso de suas vidas com mais rapidez e facilidade; para isso passaram a adotar classificações diferenciando processos de enlutamento ‘normal’ de processos ‘patológicos’.

Um destes autores é Parkes (1998), que afirma que o processo de luto pode sofrer complicações de três ordens: 1) luto crônico, no qual se observa um prolongamento indefinido do processo, com predomínio de tensão, inquietação e insônia, podendo ocorrer também sintomas de identificação com o morto; 2) luto inibido, caracterizado quando reações de luto estão ausentes ou diminuídas; 3) luto adiado, em que uma inibição das respostas imediatas à perda, que podem ser provocadas mais tarde por eventos que em princípio não deveriam eliciar estas manifestações.

Atualmente tem se discutido com frequência no meio acadêmico sobre a pertinência de se estabelecer quadros de referência diferenciando ‘luto normal’ de ‘luto patológico’. Aprofundando esta discussão os termos ‘luto normal’ e ‘patológico’ têm sido substituídos por ‘luto sadio’ e ‘complicado’, por serem considerados inapropriados uma vez que repetem o modelo médico e propõem uma diferenciação entre o que seria considerado ‘normal’ e ‘não-normal’ no processo de enlutamento (Mazorra, 2005).

Contudo, os questionamentos continuam: a terminologia ‘sadio x complicado’, ou seja, saudável contrapondo-se a não-saudável, consegue mesmo resolver o impasse entre ‘normal’ e ‘não-normal’? E ainda, levando-se em conta a grande dificuldade em estabelecer um quadro de referência para o processo de luto devido às muitas variáveis e diferenças individuais que compõem este processo, seria possível determinar a existência de um estado de luto normal ou sadio?

Segundo Rando (1992/1993), há três principais dificuldades na definição da terminologia do luto. A primeira refere-se à imprecisão e inconsistência dos termos empregados, entre os quais destacam-se: patológico, neurótico, desadaptativo, não resolvido, anormal, desviante, disfuncional e complicado; este número grande de termos dificulta a comunicação, resultando numa falta de concordância semântica e consenso. A segunda dificuldade decorre da falta de critérios mais objetivos para o que se considera ‘luto complicado’, uma vez que se está lidando com fenômenos da subjetividade, como os sentimentos. A terceira dificuldade diz respeito às muitas variáveis presentes envolvendo as situações de perdas e suas circunstâncias, de tal forma que o que é considerado como resposta apropriada em uma situação pode não ser em outra. Dessa maneira, para a autora, diante destas dificuldades, é melhor olhar para as complicações dentro do próprio processo de luto de cada indivíduo em vez de listar uma sintomatologia referencial.

Neste mesmo sentido, há autores que demonstram uma preferência por não classificar ou diferenciar as formas de luto. Schoen et al. (2004) e Walsh e McGoldrick (1998) defendem a não existência de um processo de luto natural ou normal, pois ressaltam que a experiência de perda relacionada à morte de um ente querido é um processo individual e singular. No presente estudo adoto a palavra ‘luto’ sem classificações ou diferenciações, em concordância com estes autores.

Acredito ainda que a dificuldade em estabelecer terminologias como normal, patológico, sadio, complicado, entre outras, fundamenta-se em uma polêmica ainda mais profunda: é o processo de luto que se complica, ou é a não possibilidade de sua expressão que pode vir a causar adoecimentos? E assim, o processo do luto propriamente dito e suas manifestações não seriam patológicos, os adoecimentos poderiam estar evidenciando a dificuldade de expressão deste processo, que é inerente aos seres humanos e também aos animais, sendo diferenciado em cada caso.

Neste sentido, Silverman e Worden (1999) fazem uma crítica aos modelos que parecem considerar o luto como uma doença, adotando termos como ‘se curar’, ‘se recuperar’, ‘se restabelecer’. Nestes modelos as reações advindas da vivência do luto tornam-se um corpo estranho ao indivíduo enlutado e precisam ser combatidas e expulsas. Os autores contrapõem-se a esta idéia e apontam que a morte faz parte do ciclo da vida de todos os seres vivos e a vivência de luto pela perda é uma resposta própria de todos os seres humanos, necessária para a reorganização da vida.

Variáveis influenciadoras

A maioria dos atuais autores que escrevem sobre o luto aponta para variáveis que podem ser complicadoras deste processo. Acredito ser importante discorrer acerca destes fatores embora acredite que não são deterministas de como uma pessoa vivenciará a perda de um ente querido, eles podem vir ou não vir a acarretar maiores dificuldades em um processo de luto, pois pode haver muitas outras variáveis envolvidas em cada situação individual.

Bromberg (1998) descreve as principais variáveis que podem vir a se tornar complicadores na vivência de luto do seguinte modo:

1) Características do enlutado: ser jovem (principalmente ser criança); ter dificuldades psíquicas anteriores à perda; ter tido muitas perdas anteriores.

A idade, a personalidade e as vivências anteriores do enlutado são relevantes, pois podem ter influência na definição de como enfrentará a perda. Estas características podem levar algumas pessoas a conseguir reagir de forma mais adaptativa frente a crises, como perdas por morte; enquanto outras podem se desestruturar de maneira significativa diante de uma crise, podendo não mais retomar a própria vida.

2) Relacionamento com o morto: cônjuge; era um dos pais de crianças pequenas; havia muitas dificuldades na relação anterior à morte.

Se existia dependência física e/ou psíquica do enlutado em relação à pessoa falecida, a reorganização da vida pode ser difícil. Um exemplo é o caso da morte da mãe e/ou do pai na infância, tema deste trabalho, considerando que crianças ainda são dependentes e, muitas delas, têm sua vida completamente modificada por ocasião da perda (esta questão será retomada no subcapítulo 3).

Outro aspecto a ser assinalado é o relacionamento entre falecido e o enlutado anteriormente à perda; um exemplo importante é quando há muitos sentimentos ambivalentes na relação, como afeto juntamente com hostilidade e raiva, tornando o processo de despedida mais doloroso, somando-se a ele outros sentimentos como a culpa.

3) Tipo de morte e circunstâncias da perda: inesperada e precoce; após doença longa; assassinato; suicídio; enlutado que não conhece o diagnóstico e o prognóstico; enlutado fisicamente distante por ocasião da morte.

As circunstâncias em que a morte ocorreu também podem influenciar o luto; mortes inesperadas e/ou precoces podem ser complicadoras, pois há uma ruptura brusca sem qualquer preparo prévio. No caso de doenças graves, em que houve longo período

de cuidados com o morto, pode ser difícil encontrar outro sentido para viver pelo fato de o enlutado ter abandonado sua própria vida para cuidar do doente, ou ainda pode sentir alívio pela morte, sentindo culpa por este sentimento. A morte violenta pode ser devastadora especialmente para aqueles que a testemunharam, ou foram os sobreviventes de uma tragédia, como em acidentes de carro ou assassinatos, pois o estado em que fica o morto pode ter fortes influências nas lembranças que se tem dele. O suicídio pode ser visto como um dos lutos mais dolorosos, pois pode gerar grande culpa, impotência e sensação de abandono, além do estigma social; o enlutado nesses casos é chamado de sobrevivente, tamanho o sofrimento que passa a enfrentar após o evento.

4) Suportes sociais: sem familiares ou apoio na comunidade.

Os fatores sociais também afetam a vivência de luto, como por exemplo, dificuldades financeiras por parte do enlutado, falta de rede familiar e/ou social que proporcionem apoio e suporte. Não ter um local e/ou com quem partilhar os sentimentos relacionados à dor da perda podem trazer um sofrimento ainda maior ao enlutado.

Reações

Para apresentar uma idéia geral das principais reações de pessoas enlutadas mais freqüentemente relatadas tomo como base o trabalho de Silverman e Worden (1999). É importante ressaltar que, devido às diferenças individuais entre processos de enlutamento, as reações descritas não são necessariamente vivenciadas por todos aqueles que perdem entes queridos, e pode haver muitas outras aqui não mencionadas:

- Afetivas: tristeza, depressão, ansiedade, culpa, raiva e hostilidade, falta de prazer, solidão, perda de propósito na vida, desconfiança das pessoas, auto-reprovação;
- Comportamentais: agitação, fadiga, choro constante, afastamento das funções sociais, atitudes em relação ao morto como procura e imitação, aumento do uso de psicotrópicos;
- Cognitivas: lentidão do pensamento e da concentração;
- Somáticas: distúrbios de alimentação e de sono, perda de energia, queixas somáticas similares às do morto, suscetibilidade a doenças.

Duração

Quanto ao tempo de duração do processo de luto há opiniões bastante diferentes e até controversas quanto a esta questão. Surge então mais um questionamento relevante a respeito do processo de enlutamento: podemos admitir que exista uma conclusão para o luto vivido pela morte de uma pessoa querida?

Muitos autores (Freud, 1915-1917/1996; Bowlby, 1982/2001; Parkes, 1998) apontam para uma resolução do processo de luto, que se caracterizaria por um desinvestimento emocional no vínculo com a pessoa falecida e pela dissipação das manifestações da vivência de luto. Caso não haja resolução em um determinado período de tempo, o processo de enlutamento pode ser considerado como patológico. Por outro lado, a literatura atual tem trazido muitos questionamentos sobre a finalização do luto, colocando em debate esta temática, trazendo novas reflexões (Rangel, 2008).

Walsh e McGoldrick (1998) não falam sobre a finalização do processo de luto. Afirmam que a duração deste é bastante variável e assinalam que freqüentemente o

processo demora muito mais tempo do que a expectativa de grande parte das pessoas e a cada nova estação, feriado ou aniversário, sentimentos relativos à perda podem ser evocados.

Kovács (1992) afirma que, embora possa existir uma fase de aceitação e novas buscas, a saudade e a tristeza podem retornar “tornando o luto gradual e nunca totalmente concluído” (p.157).

Bonano e Kaltman (1999) ressaltam duas formas que acreditam ser maneiras de finalização do luto: uma delas é a quebra dos vínculos com o morto; a outra é uma reorganização interna do relacionamento com o morto. Esta segunda supõe a evolução de um estado de angústia e estresse quando se pensa no morto para um estado mais neutro e positivo, encontrando-se sentido na perda.

Silverman e Klass (1996) afirmam que não é possível olhar para o enlutamento como um estado psicológico que tem resolução. O que ocorre é que a intensidade dos sentimentos diminui e, desse modo, o enlutado pode se orientar mais para o presente e o futuro do que para o passado. Sempre haverá um processo de negociação e renegociação do significado da perda. E, embora a morte seja permanente e imutável, o luto não o é.

Franco (2002) faz críticas aos termos resolução, recuperação, restabelecimento, e traz o termo **reconciliação** quando fala do processo do luto. A autora descreve que, à medida que for ocorrendo a reconciliação, os momentos de dor deixam de ser onipresentes e agudos, tornando-se menos frequentes e mais suaves. O enlutado poderá então reconhecer que, embora difícil, a dor e a tristeza são partes necessárias do viver, assim seu sentimento de perda é transformado, podendo ser reconhecido e significado. E, embora a pessoa perdida jamais seja esquecida, ainda assim é possível fazer novos envolvimento e continuar a viver. Assim, não se trata de se recuperar do luto, mas de se reconciliar com o pesar e crescer por meio desta vivência.

Neimeyer (2001) aponta que muitos autores consideram patológica a manutenção e continuidade do vínculo com a pessoa morta, e afirma que diversos questionamentos a respeito das teorias tradicionais do luto têm surgido atualmente, fortalecendo o conceito de **continuidade do vínculo**. Segundo este pensamento, não haveria uma finalização no sentido de romper o vínculo afetivo com a pessoa perdida, mas sim uma resignificação da relação e uma incorporação desta na estrutura de vida do enlutado.

Outros autores também trazem reflexões importantes neste sentido de continuidade do vínculo; Russac, Steighner e Canto (2002) assinalam que o processo de luto não implica em uma busca por um fim do relacionamento com o morto, mas em uma reestruturação e redefinição dos modos pelos quais haverá uma interação simbólica com a pessoa falecida mesmo com sua ausência física. Attig (2001) fala de uma resignificação da relação no sentido de promover uma transição multifacetada do amor na presença para o amor na ausência, incorporando-o à estrutura de vida do enlutado. Hagman (2001) fala da preservação do apego à pessoa perdida, assegurando um sentido ao relacionamento que transcende a perda. Hogan, Morse e Tasón (1996) ressaltam a importância da sensação da presença simbólica da pessoa perdida, o que muitas vezes fornece conforto ao enlutado.

1.2. Aspectos históricos e sócio-culturais

"Não, não, a Morte não é algo que nos espera no fim. É companheira silenciosa que fala com voz branda, sem querer nos aterrorizar, dizendo sempre a verdade e nos convidando à sabedoria de viver."
Rubem Alves

Pudemos observar no capítulo anterior que a vivência de luto é uma experiência influenciada por diversas variáveis, algumas delas são: a forma como cada indivíduo

lida com situações de crise, como é sua personalidade, quais suas vivências anteriores à perda, sua idade, como era o relacionamento com o morto, como ocorreu a morte da pessoa querida, como é sua estrutura familiar, entre outros fatores. É possível perceber que estes são aspectos de natureza mais individual, porém não podemos deixar de ressaltar que o processo de luto, além de sua característica individual, tem ainda uma natureza social, pois é uma experiência inserida em um contexto histórico e sócio-cultural.

O significado da vida, da morte e do pós-morte ao longo dos tempos sempre sofreu influências históricas, sociais, culturais, religiosas, variando de acordo com as visões predominantes em um determinado período da história, cultura ou religião. E são estas visões predominantes que muitas vezes vão determinar como o homem agirá diante da vida, em sua forma de adoecer, de morrer, nos ritos de passagem e de enlutamento. Segundo Bradbury (1999), estas visões podem ser chamadas de representações sociais da morte, que atuam como poderosas normas sociais, apresentando aos enlutados maneiras aceitáveis de lidar com sua perda.

Philippe Ariès (1977a) realizou estudos sobre a história do homem diante da morte no Ocidente, observando mentalidades diferentes caracterizadas por representações sociais da morte, que se traduzem em formas diferenciadas de tratar do doente, do corpo moribundo, do local de enterrar os corpos e demais procedimentos vinculados à morte.

Grainger (1998), estudando cerimônias rituais de passagem e enlutamento num enfoque antropológico, observa que a maneira pela qual os mortos são encaminhados para o seu novo destino é específica da cultura, sendo assim passível de mudança quando se observa diferentes sociedades.

Em relação aos rituais realizados após a morte, podemos observar que as representações de morte de cada cultura muitas vezes determinam como estes se darão. Assim, em algumas os rituais de despedida servem para afastar o espírito do morto do mundo dos vivos, protegendo assim os vivos dos mortos. Alguns exemplos destes rituais são as rezas e orações, colocar sal, virar um espelho, acender velas, entre outros. Em outras culturas os rituais realizados em conjunto servem para que os enlutados tenham sua vivência de luto facilitada, podendo expressar seus sentimentos e recebendo cuidados e acolhimento por parte de outros (Kovács, 1992).

E, cada um de nós tem suas próprias representações de morte, de acordo com o contexto histórico e sócio-cultural em que estamos inseridos, assim, seria difícil compreendermos o significado de rituais praticados em certas culturas sem antes nos aprofundarmos nas representações sociais da morte daquela sociedade específica. Segundo Gambini (2005), sem esta compreensão anterior, seria impossível para nós compreendermos a escarificação da pele dos enlutados num ritual fúnebre Bororo; o significado da festa do Quarup praticado há séculos pelos Kamaiurá; não seríamos capazes de penetrar nas sutilezas teológicas do axexê praticado nos terreiros de candomblé; o costume de grupos Tupi de enterrar seus mortos dentro de casa, no mesmo lugar em que tinham sua rede; os Ianomâmis, que fazem uma pasta de banana misturada às cinzas do morto e a comem, enterrando os mortos dentro de si mesmos.

Não apresentarei neste trabalho uma explanação mais aprofundada destas diferentes culturas e religiões, vou me deter principalmente na sociedade Ocidental, que é o contexto no qual está inserida esta pesquisa e as pessoas que foram entrevistadas. Assim, trago a seguir as principais mudanças históricas relacionadas à temática da morte observadas no Ocidente, baseando-me principalmente nos estudos de Philippe Ariès (1977a, 1977b). Há quatro principais momentos históricos:

1) A **Alta Idade Média, a partir do século V**, foi o período da **morte domada**, pois havia uma atitude familiar e próxima com a morte. Ariès (1977a) descreve que a maioria das pessoas morria na guerra ou de doenças, podendo ter um maior conhecimento da trajetória de sua morte. Assim, o momento da partida podia ser esperado no leito, numa espécie de cerimônia pública organizada pelo próprio enfermo, onde todos podiam entrar no quarto; parentes, amigos, vizinhos e crianças. Havia a possibilidade de despedida e dos rituais pós-morte, nestes momentos os sentimentos podiam ser manifestos e eram aceitos pela comunidade. O maior temor era morrer repentinamente sem as homenagens cabidas. Segundo Ariès (1977b), “os ritos da morte da alta Idade Média eram dominados pelo luto dos sobreviventes e pelas homenagens que prestavam ao defunto (elogio e cortejo)” (p.172).

Após as expressões de pesar e luto, o corpo era exposto durante algum tempo diante da porta da casa do morto, e em seguida transportado ao local de sepultamento, e no trajeto havia algumas paradas para exposição do corpo. No local do enterro, o corpo e o rosto ficavam visíveis até o fechamento definitivo do túmulo. Ariès (1977b) afirma que “a simplicidade familiar era um dos dois caracteres necessários da morte. O outro era sua publicidade (...) sempre se morria em público” (p.21).

Neste período, apesar dessa familiaridade com a morte, os homens temiam a proximidade dos mortos e os mantinham à distância. Muitos rituais pós-morte tinham como objetivo separar os vivos dos mortos. Na tradição pagã, traziam-se ofertas aos mortos para acalmá-los e impedi-los de voltar à casa dos vivos, mas estes ritos não se destinavam a ajudar os mortos em sua trajetória após a morte. Já nas religiões de salvação existia, pelo contrário, uma preocupação em facilitar o percurso dos mortos até os céus por meio de rituais religiosos.

2) A **Baixa Idade Média, a partir do século XIII**, é a época da **morte de si mesmo**. Ariès (1977a) descreve que a partir deste período há uma transformação importante, pois passa a predominar uma grande preocupação com o Juízo Final, demandando dos homens uma reflexão consciente dos atos em vida, garantia para atingir o reino do céu. Assim, surgem as preocupações com a morte durante toda a vida, predominando o medo, pois esta passa a ser percebida como um momento de prestação de contas frente ao julgamento divino. Para então não serem condenados ao inferno e alcançarem o céu, muitos buscam garantias através de ritos de absolvição como as orações aos mortos, missas, donativos e o desapego dos bens materiais, muitas vezes doando as riquezas à igreja registradas nos testamentos.

Neste período da história do Ocidente, a espontaneidade e as expressões de dor nos rituais pós-morte se atenuam em comparação ao período anterior, inclinando-se para o autocontrole. Passa-se a usar a cor preta como sinal de luto. Ariès (1977b) explica que:

O preto tem dois sentidos: o caráter sombrio da morte, que se desenvolve com a iconografia macabra, mas principalmente a ritualização mais antiga do luto; a roupa preta expressa o luto e dispensa a gesticulação mais pessoal e dramática. (p.176)

Nos séculos anteriores a família e os amigos eram os principais atores no momento da despedida, pois declamavam publicamente as saudades e os elogios ao morto. A partir dali os papéis principais passam a ser dos padres.

3) A **a partir do século XVIII**, tem-se o período da **morte do outro**. Segundo Ariès (1977a), este período caracteriza-se por uma representação da morte como separação e ruptura, não mais tolerada ou aceita como anteriormente.

Neste momento observa-se a simplificação dos ritos da morte e a redução da importância afetiva do luto, reforçando a não-expressão das emoções e a impessoalidade

nos cerimoniais de despedida. Além disso, após os rituais de enlutamento, espera-se que o enlutado volte em breve à normalidade de sua vida. Segundo Ariès (1977b):

Depois do período de luto, o costume já não tolera manifestações pessoais; aquele que está por demais aflito para voltar à vida normal, depois do breve prazo concedido pelo uso, não tem outro recurso senão se retirar ao convento, ao campo, para fora do mundo onde ele é conhecido. Ritualizado, socializado o luto nem sempre representa completamente o papel de desabafo que tinha tido. Impessoal e frio, em vez de permitir ao homem expressar o que sente diante da morte, ele o impede e o paralisa. O luto representa o papel de uma tela entre o homem e a morte. (p.358)

4) **A partir do século XX**, tem-se a época da **morte invertida**. Segundo Ariès (1977a), este período caracteriza-se por uma inversão das características da morte, não sendo mais considerada como fenômeno natural, mas como inimiga, oculta, vergonhosa, interdita. A antiga idéia de que a morte devia ser tratada publicamente e afetar o cotidiano deu lugar ao distanciamento e à negação das questões ligadas ao morrer, às perdas em geral e às fortes emoções que acompanham estes processos. Kovács (1992) afirma que “o grande valor do século atual é o de dar a impressão de que ‘nada mudou’, pois a morte não deve ser percebida” (p.38).

Para Dunn e Morrish-Vidners (1987-1988) a sociedade ocidental atual enfatiza o progresso e as realizações humanas, fomentando uma cultura de otimismo que se contrapõe à experiência negativa da morte. E não apenas a morte, mas qualquer dimensão negativa e trágica da experiência humana tende a ser excluída.

Assim, nossa sociedade nega a morte, afastando-a dos contextos da vida diária. A morte passa a ser um objeto da ciência médica. O local da morte é transferido dos lares para os hospitais, mantendo ocultos os aspectos considerados repugnantes, como o sofrimento do doente, e a maioria das pessoas não mais presencia a morte de seus parentes. Segundo Kovács (1992), 80% das pessoas atualmente morrem no hospital. Dunn e Morrish-Vidners (1987-1988) afirmam que esta institucionalização da morte

não permite que as pessoas vivam os processos de perda e morte, fortalecendo cada vez mais o tabu que a cerca.

Segundo Ariès (1977b):

Desde o início do século XX, havia o dispositivo psicológico que retirava a morte da sociedade, roubava-lhe o caráter de cerimônia pública, fazendo dela um ato privado, reservado principalmente aos próximos, de onde, com a continuidade, a própria família foi afastada quando a hospitalização dos doentes em estado grave se tornou regra geral. (p.628)

Schiller (2000) descreve que muitas pessoas morrem solitariamente em unidades de terapia intensiva, longe da família e do ambiente doméstico, rodeadas por profissionais que encaram a morte como fracasso da medicina e de seus esforços. Para Ariès (1977a), vista desse modo, a morte reduz-se a um fenômeno técnico, simplesmente um cessar dos sentidos, perdendo seu significado e sua ação dramática.

A morte é vista como algo que fere a onipotência do homem moderno o qual, a partir dos avanços científicos e tecnológicos, passou a buscar sua dominação. E os seus principais combatentes são os profissionais de saúde, que perseguem a qualquer custo o prolongamento da vida (Esslinger et al., 2004). Esslinger (1995) afirma:

Em qualquer situação em que haja vida, a questão do lidar com a morte torna-se necessária, imperativa, uma vez que, parece que a evolução da ciência e da tecnologia ajudou a prolongar a vida, sem, entretanto, levar em conta o que é a vida, bem como as necessidades humanas. (p.18)

Rogers (citado por Valenzuela, 2009) comenta a morte de sua esposa:

Na última conversa que tive com ela (esposa), disse-lhe que queria lutar para seguir vivendo, ajudá-la-ia de qualquer forma, como pudesse. Mas que caso se aferrasse à vida porque sentia que precisávamos tê-la, permitia-lhe que se fosse se era o que ela desejava fazer. Foi dizer-lhe isso e ela chamou a enfermeira e lhe disse: “Vou morrer”. Pensou que tudo o que se podia fazer já fora feito. Em poucas horas entrou em coma e em trinta e seis horas partiu. Penso agora que com frequência não permitimos que as pessoas partam.

Queremos conservá-las ao nosso lado. Creio que os médicos estão especialmente errados nisso, lutando contra a morte, mantendo as pessoas vivas, através de máquinas. Penso que precisamos compreender que há um tempo para morrer e precisamos permitir que as pessoas morram quando realmente é o tempo de morrer.

A visão da morte invertida traz consigo a diminuição dos rituais ligados à morte, que vão se tornando cada vez mais discretos até quase inexistentes. Segundo Ariès (1977a), no passado havia códigos e ritos sociais para muitas ocasiões como fazer a corte, dar à luz, morrer ou consolar os enlutados; existindo assim espaço para a manifestação de sentimentos relacionados a estas situações. Porém, esses códigos e ritos têm desaparecido desde o fim do século XIX. Muitos destes sentimentos, então, não têm como ser canalizados, sendo reprimidos.

Os funerais acontecem de maneira cada vez mais discreta, com o objetivo de distanciar o homem da realidade da morte. Há técnicas utilizadas por profissionais que cuidam de dar uma aparência saudável ao morto, de maneira que pareça quase-vivo. Ariès (1977a) descreve deste modo:

O quase-vivo vai receber uma última vez os amigos, num salão florido ao som de uma música doce ou grave, mas nunca lúgubre. Desta cerimônia de adeus foi banida a idéia da morte, ao mesmo tempo em que toda a tristeza e tudo o que comove. (p.166)

Nestas cerimônias de despedida, muitas vezes as crianças não participam, nem mesmo do enterro dos pais. São mantidas afastadas e geralmente não recebem informações apropriadas (Ariès, 1977b).

As manifestações do luto são, desta maneira, afetadas pela exigência de domínio e controle dos sentimentos. Segundo Kovács (2003a):

O processo de luto sofre interferências, valoriza-se cada vez mais uma atitude discreta, como se a dor nem existisse. [...] Exige-se silenciamento por parte de uma sociedade empurrada por uma necessidade de produção e eficiência – e manifestações da dor atrapalham esta lida. [...] Na mentalidade da morte interdita o luto é

visto como uma doença. As pessoas se afastam com medo do contágio e do sofrimento. As pessoas ficam prensadas entre o peso do sofrimento e o interdito da sociedade. (pp. 69,70)

Gorer (citado por Ariès, 1977b) distingue três categorias de enlutados: aquele que consegue esconder completamente sua dor, até de si mesmo; o que a esconde dos outros, guardando-a para si; e o que a deixa aparecer livremente. É a segunda categoria a atitude mais aprovada pela sociedade ocidental, que admite ser necessário tolerar alguma dor, contanto que permaneça escondida. Ariès (1977b) aponta que “depois dos funerais e do enterro, a dor da saudade pode permanecer no coração do sobrevivente, não devendo este manifestá-la em público, segundo a regra atualmente adotada em quase todo o Ocidente” (p.631).

Stroebe e Gergen (1992) afirmam que na sociedade contemporânea ocidentalizada é possível comparar o ser humano a máquinas, pela exigência de funcionalidade. Em relação ao luto, essa visão sugere que as pessoas precisam superar sua dor e retornar às atividades e efetividade normal tão rápida e eficientemente quanto possível.

Franco (2002) também discorre acerca dos valores prevalentes na sociedade ocidental atual que evitam a expressão do luto. A autora aponta que amigos e familiares, muitas vezes bem-intencionados, tentam mostrar ao enlutado que a resposta adequada é aquela mais auto-controlada, e dizem: “seja forte, não se deixe abater”, “já está na hora de você sair dessa”, “as lágrimas não a trarão de volta”, “ele não gostaria de vê-la chorar”, entre outras falas nesse mesmo sentido.

Estas fortes mensagens do meio social, que encorajam a repressão emocional e suprimem as manifestações da vivência de luto, geralmente são de difícil enfrentamento para as pessoas que sofreram perdas. Assim, muitas delas passam a apresentar um comportamento socialmente aceitável, contrariando suas necessidades psicológicas. E,

aqueles que continuam expressando dor e tristeza por um tempo prolongado, muitas vezes são considerados fracos ou desequilibrados.

1.3. A perda na infância e a vida adulta

Orfandade

*Meu Deus,
me dá cinco anos.
Me dá um pé de fedegoso com formiga preta,
me dá um Natal e sua véspera,
o rressonar das pessoas no quartinho.
Me dá a negrinha Fia pra eu brincar,
me dá uma noite pra eu dormir com minha mãe.
Me dá minha mãe, alegria sã e medo remediável,
me dá a mão, me cura de ser grande,
ó meu Deus, meu pai,
meu pai.
Adélia Prado*

A vivência da perda na infância

Estar vivo implica vivenciar mortes, concretas ou simbólicas. As perdas e mudanças fazem parte da vida desde a mais tenra infância, exigindo algum tempo e algum tipo de re-organização. Porém, é consenso dizer que a morte de um ente querido leva a processos de luto dolorosos.

No caso de crianças que perdem uma figura parental, este sofrimento se agrava pelo fato destas serem ainda dependentes de seus pais, tanto física quanto emocionalmente. É mais comum que os pais venham a falecer quando seus filhos já não são mais crianças e não dependem, em sentido estrito, deles. Walsh e McGoldrick

(1998) dizem que quanto mais importante a pessoa era para a vida da família e quanto mais central seu papel no seu funcionamento, maior a perda. Portanto, a morte de um genitor pode ser um forte golpe no equilíbrio emocional da criança, podendo se configurar em uma das experiências mais marcantes que esta pode vivenciar. Diante da ausência irreversível de um vínculo provedor de sustentação, esta se depara com sentimentos de desamparo e impotência. Ainda que, em muitos casos, a criança tenha o pai sobrevivente próximo a ela, muitos cônjuges enlutados têm dificuldades em dar o suporte necessário para os filhos, pois também estão sofrendo.

Casellato (2005) aponta que a criança não apenas vivencia o caráter definitivo da separação e do abandono, mas se depara também com inúmeras perdas secundárias concomitantes à morte do genitor. Em muitos casos, com a morte de uma figura central na família, pode haver mudanças para outros locais de moradia, troca de escola, perda de contato com figuras afetivas como amigos e vizinhos, perda de hábitos rotineiros, enfim, muitos elementos de referência até então existentes para a criança deixam de fazer parte de sua vida. Segundo Silverman e Worden (1999), a criança não precisa somente lidar com a morte do genitor, mas com a morte de todo um estilo de vida.

Há, dessa maneira, determinados agravantes à vivência da perda prematura dos pais (Silverman e Worden, 1999):

- Dependência física e emocional do genitor falecido por parte da criança;
- Mudanças na estruturação familiar e na dinâmica de vida da criança;
- Pai e familiares sobreviventes têm o desafio de vivenciar seu próprio luto e ainda auxiliar os filhos em seu pesar e processo de enlutamento;
- Geralmente há desinformação sobre como lidar com a criança enlutada, observando-se que informações são escamoteadas/escondidas a respeito

da morte do genitor, muitas vezes com a intenção de proteger a criança do sofrimento, gerando assim mais dúvidas e confusão;

- Observam-se ainda atitudes de negação do sofrimento por parte da família e pessoas próximas diante da criança, como se nada tivesse mudado, o que deixa a criança mais solitária em sua dor.

Além dos agravantes citados acima, há o questionamento sobre a capacidade de a criança compreender o significado da morte e das perdas e, ainda, sobre a capacidade dela de vivenciar o processo de luto.

Do ponto de vista dos recursos cognitivos da criança e tendo em vista os estudos de Piaget, Torres (1999) observou que as crianças que ainda estão no período pré-operacional do desenvolvimento do pensamento não negam a morte, porém ainda a compreendem como reversível, mencionando modos pelos quais o morto poderá tornar a viver. A principal mudança no conceito de morte ocorre no estágio operacional concreto do pensamento, pois a morte passa a ser compreendida como uma condição definitiva e irreversível. Além disso, nesta fase o conceito de universalidade é adquirido, fazendo com que tenha que aceitar a possibilidade da própria morte. E, no período das operações formais, há a capacidade de usar plenamente o potencial cognitivo, fazendo com que o jovem seja capaz de lidar com a morte como abstração e de forma abrangente. A autora afirma que, a criança que vivencia uma perda por morte, pode adquirir os atributos de irreversibilidade e universalidade da morte anteriormente ao período do desenvolvimento previsto. Além disso, dependendo da fase do desenvolvimento em que a criança se encontra, poderá ser mais difícil passar pelo processo de luto.

E, levando-se em consideração que a criança ainda está em formação, não apenas na esfera cognitiva, mas em todas as outras esferas, podemos encontrar opiniões bastante divergentes sobre a vivência do processo de luto na infância, havendo três

principais correntes de pensamento. Há estudiosos que postulam ser o ego infantil demasiadamente fraco e pouco desenvolvido para suportar a tensão provocada pela perda de um ente querido, assim o processo de luto infantil se desenvolveria sempre como um processo complicado (Wolfenstein apud Worden, 1998; Winnicott, 1994).

Outros autores acreditam ser a criança capaz de vivenciar o luto da mesma maneira que o adulto (Furman apud Worden, 1998). Franco e Mazorra (2007) questionam essa segunda postura e consideram ser arriscado, no entanto, comparar esse incremento de recursos emocionais de crianças com a capacidade elaborativa do adulto, uma vez que o psiquismo da criança ainda está sendo formado.

E, há ainda aqueles autores (Sekaer, 1987; Worden, 1998; Scalozub, 1998) que afirmam que, em função da maior dificuldade cognitiva e emocional para significar a perda, o processo de luto vivido pela criança é processado em distintos momentos de sua vida, à medida que vai podendo significar o que viveu. O luto pode ser reativado, também, ao longo da vida, ao encontrar ressonância com conflitos do desenvolvimento futuro. Isso não compreenderia um luto complicado, como por exemplo, um luto adiado, e sim o fluxo normal de seu trabalho, pois acreditam que nenhum trauma na infância pode ser resolvido até que a criança cresça. Os autores observam que as crianças entram em processo de luto, porém apresentam um modelo próprio de enlutamento, sendo equivocado impor-lhes o modelo adulto. O luto infantil não é uma versão deficiente do luto do adulto, embora possa ter características específicas, já que a criança está em processo de estruturação de sua personalidade.

A rigor, as crianças, da mesma maneira que os adultos, apresentam singularidades em suas reações frente à perda dos pais, pois disso dependem muitas variáveis como o nível de desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, o suporte recebido após a perda, a relação anterior com o genitor falecido, entre muitas outras.

Mas, ainda assim podemos observar alguns dos aspectos mais freqüentemente relatados.

Young e Papadatou (1996) apontam alguns deles:

- Expressão da ansiedade através de sintomas físicos e emocionais;
- Reações hostis em relação ao morto por se sentir abandonada;
- Reações hostis aos outros, o que pode demonstrar projeção do ressentimento para aliviar a culpa, fazendo com que alguém seja responsável pela morte;
- Idealização das qualidades do morto;
- Identificação com o morto, passando a sentir os mesmos sintomas que o morto sentia;
- Pânico decorrente da vivência de desamparo; a criança tem enorme preocupação sobre quem vai cuidar dela;
- Culpa em relação ao morto; muitas vezes a criança pensa que a morte da pessoa foi causada por um pensamento ou ação que tenha cometido.

Segundo Raimbault (1979), o sentimento de culpa merece destaque, pois nas crianças pode tomar grande proporção, sendo importante ajudá-la a compreender a causa real da morte. Devido ao seu pensamento mágico e egocêntrico, muitas vezes acredita que a causa da morte foram os desejos ambivalentes que nutria pelo ente perdido. Segundo a autora (RAIMBAULT, 1979):

Tal como ocorre com o adulto, os sentimentos de culpabilidade são parte integrante do estado de luto. Podem ser conscientes: a criança cuida que a morte do outro é culpa sua. Pensa no mal que lhe fez quando ainda estava vivo, na cólera que nutriu contra ele no momento em que adoeceu ou sofreu o acidente. Pode vir a pensar que também merece morrer. Esse desejo associa, ao mesmo tempo, sua punição e o desejo de ir juntar-se ao morto. (p. 174)

A autora afirma que outro aspecto que merece destaque é a falta de reações de muitas crianças à morte dos pais. Ressalta que, muitas vezes, isso ocorre porque

receberam pouca ou nenhuma informação sobre o que aconteceu ou, mesmo que tenham sido informadas, não foi dada oportunidade de expressar seus sentimentos e emoções, ou de fazer perguntas a um adulto compreensivo. Vejamos o exemplo que a autora nos traz em seu livro (Raimbault, 1979):

Walter ao perder a mãe com dez anos mostra algumas das inibições que aparecem freqüentemente nas crianças: não chora, procede como se fizesse esforços no sentido de negar e afastar todos os seus sentimentos de angústia. Seu interesse pelas atividades quotidianas não sofreu a menor diminuição. Deseja voltar à escola imediatamente, e procede como se nada tivesse acontecido. No entanto, permanece instável por muito tempo, irritando-se com facilidade. Sempre faminto, consome grande quantidade de alimento [...] Meses mais tarde durante uma discussão com a avó, esta lhe diz que eles precisam falar agora do que leva os dois a se sentirem infelizes por causa da morte da mãe. Walter, então, confessa que se sentiu responsável pela morte da mãe. A avó tranquiliza-o dizendo-lhe que não foi culpado pela morte de sua mãe. Ao contrário, o amor que ela lhe tinha ajudou-a a permanecer viva por todo o tempo que era possível. Essa conversa confortou o menino, pois pôde dizer a dor que até então havia calado e seu temor de ter causado a morte da mãe. Walter pôde então interessar-se de maneira mais autêntica pelas atividades e fazer muitos amigos. (p.162)

Segundo Silverman e Worden (1999), o apoio de adultos próximos trará à criança a sensação de acolhimento e de cuidado, o que a ajudará a enfrentar a perda. Os autores falam da importância de se ter uma comunicação aberta e segura com a criança, informando-lhe sobre o que aconteceu; e, ainda, de deixá-las participarem, se quiserem, dos rituais de enlutamento, como o velório e o enterro.

Walsh e McGoldrick (1998) afirmam que as crianças precisam de uma atenção especial neste momento de suas vidas e que o trauma da perda não é o mais marcante, mas sim a falta que a pessoa perdida fará em sua vida. Assim, as dificuldades enfrentadas pela criança após a perda serão influenciadas pela forma como o pai sobrevivente e a família irão lidar com a nova situação.

Estudos correlacionais

A maior parte dos estudos que relatados a seguir foi realizada em outros países, o que demonstra que a temática abordada neste trabalho tem sido ainda pouco explorada no Brasil. Além disso, a quantidade de pesquisas quantitativas que encontrei foi muito maior do que os estudos de base qualitativa. E ainda, a maioria destes estudos quantitativos teve como objetivo correlacionar patologias psíquicas (principalmente a depressão) ou desajustamentos sociais com a perda precoce de pais. Assim, após a apresentação das pesquisas quantitativas e qualitativas encontradas, faço uma tentativa de abordar as questões de âmbito mais subjetivo e qualitativo a partir de textos de literatura não científica (no subcapítulo ‘relatos autobiográficos de pessoas famosas’).

Um artigo escrito por Zavaschi et al. (2002), com objetivo de fazer revisão da literatura mais recente sobre correlações entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta, aponta que a maioria dos estudos incluídos nesta revisão encontrou associação significativa entre estes dois eventos, principalmente quando se tratava de morte de genitores.

Um exemplo destes trabalhos foi uma extensa pesquisa de âmbito nacional realizada nos EUA (Amato, 1991) para avaliar as consequências da ausência dos pais na infância com 13.017 sujeitos. Aqueles que foram separados de um dos pais durante a infância apresentaram um escore mais alto para a depressão do que os que foram criados e cuidados continuamente por seus pais. A ausência dos pais, por qualquer motivo - como divórcio, morte e outras -, foi relacionada com elevados índices de depressão.

Outro estudo nessa mesma linha de pensamento foi conduzido por Patten (1991) e reuniu dados acerca de 2.432 sujeitos, concluindo que perder a mãe até os 11 anos de idade pode representar um alto risco para depressão na fase adulta.

Bron et al. (1991), a partir de uma amostra de 328 pacientes deprimidos, encontraram aumento de incidência de tentativas de suicídio naqueles com experiência de perdas na infância, tanto por separação quanto por morte dos genitores.

Furukawa et al. (1999), estudando pacientes com doença afetiva bipolar, unipolar e um grupo controle, verificaram que não houve diferença significativa quanto à incidência de morte de pai e/ou mãe ou divórcios antes dos 16 anos de idade entre os pacientes bipolares e controles. No entanto, um número maior de mulheres com depressão unipolar haviam vivenciado a perda da mãe na infância do que o grupo controle correspondente.

Para outros pesquisadores, a associação entre perda de genitores na infância e depressão na vida adulta segue ainda controversa. Luechen (2000) aponta que a morte dos pais na infância não é determinante de problemas na vida adulta como sintomas de depressão, outras formas de psicopatologias, dificuldades de aprendizagem, obesidade, comportamento suicida, dificuldades conjugais, entre outros, pois é preciso levar em conta muitos outros fatores envolvidos antes, durante e após a morte.

O que podemos observar é que muitos trabalhos quantitativos que levam em consideração não apenas a correlação entre patologias psíquicas e a perda vivida na infância, mas também outras variáveis presentes ao longo do desenvolvimento das crianças órfãs, têm apresentado resultados que diferem dos que foram expostos anteriormente.

Um exemplo destes estudos é o de Mireault e Bond (1992), que estudaram 140 sujeitos que haviam perdido pai ou mãe antes dos 18 anos, comparando-os com um grupo controle ($n = 239$) e, ao contrário das expectativas, não encontraram diferenças quanto à ansiedade e à depressão. Os sujeitos enlutados obtiveram escores levemente mais altos que os controles no que diz respeito à vulnerabilidade percebida. O estudo

conclui que o suporte social pode ajudar a minimizar a ansiedade e a depressão nos adultos que perderam pais na infância.

Knijnik e Zavaschi (1994) também assinalam que, entre os fatores que podem modificar a probabilidade do desenvolvimento de depressão após a morte de um dos pais, estão as condições pré, peri e pós-morte. Esses fatores se referem à qualidade da relação com o pai que faleceu, às circunstâncias da perda e aos cuidados da família e do pai sobrevivente.

Saler e Skolnick (1992) afirmam que um trabalho de elaboração do luto pode atenuar os efeitos deletérios decorrentes das perdas. Os pesquisadores estudaram 90 adultos que haviam perdido seus pais na infância, avaliaram a qualidade dos cuidados parentais do pai sobrevivente e o ambiente familiar após a morte. A não presença em rituais de morte do pai ou da mãe acarretou maiores índices de depressão e sentimentos de culpa. O estudo enfatiza a importância de apoio e permissão para que a criança possa falar abertamente sobre sua dor com os familiares sobreviventes.

Nessa mesma direção, Luechen (2000), aplicando questionários a dois grupos de sujeitos, um que viveu perda parental e outro grupo controle, encontrou, a partir de uma análise multivariada, que aqueles com perda de um dos pais na infância apresentavam aumento de hostilidade, relações familiares atuais empobrecidas, maior intensidade de sintomas depressivos e menor suporte social quando após a perda foram estabelecidos vínculos superficiais com os familiares sobreviventes. O estudo afirma ainda que características específicas nas relações familiares podem proteger contra o desenvolvimento de sintomas depressivos na vida adulta, são elas: suporte emocional entre os membros da família, abertura para expressão dos sentimentos, administração dos níveis de conflito e raiva.

No mesmo sentido, um estudo realizado por Crook e Raskin (1975), cujo objetivo era relacionar perda de genitores na infância com depressão e tentativas de suicídio na vida adulta, apresenta resultados que indicam que a perda do genitor propriamente dita não predispõe uma pessoa ao suicídio, mas a infância caracterizada por disfunções familiares e separações intencionais por parte dos pais estão associadas com maior índice de suicídio na vida adulta.

Outra pesquisa (Ifeagwazi & Obieze, 2000-2001), realizada na Nigéria, aponta que a morte de um dos pais na infância não é fator determinante de problemas psicológicos ou sociais na vida adulta, afirmando que os efeitos negativos do trauma da perda podem ser superados através de com um ambiente estável e acolhedor para a criança.

Segundo Torres (1999), é importante ressaltar que nem toda criança que sofre a perda dos pais se torna um adulto afetivamente fragilizado. Afirma que pessoas que apresentaram dificuldades emocionais posteriores são em geral aquelas que depois da perda receberam cuidados deficientes e, aquelas que se desenvolveram mais normalmente apesar de terem perdido um dos pais, receberam uma atenção constante e estável do pai sobrevivente ou de outros familiares nos anos subseqüentes à perda.

Diante do exposto acima, podemos sintetizar os achados assinalando que a morte dos pais na infância pode não ser determinante para o aparecimento de dificuldades psíquicas, ou desajustamentos sociais na vida adulta. E, para amenizar as dificuldades que podem ser causadas pela perda, é necessário que estas crianças sejam assistidas de maneira cuidadosa por parte dos adultos que as acompanham, pois elas poderão estar mais vulneráveis a sofrerem dificuldades na continuidade de seu desenvolvimento biopsicossocial.

Estudos qualitativos

Beiser (1994) realizou uma pesquisa qualitativa em que estudou os efeitos no papel de mães que haviam perdido pais na infância. Pôde observar em sua análise que os principais temas que emergiram foram: identificação com o genitor falecido, medo de morrer e deixar os filhos desamparados e a insegurança de estar sendo uma mãe ruim.

Outra pesquisa foi desenvolvida por Dilworth e Hildreth (1997-1998), que aplicaram a adultos que perderam pais na infância as variáveis descritas por Bowlby quando a criança é separada da mãe. Observando estes adultos, as autoras propõem que existem indicadores de um processo de luto não-resolvido desde a infância. Os principais indicadores seriam:

- Ansiedade persistente: muitas crianças, após a morte de um genitor, ficam muito ansiosas, principalmente por medo de perder o pai sobrevivente ou irmãos. Em alguns, essa ansiedade pode adentrar a fase adulta e passar a se relacionar a situações que não estão mais conectadas à perda do genitor, provocando um medo constante de tomar decisões e sofrer consequências negativas; estes adultos acabam então por buscar apenas situações extremamente seguras e controladas.
- Desejo de morrer: muitas crianças expressam o desejo de se reunir ao genitor falecido, principalmente porque não entendem claramente ainda o que é a morte. E, alguns, quando se tornam adultos, ainda querem voltar a se relacionar com o pai ou a mãe mortos, pois ainda sentem muita solidão e acham que a relação perdida irá preencher isso.
- Auto-acusações e culpa persistente: muitas crianças se baseiam em situações anteriores à perda em que fizeram/pensaram algo contra o genitor e

se sentem culpadas pela morte. E, alguns, quando adultos, mesmo que compreendam melhor a realidade e o que aconteceu na época da morte, ainda se culpam, e/ou se responsabilizam por tudo de errado que aconteça em sua vida.

- Auto-suficiência e controle compulsivos: muitas crianças, em reação aos sentimentos de desamparo e de abandono após a morte do genitor, tornam-se auto-suficientes e controladoras, pois passam a se cuidar sozinhas e ainda passam a cuidar do pai sobrevivente e/ou irmãos menores para receber mais atenção destes. Para alguns, já adultos, essa compulsão de ser suficiente e também de cuidar do outro nunca cessa.
- Acessos de raiva: muitas crianças não podem expressar seus sentimentos relacionados à perda do genitor, pois não têm quem as ouça e as acolha, podendo-se observar momentos de bastante tristeza mesclados com acessos de raiva. E, alguns, na fase adulta, podem então ter dificuldades para expressar seus sentimentos e aceitar os sentimentos do outro, e ainda ter acessos de raiva.

Outro trabalho foi realizado por Shulman (1996-1997), que desenvolveu um estudo de caso a respeito da vida e da morte de Edgar Allan Poe, que foi considerado por muitos estudiosos como uma autópsia psicológica (avaliação retrospectiva que ajuda a esclarecer até que ponto a vítima pode ter provocado as circunstâncias que resultaram em sua morte). O autor narra a vida de Poe, apontando os principais acontecimentos. Relata que era alcoolista desde os 17 anos de idade e faleceu em decorrência do álcool aos 40 anos, tendo uma vida bastante conturbada, sempre com muitas dívidas, não conseguia manter um emprego por muito tempo, brigava com outros escritores, e mudava-se de casa pelo menos uma vez por ano. Ainda assim conseguiu alcançar

muitas conquistas como talentoso escritor que era. O autor compreende que a morte e o luto, muito presentes na vida de Poe, a começar da morte de sua mãe aos seus 3 anos de idade, tiveram grande influência em sua trajetória de vida e também na forma como ocorreu sua morte.

Poe foi o segundo filho de um casal jovem, quando tinha 1 ano de idade, seu pai alcoolista abandonou a família, em seguida sua mãe desenvolveu tuberculose e teve seu terceiro filho. Ele presenciou a agonia da mãe, até que algum tempo depois ela faleceu, com 24 anos de idade. Poe passou então a ser criado por um casal sem filhos, que nunca o adotou legalmente, sempre tendo muitas dificuldades de relacionamento com o pai de criação. Aos 14 anos conheceu a senhora Stanard, mãe de um colega da escola, que se tornou como uma mãe para ele. Então, uma segunda grande perda ocorreu em sua vida, pois a senhora Stanard desenvolveu um tumor cerebral e morreu quando Poe tinha 15 anos. Sua morte foi um golpe forte e foi então que começou com o vício do álcool. Aos 17 anos saiu de casa e entrou no exército, morreram por este período sua mãe e seu pai de criação. Mais tarde se casou com sua prima, de apenas 13 anos de idade, para viver com ela e a mãe dela, que passou a criar a filha e o sobrinho. Sua sogra se tornou um importante apoio em sua vida. Algum tempo depois a esposa morreu de tuberculose, abalando-o muito. Ele foi bastante encorajado a se casar novamente, cortejou algumas mulheres, mas antes que tivesse tempo de se casar faleceu em decorrência de uma overdose de álcool. Pouco antes de sua morte ele já havia tido pelo menos duas outras overdoses, que quase o mataram, a terceira então foi fatal.

Ao longo de sua carreira, Poe encontrou várias figuras literárias importantes que reconheceram sua genialidade e tentaram assisti-lo de algum modo. Porém, nunca estabeleceu nada mais do que relações de curta duração com nenhum deles.

Em seus escritos o tema da morte é muito presente; há assassinatos, doenças graves, medo da morte, luto, entre outros. O tema mais recorrente, encontrado em seus melhores poemas, é o do luto pela morte de uma jovem mulher, às vezes acompanhado da idéia de uma reunião após a morte do narrador.

O autor conclui dizendo que todas estas perdas em sua vida, a começar da perda da mãe na infância, contribuíram para gerar em Poe muitos comportamentos auto-destrutivos, que o conduziram até a morte. Poe não se matou deliberadamente, porém pode-se considerar que seu alcoolismo produziu um suicídio parcial.

Relatos autobiográficos de pessoas famosas

Nesta seção tento abordar as questões de âmbito mais subjetivo e qualitativo exemplificando com biografias de pessoas famosas que perderam a mãe ou ambos os pais na infância. As questões trazidas por estas pessoas abarcam principalmente sentimentos variados advindos do evento da perda. Chamou-me a atenção ter encontrado vários trabalhos autobiográficos, como os trechos que apresento a seguir, imbuídos do intuito de compartilhar a experiência da perda precoce.

A família de Cecília Meireles (1901-1964), poetisa brasileira, foi marcada pela morte; aos 3 anos de idade já havia perdido três irmãos que não chegou a conhecer, o pai três meses antes de nascer, e a mãe pouco antes dos seus 3 anos de vida. Foi criada por sua avó materna e aos 9 anos de idade começou a escrever suas primeiras poesias. Escreveu em sua biografia que o **silêncio** e a **solidão**, constantemente presentes em sua infância de orfandade, não lhe foram negativos, pois foi sobre eles que desenvolveu toda sua vida e obra:

Nasci aqui mesmo no Rio de Janeiro, três meses depois da morte de meu pai, e perdi minha mãe antes dos três anos. Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratempos materiais, mas, ao mesmo tempo, me deram, desde pequenina, uma tal intimidade com a morte que docemente aprendi essas relações entre o efêmero e o eterno. [...] Em toda a vida, nunca me esforcei por ganhar nem me espantei por perder. A noção ou o sentimento da transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo da minha personalidade. [...] Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas: silêncio e solidão. Essa foi sempre a área de minha vida. Área mágica, onde os caleidoscópios inventaram fabulosos mundos geométricos, onde os relógios revelaram o segredo do seu mecanismo, e as bonecas o jogo do seu olhar. Mais tarde foi nessa área que os livros se abriram, e deixaram sair suas realidades e seus sonhos, em combinação tão harmoniosa que até hoje não compreendo como se possa estabelecer uma separação entre esses dois tempos de vida, unidos como os fios de um pano.

(http://www.releituras.com/cmeireles_bio.asp)

Clarice Lispector (1920-1977), escritora brasileira, perdeu a mãe aos 9 anos de idade, vítima de uma progressiva paralisia que a tornou inválida durante muitos anos até a ocasião de sua morte. Escreve em uma de suas crônicas que seu nascimento revela uma ‘falha’ de origem, um ‘desvio fundante’ que a acompanhará vida afora e que ela chama de uma ‘espécie de solidão de não pertencer’. Ela destaca sua dolorosa **culpa**, que tem como base uma crença adquirida na infância e que adentrou sua vida adulta:

Fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança. Mas eu, eu não me perdôo.

(http://www.releituras.com/clispector_bio.asp)

Clarice escreve ainda a obra ‘Perto do coração selvagem’ (1943), narrando a história de Joana, uma moça que precocemente fica órfã de pai e mãe, e que desde muito cedo tem o costume da **introspecção**.

Assim como Clarice, porém por outros motivos, Wilhelm Reich (1897-1957), psicanalista austríaco radicado nos Estados Unidos, também nutriu por anos uma grande **culpa** pelo suicídio da mãe, cometido quando ele tinha 13 anos de idade. Sua culpa também tem como base uma crença adquirida quando pequeno e que perdurou em sua vida adulta. Segundo Albertini (1994), Reich roubou fumo do pai para dar a um carroceiro que fazia um suporte de madeira para sua coleção de borboletas, a mãe descobriu e contou para o pai que lhe deu uma surra. Passado algum tempo deste episódio, o pai de Reich descobriu que a esposa o traía com outro homem e ordenou ameaçadoramente que os filhos confirmassem e, involuntariamente, Reich o fez. A partir de então o relacionamento do casal se tornou cada vez pior e, oito meses mais tarde, sua mãe cometeu o suicídio. Sobre os acontecimentos que culminaram na morte de sua mãe, Reich (citado por Albertini, 1994) afirma:

A situação parece-me clara agora: o que fez minha mãe estava perfeitamente correto. Minha traição, que lhe custou a vida, foi um ato de vingança: ela tinha me traído com meu pai quando roubei fumo para o carroceiro, e, por desforra, eu a traí! Que tragédia! Oxalá minha mãe estivesse viva hoje para que eu pudesse reparar o crime cometido então, 35 anos atrás. Afixarei um retrato dessa nobre mulher para tê-la constantemente à vista! Que nobre criatura foi essa mulher, minha mãe! Em vista da brutalidade de meu pai, ela estava perfeitamente justificada no que fez. Oxalá a obra de minha vida possa reparar minha má ação. (p.21)

Machado de Assis (1839-1908), poeta brasileiro, perdeu a mãe ainda bastante pequeno e passou então a ser criado pela madrasta, porém seu pai também faleceu quando tinha 11 anos, época em que começou a trabalhar vendendo doces. Em um de seus sonetos escreve a respeito de crianças órfãs, dando ênfase ao **desamparo** e **abandono** vividos por estes pequenos:

Recolhei, recolhei essas coitadas,
 Tristes crianças, desbotadas flores,
 Que a morte despojou de seus cultores,
 E pendem já das hastes maltratadas.
 Trocai, trocai as fomes e os horrores,
 Os desprezos e as ríspidas noitadas
 Pelo afago dos peitos protetores.
 Ensinai-as a amar e a serem amadas.
 (http://www.releituras.com/machadodeassis_bio.asp)

Adélia Prado (citada no início do capítulo), que hoje está com 75 anos, perdeu a mãe aos 15 anos, acontecimento que a impulsionou a escrever seus primeiros versos. Recentemente lançou a obra ‘Quero minha mãe’ (2005), um romance que conta a história de vida de uma mulher de 60 anos marcada pela morte prematura da mãe, é escrito em primeira pessoa e guarda muitas semelhanças entre a personagem principal e a escritora, a seguir um trecho:

Coitada da minha mãe, com certeza não suportava a idéia, o fardo de ter-que-dar-conta-daquela-roupa-de-graxa-do-meu-pai, daquele caldo escuro na bacia, fedendo a sabão preto e ela querendo tempo pra ler, ainda que pela milésima vez, meu manual de escola, o Adoremus, a Revista de Santo-Antônio. Mãe, que dura e curta vida a sua. [...] Tenho sonhado com a mãe tomando conta de mim, me protegendo os namoros, me dando carinho, deixando, de cara alegre, meus peitinhos nascerem e até perguntando: está sentindo alguma dor, Olímpia? É normal na sua idade. Com certeza aprendeu, nas prédicas às Senhoras do Apostolado, como as mães cristãs deviam orientar suas filhas púberes. Te explico, Olímpia, porque pode te acontecer na escola, não precisa levar susto, não é sangue de doença. [...] Morreu antes de me ensinar a lidar com as incômodas e trabalhosas toalhinhas. Mãe, mãezinha, mamãezinha, mamãe, e o reino do céu é um festim? Quem escondeu isto de você e de mim?

(http://www.releituras.com/aprado_menu.asp)

Nos pequenos trechos citados acima podemos perceber alguns elementos relacionados à perda da mãe ou de ambos os pais como: solidão, culpa, introspecção, sensação de desamparo, de abandono, de desproteção, saudades.

Na literatura estrangeira encontrei o livro ‘The loss that is forever: the lifelong impact of the early death of a mother or father’ (Harris, 1995) que relata a história de pessoas que perderam pais na infância e como vivem na fase adulta. A obra traz relatos de vida de 66 pessoas comuns, e ainda cita a história de pessoas famosas como Charles Darwin, Abraham Lincoln, Adolf Hitler, Eleanor Roosevelt, Virginia Woolf, C. S. Lewis, Edgar Allan Poe, James Dean, Madonna, e outros, que também vivenciaram a morte da mãe quando ainda eram crianças.

Harris (1995) relata que C.S. Lewis descreveu a morte de sua mãe aos 9 anos de idade como o evento que arrancou de sua vida a tranquilidade, estabilidade, segurança, alegria e prazer de viver, para lhe dar uma constante sensação de estar sendo sacudido em um mar agitado.

Virginia Woolf, segundo Harris (1995), lembra-se da morte de sua mãe como um dia brilhante de primavera que de repente se transforma em um dia negro, com um vento cortante, e então todas as criaturas da Terra passam a vagar sem saber para onde ir.

O livro refere que culpa, vergonha, sensação de abandono, desamparo, solidão, vazio, medo, insegurança, vontade de morrer, raiva, são alguns dos sentimentos que podem fazer parte da vida daqueles que perderam pais na infância.

1.4. Um olhar Centrado na Pessoa

“A experiência mostrou-me que as pessoas têm, fundamentalmente, uma orientação positiva.[...] Acabei por me convencer de que quanto mais um indivíduo é compreendido e aceito, maior tendência tem para abandonar as falsas defesas que empregou para enfrentar a vida, e para progredir num caminho construtivo.”
(Rogers, 1961/2001, p.38)

A Abordagem Centrada na Pessoa

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), fundada por Carl Rogers, rendeu contribuições nos campos teóricos e metodológicos da Psicologia e das ciências afins. Esta abordagem, de acordo com a evolução do pensamento rogeriano, recebeu denominações diferentes anteriormente, tais como Orientação Não-diretiva e Terapia Centrada no Cliente. Rogers (1987/2004) afirma que o termo ACP passou a designar de maneira abrangente suas diversas aplicações, e não apenas a área da psicoterapia, como acontecia no início de seus trabalhos.

O desenvolvimento da teoria proposta por Rogers teve diferentes momentos, e, em cada um deles, revia suas conceituações teóricas e propunha reformulações, sempre se apoiando em extenso material clínico e em suas pesquisas. Segundo Wood (1994), os trinta primeiros anos de seus trabalhos (1935-1965) foram dedicados ao estudo da relação terapêutica e da mudança da personalidade, o que corresponde à fase da Terapia Centrada no Cliente. A partir de 1965, Rogers passa então a não mais focar sua preocupação na efetividade das atitudes facilitadoras (aceitação positiva incondicional, compreensão empática e congruência) em gerar mudanças de personalidade, mas volta

sua atenção para o potencial do encontro terapêutico e para o desenvolvimento de uma relação construtiva para ambos. Amplia então seus trabalhos para além do contexto psicoterapêutico, expandindo-os aos relacionamentos interpessoais, buscando a promoção do crescimento psicológico. Rogers (1987/2004) afirma que:

A Abordagem Centrada na Pessoa é primordialmente uma maneira de ser que encontra sua expressão em atitudes e comportamentos que criam um clima promotor de crescimento. É uma filosofia básica, em vez de uma simples técnica ou um simples método. Quando uma filosofia é vivida, também estimula mudanças construtivas nas pessoas à sua volta. Dá poder ao indivíduo e, quando essa força pessoal é sentida, nossa experiência tem mostrado que tende a ser utilizada para transformação pessoal e social. (p.90)

A ACP traz consigo um novo olhar a respeito do ser humano, diferente de outras linhas teóricas em Psicologia da década de quarenta (séc.XX) (ROGERS, 1978), tendo como princípio norteador a crença no potencial de desenvolvimento de cada indivíduo. Segundo Rogers (1961/1981), “a natureza profunda do ser humano, quando funciona livremente, é construtiva e digna de confiança” (p.174). Esta visão se diferencia de uma noção ingênua de que o homem nasce bom, mas ressalta a idéia de que cada indivíduo possui em si um potencial para se desenvolver e evoluir no sentido do crescimento positivo, o que chamou de Tendência Atualizante.

A Tendência Atualizante é o postulado central na ACP e propõe que todos os organismos vivos são movidos por uma tendência inerente para desenvolver suas potencialidades de maneira a favorecer sua conservação e enriquecimento. Independentemente da complexidade do organismo, existe um fluxo interno que movimenta o ser em uma direção construtiva. No ser humano esta tendência não visa apenas à subsistência de necessidades básicas, como respirar e se alimentar, mas também ao aprendizado intelectual, social e ao prolongamento da vida através da reprodução. Além disto, abrange a noção de motivação, que se relaciona com a redução

de tensões, necessidades e impulsos. Seu movimento leva o organismo a se reconhecer como autônomo e único (ROGERS e KINGET, 1959/1977). Rogers (1987/2004) afirma que:

A hipótese central desta abordagem (ACP) pode ser brevemente especificada. Quer dizer que o indivíduo tem, dentro de si mesmo, vastos recursos para autocompreensão, alterar seus conceitos sobre si mesmo, suas atitudes e seus comportamentos autodirigidos – e que esses recursos poderão ser liberados somente se um clima definido de atitudes psicológicas puder ser provido. (p.85,86)

Segundo Rogers et al. (1983), esta tendência pode "ser frustrada ou desvirtuada, mas não pode ser destruída sem que se destrua também o organismo" (p.40). Ao tratar de indivíduos que se desenvolveram em condições totalmente desfavoráveis, Rogers (1978) afirma que é preciso confiar na tendência direcional de cada um. Rogers e Kinget (1959/1977) afirmam que, para compreender como a Tendência Atualizante se manifesta no outro, é necessário pôr de lado juízos e valores, é preciso olhar a partir do referencial de vida daquela pessoa.

Assim, na ACP, levando-se em consideração a relação de ajuda, não é o profissional cuidador ou facilitador que sabe o que é melhor para a pessoa que está sendo ajudada, mas esta é capaz de encontrar e escolher seu próprio caminho. Aquele que ajuda pode sim criar condições facilitadoras de acolhimento para que o outro chegue ao crescimento e à autonomia, nomeadas por Rogers (1983) como atitudes facilitadoras, que estão descritas a seguir.

As atitudes facilitadoras possibilitando o crescimento na vivência de luto

Observando a Tendência Atualizante como tendência à maturidade psicológica, é possível relacioná-la aos processos de enlutamento, pois estes também impulsionam o

indivíduo a crescer e se desenvolver. Neste sentido, esta tendência à atualização presente nos organismos vivos, quando não é impedida, pode facilitar a expressão do pesar e a vivência do luto, auxiliando na significação da perda e na ressignificação da relação com a pessoa perdida para que se possa continuar a viver e a se desenvolver. Por esta razão e por partilhar de pensamentos da Abordagem Centrada na Pessoa é que esta servirá como inspiração teórica neste trabalho.

Segundo Rogers (1983), para que a capacidade de crescimento inerente ao ser humano não seja frustrada ou desvirtuada, é necessário que haja um ambiente ou uma relação que contenha condições favoráveis à evolução no sentido positivo. Mas, que tipo de relação seria essa? Na busca de uma compreensão das leis gerais que regem as relações interpessoais, Rogers (1961/1981) também se fará essa pergunta: “mas quais são as características destas relações que as transformam em relações que favorecem o crescimento?” (p. 44).

Tomando como base o estudo do processo de mudança na psicoterapia, Rogers (1961/1981) verifica que a relação que facilita o desenvolvimento e o crescimento é significativa, com elementos específicos, que a diferencia de uma relação qualquer. Aponta a necessidade de haver nestas relações pelo menos três elementos que considera importantes, e que denomina de atitudes facilitadoras. São elas:

1) A **aceitação (ou consideração) positiva incondicional**, para Rogers e Kinget (1959/1977), é a atitude principal que rege todas as outras. Traduz-se pela aceitação incondicional da pessoa como ela é, sem juízos de valor ou críticas. Desta forma, a pessoa pode sentir-se livre para reconhecer e elaborar suas experiências da forma como entender e não como julga ser conveniente para o outro. Poderá então sentir que não é necessário abdicar de suas convicções ou necessidades emocionais para que seja aceita. Rogers e Stevens (1967/1977) fazem uma diferenciação entre aprovação e aceitação

incondicional, considerando a primeira como uma forma de avaliação ou julgamento que não condiz com a ACP, pois expressa condições seletivas para a aceitação do outro; e a segunda trata de considerar o outro como ser humano de forma positiva, como sistema dinâmico de atitudes e necessidades, independente de suas ações e sem tentar moldar seu comportamento. Rogers (1961/1981) ressalta que a consideração positiva incondicional total não existiria, exceto em teoria, mas se a pessoa que ajuda puder experimentar esta consideração pelo ajudado na maioria dos momentos de seu contato com ele, isso o (ajudado) auxiliará a aceitar diversos aspectos de si mesmo.

2) A **compreensão empática (ou empatia)** é o processo no qual o indivíduo não se sente apenas aceito, mas compreendido enquanto pessoa na sua totalidade (Rogers, 1961/1981). Segundo Rogers, é a capacidade de compreender o mundo subjetivo do outro e de participar da sua experiência, colocando-se como se estivesse no lugar do outro e vendo o mundo como se fosse o outro. É um processo dinâmico no qual há a máxima aproximação possível da vivência do outro, percebendo e experimentando seus significados, retornando o sentido do que está sendo experimentado. Rogers ressalta a importância de não se perder a noção do “como se”, caso contrário, não se trata mais de relação empática e sim de identificação. A interação ou relação empática é o que permite ao receptor se perceber como membro da raça humana, propiciando o sentimento de que, se o que está experienciando é reconhecido por outro ser humano, então é algo que constitui o humano. Se o sentimento de hostilidade, o impulso para destruir o outro, ou a sensação de morte do eu podem ser compreendidos, através da empatia, por outro ser humano, há a sensação de que essas vivências fazem parte da raça humana.

3) A **congruência (autenticidade)** expressa um estado de coerência ou acordo interno entre a experiência, a consciência e sua comunicação. Rogers (1983) define o termo da seguinte forma:

Com isto (congruência) quero dizer que quando o que estou vivenciando num determinado momento está presente em minha consciência e quando o que está presente em minha consciência está presente em minha comunicação, então cada um desses três níveis está emparelhado ou é congruente. Nesses momentos, estou integrado ou inteiro, estou inteiramente íntegro. (p.09)

A congruência foi também chamada por Rogers como autenticidade, o que gerou uma compreensão equivocada desse conceito, vista como franqueza. Wood (1994) ressalta que a congruência não precisa necessariamente ser explicitada, não é preciso que se manifestem todos os sentimentos, mas é preciso estar atento a eles, reconhecendo seus próprios limites, sentimentos e valores, que estão envolvidos na relação com o outro. É difícil atingir totalmente esta condição, porém quanto mais a pessoa for capaz de ouvir e aceitar o que se passa com ela, e quanto mais for capaz de, sem medo, vivenciar a complexidade de seus sentimentos, mais alto será o grau de sua congruência. Segundo Wood (1994), a congruência também não deve ser confundida com impulsividade, agindo ou expondo sem pensar tudo que passe pela mente. Não requer somente honestidade e aceitação de si mesmo, mas também autoconhecimento dos sentimentos presentes. Também é necessária habilidade para se comunicar, sendo capaz de transmitir aos outros quaisquer sentimentos experienciados. Assim, uma pessoa suficientemente congruente pode gerar em outra pessoa uma busca de sua própria congruência.

Estas atitudes facilitadoras talvez sejam menos independentes do que pareçam quando didaticamente dispostas sob forma de tópicos, ou seja, caminham juntas e estão intimamente ligadas no momento em que se está na relação com o outro (Rogers e Kinget, 1959/1977).

Rogers (1961/1981) refere que quando uma pessoa se encontra em um ambiente acolhedor em que estas atitudes eficientes na promoção de crescimento estejam presentes, pode desenvolver maior autocompreensão, autoconfiança e capacidade de escolher os comportamentos que seguirá. Aprende de modo significativo e está mais livre para ser e transformar-se.

No caso da vivência de luto, quando não há um ambiente acolhedor, a tendência à atualização pode ser bloqueada ou distorcida, e é bastante provável que a pessoa encontre dificuldades em expressar e vivenciar seu enlutamento da maneira como seu organismo necessita. Rogers (1969/1973) afirma que o indivíduo é psicologicamente livre, isto é, tem ativados os recursos atualizantes, quando não é obrigado a negar ou deformar aquilo que experimenta, a fim de conservar o afeto ou a estima daqueles que representam papel importante na sua vida, desde que não haja impeditivos para que a tendência atualizante se manifeste. Assim, quando há impedimentos, ou seja, não há um ambiente favorável à evolução no sentido positivo, parte da experiência do luto pode ser distorcida ou bloqueada, e a pessoa pode se comportar como a sociedade espera, o que pode diferir de suas necessidades emocionais.

Porém, mesmo que estas condições não tenham sido oferecidas nos momentos de maior necessidade da vida, como por exemplo o evento de morte dos pais na vida de uma criança pequena, a tendência à atualização ainda está presente e não pode ser destruída a menos que se destrua o organismo (Rogers, 1983). Assim, estas condições facilitadoras podem ser estabelecidas em qualquer etapa da vida, instaurando-se um processo de ressignificações e mudanças, seja na infância, no momento em que se perdeu os pais, seja na fase adulta, 20, 30, 40 anos após a perda.

Neste sentido a ACP não se fundamenta no determinismo de situações vividas no passado. Mesmo que a pessoa tenha experienciado situações dolorosas em condições

totalmente desfavoráveis anteriormente, pode no futuro encontrar alguém ou um ambiente compreensivo e acolhedor e assim ressignificar sua história, podendo modificar sua maneira de ser e de estar diante do mundo e diante da dor da perda por morte (Rogers, 1961/1981).

E, mesmo que se tenha significado a perda e a relação com a pessoa perdida de uma certa maneira no momento da morte, podem ocorrer ressignificações dos acontecimentos passados. Quanto mais a pessoa estiver aberta a estas ressignificações, menos estática e estagnada está sua personalidade. Rogers (1961/1981) afirma que quanto maior a rigidez de idéias, pensamentos, concepções, formas de levar a vida, mais a pessoa se distanciará de uma ‘personalidade de funcionamento integral’, pois esta aparece como fluxo e como processo. O autor coloca que a ‘pessoa de funcionamento integral’ tem como característica uma abertura à experiência, está continuamente se afastando de suas defesas na direção da experiência direta. Rogers (1961/1981) afirma que à medida que a pessoa se aproxima deste tipo de funcionamento:

[...] torna-se mais capaz de viver completamente a experiência do seu organismo, em vez de impedir de atingir a consciência. [...] está mais aberta a seus sentimentos de receio, de desânimo e de desgosto. Fica igualmente mais aberta aos seus sentimentos de coragem, de ternura e de fervor. (pp.168)

À medida que a vivência das experiências permite ou sugere novas possibilidades, a pessoa é capaz assim de reestruturar suas respostas, caminhando em direção a um contínuo processo de atualização. O que é a essência do que Rogers chama de viver uma ‘vida plena’.

Rogers (1961/1981) assinala que a ‘vida plena’ não pode ser comparada a um estado de felicidade, satisfação, adaptação ou realização, pois há nela uma vivência mais intensa tanto dos sentimentos de felicidade, quanto dos sentimentos dolorosos; o

amor é mais claramente sentido, mas a raiva também o é; assim como a coragem e o medo. Refere que os adjetivos mais apropriados à vida plena são: enriquecedor, apaixonante, valioso, estimulante, significativo. Segundo Rogers (1961/1981), “a vida, no que tem de melhor, é um processo que flui, que se altera e onde nada está fixado” (p.38).

2) MÉTODO: trilhando os caminhos da pesquisa

A Humanidade nunca se resignou a não compreender a incoerência dos fatos, no Universo e na sociedade. A busca apaixonada da organização da experiência é um traço notável de sua vocação.
Leon Brunschvicg

2.1. O objetivo

Estudar a vivência de luto em adultos pela perda de suas mães na infância e como pode ser resignificada¹ em outras fases da vida.

2.2. A abordagem qualitativa

Escolhi adotar neste trabalho a abordagem qualitativa e, em alguns momentos, inspirei-me em aspectos do método fenomenológico de pesquisa.

Chizzotti (2001) afirma que o estudo qualitativo toma o homem como ser que vive no mundo ativamente, considerando que sua consciência se dirige ao mundo de forma intencional, pois os objetos não chegam à consciência humana por si só, é a percepção do ser humano que vai ao encontro dos objetos e das coisas do mundo. E, nesse encontro, a pessoa atribui significados a cada objeto percebido, a cada situação vivida e, dessa forma, vai construindo uma rede de significados e sentidos para, a partir dela, conduzir a sua maneira de estar e viver o mundo.

¹ A resignificação é um processo que permite à pessoa atribuir novos significados, sentidos a uma experiência passada, trazendo mudanças para a forma como se situa diante da sua história de vida, ou de algum acontecimento da sua história (Lassance et. al, 2008).

Minayo (1996) aponta que pesquisas de cunho qualitativo possibilitam incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais; levando em conta a subjetividade como essencial ao entendimento do fenômeno estudado.

Martins e Bicudo (1994) esclarecem que no estudo qualitativo, mais especificamente naquele de base fenomenológica, o pesquisador não está preocupado com fatos, mas sim com os significados dos fenômenos pesquisados, ou seja, o que os eventos significam para as pessoas entrevistadas. Nessa concepção almeja-se sempre a compreensão e não a explicação destes significados, para tanto se utiliza como recurso básico e inicial a descrição e não a interpretação.

Estes autores citam ainda que:

Nessa modalidade (de pesquisa) não se fazem análises prematuras ou construções explicativas a priori nas descrições dos fenômenos. Mas os fenômenos devem se mostrar tal como se apresentam para o pesquisador, em termos de significado. Isso quer dizer que o investigador não formula hipótese sobre o que é aquilo que busca, mas apenas procura ver o fenômeno tal como o mesmo se mostra a ele em termos de significados relacionais. (p.36)

Neste sentido Bogdan e Bilken (1994) afirmam que é preciso suportar a angústia do não-saber de antemão, permitindo que o problema da pesquisa seja mais bem formulado, conhecido e esclarecido pelos próprios entrevistados. O plano de trabalho precisa ser progressivo e flexível, partindo-se de propostas iniciais mais especulativas, possibilitando que questões amplas se tornem focos mais específicos com base no contato direto com os participantes da pesquisa. Bosi (2003) aponta que o pesquisador que segue a abordagem qualitativa deve buscar uma preparação formativa e afetiva que o ajude a "compreender a maneira de ser do depoente"(p.61).

Nos estudos qualitativos o pesquisador não parte de pressupostos e pré-concepções sobre a natureza do fenômeno estudado. Ao invés disso, procura solicitar

que os participantes descrevam em sua própria linguagem como significam certas situações de vida. Assim, é importante que o pesquisador ponha ao lado seus conceitos, teorias, explicações pré-existentes, não significando que partirá de um marco zero ou um vazio, pois já pode ter idéias e vivências prévias com relação ao que está estudando.

Minayo (1996) afirma a respeito da existência de uma neutralidade científica:

[...] pelo contrário, qualquer estudo da realidade, por mais objetivo que possa parecer, por mais 'ingênuo' ou 'simples' nas pretensões, tem a norteá-lo um arcabouço teórico e vivencial que informa a escolha do objeto, todos os passos e resultados teóricos e práticos. (p.37)

Martins e Bicudo (1994) ressaltam a importância de compreender que pesquisador e colaborador estão dialética e essencialmente ligados, e que a objetividade científica humanamente realizável e significativa é a busca pela intersubjetividade: “o pesquisador ao mesmo tempo em que descobre, atribui significado àquilo que está descobrindo e vendo” (p.101).

Nesta mesma linha de pensamento, Chizotti (2001) afirma que a abordagem qualitativa caracteriza-se pela delimitação do problema pouco a pouco; pela participação do pesquisador no conhecimento a ser produzido na relação com o colaborador da pesquisa; pelo caráter dinâmico da relação, na qual ambos se modificam e são modificados; por uma visão dos dados obtidos como fenômenos que se dão na própria relação entre eles.

Esslinger (2003) apresenta que na perspectiva qualitativa de pesquisa:

[...] a relação que se estabelece na pesquisa qualitativa é a de sujeito/sujeito, na qual, pesquisador e pesquisado, ao se constituírem mutuamente, constituem também o próprio objeto de investigação. A dimensão objetiva existe, entretanto não é exclusiva: há um olhar para a relação e o envolvimento não é evitado, mas sim assumido. (p. 64)

Holanda (2003) afirma que “em uma pesquisa fenomenológica o sujeito pesquisador não prescinde de sua participação no ato de pesquisar, ao contrário, é co-participante junto ao sujeito vivencial, dado que é, também, com o outro, um sujeito intencional” (p.60).

Segundo Amatuzzi (2003):

[...] a possibilidade de o pesquisador atuar como facilitador do acesso ao vivido é de fundamental importância. A relação que este tem com o entrevistado deve ser tal que permita sua progressiva aproximação à experiência vivida para além das idéias, teorias, estruturas de pensamento [...] Pois é no ato da relação pessoal, quando surge a oportunidade de dizê-lo, que o vivido é acessado [...] Assim, ambos, entrevistador e entrevistado, pesquisador e colaborador, através desta relação, pensaram juntos e ‘disseram’ o vivido. (p.21)

As considerações acerca da escolha da abordagem metodológica expostas acima me auxiliaram em grande medida na definição do meu lugar de pesquisadora, na escolha das entrevistas como instrumento de coleta de dados, na escuta e na compreensão das vivências relatadas pelos entrevistados.

2.3. Os participantes

Para constituir a amostra dessa pesquisa observei alguns critérios citados por Minayo (1996):

A amostragem qualitativa: a) privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer; b) considera-os em número suficiente para permitir uma certa reincidência das informações, porém não despreza informações ímpares cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta; c) entende que na sua homogeneidade fundamental relativa aos atributos, o conjunto de informantes possa ser diversificado para possibilitar a apreensão de semelhanças e diferenças; d) esforça-se para que a escolha do *locus* e do grupo de observação e informação contenham o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa. (p.102)

Dentro das considerações acima, adotei o seguinte atributo fundamental para escolha dos participantes desta pesquisa: ser adulto que tivesse perdido a mãe na infância.

Procurei equilibrar a quantidade de pessoas em relação ao gênero e ainda buscar maior diversidade e extensão com relação às idades. Entrevistei 6 pessoas, 3 homens e 3 mulheres, até o momento da entrevista com idades entre 32 e 61 anos, e que perderam a mãe quando tinham entre 5 e 12 anos de idade. Todos perderam a mãe na infância e um deles (Luiz Alberto) perdeu ambos os pais nesta fase da vida.

Os participantes foram localizados pela divulgação do trabalho entre pessoas conhecidas. Estas me passaram os dados do possível colaborador, com o qual eu entrava em contato, esclarecia a temática do estudo, como seria realizada a entrevista e com que finalidade, e a partir disso cabia à pessoa escolher se gostaria ou não de participar. Uma delas se recusou a ser entrevistada, assinalando a delicadeza do assunto para ela. Assim, todos os participantes foram entrevistados voluntariamente após terem sido informados e esclarecidos sobre a pesquisa.

2.4. As entrevistas

*“Quando consigo realmente ouvir alguém,
isso me coloca em contato com ele, isso enriquece a minha vida.”
(Rogers, 1983, p.5)*

A entrevista é uma das principais técnicas de trabalho dentro das abordagens qualitativas, pois permite o aprofundamento em assuntos de natureza pessoal e íntima, bem como em temáticas de natureza complexa (Lüdke & André, 1986).

As autoras apontam para outro aspecto importante deste instrumento de pesquisa quando assinalam que as entrevistas se caracterizam por ser um momento exclusivo e singular, que permite correções, esclarecimentos e adaptações, aumentando a eficácia na obtenção dos dados em uma abordagem qualitativa:

Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. (p.34)

Assim, cria-se uma relação de interação na entrevista com uma atmosfera de influências recíprocas entre quem pergunta e quem responde. E cada encontro humano é único, uma vez que ocorre entre pessoas diferentes, em ambientes diferentes, com temáticas diferentes. Dessa maneira, esta interação é singular a cada vez que ocorre. Segundo Bleger (2003) “cada situação humana é sempre original e única; portanto, a entrevista também o é” (p.20).

Observando o exposto acima, optei por utilizar neste estudo as **entrevistas abertas**, que pertencem à categoria mais geral de pesquisa não-estruturada e visa considerar as respostas do entrevistado no seu próprio contexto, evitando-se a prevalência comum nos questionários estruturados, do quadro conceitual preestabelecido pelo pesquisador (Minayo, 1996).

Esta forma de entrevista não adota um roteiro definido de perguntas, assim cada colaborador pode trazer sua própria experiência singular falando de forma livre e espontânea, sem o risco de ser conduzido por perguntas fechadas. Alguns questionamentos podem surgir ao longo da entrevista, porém o entrevistador propõe perguntas ou faz intervenções que visem abrir o campo de explanação do participante ou aprofundar as questões trazidas.

Iniciei cada entrevista com uma pergunta disparadora, para dar início ao depoimento. Após o esclarecimento sobre a pesquisa, as entrevistas foram iniciadas com a pergunta: **Como foi ter vivido a perda de sua mãe?**

Sobre minha atitude durante as entrevistas, procurei deixar a pessoa entrevistada livre para exprimir-se, escutando e acompanhando seu relato atentamente, fazendo apenas pequenas intervenções que estimulassem o aprofundamento nas vivências relatadas.

As entrevistas foram realizadas individualmente na casa do participante ou em seu local de trabalho; e foram gravadas com sua devida autorização. Mais tarde as transcrevi em forma de narrativa, optando por corrigir os erros de português presentes na linguagem coloquial e anulando minha voz como entrevistadora, suprimindo as perguntas. Nas falas em que o entendimento da resposta pudesse ficar comprometido a pergunta aparece entre parênteses. Estas modificações têm o objetivo de proporcionar maior fluência na leitura das narrativas, contudo sem comprometer a apreensão da essência do conteúdo (Meihy, 1998).

Na transcrição de quatro das narrativas alterei os nomes verdadeiros dos entrevistados, bem como daqueles citados por eles, e ainda omiti alguns detalhes pessoais, em respeito ao princípio ético do sigilo. Em duas das narrativas mantive os nomes verdadeiros a pedido dos entrevistados, Luiz Alberto e Luiz Feijó, porém os nomes citados ao longo de seus relatos foram modificados.

Da escuta e leitura atentas das entrevistas extraí um resumo da história de cada participante, que é apresentado no início das seções de análise dos dados individuais. Também nesta seção são transcritos trechos literais das narrativas, seguidos de minhas compreensões. E, na parte final do estudo (**Anexos**), todas as narrativas são apresentadas na íntegra.

2.5. A compreensão dos dados

Para a compreensão das narrativas me inspirei em alguns autores que seguem a abordagem fenomenológica de pesquisa, buscando com isso me aproximar da descrição do fenômeno da vivência de luto pela perda prematura da mãe, não me propondo a explicações ou interpretações. Gostaria de ressaltar a inspiração e não o seguimento estrito no que é proposto pelo método fenomenológico.

Forghieri (1993) explicita a importância de haver dois momentos em qualquer compreensão baseada no método fenomenológico, os quais são inter-relacionados e reversíveis, não havendo separação entre eles, mas sim predominância ora de um ora de outro. São eles:

1) **Envolvimento existencial:** em que o pesquisador coloca de lado os conhecimentos adquiridos sobre o assunto e se abre para uma vivência de modo espontâneo e experiencial; saindo de uma atitude intelectualizada, deixando fluir sua intuição, percepção e sentimentos. Estas atitudes levam a uma compreensão global, intuitiva, pré-reflexiva da vivência do entrevistado, apreendendo como este significa a situação vivida de acordo com seu próprio modo de existir.

2) **Distanciamento reflexivo:** após o envolvimento existencial e uma compreensão pré-reflexiva global, o pesquisador se distancia para refletir sobre esta compreensão, buscando captar e explicitar, descritivamente, o sentido ou significado daquela vivência.

Segundo AmatuZZi (1996) existem diferentes propostas metodológicas nesta abordagem, porém aponta que dentre as diversas maneiras de tratar os dados pode-se discernir uma estrutura geral:

1) **Sintonização com o todo vivido:** buscando uma intuição da essência daquela vivência;

2) **Encontro dos elementos experienciais** (ou unidades temáticas emergentes): estes são elementos de significado vivido que, quando articulados, expressam o significado global da vivência;

3) **Síntese ou articulação final**: neste momento rediz-se o fenômeno da forma como ele se mostra.

Martins e Bicudo (1994) apresentam cinco momentos importantes dentro de um processo de análise:

1) **O sentido do todo**: uma leitura empática, em que o pesquisador procura se aproximar do lugar do sujeito e tenta viver a experiência dele ‘como se’ fosse ele, de forma a não ser um mero espectador, mas alguém que procura chegar aos significados atribuídos vivencialmente pelo participante;

2) **Discriminação das unidades de significado**: uma volta ao início da leitura, que pode ocorrer tantas vezes quanto forem necessárias, colocando em evidência as diferentes unidades de significados, dentro de uma perspectiva psicológica;

3) **Transformação das expressões cotidianas do sujeito em linguagem psicológica**: neste momento os achados já não são expressos na linguagem do sujeito, mas na do pesquisador, revelando sua reflexão psicológica do que está sendo expresso;

4) **Síntese das unidades de significado**: transformar as unidades de significado em uma proposição consistente referente à experiência do sujeito;

5) **Descrição da estrutura do fenômeno**: comparar as sínteses individuais de cada participante buscando identificar o que há de comum entre elas e o que há de particular, com o intuito de obter os elementos essenciais que se apresentam como significativos da vivência de todos.

Assim, baseada nos autores acima, estruturei a compreensão dos dados deste estudo da seguinte maneira:

1) Inicialmente escutei a gravação e li várias vezes a narrativa de cada participante, procurando me envolver e entrar na sua vivência, dela me sentir próxima, ao mesmo tempo em que me esforçava para pôr ao lado meus conhecimentos, pré-conceitos e pré-análises, para chegar a uma compreensão empática, intuitiva e global de sua vivência relacionada à perda de sua mãe;

2) Em um segundo momento li lentamente e atentamente a narrativa, detendo-me em partes do relato que pudessem conter os elementos mais significativos apontados pelos participantes a partir da vivência de perda, então os assinalava e escrevia comentários ao lado. Para apreender estes elementos envolvi-me experiencialmente e distanciei-me reflexivamente, movimentos descritos por Forghieri (1993), quantas vezes percebi ser necessário na busca por alcançar este intento;

3) Em seguida, organizei e redigi os elementos significativos em categorias temáticas que foram surgindo e se estruturando a partir dos relatos dos participantes, não tendo sido estabelecidas a priori. E, seguindo estes temas, reescrevi trechos literais destacados da narrativa, apresentando logo em seguida enunciados do significado dos elementos encontrados nestes trechos, segundo minha compreensão. Este procedimento foi repetido em cada uma das entrevistas sob o título de **Suas significações**;

4) Comparei as análises compreensivas individuais, verificando atentamente se haviam elementos comuns e elementos especificamente particulares. Assim, estabeleci várias relações entre as vivências, compondo uma **Síntese Geral**;

6) Por fim, busquei estabelecer diálogos, apresentados na **Discussão**, envolvendo os dados dos colaboradores e o que foi produzido por outros pesquisadores e teóricos na literatura da área, com o intuito de aprofundar as reflexões.

Mesmo após este longo e trabalhoso processo de compreensão das ricas vivências relatadas neste estudo, tenho a sensação de que estas ainda teriam e têm muito

a dizer não fossem as minhas limitações e vivências anteriores. Esta proposição gera em mim uma ambigüidade de sentimentos; por um lado há uma sensação de incompletude, e mesmo de frustração, que me faz querer continuar, e continuar, e continuar ainda debruçada sobre os relatos; porém, por outro lado, sinto que cheguei a uma verdade possível para o meu olhar neste momento. Sobre isto Dartigues (2003) diz que “há tantas essências quantas significações cada espírito é capaz de produzir; isto é, tantos objetos cada percepção, cada memória, cada imaginação, cada pensamento podem se dar”.

Assim, quero abrir espaço para que o leitor olhe com outros olhos, a partir de diferentes perspectivas e ângulos, e possa enxergar as ainda inúmeras possibilidades de significações e relações que existem permeando estas profundas narrativas.

2.6. As considerações éticas

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP (CEPH-IP) em 31/03/2008.

Este estudo tem como base a resolução nº 196 de 10/10/1996, do Ministério da Saúde, sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos; a resolução do Conselho Federal de Psicologia, nº 016/2000, de 20/12/2000, que dispõe sobre a realização de pesquisas em Psicologia com seres humanos; e o Código de Ética Profissional do Psicólogo, de 2005.

Todos os participantes foram informados e esclarecidos sobre a pesquisa e concordaram em participar voluntariamente deste estudo. Os tópicos abaixo foram colocados para cada um deles, sendo respondidas outras questões que surgiram:

- O tema, objetivos e procedimentos da pesquisa;

- Gravação da entrevista, que tem o intuito de facilitar a compilação dos dados, garantido-se o direito do participante de que seu depoimento não seria gravado caso não quisesse;
- Possibilidade de o entrevistado interromper a colaboração na pesquisa a qualquer momento;
- Garantia de sigilo das informações, bem como do anonimato dos participantes, por meio da mudança de nomes e dados que possam identificá-los ou as pessoas por eles citadas;
- Utilização das informações obtidas somente para fins acadêmico-científicos, não sendo divulgados em outros locais;
- Sobre meu comprometimento como pesquisadora de não causar aos colaboradores prejuízos ou sofrimentos adicionais aos já anteriormente vivenciados por eles, respeitando as informações relatadas, sem emitir juízos de valor, crenças e valores pessoais;
- As narrativas seriam apresentadas aos entrevistados e, apenas depois de aprovadas por estes, incluídas na pesquisa;
- Minha disposição aos participantes, caso solicitem, a prestar esclarecimentos, orientação psicológica, ou realizar encaminhamentos a outros profissionais a qualquer momento, mesmo após o término das entrevistas.

Após ter sido devidamente esclarecido e consentido voluntariamente em participar, o colaborador assinou então o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** (anexo) em duas vias, uma que ficou com ele e outra em minha posse.

3) ANÁLISE: desdobrando significados construídos

Ela nem arrumou as malas

Minha mãe estava fria
 senti nos meus lábios
 sua testa sob o véu
 foi meu último campo de amor
 amor materno
 a despedida
 a dor da perda
 o abandono
 um inequívoco aviso
 que o ego é ilusão
 é concreta abstração
 para sustentar as defesas
 é a preservação da individualidade
 em defesa precária
 contra o desamparo
 aquele beijo gelado
 no velório de minha mãe
 foi o entendimento da morte
 como parceira inseparável da vida
 meu primeiro berço aquático e quente
 só era um corpo frio
 um símbolo do adeus
 uma mensagem de liberdade penetrante
 forte aviso que nasci
 para uma solidão universal
 que antes de ser cruel
 é libertadora
 é o mel que me revelou capaz
 aquela fêmea jovem
 efêmera
 audaz
 inerte e fria
 agora paradoxalmente a mãe sábia
 corajosa e confiante
 quieta e indestrutível
 no repouso do retorno absoluto
 luto
 um POST-SCRIPTUM
 eternidade
 com sabor
 de amor

SW.B.Darpan¹

¹ Nome espiritual do participante Luiz Feijó, que autorizou sua identificação. Sua mãe cometeu suicídio quando ele tinha 12 anos de idade.

3.1. PEDRO

SUA HISTÓRIA

Pedro tem 37 anos e perdeu a mãe aos 5 anos de idade, esta morreu em decorrência de complicações no parto de sua quarta criança. Suas três irmãs também eram pequenas na época do falecimento; a que acabara de nascer e as outras com 6 e 8 anos de idade. Em decorrência da morte da mãe ele e as irmãs moraram alguns meses com a avó paterna e apenas retornaram à casa de seu pai quando este trouxe uma mulher para cuidar das crianças, que após curto período de tempo se tornou sua segunda esposa. A partir de então Pedro passou a ser criado pela madrasta. Esta já tinha uma filha de outro relacionamento e teve mais um filho com seu pai, completando seis irmãos, porém o tratamento que a madrasta oferecia a seus filhos era diferente do que dava aos filhos do marido. Além disso, passou por dificuldades no relacionamento com o pai, que era distante e agressivo. Mais tarde Pedro casou-se, divorciou-se e, a partir da crise da separação, procurou ajuda psicoterapêutica que o auxiliou a rever sua história e lidar com a vivência da perda precoce da mãe e também com a perda da esposa. Hoje está em seu segundo casamento, em uma relação que já dura dois anos e meio. Ainda não tem filhos, mas planeja ser pai. Graduiu-se em Educação Física e dá aulas para crianças. Atualmente também cursa o 5º ano da faculdade de Psicologia.

SUAS SIGNIFICAÇÕES

No começo:

1) A perda

Por muitos anos em minha vida a morte da minha mãe não me trazia nenhuma emoção [...] Não que eu não sentisse, eu não entendia. No dia do enterro a lembrança que tenho é de estar vendo uma pessoa deitada num caixão com um monte de flores em volta dela, e o rosto de fora. Mas eu olhava para aquilo e não sabia o que estava acontecendo [...] Lembro de situações assim: “Sua mãe foi para o céu”. E eu perguntava sem ter nem idéia do que seria essa história de céu: “Hã? Foi para o céu? Como assim? Que história é essa de céu? Foi para onde?” [...] Nunca existiu nenhuma conversa comigo sobre o que aconteceu com minha mãe. Ninguém me disse: “vem cá, senta, e vamos conversar um pouquinho”.

E lembro as coisas que foram acontecendo na minha vida, várias coisas aconteceram, mas nunca me dei conta que tinha a ausência, que tinha a falta (de uma mãe)... [...] Ela (madrasta) entrou, assumiu esse papel que depois de um tempo eu percebi que era um papel de cuidadora, mas nunca foi mãe... Mas a gente não se deu conta disso, eu principalmente [...] eu não tinha muita idéia do que era o papel de uma mãe. [...] Hoje eu consigo falar assim: “Da gente, dos filhos da minha mãe, ela era cuidadora, dos filhos dela ela era mãe”. E tinha claramente uma diferença.

Por muitos anos Pedro percebeu a morte da mãe apenas como um fato como outro qualquer em sua vida, sem despertar sentimentos ou lembranças. Porém, entende que isso se deu porque, em primeiro lugar, não compreendeu o que era a morte, recebendo informações escamoteadas e metafóricas que não fizeram sentido para uma criança pequena; e, em segundo lugar, não sabia ao certo qual papel uma mãe tinha na vida de uma criança, recebendo os cuidados físicos necessários, principalmente por parte da madrastra, contudo sempre sentindo falta de algo, sem saber nomear esta falta, que hoje compreende que era de afeto e proteção maternos.

Me lembro que como ela morreu no mês de agosto e é início de aulas, pós-férias, eu fui levado para escola. Eu não estava na escola antes disso, eu tinha 5 anos e não freqüentava escola. [...] A morte da minha mãe não trouxe essa emoção, mas a ida para escola e ter que ficar lá junto com outras crianças para mim foi horrível. Me lembro que espernei. [...] me lembro que eu chorava, chorava, chorava...

Nós ficamos morando com minha avó por alguns meses. Lembro que eu dormia na mesma cama que minha irmã porque não tinha uma estrutura para receber os 3 irmãos. [...] Pouco tempo depois meu pai chamou uma mulher para cuidar da casa. [...] Mas logo depois meu pai já estava com essa mulher, ela começou a morar com a gente e depois eles se casaram.

Sua mãe tinha papel importante na dinâmica familiar e sua morte trouxe necessidade de mudanças e reorganizações, além da reacomodação nos relacionamentos entre os membros da família. Estas mudanças trouxeram também perdas significativas para a vida de Pedro; sua rotina anterior foi modificada com a entrada na escola e também com a ida para a casa da avó paterna e, mais tarde, com o segundo casamento do pai.

As mudanças e perdas repentinas, juntamente com a agressividade por parte do pai e a falta de acolhimento por parte da madrasta, trouxeram ao pequeno Pedro sentimentos de desamparo e desproteção.

2) Tipo de morte

Perdi minha mãe quando eu tinha 5 anos de idade. Ela morreu após o parto de uma das minhas irmãs. [...] Na época da morte eu estava com 5, minha irmã com 6, e a outra irmã tinha acabado de fazer 8 anos.

A mãe de Pedro era jovem, com a vida inteira ainda pela frente por viver. Tinha poucos anos de casada e três crianças pequenas para criar, ver crescer, se desenvolver e se tornarem adultos. Porém, ao dar à luz à sua quarta criança, encontrou a morte. Uma

morte precoce e abrupta, sem tempo para despedidas ou preparações prévias por parte de sua família, nem de ordem prática ou em aspectos psíquicos e emocionais. Além disso, ocorre em um momento inesperado, pois o nascimento de uma criança é geralmente ocasião de alegria e comemoração, tempo de começos e não de fins.

3) A relação com o pai

Eu tinha medo dele (do pai). A educação que tive com meu pai era uma educação muito agressiva, muito na base da violência. Eu não tive mãe, não tive afeto, e do meu pai tive uma relação que eu queria distância, porque eu tinha o oposto do afeto, tinha agressão... Eu fui agredido muitas vezes pelo meu pai. [...] Com meu pai não tinha diálogo, ele trabalhava durante o dia e quando estava para chegar em casa eu saía mais cedo para ir para escola, isso porque eu só tinha que atravessar a rua, mas saía para não encontrar com ele.

Eu só tive a experiência de relação com uma madrasta e com um pai que nunca deram um carinho. [...] e acho que esse meu jeito de ser tem a ver com o modelo que tenho de relação interpessoal, que é um modelo assim: distância. Minha terapeuta, que foi uma pessoa que ajudou a resgatar muito isso, conta que quando me conheceu eu dava um meio abraço, a gente ia se abraçar e eu dava um pedaço de lado, eu não sabia abraçar porque eu nunca tinha sido abraçado. [...] meu pai nunca me abraçou.

Após a morte da mãe, além de sentir necessidade e falta de acolhimento e carinho por parte de seu pai, Pedro ainda sentia-se desprotegido neste relacionamento, sentindo medo da agressividade daquele que esperava que o protegesse. Assim, a relação que tinha com o pai era de distância e violência.

Para lidar com estas dificuldades na relação, afastou-se ainda mais, vivenciando não apenas uma orfandade de mãe, mas também de pai, ainda que este estivesse vivo. E, sentindo não poder confiar e contar com o pai ou com outros adultos próximos, assumiu cada vez mais solitariamente as responsabilidades por sua própria vida desde pequeno.

4) Crenças adquiridas

Nunca existiu nenhuma conversa comigo sobre o que aconteceu com minha mãe. [...] A imagem que tenho seria assim se eu fosse resumir: “Olha, sua mãe morreu, tá? Agora toca sua vida”. É obvio que ninguém falou isso para mim, mas analisando o passado, embora não tenham falado isso, a sensação que tenho é que foi isso mesmo, que foi desse jeito: “Agora você toca sua vida sem ela, tá? E esse é o esquema”. [...] E a partir daí, e acho que até hoje, sou uma pessoa muito independente.

Pedro perdeu a mãe de maneira precoce e repentina quando era ainda muito pequeno e recebeu informações que o deixaram ainda mais confuso com a situação; além disso, vivenciou outras mudanças e perdas em curto espaço de tempo em decorrência da reorganização da família; tudo isso somado à agressividade do pai, à sensação de ser tratado pela madrasta de maneira diferente dos filhos dela, e a dificuldade de encontrar acolhimento em qualquer outro adulto mais próximo, fizeram-no acreditar que precisaria se cuidar sozinho, sem pedir ajuda e sem dividir seus problemas com ninguém. Parece que a crença serviu como um apoio naquele momento de pouco acolhimento, porém esta persistiu e o acompanhou até a vida adulta, tornando-se em muitos momentos um aspecto indesejado trazido da infância; refere ter tido dificuldades até de aceitar presentes, pois tinha esta idéia fixa de que era preciso ser independente, o que significava fazer tudo sozinho sem depender em nada de ninguém.

Minha irmã fala que a nossa mãe era superprotetora com a gente, era bem acolhedora. [...] Acho que perdi a chance de viver o momento do afeto na minha infância, como consequência da morte da minha mãe. [...] A perda influenciou minha vida no sentido de ser muito mais seco [...] eu não sou uma pessoa tão afetuosa com as pessoas. Então acho que essa questão do dar e saber receber afeto tem influência da ausência da minha mãe.

Pedro acredita que sua mãe era uma pessoa afetiva, acolhedora e protetora. E, se estivesse viva, desenvolveria com ela uma relação amorosa e teria se tornado, com as influências desta relação, uma pessoa mais afetiva e sensível com os outros.

Não seria possível prever se a relação com sua mãe iria ajudá-lo a desenvolver também qualidades de afetividade, mas, mais importante do que poder fazer esta previsão é poder perceber que Pedro carrega a sensação de que algo bom morreu junto com sua mãe, e esta crença pode ser expressão da falta de afeto, acolhimento e proteção que Pedro sentiu em sua vida, e que dificulta também que seja mais afetivo com os outros.

Na fase adulta:

5) Características pessoais e sentimentos recorrentes

Pedro reflete sobre suas vivências relacionadas à perda da mãe, e entende que algumas características pessoais que possui guardam ligação com estes momentos. Traz em seus relatos cinco principais aspectos:

A perda influenciou minha vida no sentido de ser muito mais seco, muito racional, nunca dar muita bola para emoção... eu não sou uma pessoa tão afetuosa com as pessoas. [...] e acho que esse meu jeito de ser tem a ver com o modelo que tenho de relação interpessoal, que é um modelo assim: distância. [...] Então acho que essa questão do dar e saber receber afeto tem influência da ausência da minha mãe.

Percebe que tem dificuldades em dar e receber afeto.

[...] como essa coisa que parece que eu assumi para minha vida, que é o seguinte: “Agora você toca sua vida, tá?”. E a partir daí, e acho que até hoje, sou uma pessoa muito independente. Se tenho algum problema, eu resolvo. Sempre fui muito assim: “Não vou consultar ninguém, não preciso consultar ninguém, eu resolvo meu problema. A vida inteira foi assim, eu tive que lutar para conseguir as coisas que eu queria”. Às vezes as pessoas queriam me dar alguma coisa [...] eu não aceitava. Porque achava que tinha que conseguir com os meus próprios esforços. Hoje graças a Deus eu mudei [...] Mas acho que ainda tem uma coisa muito forte em mim, que é essa coisa assim de tocar a vida sozinho...

Tem dificuldades em aceitar ajuda (auto-suficiência).

Hoje eu ainda continuo muito independente, aliás, não só independente como dominador. Eu tenho a tendência de tomar decisão. Eu acho que a grande crise que tive de relacionamento no primeiro casamento foi por não conseguir lidar com o compartilhar tarefas e achar que tudo é minha responsabilidade. [...] Esse meu jeito de ser acho que é muito por conta do que senti na infância: “Oh, toca sua vida aí, porque daqui para frente é você e Deus”.

Tem a tendência a assumir e controlar tarefas e responsabilidades, incluindo as que não são suas (tendência a ser controlador).

Na época eu já dava aulas e gostava muito de crianças na idade de 5 anos e me apegava muito a essas crianças. [...] Sempre fui muito afetivo com crianças, sempre gostei de trabalhar com elas.

É afetivo com crianças pequenas.

Quando alguém perdia alguém eu não conseguia sentir a mesma dor, aquela questão da empatia eu tinha dificuldade de sentir. [...] Antes eu não sentia nada, não aceitava sentir. Toda vez que alguém passava por um momento de dor eu falava assim: “Vai passar, não se preocupa não, daqui um tempo você não vai sentir mais nada”, eu falava tentando ignorar a dor da pessoa. [...] Eu pensava: “Está chorando por quê? Nossa, que choradeira é essa? Todo mundo morre! Então vamos aceitar!”. Só faltava eu falar assim: “Oh, vamos aceitar e toca sua vida, tá?” [...] Para mim foi bom ter passado por essa situação de vivência do luto pela minha mãe, porque hoje consigo sentir a dor da perda, inclusive dos outros, e respeitar, hoje eu consigo respeitar a dor dos outros.

Atualmente consegue ter empatia com aqueles que sofrem. Ressalta que, antes do processo de ressignificações de perdas que se iniciou com o divórcio, não conseguia lidar com o sofrimento e, quando tinha contato com alguém que estava sofrendo, sentia irritação. Após este processo de compreensão de si, tem conseguido acolher e ser mais compreensivo com pessoas que estejam em sofrimento.

Hoje percebe que algumas destas características pessoais que descreveu acima contribuíram para a crise e separação no primeiro casamento. E, após o divórcio e o

engajamento em um processo psicoterapêutico, aponta que consegue lidar melhor com suas dificuldades, e que busca ser diferente em seu segundo casamento.

6) Relacionamentos amorosos

Acho que a grande crise que tive de relacionamento no primeiro casamento foi por não conseguir lidar com o compartilhar tarefas e achar que tudo é minha responsabilidade. Minha mulher (atual esposa) já é o oposto, ela tem a tendência de deixar tudo para o outro, porque a mãe sempre a superprotegeu. Então imagina só, eu com a educação que tive sem proteção nenhuma, tinha que fazer minhas coisas, correr atrás, e me caso com uma mulher que tem a tendência de deixar os outros fazerem por ela. Mas hoje consigo perceber isso, então me distancio e falo: “Vamos dividir tarefas”. [...] Vira e mexe eu preciso falar assim: “Olha, eu não preciso decidir as coisas por você, você é quem decide”. [...] Nós já estamos casados há dois anos e meio e ela já está com uma autonomia muito maior. Mas, teve um momento que ela chegou a deixar tudo na minha mão... E imagina eu, que tenho essa facilidade de assumir as coisas... mas eu já passei por um casamento e tomei muito na cabeça por conta desse meu jeito. Meu primeiro casamento entrou em crise e não foi para frente. Justamente talvez porque eu não conseguia lidar com essas dificuldades. Tinha as questões do relacionamento, tinha as questões dela, mas tinha também as minhas questões, e era preciso me ver. Acho que consegui me ver mais depois que passei por esse processo de resgate, e consegui enxergar um pouco mais o lado da outra pessoa. Esse meu jeito de ser acho que é muito por conta do que senti na infância: “Oh, toca sua vida aí, porque daqui para frente é você e Deus”.

As dificuldades emocionais nas relações familiares, principalmente com o pai e a madrasta, contribuíram para que Pedro se tornasse uma pessoa com características de auto-suficiência e que tem a tendência a controlar as situações e as pessoas. Percebe que estes aspectos de sua personalidade trouxeram dificuldades ao seu primeiro casamento, que culminou em divórcio.

Os difíceis momentos da separação e da aceitação deste rompimento afetivo impulsionaram Pedro a se engajar em um processo psicoterapêutico e de ressignificações das perdas, o que considera que foi um período de aprendizado. Hoje está casado novamente e tem percebido e conseguido lidar melhor com as características

pessoais que desenvolveu desde a infância, estando consciente que podem prejudicar sua relação. Exemplifica com a situação do casamento atual, em que faz esforços no sentido de modificar seus comportamentos passados.

7) Perda e morte

Passei em 2001 por um divórcio, que foi extremamente doloroso. Não aceitei, briguei muito, perdi a cabeça e fiz muitas coisas irracionais. Tive vontade de acabar com a minha vida, a vida perdeu o sentido sem minha ex-mulher. [...] Eu tive que viver o luto da perda do meu casamento, e foi extremamente doloroso. Fui fazer terapia e tive que reelaborar um monte de questões ligadas à perda. [...] Sofri no término do casamento o que não sofri na perda da mãe. [...] então consegui lidar e hoje lido muito melhor com perdas. Continuo sentindo dor pelas perdas, mas lido muito melhor. Sei que tudo o que tenho hoje posso perder, estou sujeito a perder. Isso é uma realidade na vida do ser humano. Mas hoje encaro a perda de uma maneira muito mais tranqüila. [...] Foi muito ruim, mas depois de um tempo, posso falar o seguinte: “Foi um privilégio ter passado por esse processo”. Aprendi muito. [...] Hoje está muito mais tranqüilo, hoje eu consigo perder com mais facilidade.

Pedro traz o processo de divórcio como um evento importante em sua trajetória de vida. Antes deste tinha mais dificuldades de lidar com perdas e com o sofrimento que estas trazem em seu bojo. Hoje percebe as perdas e o sofrimento como parte da vida de qualquer ser humano, e demonstra estar consciente de que ainda passará por outras perdas ao longo de sua vida, mas ressalta que lidará com elas com outro olhar; olhar de quem sai fortalecido após superar sua dor.

Seguindo adiante:

8) Nos caminhos da ressignificação

Até aquele dia (terapia em grupo) eu nunca tinha chorado a morte da minha mãe. E, aliás, eu nunca tinha sentido falta de mãe. E com aquela mãe (participante do grupo) contando a falta que ela tinha do

filho, das coisas que ela queria fazer com o filho, pensei assim: “Mas eu nunca tive isso...” E de repente eu pensei: “Acho que tanta coisa que eu sentia falta na minha vida, eu descobri... não tive nada disso quando eu era criança”. [...] E desde aquele dia eu chorei muito a morte da minha mãe. O primeiro dia das mães que teve uma atividade na igreja com as mães, aí eu chorei! Minha irmã estava do meu lado e nós dois choramos, choramos, choramos. E descobrimos que a gente tinha perdido uma mãe! E tivemos que refazer esse luto... tivemos que sofrer o luto que a gente não sofreu naquela época. Então comecei a procurar minha irmã mais velha para perguntar coisas da minha mãe: “conta o que você lembra”, eu pedia para ela. E ela começava a contar as coisas e eu chorava, e ela chorava também.

Foi muito importante ter vivido o luto, ter chorado pela morte da minha mãe. Acho que me tornei uma pessoa mais completa. [...] comecei a perceber que a dor tem um significado na vida e que o luto tem um significado na vida. E acho então que eu fui aprendendo, inclusive com outros Grupos de Encontro (terapia em grupo) que participei e de conversas com a terapeuta, sobre a idéia de começar a me tornar uma pessoa mais inteira. A partir desse resgate pude resgatar uma parte da minha história e pude entender um pouco porque eu sou como sou, e acho que isso foi extremamente saudável para mim.

A psicoterapia foi um dos principais meios que Pedro buscou para lidar com as perdas em sua vida, do primeiro casamento e da mãe na infância. Encontrando aí um ambiente acolhedor para poder chorar sua dor e para ampliar seu autoconhecimento. Outro meio que o ajudou nas ressignificações de sua vida foi o resgate de sua própria história, conversando e perguntando para familiares próximos sobre lacunas que ficaram em seu passado. Pedro percebe que todo este processo o tem ajudado a se tornar uma pessoa mais integrada, incluindo em sua vida tanto os momentos de alegria, como os momentos de dor.

Na época eu já dava aulas e gostava muito de crianças na idade de 5 anos e me apegava muito a essas crianças. Ela (psicóloga) então falou que talvez esse amparo que eu gostava de dar, e o papel de pai que eu fazia para essas crianças, talvez fosse porque eu queria dar um amparo a elas que não tive. Sempre fui muito afetivo com crianças, sempre gostei de trabalhar com elas.

Outro meio importante que o tem ajudado a ressignificar sua história é a sua profissão; Pedro é professor e dá aulas para crianças. Hoje percebe o quanto afeto,

acolhimento e proteção são importantes na vida destes pequenos, assim, através do seu trabalho, tenta passar a eles aquilo que lhe faltou em momentos difíceis de sua vida.

9) A permanência do vínculo

Eu não tenho muita memória da minha mãe porque nunca foi trabalhada essa memória, e fui só começar a lembrar de coisas da minha infância nesse dia (na terapia em grupo). [...] Resgatar uma imagem muito tempo depois, muitas imagens já se perderam. Se tivessem trabalhado essas imagens quando eu era menor, se tivessem conversado comigo, lembrado de cenas, se tivesse fotos, mas meu pai nunca foi de tirar foto, tanto que eu não tenho uma foto decente da minha mãe.

Minha irmã fala que a nossa mãe era superprotetora com a gente, era bem acolhedora. [...] Mas eu não lembro... Infelizmente não tenho muitas lembranças, eu queria ter... Eu falo, eu queria ter mais fotos [...] Hoje tenho um arquivo digitalizado de fotos que consegui recolher da minha mãe, pouco antes do meu segundo casamento. Então fui à casa da minha avó, dos meus tios, dos meus irmãos, e fui catando as fotos, e montei uma pasta de fotos com tudo que consegui pegar da minha mãe e da minha infância, que não é muita coisa não.

Pedro demonstra que, mesmo que sua mãe não esteja presente fisicamente, continua sendo uma figura importante em sua vida. E, após o início do processo de ressignificações, as lembranças relacionadas a ela tornaram-se parte significativa de sua história. Um sinal disto é a busca cuidadosa e o reparo de fotografias em que a mãe apareça. Outra maneira de lembrá-la são as recordações a respeito dela contadas por suas irmãs mais velhas, que se tornaram muito importantes. Destas maneiras ele pode então permanecer em contato com aquela com quem conviveu pouco tempo, mas que ainda assim passou momentos significativos com os filhos e faz parte da história deles.

10) Buscando o melhor para si

Comecei a trabalhar muito cedo, aos treze anos já comecei trabalhar, para ter o meu dinheiro, para comprar a minha roupa. [...] Eu fiz um tempo de faculdade fora de São Paulo, aí fui me virar sozinho

mesmo... Eu fiz um ano fora de São Paulo, na federal de Uberlândia, depois voltei para São Paulo, prestei vestibular de novo e terminei a faculdade na USP.

É possível notar no relato de Pedro as dificuldades pelas quais passou desde a infância, principalmente nas relações familiares após a morte da mãe. E, apesar do que viveu, tem buscado, desde muito jovem, o que considera ser o melhor para si. Demonstra satisfação com sua profissão, na qual pode ajudar crianças e, na vida pessoal, tem buscado construir em seu segundo casamento uma relação saudável.

3.2. LUISA

SUA HISTÓRIA

Luisa nasceu no sertão da Bahia e, quando tinha 1 ano e 6 meses de vida, sua mãe biológica, sem condições financeiras e sem o apoio do pai, a doou para outra família criá-la, composta por mãe, pai e 2 filhos bem mais velhos que a menina adotada. Sua mãe adotiva cuidou dela até seus 7 anos de idade, quando veio a falecer de maneira abrupta em um acidente automobilístico violento, presenciado por Luisa. Após a morte da mãe, continuou morando com o pai e irmãos adotivos, porém sofria diariamente com as agressões físicas praticadas contra ela pelo pai e um dos irmãos que eram alcoolistas. A menina teve que assumir as responsabilidades que eram da mãe nos trabalhos domésticos e da roça, tendo que parar os estudos, perdendo assim o direito de ser criança. E, após 2 anos da morte da mãe, este quadro se agravou, pois o pai adoeceu e teve múltiplas complicações de saúde, – derrame cerebral, epilepsia, diabetes, amputamento de perna – e Luisa tornou-se sua única cuidadora. Durante 10 anos em

que se dedicou a ele não pôde estudar, namorar, raramente saindo de casa, o que apenas teve fim com o falecimento dele quando ela tinha 19 anos. Após a morte do pai, mudou-se para São Paulo para morar junto com o outro irmão adotivo. Casou-se há nove anos e mora com o marido e os 2 filhos do primeiro casamento dele. Fez supletivo até terminar o ensino médio, e hoje cursa a faculdade de Pedagogia.

SUAS SIGNIFICAÇÕES

No começo:

1) As perdas

Minha infância não foi boa. Eu não conheci meus pais verdadeiros. [...] Minha tia conta que minha mãe biológica me deu porque não podia cuidar de mim, não tinha dinheiro, e o meu pai a abandonou [...] Depois que deu todos os filhos ela sumiu. Ninguém soube mais dela, nem se está morta ou viva.

Minha mãe adotiva tinha dois filhos e queria ter uma menina, mas não conseguia. Quando soube que tinha uma mulher doando, foi lá e me pegou. [...] Ela era muito carinhosa comigo, era uma mãezona. [...] Mas ela morreu quando eu tinha 7 anos, ela faleceu de acidente de automóvel.

Luisa vivenciou as perdas de duas mães quando pequena: o abandono da mãe biológica e a morte da mãe adotiva.

Meu pai não me falou que minha mãe tinha falecido. [...] todo o pessoal que morava na roça, perto de onde eu morava veio para o velório, e eu achei muito esquisita toda aquela movimentação. [...] Quando eu ouvi minha tia falando eu disse: “Tia Dê, eu sei que ela morreu, pode falar, eu estou escutando”. Então ela me abraçou e começou a contar que ela ia ficar comigo e que ia cuidar de mim. Porque minha mãe pediu antes de morrer para o Gilmar (um dos enteados da mãe adotiva, filho apenas do pai adotivo) cuidar de mim, porque era o único em quem ela confiava, porque eu não tinha ninguém mais no mundo. Ela tinha muita preocupação de me deixar sozinha, porque o meu pai bebia e batia nela.

No momento em que soube da morte da mãe Luisa foi acolhida por uma tia, que a tranqüilizou sobre como seria sua vida a partir da perda. Pois, a morte da mãe representava também a perda dos cuidados e proteção que esta tentava exercer sobre Luisa para que não apanhasse do pai e irmão, quando estes estavam bêbados. Porém, a promessa da tia não foi cumprida e, após o falecimento da mãe, precisou proteger-se e fugir sozinha da constante violência doméstica da qual virou um alvo fácil.

Depois que minha mãe faleceu, eu fiquei morando com meu pai. Ele me tirou da escola, porque disse que escola não dava futuro e que eu tinha que ir para roça. Eu estava no catecismo, mas ele me tirou também. Fiquei triste porque eu gostava de estudar. Ele era analfabeto e achava que estudar não era importante. [...] e eu comecei a fazer todas aquelas coisas que minha mãe fazia. Eu ia para roça todos os dias às 5 horas da manhã para plantar, espantar passarinho e outras coisas, quando era umas 11 horas eu vinha para cozinhar. [...] Eu fazia coisas de adulto quando eu era criança, por isso acho que amadureci muito rápido.

A morte repentina da mãe adotiva trouxe consigo mudanças drásticas para a vida da pequena Luisa; a interrupção abrupta das atividades comuns da infância, como brincar, estudar e ser cuidada, para assumir responsabilidades de um adulto, como trabalhar e cuidar da casa, não podendo mais ser criança.

[...] no começo eu guardava mágoa, quando eles (pai e irmão) me maltratavam eu tinha muita raiva deles, eles me batiam porque eu era pequena, eu fui espancada desde que minha mãe faleceu, e eu tinha até vontade de matar eles. [...] Eu tinha tanto medo dele (irmão) que quando eu o via me escondia de medo. Às vezes eu até mijava nas calças de verdade de tanto medo, porque eu sentia que ele ia me bater. Às vezes eu ficava no mato chorando sozinha, escondida dele e do meu pai.

[...] eu não era feliz... por causa de todo esse sofrimento, trabalhar em roça, cuidar da casa sozinha, não ter nenhum conforto, nunca assistir um desenho, eu não brinquei, nem tive mais boneca depois que minha mãe morreu, não tive mais infância, por isso que eu não era feliz. Eu não saía, chorava sozinha, não tinha ninguém, não confiava em ninguém, às vezes eu achava que eu era maluca porque ficava conversando sozinha. Acho que eu não tinha ninguém para conversar e ficava então conversando sozinha.

Alguns dos sentimentos que relata sobre esta época são: mágoa/raiva/vontade de matar o pai e o irmão pela violência doméstica sofrida constantemente; medo/pavor de apanhar deles; tristeza por perder a infância; grande solidão, a ponto de acreditar que estava enlouquecendo.

2) Tipo de morte

Ela (mãe) faleceu de acidente em um lugar que se chama Caatinga, ela foi visitar os parentes dela. [...] eu vinha em cima na carroceria, eu, meu irmão e o José, meu pai adotivo. E minha mãe, minha prima e o motorista estavam na cabine da caminhonete. Era noite, umas 22hs, e de repente aconteceu o acidente, a porta da caminhonete abriu e ela caiu e o motorista não viu, nós ouvimos os gritos dela e ficamos batendo na cabine, mas só depois de uns 5 km o motorista parou, o pneu tinha passado pela barriga dela. Eu lembro que as marcas dos pneus estavam certinhas na barriga dela, e que a vagina dela estrangulou, porque ela caiu em cima de um toco, e ela chorava e gritava. É igual quando se mata um porco, o sangue fica espirrando, e eu via sangue para tudo que era lugar. Eu fiquei apavorada! Meu pai rasgou a camisa dele e amarrou nela. E a Caatinga era muito longe da cidade mais próxima [...] Ela ficou da cor de um papel, porque perdeu muito sangue. [...] Eu tinha 7 anos, mas eu estava vendo tudo aquilo ali, tinha tanto sangue, e o meu irmão começava a chorar, eu também, meu pai também. Aquela cena eu não esqueço nunca, às vezes eu vejo tudo na minha mente, a cena dela caída, indo gritando até o hospital... Ela foi acordada até o último momento, mas tinha horas que ela parava porque a dor era tão forte [...] Então na mesa de operação mesmo ela faleceu.

A morte da mãe adotiva de Luisa foi uma morte precoce, abrupta e violenta. Além disso, ela, o irmão e o pai presenciaram a cena marcante da mãe agonizando, após o atropelamento, sendo levada para o hospital. Luisa relata uma cena violenta e com muito sangue, na qual sentiu pavor e desespero, dada a gravidade e impotência da situação, pois o acidente aconteceu em um lugar muito distante de uma cidade com atendimento médico. Por tudo isso, esta é uma cena presente e persistente até os dias de hoje. Relembra em detalhes o que aconteceu naquela noite; uma imagem que não se apaga de dor, sofrimento e medo.

Assim, a morte da mãe chocou Luisa, pela violência presenciada na situação e também por trazer grandes mudanças para sua vida em um curto espaço de tempo.

3) A relação com o pai e com os irmãos

Tenho certeza que ela (mãe) está no céu porque era uma mulher muito boa e sofreu muito, meu pai maltratava muito ela [...] ele batia muito nela e ele batia em mim também [...] Então nós duas corríamos para dentro do mato, e muitas vezes dormimos dentro do mato mesmo, escondidas. Me lembro que eu dormia no colo dela, lá no mato, porque eu era bem pequena. Ele gritava: “Maria, volta para casa que eu vou te matar”. Dava tanto medo que a gente até tremia. [...] Depois que minha mãe morreu fiquei morando com esse meu pai e também com os meus 2 irmãos, filhos da minha mãe. Quando meu irmão, o mais novo, fez uns 20 anos ele veio embora para São Paulo, porque ele não agüentou meu pai. Esse meu irmão me protegia, tanto do meu pai quanto do outro irmão, o mais velho, que também bebia e me batia. O meu irmão mais velho bebia muito e me espancava [...] Eu tenho muita mágoa... nem sei se é mágoa, mas eu não gosto dele, já o outro irmão eu adoro.

Na época que o meu pai andava nas vendas bebendo, eu ficava sozinha em casa e um primo tentou me estuprar. [...] Eu tinha uns 11 anos, eu senti que alguém estava tirando as telhas para pular no meu quarto e quando percebi saí chorando para pedir ajuda. Então fui dar parte na polícia, eu e o seu Valdo, meu vizinho, porque meu pai mesmo não estava nem aí, então a polícia foi atrás dele (do primo). Mas Deus foi muito bom comigo, sempre me protegendo, porque eu era muito sozinha, não tinha ninguém mesmo na vida.

Após a morte da mãe, além de não ter acolhimento ou carinho por parte de adultos próximos, Luisa estava completamente desprotegida no relacionamento com o pai e o irmão mais velho, aqueles que deveriam ser seus cuidadores. O irmão mais novo, o único que poderia dar-lhe um pouco de proteção, não suportando os abusos do pai, deixa a casa e deixa Luisa ainda mais vulnerável à violência doméstica. Ficam na casa apenas ela, o pai e o irmão mais velho, tornando-a um alvo fácil para os abusos físicos e emocionais exercidos com frequência pelos dois sobre ela.

Para sobreviver Luisa resignou-se, por acreditar que não tinha como enfrentá-los ou como sair daquela situação por ser muito pequena. O único meio de proteger-se era

fugir e esconder-se até que o efeito do álcool fosse amenizado e estivessem um pouco mais sóbrios.

Depois de uns 2 anos que minha mãe faleceu, meu pai ficou doente, e comecei a cuidar dele sozinha [...] E nisso eu trabalhava na roça ajudando meu irmão e também cuidava do meu pai, criava galinha, porco, tirava leite, eu fazia tudo. Depois de um tempo meu pai apresentou um problema na perna e o médico disse que teria que amputar. [...] Ele não conseguia fazer nada e eu tinha que levantar ele sozinha, porque o meu irmão andava bêbado, meu outro tio andava bêbado também, eles viviam bêbados. [...] olhava para os quatro cantos, mas era só eu e Deus [...] eu tinha que dar tudo na boca dele, e o pior é que ele me xingava de tudo que era nome [...] Eu cuidava dele sozinha e não estudava, não namorava, não fazia nada da vida. [...] Mas eu queria muito estudar, eu adorava estudar, mas não dava. Eu dediquei minha vida inteira só a ele.

Suas dificuldades se agravaram quando, algum tempo depois da morte da mãe, o pai adoeceu e Luisa se tornou sua cuidadora, passando agora a alimentar, carregar, dar banho, trocar, limpar, enfim, dedicar-se completamente a um pai que nunca cuidou, mas pelo contrário, apenas abusou dela e, mesmo doente, continuou abusando emocionalmente. Cuidou do pai por 10 anos, vivendo em função da vida dele em detrimento da sua própria vida até seus 19 anos de idade, quando ele faleceu.

Assim, não houve uma relação de pai e filha ou uma relação fraterna com o irmão mais velho, tornando-se, após a morte da mãe, totalmente órfã e sozinha no mundo. Em meio a essa solidão e desamparo desde pequena, Luisa fala de Deus como a única figura cuidadora e amorosa presente em sua vida, protegendo-a e livrando-a de perigos maiores.

4) Crenças adquiridas

Ela era uma mãe maravilhosa, deixava de comprar as coisas para ela para dar para mim. Tudo que eu quisesse ela me dava, e eu tinha de tudo. Ela tinha uma venda, onde tinha balas, doces, e tudo que eu pedisse ela me dava. Ela era muito carinhosa comigo, era uma mãezona!

Luisa afirma que sua mãe tinha muitas qualidades, aproximando-se de uma mãe ideal. Acredita que ela era uma pessoa muito boa, e que a supria completamente, tanto material como emocionalmente.

Sobre este aspecto, mais importante do que poder verificar se esta crença está baseada em informações reais ou não, é poder perceber que Luisa carrega a sensação de que algo bom morreu junto com sua mãe, e esta crença pode ser expressão das faltas que sentiu em sua vida; materialmente, além de não ter sido suprida com brinquedos e roupas, teve que trabalhar desde pequena até para poder se alimentar e, emocionalmente, sofreu com a falta afetiva e de cuidados básicos, que qualquer criança precisaria receber.

Na fase adulta:

5) Características pessoais e sentimentos recorrentes

Eu amadureci muito rápido, acho que foi o sofrimento...

Com a morte da mãe e, conseqüentemente, com a violência doméstica sem proteção, e a necessidade de cuidar sozinha do pai, sua infância e adolescência não tiveram espaço em meio às muitas responsabilidades, morrendo também seus tempos de menina, para entrar em uma vida adulta aos 7 anos de idade. Em meio ao sofrimento e à necessidade de assumir tarefas de um adulto sente que amadureceu emocionalmente mais rápido do que outras crianças e adolescentes da sua idade.

Além do precoce amadurecimento que experimentou, traz também em seus relatos quatro principais aspectos pessoais que faz ligação com as vivências passadas: um esgotamento físico-emocional; uma sensação de ser diferente por ser órfã; o medo

de relembrar o passado e sofrer; a falta de sentimentos negativos em relação às pessoas que lhe fizeram algum tipo de mal.

Acho que eu não agüentaria trabalhar e fazer faculdade ao mesmo tempo. Não é que eu seja mole não, mas acho que sofri tanto, trabalhei tanto, que esgotou alguma coisa dentro de mim, eu não tenho aquele pique que eu tinha antes...

Luisa teve uma sobrecarga de trabalho juntamente com uma sobrecarga de sofrimento quando ainda tinha pouca estrutura física e emocional para suportar e, provavelmente, as responsabilidades que acumulava naquela época seriam demais até mesmo para uma pessoa adulta. Isso a conduziu a um esgotamento físico-emocional que poderia ser comparado ao fenômeno de ‘burnout’, que pode ser traduzido para o português como ‘combustão completa’, e descreve um estado de fadiga prolongada e diminuição de interesse, desenvolvidas como resultado de um período de esforço excessivo no trabalho com intervalos muito pequenos para recuperação (Sá, 2006).

Quando chega o Natal, dia das mães, dos pais, eu vejo minha família, quer dizer, a família do meu esposo, muito unida, eles se abraçam, dão presentes [...] quando eu vejo as minhas cunhadas dando presentes para minha sogra eu sinto falta da minha mãe (chorando)... Mas a minha sogra é como minha mãe, ela me adora, ela é maravilhosa para mim. Mas nesses dias eu sinto mais falta. Fico pensando que todo mundo tem mãe, menos eu.

Há ainda uma sensação de ser diferente por não ter mãe, que se estende a não ter família e por não ter podido brincar, estudar ou ser cuidada como a maioria das pessoas foi; o que é uma sensação que traz à tona sua dura realidade, ou seja, realmente teve uma infância e adolescência diferentes da maioria, diferente do que deveria ter sido.

Eu não gosto de ficar muito tempo sozinha, acho que é porque vivi muito sozinha na minha infância. Uma vez eu quase entro em depressão porque sempre meu esposo tinha que levar os meninos para os jogos, e muitas vezes eu não queria ir, então eu ficava muito tempo sozinha em casa. Eu ficava muito triste, começava a lembrar tudo o que aconteceu na minha infância e começava a chorar. Isso eu nunca

contei para ele. Por isso eu não gosto de ficar sozinha. Acho que se eu ficar muito sozinha eu entro em depressão rapidinho.

O medo de ficar só e com isso dar espaço às lembranças do passado está constantemente presente em sua vida, expressando o medo de sofrer ainda mais.

Às vezes fico pensando que eu deveria ser uma pessoa muito revoltada com tudo, mas não sou revoltada, não guardo mágoa de ninguém. [...] Mas no começo eu guardava mágoa, quando eles me maltratavam eu tinha muita raiva deles e eu tinha até vontade de matar eles. [...] Mas hoje eu não sou revoltada. Eu nem tenho mágoa da minha mãe biológica também.

Hoje afirma não ter sentimentos de revolta em relação às pessoas que lhe fizeram mal anteriormente. No passado sentiu mágoa, porém hoje não define com clareza qual o sentimento que restou em relação a cada uma destas pessoas que de alguma maneira marcaram sua vida.

6) Relacionamentos amorosos

Nós (ela, o marido e os dois enteados) hoje vivemos muito bem, em casa não tem discussão, nem brigas. Ele cuida de mim... [...] Eu sempre pedia para Deus: “Me mostra uma pessoa que seja meu marido, meu amigo, meu irmão, que eu possa me abrir com ele, e não importa se tenha filhos ou não”. E o João é do jeitinho que eu pedi para Deus. Ele é muito bom comigo, é maravilhoso! Tudo que eu peço ele me dá, não me falta nada. Eu tenho cartão de crédito para comprar as minhas coisas, tenho convênio, celular, eu tenho tudo. Posso dizer que eu sou realizada hoje.

O abandono, o desamparo, a solidão e os maus-tratos contribuíram para que Luisa se sentisse insegura e desconfiada na relação com outras pessoas, incluindo-se os relacionamentos amorosos. Pediu a Deus, o único que não a abandonou, aquele que hoje é seu marido. Abriu-se a uma relação com ele e atualmente têm um casamento que já dura nove anos.

Refere que está feliz com a convivência dentro de sua casa com o marido e com os dois enteados. Está também satisfeita com a relação que tem com o marido, pois este a ama e cuida dela, suprimindo-a material e emocionalmente, aspectos ausentes na maior parte de sua vida.

Eu tenho muito medo de um dia o João falar para mim: “Luisa, não dá mais e eu vou te deixar”. Não sei o porquê desse medo. Tudo bem que eu também tenho o meu irmão que cuida de mim, mas eu tenho muito medo.....(chorando).... Meu irmão é maravilhoso comigo, ele está sempre presente na minha vida, sempre está aqui em casa, mas eu tenho muito medo... Tudo bem que eu estou fazendo faculdade, vou ter um emprego mais para frente, mas eu tenho medo... Eu peço para Deus tirar esse medo de mim, porque esse medo é muito grande. [...] O João nunca falou nada sobre me deixar, mas mesmo assim eu tenho muito medo... Acho que é porque eu amo muito ele, ele foi o meu primeiro homem porque eu nunca namorei. Eu não confiava em ninguém, só no João eu consegui confiar, não sei se é porque ele é mais velho, mas com ele eu consigo conversar, me abrir... Eu tenho muito medo de ficar só... Essa é a coisa que mais vem à minha mente.

Ainda que o casamento esteja correndo bem e que o marido nunca tenha demonstrado vontade de se separar, Luisa sente um medo constante de ser abandonada, chegando a ressaltar que este é seu pensamento mais recorrente. Teme que o que aconteceu e sentiu em sua infância possam novamente estar presentes em sua vida. Assim, ainda que a relação amorosa com o marido em si não apresente dificuldades reais, os fantasmas do abandono e da solidão acabam gerando insegurança e desconfiança onde talvez não precisasse haver.

7) Perda e morte

Luisa, em sua narrativa, não demonstra preocupação significativa em relação a futuras perdas por morte. Mas, relatou uma grande preocupação pela perda do casamento. Porém, seu maior medo não é pela vida do marido ou pelo fim do casamento,

e sim de sentir novamente o sofrimento do abandono, desamparo e solidão vividos na infância.

Seguindo adiante:

8) Nos caminhos da ressignificação

Eu não tenho mágoa da minha mãe biológica, mas eu queria perguntar para ela por qual motivo ela deu todos os filhos. Queria saber se ela me amava de verdade. Chamar de mãe, lógico que não iria chamar porque não convivi, mas tenho curiosidade de saber como ela é, se é parecida comigo, baixa ou alta, bonita ou feia, eu só queria saber essas coisas. [...] Mas ninguém soube mais dela, nem se está morta ou viva.

Uma dessas irmãs minhas eu conheci com 28 anos, casada, mora em Pirituba. E tem uma irmã que eu não cheguei a conhecer porque faleceu. E eu conheci também um irmão que morava perto de mim lá na Bahia. [...] Minha irmã falou que meu pai verdadeiro estava morando aqui em São Paulo, então pedia para ela me levar, mas ela falava que não tinha tempo, estava sempre trabalhando, e terminou que ele faleceu e eu não o vi. Só o vi por foto.

O resgate de sua história e das suas origens tem sido uma das maneiras pela qual Luisa tem procurado compreender as perdas precoces ocorridas em sua vida. A vontade e a busca por conhecer os pais e os irmãos biológicos, quem são eles, como vivem e saber por quais motivos foi dada para adoção e em que situação, são formas de ressignificar e lidar com lembranças e sentimentos, como os de rejeição e abandono.

E teve um dia em que eu estava tão desanimada e uma colega minha me convidou para ir na igreja com ela. Comecei a ouvir o pastor falar e parecia que Deus estava falando comigo, então pensei: “De hoje em diante minha vida vai mudar!” [...] E Deus mudou muito minha vida, depois que comecei a ir para a igreja minha vida mudou muito, muito mesmo. Antes as lembranças ficavam martelando na minha mente e eu achava que iria acontecer tudo novamente. Não fico mais tão triste com as lembranças.

Outro meio que encontrou que trouxe conforto e uma mudança de olhar sobre suas vivências passadas foi a ida para a igreja e a relação com um Deus amoroso, figura já presente em sua vida desde a infância, e com a ajuda do qual sente menos dor ao olhar para as memórias de sofrimento.

Quem sabe um dia eu adoto uma criança, porque meu sonho é adotar uma criança, talvez porque eu também fui adotada. Eu tenho vontade de adotar... acho que porque eu fui muito amada pela minha mãe (adotiva).

Luisa demonstra um desejo significativo de querer adotar uma criança, o que provavelmente também traria transformações relevantes à sua vida. Percebe o quanto uma mãe adotiva pode amar uma criança que foi abandonada, demonstrando também querer salvar e amar uma criança da mesma maneira que aconteceu com ela.

9) A permanência do vínculo

Quando minha mãe faleceu eu a via muito, não sei se era minha mente, ou se eu pensava muito nela, uma noite ela veio me cobrir, e o quarto ficou todo claro, cheio de luz, eu sentia muito a presença dela do meu lado e eu não tinha medo dela.

Luisa relatou em sua narrativa que quando pequena podia ver a mãe em muitos lugares, em muitos momentos, sem sentir medo, demonstrando continuar sentindo sua presença mesmo em meio à sua ausência física. Assim, em meio à solidão e ao desamparo, a sensação da presença da mãe a confortava e a ajudava a sobreviver.

Antes eu tinha a foto dela no meu criado-mudo e eu ficava muito triste, então coloquei no álbum para não ter muitas lembranças... (chorando)...

Hoje, na fase adulta, fala da mãe com carinho e gratidão, e aparenta sentir saudades e sofrimento ao lembrar-se da falta que ela fez. Por essa razão prefere não

pensar ou lembrar da mãe, pois tem medo de não suportar a dor e a tristeza que as memórias podem lhe trazer.

Porém, assim que acabou a entrevista, Luisa mostrou uma foto que guardava com cuidado, e orgulhosa disse que aquela era sua mãe. Assim, ainda que caminhe para o lado oposto das recordações e que tenha convivido com a mulher que a adotou e maternou por apenas 5 anos de sua vida, continua a considerá-la como figura importante e significativa em sua vida.

10) Buscando o melhor para si

Eu não queria ficar lá (Bahia) porque tinha muitas lembranças tristes, e eu queria esquecer todo aquele sofrimento, não lembrar mais de nada, queria sumir. No dia em que eu saí disse: “Agora eu quero ser uma nova pessoa, o sofrimento vai ficar para trás, vou começar tudo de novo”. Vai fazer 12 anos que estou aqui em São Paulo e nunca mais voltei.

[...] pensei: “De hoje em diante minha vida vai mudar! Eu quero mudar!”. Comecei então a fazer a “terapia do amor”, que tinha lá na igreja, que significa que você quer uma pessoa boa para casar. Eu comecei a ir sozinha nestes cultos todos os sábados. De repente eu conheci o João, meu esposo [...] Depois de um mês ele me apresentou a família dele inteira, e me senti em um mar de rosas, porque todo mundo me adorou, eu fui muito bem recebida, bem acolhida, até hoje eu sou, ganhei outra família. [...] Nós hoje vivemos muito bem, em casa não tem discussão, nem brigas. Ele cuida de mim...

Ele (pai) me tirou da escola, porque disse que escola não dava futuro e que eu tinha que ir para roça. [...] só voltei a estudar quando vim para São Paulo, fiz o supletivo com uns 23 anos, eu consegui terminar até o colegial. [...] Hoje faço faculdade aos sábados.

É possível notar no relato de Luisa as muitas adversidades pelas quais passou desde muito pequena. Porém, apesar do que viveu, tem conseguido assumir a própria vida e buscar o que considera ser o melhor para si. Ainda adolescente, após a morte do pai, decidiu vir para São Paulo em busca de uma vida melhor, com menos sofrimentos, procurando estar ao lado de pessoas que a tratem bem. Uma destas pessoas é o seu

irmão, que também deixou sua terra natal em busca de algo melhor. Os outros são o seu marido e a família dele, que têm suprido Luisa de cuidados e afeto, tão ausentes em sua história. E ainda, demonstra satisfação por estar conseguindo avançar em seus estudos e hoje estar cursando uma faculdade.

3.3. REGINA

SUA HISTÓRIA

Regina tem 59 anos e perdeu a mãe aos 8 anos de idade. Porém, desde que nasceu já era cuidada e educada pela tia e avó maternas, pois a mãe sofria com fortes crises de bronquite, sem condições de cuidar da filha, e o pai estava sempre ausente, ora trabalhando ora cuidando da esposa enferma. A mãe morreu por complicações da própria doença que já a acometia há dez anos. Algum tempo após a morte da mãe, o pai casou-se novamente e se distanciou ainda mais, assim sua família acabou por ser apenas ela, a tia e a avó. Regina cursou a Academia de Polícia e trabalhou como investigadora por um curto período de tempo, depois disso fez diversos tipos de trabalho. Esteve casada durante 24 anos e separou-se há quatro anos. Tem uma filha, que mora em outro Estado e hoje é sua única família, pois a avó e a tia já faleceram. Atualmente mora em seu apartamento com uma amiga.

SUAS SIGNIFICAÇÕES

No começo:

1) A perda

Não senti nada em relação à morte da minha mãe. Nada. Eu só sinto falta, óbvio. E gostaria de lembrar mais dela, mas não consigo, o bloqueio foi muito grande mesmo. Fui órfã desde que nasci, porque ela não podia cuidar de mim. Órfã de mãe e pai idem porque ele trabalhava e quando voltava tinha que ficar com minha mãe, e eu ficava com a minha tia e avó na edícula da casa. Elas (tia e avó) foram mães em todos os sentidos; educação, cultura, puseram-me para tocar harmônica porque eu queria, acompanhavam-me em todos os lugares.

Então, depois da morte dela, começou uma outra fase, e que era só eu, minha avó e minha tia. Meu pai ficou com a gente mais uns 3 anos, depois disso casou novamente e foi embora, e fiquei eu na casa com minha tia e minha avó. [...] Tiravam da boca delas (tia e avó) para dar para mim... Elas foram mais do que mães para mim.

Regina perdeu a mãe aos 8 anos de idade, porém vivenciou a real orfandade desde que foi gerada. Ressalta ter sido órfã de mãe e pai vivos antes mesmo da morte da mãe; pois esta não tinha condições para cuidar da filha, e o pai estava constantemente ausente, ora trabalhando muito, ora cuidando da esposa enferma.

Sua mãe já estava doente há muitos anos, antes mesmo de Regina nascer, por isso já não tinha responsabilidades de cuidados com a casa ou a filha, assim a morte da mãe não trouxe muitas modificações de ordem prática para sua vida, continuou a viver na mesma casa e continuou a ser cuidada pela tia e pela avó. A maior mudança foi o novo casamento do pai, a saída dele da casa e um afastamento ainda maior causado pelos ciúmes da segundo esposa.

Regina relata que a morte concreta da mãe não trouxe sofrimento, pois já se sentia órfã, mas parece que sua doença e incapacidade de cuidar dela foram mais marcantes, juntamente com o afastamento por parte do pai após o segundo casamento.

É importante observar que a tia e a avó têm um papel importante neste cenário de orfandade e perdas desde o nascimento. Regina conviveu com a mãe por 8 anos, mas nunca foi maternada ou cuidada por ela, papel sempre exercido pela tia e avó. Assim, estas são os referenciais de figuras maternas em sua vida.

2) Tipo de morte

Minha mãe sempre foi muito doente, perdeu dois filhos antes de mim, um com 7 meses, outro com 3 anos e com o choque ela pegou bronquite emocional, e nunca mais foi uma mulher sã, sempre tinha balão de oxigênio na cabeceira da cama, era um horror! [...] Ela tinha crises imensas de falta de ar, e ficava como morta na cama, sem conseguir respirar. Antes da morte desse meu irmão de 3 anos ela era normal, ele morreu nos braços dela e foi o choque emocional que a fez ficar doente. Depois de uns 2 anos da morte dele eu nasci. E eu tinha 8 anos quando ela morreu. [...] Ela morreu de bronquite mesmo. Ela teve uma crise e atacou o coração, as muitas medicações que ela tomava para poder respirar enfraqueceram o coração, então rompeu uma veia e ela morreu.

A morte da mãe de Regina foi precoce, era ainda uma mulher jovem, com poucos anos de casada e com uma filha pequena. Porém, não foi inesperada, pois já estava doente há dez anos e vinha apresentando crises de bronquite recorrentes, assim provavelmente a cada crise instalava-se um clima de tensão na casa, temendo-se por sua vida.

A situação de doença prolongada e grave mobiliza muitos cuidados e atenção, geralmente a casa gira em torno do doente, além de gerar um clima constante de tensão por este estar em muitos momentos entre a vida e a morte. Assim, é uma situação capaz de gerar sentimentos ambíguos, como amor e vontade que a pessoa morra, ou alívio e

culpa por ocasião da morte. Esta ambivalência é difícil de lidar mesmo para adultos, tanto mais difícil seria para uma criança de 8 anos.

Porém, Regina não relata sentimentos em relação ao longo período em que conviveu com a mãe enferma, afirmando não ter praticamente nenhuma recordação. Também não fala de emoções com o evento da sua morte, ressaltando não ter sentido nada. Relata apenas algumas lembranças de momentos em que a mãe tinha crises de falta de ar e ficava como morta deitada na cama, demonstrando em sua fala uma forma de repulsa destes acontecimentos.

Não é possível afirmar que outros sentimentos não existiram, pois Regina acredita que teve um bloqueio emocional e se pergunta se este não poderia ter ocorrido em função de uma autodefesa para não sofrer. E, quando refletimos sobre a complexidade das circunstâncias que envolveram os últimos anos de vida e a morte de sua mãe, os quais Regina presenciou até os 8 anos de idade, é possível que tenha se protegido emocionalmente de certa maneira para continuar a se desenvolver.

3) A relação com o pai

Fui órfã desde que nasci, porque ela não podia cuidar de mim. Órfã de mãe e pai idem porque ele trabalhava e quando voltava tinha que ficar com minha mãe, e eu ficava com a minha tia e avó na edícula da casa.

A distância na relação com o pai começou muito antes da morte de sua mãe. Este não se envolveu na vida de Regina desde seu nascimento, entregando-a completamente aos cuidados da tia e da avó. Assim, o sentimento que tem é de ter sido órfã de mãe e pai vivos já antes dos 8 anos, idade em que a mãe faleceu.

Então, depois da morte dela, começou uma outra fase, e que era só eu, minha avó e minha tia. Meu pai ficou com a gente mais uns 3 anos,

depois disso casou novamente e foi embora, e fiquei eu na casa com minha tia e minha avó.

A segunda esposa dele nunca permitiu que eu ficasse na casa dela. Eu ia nas datas comemorativas apenas. Nunca ela me chamou para almoçar na casa dela, ou dormir lá. Ela morria de ciúmes dele, ela tinha um gênio desgraçado. E ele, para não viver em guerra com ela, procurava fazer as coisas por traz, escondido dela. Se ele queria me dar algo tinha que ser escondido dela. Isso foi entre os meus 11 anos até a minha fase adulta.

Com a morte da mãe, a relação entre pai e filha continua sendo de distanciamento como já se configurava anteriormente. E esta distância que já existia se torna mais extensa com o segundo casamento do pai, pois sua nova esposa tem ciúmes e passa a rejeitar Regina, a filha do primeiro casamento.

Meu pai casou 3 vezes, mas não teve outros filhos. Meu pai morreu atropelado. [...] Meu pai tinha 50 e poucos quando faleceu. Jovem! Foi uma barra também. [...] Não sei se era medo ou respeito, mas quando eu era pequena sempre conversava com ele com a cabeça baixa, mas depois que a segunda mulher dele faleceu nós ficamos muito amigos. [...] Depois da morte dela (segunda esposa) ele começou a namorar uma moça que morava um quarteirão acima da minha casa, e eu fui madrinha deles de casamento. E foi muito legal, quando minha tia e minha avó iam viajar de férias e eu não podia porque estava trabalhando eu ficava na casa do meu pai e dessa terceira esposa dele, foi um tempo muito bom.

Mesmo com o distanciamento entre ela e o pai desde a infância, Regina parece que sempre esperou e buscou uma relação de maior proximidade com ele, o que apenas foi possível após a morte de sua segunda esposa. Lamenta por ele ter morrido jovem, momento em que estavam aprendendo a ser pai e filha.

4) Crenças adquiridas

Antes de eu nascer os médicos diziam que ela não poderia ter mais filhos... (expressão de interrogação). Eu nasci em casa com parteira, já os meus irmãos nasceram no hospital, mas eu nasci em casa porque não deu tempo de chegar ao hospital. Ela tinha crises homéricas de bronquite, não podia cuidar de mim, então minha tia e minha avó, mãe e irmã da minha mãe, vieram morar conosco, na

edícula que tinha na casa. [...] ela não me dava banho nem comida, quem fazia tudo isso eram minha tia e minha avó, porque minha mãe não tinha condições de cuidar de mim.

A complexidade das circunstâncias que envolveram seu nascimento, ou seja, o nascimento e morte dos irmãos, o veredicto dos médicos dizendo que a mãe não poderia mais ter filhos, a impossibilidade físico-emocional da mãe para cuidar de uma criança pequena, o distanciamento do pai, seu parto ter sido feito em casa e não em um hospital, a criação pela tia e avó desde seu nascimento, possivelmente por todos estes aspectos Regina demonstra acreditar que não foi uma criança planejada e esperada.

Sobre este aspecto, mais importante do que poder verificar se esta crença está baseada em informações reais ou não, é poder perceber que esta pode ser expressão de sua sensação de não ter sido querida pelos pais quando nasceu e nos anos seguintes.

Na fase adulta:

5) Características pessoais e sentimentos recorrentes

Regina traz em seus relatos duas características pessoais que podem estar relacionadas às suas vivências passadas: a quase inexistência de sentimentos e lembranças de aspectos relacionados à mãe; e o bloqueio consciente de pensamentos e sentimentos relacionados a situações de sofrimento.

Eu lembro de quando aconteceu (morte da mãe)... Ela era corintiana roxa e meu pai são paulino roxo, e nesse dia os dois times estavam jogando. E quando aconteceu, quando ela passou mal, eu estava brincando na rua com umas amiguinhas e foi aquela correria, então me levaram para a casa de uma vizinha. [...] Mas não lembro do enterro, dela no caixão, e naquela época se velava em casa.

Lembro vagamente das crises (de bronquite) que ela tinha porque bloqueei totalmente, não me lembro dela mais. Lembro de situações

quando eu tinha um ano de vida com a minha tia, lembro que eu tinha paixão pela minha tia. [...] mas da minha mãe eu não me lembro nada. Não sei por que, mas bloqueei... Acho que não conseguia encarar, enxergar... Até hoje eu não consigo entender isso. Eu tinha contato com ela dentro de casa, ela só não cuidava de mim, mas eu tive contato com ela. [...] Eu não digo que eu não tenha sentido falta da minha mãe, lógico que eu sentia falta, mas o bloqueio foi tão grande... que eu não conseguia lembrar que eu tive uma mãe, foi um bloqueio total. Eu gostaria de entender o porquê deste bloqueio, não consigo entender. Acho que talvez uma autodefesa para não sofrer... acho que pode ser isso.

Regina consegue lembrar-se de fatos de sua vida de quando ainda era bem pequena, porém, a lembrança de fatos que estejam relacionados à sua mãe é quase inexistente, recordando-se sem muita clareza de suas crises de bronquite e do dia de sua morte. Por estes motivos questiona-se se a falta de lembranças e sentimentos em relação àquela que a gerou e com quem conviveu por 8 anos pode ser uma forma de defesa psíquica para proteger-se do sofrimento gerado pela situação de doença e morte dela.

Fui feliz, mas eu sofri bastante... porque teve a perda da minha mãe, a perda de contato com meu pai, porque a outra (segunda esposa do pai) não deixava. Foi uma barra, mas não sei por que eu consigo sair das situações, ou talvez não paro para pensar, não consigo entender isso... Eu consigo me fechar nas situações e não sofrer. Eu não paro para pensar. Acho que o tanto que trabalho é para não pensar. Acho que se eu parar vou sofrer, vou cair em depressão. [...] eu nunca fui a favor de psicólogo, ou terapia ou coisas parecidas por causa disso. Sempre achei que sou suficiente para me virar, acho que consigo me segurar emocionalmente dessa maneira. [...] eu não paro para pensar.

Atualmente conduz sua vida afastando de maneira consciente pensamentos e sentimentos relacionados a situações de sofrimento. Refere que este modo de ser a ajudou a sobreviver às adversidades de sua vida, e tem medo que, ao dar espaço e se envolver com sua dor, possa deprimir-se a ponto de não ter forças para levar a vida como faz hoje.

6) Relacionamentos amorosos

Eu nunca o (ex-marido) amei, acho que nunca amei ninguém. Deste mal não vou morrer, (sorrindo) mal de amor eu não morro. Ele gostava muito mais de mim do que eu dele, era visível, para mim éramos amigos. Depois o negócio foi degradingolando, ele começou a galinhar por aí e eu fiquei sabendo. [...] De lá para cá ele nunca mais pôs os pés aqui, nunca mais deixei. Essa separação foi ótima para mim! Já devia ter feito isso há muito mais tempo, me arrependi de não ter tomado esta atitude há mais tempo.

Ele era meu amigo de infância, crescemos juntos, começamos a sair juntos e quando vimos eu já estava dentro dessa relação, e não tinha mais como sair. Os primeiros anos foram muito legais, nos conhecemos mais a fundo. Mas ele continuou apenas como um amigo e chegou um momento que pensei: “O que eu estou fazendo aqui? Quero descer do ônibus, não quero mais”. Mas eu nunca tive uma chance de me separar, porque ele não dava. Eu pensava: “Se eu tomar uma atitude dessas vão me matar. A família toda vai me trucidar”. Não a minha família, mas a família dele, que era a única família que eu tinha. [...] Eu tinha muito contato com eles, era a minha família. No fim perdi o marido e a família também...

Regina relata nunca ter se envolvido amorosamente com ninguém, nem mesmo com o marido com quem esteve casada durante 24 anos. Ele a amava como mulher, mas ela só conseguia gostar como amigo. Tinha maior vínculo com a família do ex-marido do que com ele. Assim, demorou mais tempo do que desejava para terminar o casamento, pois temia perder também a relação com a família dele, que considerava sua família.

Estou com namorado, mas ele na casa dele e eu na minha. Não quero saber de ninguém na minha casa. Nem para vir aqui eu não quero, eu só me encontro fora de casa. Eu não quero porque acho que meu espaço é meu espaço, e não quero ninguém no meu espaço. Saio com ele só quando quero. Outro dia ele ligou e eu não atendi. Então ele não me acha e não tem como me achar (rindo).

A relação com o novo namorado demonstra a falta de envolvimento, que Regina descreve nunca ter tido com ninguém. O desejo de não abrir sua casa e de atender as ligações dele apenas quando tem vontade parecem expressar uma dificuldade em

compartilhar seu espaço, ou sua vida, e ainda um desejo de manter o controle para que o relacionamento caminhe até certo limite.

7) Sendo mãe

Elas (tia e avó) foram ótimas, mas já foram embora, faleceram. Minha avó morreu há 25 anos e minha tia foi agora há 6 anos, foi um baque.... [...] E agora sou só eu e minha filha...

Regina não relata em sua narrativa muitos aspectos sobre a maternidade, talvez porque não perguntei especificamente sobre o tema. Mas demonstra ter a filha como uma figura importante em sua vida, e hoje é sua única família.

8) Perda e morte

[...] morei sempre em São Paulo, só morei um ano em Salvador porque meu marido teve que implantar um sistema lá. E esse ano que morei em Salvador foi terrível porque eu tive que deixar minha tia. E nós nos falávamos sempre, mas a minha preocupação era deixá-la sozinha, porque uma era pela outra. Mais tarde, em São Paulo, eu a trouxe para morar bem perto de mim. [...] Ela morreu com 85 anos, com demência progressiva, ficou uns 5 anos assim. Foi uma judiação. [...] senti muito a perda dela, e da minha avó também. [...] Acho que a minha avó demorou até mais tempo para ir embora porque eu a segurava muito aqui, no dia em que ela passou mal e morreu eu não estava em casa, então eu briguei muito com Ele (Deus), porque achava que se eu estivesse lá ela não teria ido... é uma mania de querer segurar, não tem jeito... Ela já tinha 87 anos, já tinha idade. E agora estou sozinha, só eu e minha filha... Como vai reduzindo a família...

Mas ele (marido) continuou apenas como um amigo e chegou um momento que pensei: “O que eu estou fazendo aqui? Quero descer do ônibus, não quero mais”. Mas eu nunca tive uma chance de me separar, porque ele não dava. Eu pensava: “Se eu tomar uma atitude dessas vão me matar. A família toda vai me trucidar”. Não a minha família, mas a família dele, que era a única família que eu tinha. [...] Eu tinha muito contato com eles, era a minha família. No fim perdi o marido e a família também...

Regina, em sua narrativa, demonstra preocupação significativa em relação a perdas por morte, ou mesmo outros tipos de perda, como o distanciamento da família do ex-marido.

Em relação à avó e à tia, parece ter cuidado das duas que exerceram o papel de mãe em sua vida de maneira a controlar para que não morressem, tentando evitar a todo custo que partissem e a deixassem. E, em relação à família do ex-marido, passou anos suportando um casamento no qual não gostaria mais de estar por medo de que os parentes que considerava sua família se afastassem dela, o que acabou acontecendo.

Seguindo adiante:

9) Nos caminhos da resignificação

Eu não paro para pensar. Acho que se eu parar vou sofrer, vou cair em depressão. Sempre fui contra psicólogo. Acho que tudo que ele vai me falar eu já sei, a gente sabe o que está acontecendo, mas muitas vezes só não quer enxergar. Então eu nunca fui a favor de psicólogo, ou terapia ou coisas parecidas por causa disso. Sempre achei que sou suficiente para me virar, acho que consigo me segurar emocionalmente dessa maneira. Não é fácil, lógico que não, mas eu não paro para pensar.

Regina demonstra procurar caminhar para o lado oposto de meios que levem à reflexão e resignificação de aspectos de sua vida, relatando ser possível lidar de maneira própria com suas questões emocionais, e o meio que encontrou para isso foi afastar conscientemente pensamentos e sentimentos relacionados a situações de sofrimento, sejam eles do presente, passado ou futuro, com medo de adoecer por se envolver com a dor.

10) Buscando o melhor para si

Minha vida foi essa... Sempre trabalhei para me sustentar, não foi por esporte. Minha tia trabalhava, mas era funcionária pública pequena, não ganhava muito. Minha avó tinha uma aposentadoria baixa também. Cuidaram de mim até eu conseguir sobreviver sozinha. Com 16 anos fui trabalhar em uma loja grande de pneus. [...] E sempre batalhando para ajudar em casa. [...] Fiquei até os 18, depois fui para o banco de Minas, depois comecei a trabalhar na bolsa de valores, com 21 anos tive meu primeiro carro, e fui indo.

Regina ressaltava que recebeu carinho e cuidado maternal da tia e avó, porém, com a pouca ajuda financeira do pai, estas tiveram dificuldades em supri-la materialmente. Por isso precisou começar a trabalhar desde cedo, não apenas para comprar aquilo que a interessava, mas principalmente para ajudar a sustentar a casa. Conseguiu ainda estudar e, desde muito jovem, conseguiu ser independente financeiramente.

3.4. **LUIZ ALBERTO**

Este trabalho tem focado principalmente a perda precoce de mães, porém a história de Luiz Alberto traz a perda precoce de ambos os pais e, em alguns momentos, não é possível falar apenas da perda de sua mãe, pois as duas mortes ocorreram sucessivamente em um curto período de tempo, e Luiz refere-se a elas na maior parte do tempo como um único evento.

SUA HISTÓRIA

Luiz Alberto perdeu a mãe e o pai na infância, entre 6 e 7 anos de idade. A mãe morreu por complicações decorrentes de uma queda quando estava grávida. E o pai sofreu um ataque cardíaco. Sua família era grande, composta por 9 irmãos, além de 2

que faleceram bem pequenos. Antes da morte dos pais Luiz vivia em uma cidade no interior de Minas Gerais, com as perdas foi trazido para São Paulo. Foi interno da Febem até os 14 anos, para onde eram enviados na época também meninos órfãos, caso de Luiz, além dos delinquentes, que ficavam em alas separadas. E foi na Febem que teve a oportunidade de estudar e ingressar no serviço público. Entrou para o funcionalismo público aos 14 anos como mensageiro, e se aposentou aos 55 anos como oficial de justiça, tendo conseguido alcançar cargos mais altos através dos concursos. Cursou a faculdade de Direito, e em breve iniciará a faculdade de Psicologia. Casou-se, teve duas filhas, divorciou-se, e hoje mora sozinho em seu apartamento.

SUAS SIGNIFICAÇÕES

No começo:

1) As perdas

Pelo que me lembro meus pais morreram quando eu tinha 6, 7 anos de idade. [...] Com a morte dos dois... depois do meu pai, porque quando morreu a minha mãe ele não quis que os filhos se dispersassem, ficaram com ele. Houve uma dispersão depois que meu pai morreu. [...] os (irmãos) mais velhos ficaram em Minas porque já eram casados, uma das irmãs foi para Belo Horizonte com um tio, uns vieram para São Paulo para orfanatos, uma trabalhava e morava em uma casa de família e morreu atropelada, e eu fiquei na casa de uma tia um ano talvez, até que ela conseguisse uma vaga na Febem da época. E lá fiquei até os 14 anos.

Primeiramente Luiz Alberto perdeu a mãe, que tinha papel importante na dinâmica familiar, mas que o pai tentou preencher para manter a família unida. Assim, inicialmente a morte da mãe não trouxe muitas mudanças à sua família e os irmãos continuaram a morar juntos na mesma casa. Porém, pouco tempo depois, o pai também

faleceu repentinamente e, neste momento então, não havia mais quem pudesse dar sustentação à estrutura daquela família, que então precisou se separar.

Dessa maneira, as precoces e repentinas mortes ocorridas em um curto espaço de tempo trouxeram uma ruptura à infância de Luiz, podendo dividi-la em ‘antes e depois’ da morte dos pais. A maior parte do que conhecia em sua vida foi modificado; mudou-se de cidade, de casa, família, amigos, em um pequeno período tudo se tornou novo e desconhecido. Anteriormente às mortes morava no interior de Minas Gerais em meio a uma família grande de nove irmãos, pai e mãe. Foi então trazido para a capital de São Paulo, cidade grande, para ser interno na Febem, perdendo o convívio com amigos, outros parentes e com os irmãos, que também foram enviados a lugares diferentes; casas de tios, orfanatos, casas de família para trabalhar, entre outros.

[...] houve uma ruptura da minha vida, com o falecimento deles algumas coisas dessa época ficaram, ou quase todas, muito nebulosas, obscuras mesmo para mim. [...] Minha infância foi abruptamente cortada, por isso acho que o choque entre a morte, a perda e a vinda para cá (São Paulo) fez com que as coisas esmaecessem ou sumissem mesmo das lembranças...

O problema é falar o que senti com tudo isso que passei naquela época, porque hoje eu intelectualizo a questão. [...] não lembro de como eu cheguei aqui. [...] tenho lembranças vagas, de um pouco de maltrato na casa da minha tia. Mas era a maneira de criar filho da época [...] Mas isso acredito que deve ter chocado uma criança que está ao desamparo. Então acho que eu me amoldei, acho que aprendi a jogar o jogo. Entendeu? O jogo é esse, e eu aprendi a jogar.

Luiz não tem lembranças claras de como vivenciou aquele período em que sua vida sofreu repentinas mudanças, acreditando que sua pouca idade, a força dos acontecimentos ocorridos e a saída do local onde viveu com sua família influenciaram o esquecimento.

Porém, apesar das poucas lembranças, traz a sensação de desamparo e a conecta ao jeito que aprendeu de escapar aos maus-tratos. Luiz hoje percebe que o estar só no mundo, estar desamparado e não ter a quem recorrer, não ter quem o protegesse, o

ensinou a lidar com as pessoas e os ambientes em que viveu, adequando-se às regras e comportando-se da forma que os outros gostariam que se comportasse, assim escapava da violência e ainda podia ser elogiado e até premiado, como acontecia na Febem. O que é visto por ele como se fosse um jogo que aprendeu a jogar.

2) Tipo de morte

Meus pais morreram quando eu tinha 6, 7 anos de idade. Primeiro morreu minha mãe de complicações de parto. Na verdade ela tropeçou, caiu, a criança morreu dentro dela, e só descobriram um tempo depois, e a criança necrosou dentro dela. E o meu pai morreu na fazenda onde ele trabalhava. Acredita-se que de ataque cardíaco. [...] Eles não eram velhos, deviam ter no máximo 50 anos, entre 45 a 50 anos na época em que morreram, não era mais que isso, eram muito jovens.

Tanto a morte da mãe de Luiz, como em seguida a morte de seu pai foram precoces e inesperadas. Os dois eram jovens e responsáveis por filhos pequenos. Além disso, nenhum dos dois apresentava sinais de doenças prévias, talvez alguns sintomas, mas não o suficiente para proporcionar tempo à família para se preparar previamente em termos práticos, ou em termos psíquicos e emocionais. Assim, suas mortes trouxeram a necessidade de reorganizações e mudanças também repentinas.

3) A relação com o pai e com os irmãos

Com a morte dos dois... depois do meu pai, porque quando morreu a minha mãe ele não quis que os filhos se dispersassem, ficaram com ele.

Luiz não relata sobre a relação com o pai após a morte da mãe, ressalta apenas que este continuou proporcionando uma certa estrutura à família, pois gostaria que permanecessem unidos.

Acho que nós os irmãos ficamos mais próximos. [...] meu irmão ia me visitar (na Febem), minha irmã quando vinha de Minas vinha me visitar.

Acho que a morte dos pais me fez ficar mais ligado com meus irmãos. Embora a gente nunca fosse de ficar grudado um no outro, porque ficava cada um em um canto, mas a gente sempre foi muito amoroso quando se encontrava. Tinha um irmão que fazia essa parte de uma vez por ano juntar todo mundo, e era muito gostoso. Este irmão era o mais velho dos que vieram para São Paulo. E quando ele casou tirou todo mundo de todos os orfanatos e levou tudo para a casa dele, e juntou todo mundo. Ali casou uma irmã, casou outra irmã, eu fiquei morando, depois ele mudou e não pude ir porque eu estava estudando. [...] E aí eu e minha irmã resolvemos morar juntos. [...] Nós fomos morar em um cortiço. [...] Nós criamos um bom elo, uma boa relação eu com a minha irmã naquele buraco.

Mas esse irmão que ajuntava todos os irmãos morreu também [...] Tem essa irmã mais velha em Uberaba que ainda leva um pouco os irmãos para lá.

Relata que no relacionamento com os irmãos após as mortes da mãe e do pai, mesmo tendo sido distanciados fisicamente, houve uma maior aproximação emocional entre eles, que era expressa quando se encontravam. Os irmãos mais velhos exerceram, em certa medida, papéis paternos, preocupando-se com os irmãos menores e proporcionando condições para voltarem a se reunir como família.

4) Crenças adquiridas

[...] embora minha mãe fosse lavadeira com muitos filhos, algumas coisas ela semeou. Porque não é possível que eu consiga levar as coisas assim com tanto fair play, mais levemente se não tivesse algo me segurando lá atrás. [...] isso acontece porque obviamente recebi algum substrato lá atrás, que não sei qual foi que, ao enfrentar a perda dela, ao enfrentar o juizado, ao enfrentar preconceitos por ser negro, e vai colocando coisa aí, eu consegui sair-me razoavelmente ileso. Mas como essa mulher fez isso? [...] De uma forma ou de outra ela me deu essa sustentação amorosa. [...] Ela me deu muito! Deve ter sido uma mulher sensacional! Se tiver algum lugar que premie os bons, acho que ela está sendo premiada.

Luiz acredita que sua mãe tenha sido a responsável por ele ter conseguido superar as muitas adversidades de sua vida, mesmo estando sozinho para enfrentá-las.

Acredita que ela o amou de maneira a proporcionar recursos internos que ele pudesse acessar nestas ocasiões de dificuldades.

Sobre este aspecto, mais importante do que a realidade concreta, é poder perceber que esta pode ser expressão da necessidade de sentir-se amado que Luiz pode ter experienciado em sua vida.

Na fase adulta:

5) Características pessoais e sentimentos recorrentes

Luiz traz em seu relato cinco principais características pessoais que podem estar relacionadas às suas vivências passadas, sendo que duas delas têm sido repensadas atualmente: adequação ao ambiente e às pessoas; enxergar principalmente os ganhos nas situações adversas; ser batalhador; cobrar que o outro seja como ele X deixar o outro ser como é; lembrar de pessoas significativas que não estão mais na sua vida X esquecer destas pessoas.

Acredito que eu era, e fui e sou mais amoldável. Não sei se esse amoldável é consequência das vicissitudes que você tem. Você perde pai e mãe e vem para São Paulo, que é uma coisa fantástica, tremenda e assustadora para uma criança de 7, 8 anos. Você perde o chão de pai e mãe, e entra no trem e vem para São Paulo... [...] Eu tive uma vivência no juizado um pouco mais tranqüila por esse amoldar-me [...] As pessoas que tinham um comportamento julgado por eles adequado, um esforço para o estudo adequado, eles colocavam no serviço público como mensageiro, auxiliar, qualquer coisa. Foi aí que entrei no serviço público com 14 anos de idade e me aposentei depois com 55.

Ressalta ter a característica de se adequar, adaptar-se com facilidade às situações, ambientes e pessoas com quem convive, seja seguindo regras e obedecendo, seja se comportando como os outros gostariam que se comportasse, além de outras maneiras

dependendo da situação. E foi esta adequação que o possibilitou de escapar de maus-tratos e da violência e, muitas vezes, ajudou-o a receber elogios e premiações. Exemplifica que isso ocorreu na casa de sua tia e, principalmente, na Febem, onde conseguiu receber importantes incentivos de estudo e trabalho por ter se adequadado.

Luiz faz conexão entre esta característica que desenvolveu e as mudanças repentinas após as mortes dos pais. Fala da necessidade de ter que se cuidar sozinho, aspecto que contribuiu para que aprendesse a se adequar às situações.

Para mim a separação (da mulher) não foi difícil. Para mim o difícil foi conciliar o meu sentimento de culpa por deixar minhas filhas. Mas eu consigo... outra capacidade meio camaleônica que tenho é de achar alguma coisa boa em tudo o que me acontece, sempre acho alguma coisa boa. Por exemplo isso que estou dizendo, que é verdade, a minha relação com as minhas filhas melhorou muito é a coisa boa que eu tenho da separação. Então a separação, e o fato de deixá-las, não me acabrunham porque vejo que minha relação com elas melhorou, e que elas melhoraram.

Perder pai e mãe eu acredito que não seja uma coisa boa. Embora eu minimize dizendo que para mim foi bom, e é verdade na parte prática com certeza, mas o que me trouxe psicologicamente foi eu ter passado por uns maus bocados... mas nada que impedisse as coisas. [...] a melhor coisa que me aconteceu foi meus pais terem morrido, para mim foi ótimo! [...] Eu indo para o juizado acabei estudando porque lá tinha condições de estudar. [...] entrei no serviço público com 14 anos de idade e me aposentei depois com 55. [...] As coisas foram suaves para mim na verdade, bem suaves. [...] não vejo desgraceira nenhuma. [...] Acredito que fiz uma limonada!

Nós fomos morar em um cortiço, eu não tinha dinheiro... mas tudo bem! [...] Era uma escadaria com um monte de quartinhos e o único cômodo e cozinha vago era em frente ao banheiro do cortiço. Imagina o cheiro que era naquele quarto em frente, e nós morávamos lá. [...] Ali foi uma desgraceira muito grande... Foi desgraceira nada! Nós criamos um bom elo, uma boa relação eu com a minha irmã naquele buraco.

Outra característica que Luiz desenvolveu e que relata tê-lo ajudado em sua trajetória é conseguir sempre enxergar o lado bom das situações adversas pelas quais passa, o que o ajuda a focar sua atenção apenas nos ganhos que aquela situação proporciona, sem se envolver com o sofrimento.

É possível observar que quando Luiz relata algum tipo de perda, em seguida traz os ganhos e aquisições com maior ênfase, minimizando as perdas e dificuldades antes lembradas. Alguns exemplos são a sua separação, as mortes dos pais e a fase da vida em que morou em um cortiço.

Acho que por conta da morte deles hoje tenho um pouco de soberba. Uma exigência maior com as pessoas. Um pouco de descaso com a dor alheia. Muita voluntariedade, no sentido de buscar as coisas mesmo; eu é que tenho que correr atrás, não tem outra pessoa que faça por mim, não tenho pai e mãe para buscar comigo, tenho que ir sozinho. Eu tenho essa voluntariedade, essa força de vontade. Eu tenho uma gana para as coisas. Mas isso faz você cobrar do outro, faz você cobrar dos filhos... [...] Eu sou cobrador, sou cobrador com as minhas filhas, inadequado... Eu digo: “Se eu consegui, porque você não consegue?” [...] Para dizer a verdade, não é muito ruim isso que eu sou não, mas é soberba, soberba... Causa algumas dificuldades nas relações, com a minha filha mais nova causa [...] Acho que se eu consigo todo mundo consegue. Mas as pessoas não são você, as pessoas são as pessoas, não são você. Acho que sei qual é a resposta e de que forma tenho que fazer [...] Hoje estou pensando assim: “Deixa ela.” Então tenho essa dificuldade, acho que se eu consigo todo mundo consegue... mas nem sempre é assim... Mas também as pessoas conseguem sim se quiserem! Mas talvez é mais difícil hoje... Talvez. Não sei. Estou cheio de dúvidas, viu? Dúvidas é comigo mesmo (sorrindo).

Luiz se tornou uma pessoa batalhadora, que tem força de vontade e garra para correr atrás do que necessita sem esperar receber ajuda externa, pois precisou ser assim para sobreviver. E foi essa característica que contribuiu para que conseguisse se desenvolver profissionalmente e alcançasse as aquisições materiais que possui.

Mas, por outro lado, hoje tem se questionado e percebido que essa característica muitas vezes o torna exigente com os outros. Sente dificuldades para entender que as outras pessoas são diferentes, têm características e limites próprios, e muitas não conseguem ter sua força de vontade, o que tem gerado conflitos nas suas relações mais próximas, principalmente com as filhas. Hoje demonstra estar repensando seu modo de ser, e oscila entre ‘cobrar que elas sejam como ele e deixar que sejam livres para ser quem são’.

Eu vou pensar mais nela (mãe) daqui para frente [...] nunca a valorizei, nunca a desprezei, é óbvio, mas nunca a valorizei. Acho que essa minha forma de vê-la hoje é uma valorização. Ela não está vendo, não tem importância, mas eu a estou vendo, eu a estou resgatando dentro de mim. É importante para mim, é importante para não perder aquilo que ela deixou. [...] para mim vai ser muito bom o resgate dessa figura importante, como outras figuras da vida da gente que na hora você não dá o devido valor e depois você resgata se você tiver capacidade de observar-se, de ter um olhar diferente das pessoas que passaram na sua vida. [...] Nunca pensei muito sobre minha mãe. Eu tenho muito disso na minha vida: passou? É claro que vou lembrar, mas vou esquecer. Eu vou lembrar, mas apenas por pouco tempo. Se tenho um relacionamento e termina aquele relacionamento, é claro que vou curtir aquele término daquele relacionamento, mas vou para um outro rapidinho ali na frente, eu não vou ficar carregando esse entulho. “Entulho” entre aspas porque todos os meus relacionamentos foram ótimos, não foram entulho, entulho no sentido de ficar carregando essa carga. Por isso falo da mãe: “Morreu, morreu”. Não adianta eu ficar pensando na mãe. Claro, eu intelectualizei isso, isso eu fiz. Foi uma defesa, ir para frente, vai, vai, vai, esquece o para trás, vai para frente sem olhar para trás. Acho que aprendi assim e por isso não ter pensado tanto nela. Mas vai me fazer bem, vai me emocionar mais daqui para frente ao lembrar dela, e vai ser bom para mim.

Durante a entrevista Luiz lembra-se da mãe, emociona-se e começa a ressignificar a imagem que tem dela. Esta mobilização o faz repensar outra característica pessoal que o acompanha há muitos anos: o esquecimento em um curto período de tempo de pessoas e situações que estejam relacionadas a algum tipo de sofrimento, pois associa estas lembranças a algo que não é bom, como o ‘entulho’, que pode ser um peso desnecessário em sua caminhada.

Assim, conflitando com sua característica de esquecer, no momento em que lembra da mãe, relata ser importante guardar memórias de pessoas que foram significativas em nossas vidas, mesmo que já tenham morrido, pois não se pode perder o que elas deixaram. Dessa maneira, Luiz expressa aqui uma oscilação entre ‘lembrar e esquecer’ conteúdos que estejam ligados a algum tipo de sofrimento.

6) Relacionamentos amorosos

Quando eu era casado, eu saía muito, tinha outras mulheres e tal. Eu tinha uma vida, vamos dizer, noturna paralela, por questões de não afinidade sexual, ou nenhuma atividade sexual em casa. Isso eu coloco como desculpa, porque na verdade não é isso, não é só por isso, isso é consequência do mau relacionamento, a falta de sexo não é o motivador do mau relacionamento, mas é consequência do mau relacionamento. [...] eu era ausente, eu tinha outras mulheres, eu tinha namorada e tal, e isso acaba acarretando atrito... Não que tivesse brigas por isso, nós nunca nem tocamos neste assunto enquanto eu vivi com a Irene, acho que isso não era questão para ela porque ela sabia que a gente não tinha uma relação mesmo. [...] eu que decidi pela separação. Um dia nós íamos indo para um determinado lugar e eu disse: “Vamos sentar e vamos conversar”. E falei de separarmos. [...] a minha separação foi a coisa mais civilizada que já vi em separações, pelo menos que eu conheço.

Para mim a separação não foi difícil. Para mim o difícil foi conciliar o meu sentimento de culpa por deixar minhas filhas.

[...] eu tinha uma namorada que reclamava muito: “Você não me dá tanta atenção assim”, e eu levava para essa minha amiga (psicopedagoga): “Putz, fulana está reclamando que eu não dou atenção”, e ela dizia: “Luiz, você tem que cortar o cordão umbilical com a sua família. Você arranja namorada é para namorar. Você fica no meio?”. Eu acho essa relação que tenho com minhas filhas maravilhoso. Não vou abrir mão disso não. A namorada vai ter que conviver com isso. Imagina que eu vou deixar as minhas filhas.

Relata ter tido diversos relacionamentos amorosos de curta duração ao longo de sua vida. Mesmo quando estava casado, também desenvolvia relacionamentos amorosos paralelos. Além disso, traz em sua narrativa a reclamação de uma namorada a respeito de sua falta de dedicação à relação, e ele próprio se descreve como uma pessoa ausente na relação com a ex-esposa. Dessa maneira, parece que Luiz nunca desenvolveu um vínculo amoroso mais profundo com a ex-esposa, nem com outra pessoa. Seu vínculo dentro do casamento era com as filhas e não com a mulher.

7) Sendo pai

[...] Escolher. Porque cada um nasce com seu pai e sua mãe, você não escolhe. Eu os perdi, então eu podia escolher dentro das pessoas que me cercavam qual era o modelo que eu queria. Ao invés de ser ruim,

não acho que foi ruim. Acho que fiz uma mescla de modelos de pais, não sei se boa, mas fiz uma mescla. Claro, não foi tudo dourado, porque tem os percalços naturalmente. Mas eduquei minhas filhas com essa colcha de retalhos de informações, de modelos de pais. [...] acho que a mescla foi bem melhor do que um modelo só.

Hoje sinto uma inadequação, não sei se seria inadequação, a dúvida de como ser bom pai, de como levar uma família, de como construir. Você não tem parâmetro. Você perdeu lá atrás. Você adquiriu uma colcha de retalhos. [...] Eu ainda estou aprendendo a ser pai. É um aprendizado eterno. Não sei ser pai, não sei. Acho que não aprendi a ser filho também, então você também não sabe ser pai. Mas eu não tenho uma relação conturbada com as minhas filhas, a relação com elas é amorosa, amorosa mesmo, não é conturbada, é conflitante como todo pai que exige coisas das filhas. [...] Minhas duas filhas são a razão de ser da minha vida.

Luiz refere que a morte dos pais e a pouca convivência em família o privaram de modelos como os de ser filho e ser pai. Sobre estes fatos sua fala traz aspectos positivos e negativos, e opiniões conflitantes quanto a ser bom ou mau pai em decorrência destes aspectos. Em certos momentos acredita que a falta do modelo dos pais biológicos pôde ser suprida pelos modelos substitutos que teve ao longo de sua vida, tendo a vantagem de escolher características boas de cada um, formando assim uma colcha de retalhos como base para ser pai, demonstrando segurança neste papel. Porém, em outros momentos questiona-se se esta colcha de retalhos seria suficiente para preencher a falta dos modelos dos pais falecidos, sentindo-se inseguro quanto a estar ou não exercendo bem seu papel de pai.

Assim, sua fala expressa dúvidas e oscilação entre ‘a sensação de estar desenvolvendo uma boa relação com as filhas e a sensação de inadequação no exercício do papel de pai’.

8) Perda e morte

E o que acho interessante é que fiquei um pouco imune à perda. Eu acabei perdendo irmãs... eu sinto a perda, mas vejo que parece-me que os outros sentem a perda mais do que eu sinto. Às vezes mostram,

demonstram a perda, mas não estão sentindo absolutamente nada, fazem aquela misancene total. Ou eu acho que fazem cena, porque eu não sinto, sei lá (sorrindo). Mas na verdade a morte às vezes me parece bem fazejo. Por exemplo: eu perdi uma irmã, ela morreu e “nossa, o desespero dos filhos”. Eu olhava para ela, e falava: “Que bom, não vai sofrer mais”. [...] As pessoas dizem: “Oh meu Deus, coitada”. Como coitada? Coitada se ficasse. [...] Porque ficar sofrendo? As pessoas têm mais medo de sofrer do que de morrer. Para mim isso é verdade, entre ficar e sofrer acho melhor morrer. [...] Acho viver muito bom, maravilhoso, cada dia uma festa. Mas com sofrimento não, eu vou embora, o que é isso? Não! Tchau! Fui! É melhor.

Luiz parece não ter medo de enfrentar a morte, e sim de enfrentar o sofrimento. Para ele não há, não pode haver, lugar para o sofrimento na vida. E, quando não se pode escapar a esse sofrimento, a morte seria a melhor solução, trazendo alívio para a dor. Neste sentido a morte não é vista por ele como perda, mas como fim da dor.

Assim, se a morte representa o fim do sofrimento, para Luiz não há muitos motivos para sofrer. Relata que sente saudades de pessoas próximas que falecem, mas sem muita dor. E, talvez por esse motivo, não consegue ter empatia com a dor do outro, parecendo-lhe sempre que a expressão é maior do que a situação demanda.

Seguindo adiante:

9) Nos caminhos da resignificação

Nunca pensei muito sobre minha mãe. É o tal do amoldar-se. Eu tenho muito disso na minha vida: passou? É claro que vou lembrar, mas vou esquecer. Eu vou lembrar, mas apenas por pouco tempo. Não vou ficar mastigando aquela recordação. [...] Por isso falo da mãe: “Morreu, morreu”. Não adianta eu ficar pensando na mãe. Claro, eu intelectualizei isso, isso eu fiz. Foi uma defesa, ir para frente, vai, vai, vai, esquece o para trás, vai para frente sem olhar para trás.

[...] devo muito a ele (seu psicólogo) o fato de hoje ter uma cabeça um pouco melhor, foi uma pessoa que me fez melhorar a minha forma de ver os outros e de ver a mim mesmo.

[...] estou entusiasmado por voltar a estudar. Não pelo fato do orgulho em voltar a estudar aos 60 anos de idade. É mais pelo fato de descobrir coisas novas nessa área (Psicologia), que acho sensacional!

A característica pessoal de Luiz que o ajudou a sobreviver foi não se lembrar ou se lembrar brevemente das pessoas perdidas, pois para ele lembrar significa “entulho” e perda de tempo e não reflexão e ressignificação. Porém, atualmente tem reconhecido que o não lembrar poderia ser uma defesa psíquica, que hoje não é tão necessária. Assim, tem se direcionado a caminhos que na maioria das vezes levam à reflexão e ressignificação de fatos e aspectos da sua vida, como é estar em processo psicoterapêutico e cursar Psicologia. Demonstrando com isso que estes seus questionamentos internos entre ‘lembrar e esquecer’, que foram mobilizados durante a entrevista, já vinham acontecendo anteriormente.

10) A permanência do vínculo

Tenho toda curiosidade de saber mais sobre ela (mãe). Não tenho uma foto dela, não tenho nada. Minhas irmãs falam assim: “Parece com aquela tia, e tal”. Mas não tem foto dela, não tem nada, nem do pai, nada! Deve ter sido uma mulher sensacional! Aí vem a lamentação de não ter conhecido... [...] essa minha forma de vê-la hoje é uma valorização. Ela não está vendo, não tem importância, mas eu a estou vendo, eu a estou resgatando dentro de mim. É importante para mim, é importante para não perder aquilo que ela deixou. [...] O que minha mãe falava eu não sei, não lembro nem do rosto dela, mas algo ela tocou em mim e ficou.

Apesar do conflito entre ‘lembrar e esquecer’, no momento da entrevista Luiz relata e acredita ser importante guardar a lembrança de pessoas significativas de nossas vidas, mesmo que já tenham partido. Refere-se à importância de valorizar o que recebeu em cada relacionamento significativo.

Assim, para que sua mãe ocupe o lugar de figura importante em sua vida, e para que as memórias relacionadas a ela sejam parte significativa de sua história, hoje Luiz quer relembra-la com mais frequência e quer saber mais sobre ela.

11) Buscando o melhor para si

Vou dizer uma coisa que as pessoas acabam não me entendendo; mas a melhor coisa que me aconteceu foi meus pais terem morrido, para mim foi ótimo. Porque se eu fico em Minas ou ia ser furador de poço, ou lavrador ou qualquer coisa do gênero. A morte deles fez com que nós viéssemos para cá [...] Eu indo para o juizado acabei estudando porque lá tinha condições de estudar. Claro que eu poderia ter saído de lá para a detenção, como bandido, mas acho que eu era mais amoldável que os outros, então me amoldei. E nesse amoldar, o que tinha de melhor ali, acho que eu aproveitei. As pessoas que tinham um comportamento julgado por eles adequado, um esforço para o estudo adequado, eles colocavam no serviço público. Foi aí que entrei no serviço público com 14 anos de idade e me aposentei com 55. Entrei como mensageiro na época, e a partir daí eu fui fazendo concurso; de mensageiro para servente, de servente para porteiro, de porteiro para escriturário, de escriturário para escrevente, de escrevente e fui indo, fui galgando os degraus. Me aposentei como oficial de justiça na Justiça Federal, que exige-se que tenha nível superior em Direito. E o diploma que adquiri no curso de Direito – fiz direito na USP, me formei na São Francisco – eu o usei dentro do serviço público. Na época eram 5 vagas para 5 mil candidatos. Consegui passar nessas 5 vagas. Foi uma vida de sucesso!

Luiz percebe a morte dos pais não como perda, mas principalmente como ganho, pois considera que foram estes fatos que proporcionaram a ele estudos e crescimento profissional e material. O que poderia ser apenas tragédia foi também uma oportunidade para uma vida melhor.

Assim, apesar das dificuldades que enfrentou ao longo da vida como a Febem, pobreza e racismo, conseguiu adequar-se ao que era exigido e buscar o que considera ser o melhor para si. Pôde estudar e trilhar profissionalmente uma carreira ascendente e sólida dentro do funcionalismo público por muitos anos, até aposentar-se em um cargo que se orgulha após mais de quarenta anos de trabalho.

3.5. MÔNICA

SUA HISTÓRIA

Mônica tem 35 anos e perdeu a mãe aos 7 anos de idade, que faleceu de maneira precoce, repentina e obscura. Ela adoeceu e, após uma semana de internação, faleceu. A causa de sua morte foi bastante investigada pelos médicos, porém, nunca foi desvendada. Tem dois irmãos mais velhos, que na época da perda tinham 9 e 14 anos de idade. Logo em seguida à morte, uma tia materna passou a cuidar das crianças, mas pouco tempo depois o pai começou a namorar, o que gerou um afastamento desta tia e dos parentes maternos, pois eram contra o novo relacionamento do viúvo. Em seguida o pai casou-se novamente, e a partir daí ela e os irmãos foram criados pela madrasta. Vivenciou muitas dificuldades no relacionamento com o pai e a madrasta. Mônica se casou e hoje tem dois filhos, um menino de 8 e uma menina de 2 anos. Graduou-se em Administração, tem construído uma carreira e atualmente trabalha como auditora em um banco renomado.

SUAS SIGNIFICAÇÕES

No começo:

1) A perda

Eu me lembro que no dia em que minha mãe morreu nós estávamos na escola, e uma vizinha nossa foi nos buscar, eu e o meu irmão Otávio, e nós ficamos na casa dela e eu não entendi o porquê. Lembro-me disso como se fosse hoje. Me lembro que estávamos na sala e ela chamou o meu irmão na cozinha para conversar, e fui atrás. Ouvi essa vizinha falando que a minha mãe tinha morrido, mas eu

não sabia nem o que era morrer. Perguntei para o meu irmão o que tinha acontecido e ele respondeu que não tinha acontecido nada. [...] Me lembro que no enterro da minha mãe eu não entendia o que estava acontecendo, tanto que eu não era uma criança que ficava ali chorando, eu estava até rindo. Naquele momento ninguém falou comigo...

Mônica vivenciou a perda da mãe aos 7 anos de idade com dúvidas e confusão. A morte repentina e obscura da mãe não foi explicada pelos familiares ou adultos próximos, o que, sendo ainda uma criança pequena e não entendendo ao certo o que era a morte, dificultou ainda mais a compreensão do evento marcante que mudaria a dinâmica de sua família e de sua vida.

Acho que o papel do pai é o alicerce financeiro, e a mãe o alicerce de estrutura familiar. Quando minha mãe morreu abalou demais o prédio...

Meu pai começou a namorar uma mulher, quer dizer, minha madrasta, um ano depois que minha mãe morreu e depois de 2 anos ele se casou com ela. Essa fase foi muito difícil porque eu não aceitava minha madrasta, eu queria minha mãe. Nós, eu e meus irmãos, nos sentíamos desestruturados por conta da morte da minha mãe. E em todos os momentos de sofrimento, todos os momentos que eu sentia necessidade de carinho, eu chorava por ela (mãe)...

Sua mãe tinha papel importante na dinâmica familiar e sua morte trouxe a necessidade de mudanças e reorganizações, além da reacomodação nos relacionamentos entre os membros da família. As mudanças repentinas, a falta de acolhimento por parte do pai e, mais tarde, também por parte da madrasta, trouxeram à pequena Mônica sentimentos de desamparo e solidão.

Eu não entendia o porquê. Por que Deus levava uma mãe de 33 anos e deixava uma criança de 7 anos? Isso era o que eu mais questionava. Eu não aceitava a morte dela. [...] na hora em que eu tinha essa necessidade de carinho, proteção e atenção, era a hora que eu sentia muita falta dela... [...] a minha avó chorava e pedia para morrer todos os dias (por causa da morte da filha), e eu também pedia para morrer, não todos os dias como minha avó, mas quando eu me sentia sozinha, sentia falta dela para me dar apoio e carinho, então eu pedia para Deus me levar [...] porque eu achava que não tinha nada a perder.

Com o tempo foi percebendo que a morte era irreversível e que a mãe nunca mais voltaria e, nos momentos em que mais sentia a falta do carinho, proteção e atenção, questionava Deus por ter levado sua mãe e deixado uma criança pequena sozinha. A solidão era sua maior dor e, em alguns momentos, chegava a pedir que Deus também a levasse. Sentia que não tinha nada mais a perder, pois já havia perdido seu bem maior, que era a mãe.

Eu tenho uma amiga que também perdeu a mãe como eu, e ela tinha 8, 9 anos, mas o pai nunca casou e se dedicou só para os filhos. Ela também sente falta da mãe, óbvio, mas ela teve uma estrutura familiar diferente, teve carinho. [...] Isso é algo que nunca tive, toda essa atenção e preocupação comigo.

Mônica acredita que a perda de uma mãe na infância não é o único problema para a vida de uma pessoa, mas sim o desamparo e a solidão que muitas destas crianças órfãs passam a enfrentar, o que ocorreu em sua história.

2) Tipo de morte

Minha mãe adoeceu e morreu em uma semana. Nunca foi dada a causa. Os médicos chegaram a suspeitar de hepatite, tanto que ela morreu no Emílio Ribas, por se tratar de doença contagiosa que precisa de isolamento. Depois desconfiaram de meningite, mas não era. E assim foi, e nunca se soube qual foi a causa. Ela tinha trinta e três anos... muito nova, era dona de casa e se dedicava só aos filhos.

O tipo de morte que ocorreu com a mãe de Mônica contribuiu para surgirem dúvidas e confusão em toda a família, e não apenas para as crianças. Sua mãe era jovem, sem doenças prévias, dona de casa que cuidava dos filhos, e então repentinamente adoeceu, foi internada e em apenas uma semana veio a falecer. Além disso, os médicos não conseguiram identificar a causa da morte, mesmo após muito pesquisar, ainda não foi possível dar o diagnóstico. Assim, sua morte foi precoce, abrupta e obscura, o que dificultou ainda mais sua vivência de luto. Primeiramente porque não houve tempo para

preparos prévios por parte desta família, seja de ordem prática ou, muito menos, de ordem psíquica e emocional. E, em segundo lugar, porque o não esclarecimento do diagnóstico deu margem a idéias fantasiosas; Mônica ressalta em seu discurso a precocidade da morte de sua mãe e as tentativas de compreender a obscuridade deste evento.

Toda a família ficou muito mal com a morte da minha mãe, foi um choque. Na família da minha mãe ela era a irmã mais nova de cinco filhos, e uma moça de 33 anos que adoece e morre em uma semana e deixa 3 filhos... Não foi algo que foi acontecendo, ela não foi adoecendo, mas aconteceu e morreu. A minha avó, mãe da minha mãe, ela se acabou, ela queria morrer com a filha. [...] Minha família até hoje se pergunta por que isso aconteceu.

E, não somente a família nuclear desta jovem mãe, seu marido e filhos pequenos, sofreu com o choque ao receber a notícia de sua morte, mas sua família de origem também recebeu este impacto, principalmente a avó de Mônica, que perdeu a filha mais nova do seus cinco filhos. Este tipo de perda inverte a ordem natural dos fatos, ou seja, filhos enterrando pais, o que pode trazer maior dor e aflição.

3) A relação com o pai

Quando minha mãe morreu a minha tia, a irmã dela, veio ficar em casa com a gente, porque meu pai trabalhava muito. Quando ela soube que meu pai ia se casar foi embora e nos abandonou. Isso acelerou o processo de casamento do meu pai, porque ele se viu perdido, com os três filhos.

Acho que o sofrimento que eu e os meus irmãos sentíamos, nós sentiríamos um pouco menos a falta dela (mãe) se o meu pai tivesse dado mais carinho, mas como ele não deu... [...] eu me sentia muito sozinha.

Seu pai passava muitas horas trabalhando e, após a morte de sua mãe, continuou a trabalhar bastante, o que fez com que Mônica, que neste momento tinha grande

necessidade de acolhimento e cuidados, o sentisse como distante e frio com os filhos. Com isso sentia-se desamparada e solitária.

Acho que nunca tive um apoio emocional, porque o apoio financeiro, da parte do meu pai, eu não posso reclamar [...] mas não era só isso que eu queria...

A estrutura financeira da casa continuou a mesma, porém a estrutura familiar, o que une os membros de uma família uns aos outros, ficou prejudicada com a morte da mãe, que era quem exercia este papel, tinha esta função de conectar a família, papel este que o pai não conseguiu substituir.

Eu não sei como sentem aqueles que também perderam pais, não sei se sou apenas eu e meus irmãos que sofremos tanto com a perda da mãe, mas eu sinto que o que contribuiu para nos fazer sofrer mais foi a falta de atenção do meu pai.

[...] eu sinto muito a falta dele (pai), eu não tenho nem pai, nem mãe. Eu tenho pai fisicamente, mas eu não tenho...

Mônica demonstra tristeza e mágoa pela falta de apoio emocional que sente desde a infância por parte do pai. E acredita que o enfrentamento da perda da mãe teria sido menos sofrido com uma estrutura familiar mais segura e acolhedora, maior apoio e cuidados emocionais a ela e aos irmãos. Sente falta do carinho materno, que experimentou pouco, e também sente falta de carinho paterno, que procura até hoje, por isso tem a sensação de ser órfã de mãe e pai, ainda que este esteja presente fisicamente.

Ela (madrasta) não aceita disputar o meu pai. Até hoje ele não pode ficar muito do meu lado, pois ela acha que está competindo comigo. Quando eu era criança e ela me batia, ela fazia questão de dizer que eu era culpada para o meu pai ficar do lado dela. [...] Eu imagino que ela queria sempre estar em briga, para que meu pai sempre ficasse triste ou decepcionado comigo ou algo assim para que ela tivesse o espaço totalmente para ela. [...] Meu pai nestas situações fica totalmente do lado dela. Conversei uma vez com ele e disse que o que mais me magoou a vida toda foi ele nunca ter me perguntado sobre qual era a minha versão nas brigas, e o que eu sentia. Ele me respondeu que eu tinha que entender que os filhos ele não iria perder,

mas minha madrasta ele poderia perder. Ela ameaçava de se separar e ir embora, e ele precisava de alguém para ajudá-lo a criar os filhos. Eu respondi: “Eu até entendo, mas se o senhor viesse me perguntar eu iria saber pelo menos que o senhor se preocupava comigo”.

Além da distância na relação com o pai, houve ainda dificuldades na relação com a madrasta, que também não era afetiva, e ainda interferia no sentido de dificultar a relação do pai com os filhos. A relação com a família da mãe, principalmente com a tia mais velha de quem Mônica esperava maior acolhimento, também não foi fácil; eles se afastaram da família enlutada, pois o pai casou-se novamente a contragosto deles. Mônica perdeu então repentinamente sua principal fonte de afeto, que era a mãe, e teve dificuldades para encontrar isso em outras pessoas das quais esperava; como seu pai, tia e madrasta.

4) Crenças adquiridas

Por mais que eu soubesse que minha mãe tinha morrido, naquele momento eu achava que ele a estava substituindo. Acho que eu não aceitava que minha mãe nunca mais voltaria para casa, por isso eu não aceitava minha madrasta.

A mãe de Mônica faleceu de maneira precoce, repentina e obscura; além disso, era pequena, não entendia ao certo o que era a morte, e não teve explicações por parte de adultos sobre o que estava acontecendo. Assim, não sabia que estava despedindo-se da mãe em seu enterro, pois criou uma idéia de que ela voltaria para casa a qualquer instante. Esta foi uma das razões para não aceitar o segundo casamento do pai, pois sentia que a mãe voltaria e o lugar dela estaria agora preenchido por outra pessoa, por outra mãe. Quando então começou a compreender a irreversibilidade da morte e a perceber que sua mãe não mais voltaria, a idéia de que ela chegaria em casa a qualquer momento desapareceu.

Eu e o meu irmão mais velho sempre nos demos muito bem, mas eu e o do meio sempre brigamos muito. [...] Minha mãe não iria permitir que houvesse essa desunião familiar, mas o meu pai não consegue impedir que aconteça, ele até gostaria, mas ele não consegue.

Na minha vida acho que juntou tudo, a falta da minha mãe, a falta do carinho do meu pai, a sensação de rejeição pelo estrabismo, foi um acúmulo de sentimentos. Houve também as dificuldades com a minha madrastra... E, se a minha mãe estivesse aqui, ela teria me ensinado a lidar com tudo isso.

E minha mãe era muito carinhosa, eu tenho certeza que se ela estivesse aqui seria completamente diferente. Acho que a nossa vida teria sido completamente diferente, a vida de nós três (irmãos) [...] meu irmão mais velho fala muito que ela era carinhosa... e é duro saber que minha mãe era carinhosa e eu não tive a oportunidade de sentir.

Mônica acredita que sua mãe seria muito boa, aproximando-se da imagem de uma mãe ideal. Assim, pensa que se ela estivesse viva, a vida de Mônica teria sido completamente diferente, teria se tornado outra pessoa, pois ela teria ensinado a lidar melhor com o estrabismo, a ter uma melhor relação com o pai e com a família da mãe, principalmente com a tia mais velha.

Sobre este aspecto, mais importante do que o dado de realidade, é poder perceber que Mônica sente que uma parte importante e boa de sua vida se foi junto com a mãe, e esta crença pode ser expressão da sensação de solidão e orfandade que Mônica sentiu em sua vida.

Na fase adulta:

5) Características pessoais e sentimentos recorrentes

[...] sempre tive essa sensação de solidão. Eu não era uma pessoa extrovertida, eu era uma pessoa extremamente fechada.

Às vezes acho que vivi tanto no meio de brigas e por isso brigo muito mais com os meus filhos do que o meu marido briga. Meu marido dá

muito mais carinho do que eu dou [...] Eu sinto muita culpa por isso. [...] A perda da minha mãe na infância me deixou hoje na vida adulta uma estrutura emocional. Eu sou uma pessoa que se culpa demais. [...] Quando eu erro me culpo. E mesmo se eu não erro, eu pego qualquer problema para mim e choro absurdamente por tudo.

Eu sou muito chorona. Sinto-me sempre muito injustiçada. Acho que estão sempre contra mim... E foi assim sempre. E essa sensação de injustiça acontece em todos os lugares, tanto pessoal quanto profissional. É uma sensação de perseguição. No trabalho eu acho que ninguém gosta de mim e estão sempre querendo me prejudicar, na vida pessoal é a mesma coisa, se vejo minhas cunhadas cochichando acho que estão falando mal de mim. Sempre acho que as pessoas não gostam de mim, e isso é com qualquer pessoa.

Acho que pode ser que eu sinta tudo isso hoje por tudo que eu vivi por conta da morte da minha mãe. Não foi exatamente a morte dela, mas todas as consequências em decorrência da morte dela, ou seja, a falta de carinho do meu pai, a minha madrasta, que fez o que pôde, mas era distante, a rejeição que sinto (pelo estrabismo).

Além da perda da mãe, Mônica teve ainda outra perda significativa em sua infância; sofreu um acidente que a deixou estrábica, passando a sofrer com o estigma social. Diante destas duas grandes perdas e dos fatos relacionados a elas, Mônica compreende que a falta de acolhimento e o desamparo na infância, principalmente por parte do pai, as disputas com a madrasta, e ainda o sentimento de rejeição por causa do estrabismo contribuíram para o desenvolvimento de certas características suas e sentimentos com os quais lida frequentemente. Traz em seus relatos três principais aspectos: a insegurança nas relações devido às sensações de injustiça, perseguição e rejeição; a culpa; e a solidão e vazio.

Hoje se sente insegura, com dificuldades nos relacionamentos, seja por uma sensação de injustiça e perseguição, acreditando que sempre estão contra ela, mesmo sabendo que não há motivos conscientes para isso; ou por uma sensação de rejeição, nutrindo uma baixa auto-estima, acreditando não ter qualidades suficientes para que a aceitem e gostem dela. Além disso, o que vivenciou traz a ela sentimentos de culpa e a sensação de fazer tudo errado que a perseguem, seja por não ser uma boa mãe ou às

vezes sem nem mesmo saber os reais motivos. Outro sentimento ainda é a dor da solidão e do vazio, lutando com a sensação de que sua vida não tem importância ou sentido.

6) Relacionamentos amorosos

[...] eu era muito fechada. Apenas com 19 anos, quando conheci meu marido e comecei a namorá-lo, comecei a me soltar mais. E era sempre para ele que eu desabafava, e até hoje quando eu tenho problemas sempre converso com ele.

As dificuldades emocionais nas relações familiares, principalmente com o pai e a madrasta, contribuíram para que Mônica se tornasse insegura e fechada nos relacionamentos. Porém, na relação com o marido sentia-se menos insegura para ser quem é, assim, foi ele quem a ajudou a expressar mais seus sentimentos e a compartilhar seus problemas e sua vida com outra pessoa. Hoje demonstra ter desenvolvido boa relação com o marido.

7) Sendo mãe

Sempre senti muita solidão, um vazio... hoje talvez eu sinta muito menos, não só pela terapia, mas porque eu tenho os meus filhos, porque hoje eu sou mãe... mas ainda é difícil...

Quando fiz 33 anos eu tinha um medo grande de morrer porque minha mãe morreu na mesma idade, e meu filho estava com 6 anos [...] eu tinha medo de morrer como minha mãe e deixá-lo sozinho. O meu maior medo era deixá-lo sozinho...

O nascimento dos filhos trouxe um sentido à vida de Mônica e, se antes pedia a Deus que a levasse por causa da dor da solidão e do vazio, e por acreditar que não tinha nada a perder, após a vinda das crianças passa a ter medo de morrer, principalmente quando tem a mesma idade em que a mãe morreu. Porém, não é medo pela própria

morte, mas sim dos filhos ficarem sós e desamparados sem seus cuidados, como aconteceu com ela. Hoje compreende a relevância que uma mãe tem na vida de uma criança e teme que eles também sejam privados desta importante relação.

Meu marido consegue passar carinho para eles, e me gera uma culpa porque eu não consigo, e não é dessa forma que eu queria tratar os meus filhos. Se eu cobro tanto o carinho, por que eu não consigo dar para eles o carinho que eu não tive? Eu sinto muita culpa por isso.

Hoje me culpo muito de não dar o carinho que meus filhos merecem porque não aprendi; eu cobre, ainda cobro, sinto muita falta, mas não sei dar...

Observa que viveu em um ambiente com muitos conflitos relacionais, além do pouco afeto e atenção, fazendo uma conexão disto com o fato de hoje não conseguir lidar bem com sentimentos e, assim, não conseguir ser afetiva da maneira que gostaria com os filhos. A dificuldade de expressar seu amor pelos filhos é motivo de dor e culpa, percebendo que o marido consegue ser mais afetivo, desejando muito mudar.

Eu acho que ela (madrasta) podia ter sido mais carinhosa comigo, porque eu não tinha mãe e ela estava ali fazendo esse papel... mas ela fez o que pôde. Então hoje, depois que tive meus filhos, no papel de mãe, é que aprendi a entendê-la, eu sei que não é fácil criar filhos, ainda mais quando não são seus filhos. [...] Hoje eu aceito minha madrastra muito bem. Ela tem paixão pelos meus filhos! Ela vem ver meus filhos, vem pegar eles. [...] Só acho que ela ainda tem muito ciúmes de mim, mas hoje ela me procura, porque ela me tem como amiga.

Por outro lado, sua dificuldade na relação com os filhos a ajuda a entender melhor e aceitar a madrastra. Hoje, no papel de mãe, percebe ser difícil criar filhos, considerando então que deve ter sido difícil cuidar de três filhos que não eram dela. A atenção e amor que a madrastra demonstra aos seus filhos trazem à Mônica a sensação de ser aceita por ela, o que auxilia hoje na relação entre as duas, que hoje têm uma relação próxima.

8) Perda e morte

Quando fiz 33 anos eu tinha um medo grande de morrer porque minha mãe morreu na mesma idade, e meu filho estava com 6 anos, quase a minha idade quando perdi minha mãe. Foi um ano difícil porque o meu maior medo era morrer como minha mãe e deixá-lo sozinho... Eu falava e falo até hoje para o meu marido: "Se eu morrer dê atenção para eles, não ponha uma pessoa aqui achando que ela vai substituir a mim, ela até pode vir a fazer um bom papel de mãe, mas não vai ser a mãe, então eles vão precisar do pai. Se eu morrer, dê atenção para eles".

Mônica, em sua narrativa, não demonstra preocupação significativa em relação a futuras perdas por morte, ou mesmo outros tipos de perda. Mas relatou uma grande preocupação por sua própria vida no ano em que completaria a mesma idade em que a mãe morreu, o que se configura como 'reação de aniversário' (Cassorla, 1991). Porém, seu maior receio não é por sua vida, mas pelos filhos pequenos que ficarão órfãos, podendo ficar desamparados e sós, assim como ela se sentiu em sua infância.

Seguindo adiante:

9) Nos caminhos da ressignificação

Hoje não choro mais da mesma forma, como era antes da terapia, eu aprendi um pouco mais a lidar com essa situação, mas vou chorar até o último dia da minha vida.

A psicoterapia é uma das maneiras que Mônica tem buscado para ressignificar e lidar melhor com a perda precoce da mãe, observando que a tem ajudado. Hoje percebe que lida com o que ocorreu a partir da morte da mãe de maneira diferente, talvez o sofrimento mais agudo já tenha passado, porém considera esta a dor mais profunda de sua vida, e sente que a chorará até o último dia em que viver.

10) A permanência do vínculo

Esta semana liguei para uma amiga que tinha sumido, e ela me acusou de eu tê-la abandonado. Ela perdeu o pai recentemente, e dei todo o apoio que pude. E ela disse: “Você não sabe como é essa dor!”. E eu disse: “Você não sabe qual é a minha dor! Seu pai morreu com 80 anos, você teve oportunidade de viver, conhecer, de sentir, de beijar, mas eu não tive essa oportunidade, me tiraram essa oportunidade muito cedo, eu não sei nem como ela era!”. Eu falo que ela era muito carinhosa pelos flashes que lembro de eu fazendo carinho nela e ela em mim, e também porque o meu irmão mais velho fala muito que ela era carinhosa, que é o que mais conviveu. Mas não lembro, não tenho o que lembrar...

Mônica não relatou em sua narrativa formas de permanecer vinculada à mãe, talvez porque não perguntei a ela sobre o tema. Porém, ao longo de sua fala, lamenta não ter mais lembranças relacionadas à sua mãe, demonstrando vontade de saber mais sobre quem e como ela era. Parece conversar sobre isso com os irmãos, principalmente com o mais velho, que tem mais recordações. Assim, demonstra que sua mãe continua sendo uma figura importante em sua vida, e as lembranças relacionadas a ela uma parte significativa de sua história.

11) Buscando o melhor para si

Em relação à minha vida profissional acredito que por chorar tanto eu ainda não tenha conseguido chegar em um cargo melhor, isso me atrapalhou muito. Hoje eu sou auditora sênior. Fiz uma carreira dentro do banco, entrei como assistente administrativa, e me tornei auditora trainee, e fui indo, e estou indo bem...

É possível notar no relato de Mônica as dificuldades pelas quais passou desde a infância, principalmente nas relações familiares após a morte da mãe. Porém, apesar do que viveu, tem conseguido assumir sua própria vida, e tem conseguido buscar o que considera ser o melhor para si, e acredita que se não sofresse tanto teria chegado ainda

mais longe. Profissionalmente tem trilhado uma carreira sólida em um banco de renome e, na vida pessoal, tem conseguido manter uma família estável e unida.

3.6. LUIZ FEIJÓ

SUA HISTÓRIA

Luiz Feijó tem 60 anos e perdeu a mãe por suicídio aos 12 anos de idade. Tem quatro irmãos. O mais velho faleceu aos 3 anos de idade, antes de seu nascimento. Os outros três tinham na época do falecimento 14, 10 e 2 anos de idade. Após o nascimento de sua última filha, a mãe de Luiz foi diagnosticada com depressão pós-parto, apresentando, nos dois anos seguintes, que antecederam o suicídio, diversas crises emocionais. Assim, o clima de apreensão e tensão já estava presente na família anteriormente à sua morte. Após a abrupta perda, a avó materna, que já morava junto com a família, continuou sendo a cuidadora dos netos. Luiz foi bastante impactado pelo fato de sua mãe ter tirado a própria vida e tudo o que isso implicou, e percorreu um longo caminho de significações e ressignificações de sua história para hoje poder lidar melhor com o que ocorreu em sua vida. Graduiu-se em Educação Física e atualmente dá aulas de natação de maneira terapêutica, a partir de um projeto criado por ele chamado ‘nadar sem medo’, que auxilia pessoas que têm medo ou traumas relacionados à água. Atualmente cursa também a faculdade de Psicologia. É solteiro e tem dois filhos de mães diferentes, com 20 e 21 anos de idade. O filho mais velho mora há 10 anos com Luiz.

SUAS SIGNIFICAÇÕES

No começo:

1) A perda

[...] abri a porta e dei de cara com uma cena terrível; ela (mãe) estava enforcada com o fio do ferro de passar roupa! [...] Depois vi encostar o IML, tinham vindo buscar o cadáver dela, e eu disse: “Minha mãe morreu!”. Mas a vizinha me disse: “Não morreu não, não morreu não”. Isso foi um trauma para mim, principalmente porque eu fiquei com essa dúvida naquele momento: “Será que ela não morreu?”. E eu queria acreditar na vizinha e pensava: “Não pode ser, não perdi a minha mãe”. Mas eu sabia que ela tinha morrido... mas fiquei assim, bem dividido. [...] quando a vizinha me disse que a minha mãe não tinha morrido eu engoli o choro ali. Eu lembro disso. [...] Esse dia foi traumático... [...] o que mais me marcou na vida foi ter visto aquela morte tão violenta, naquela idade tão precoce, eu era muito pequeno ainda.

Eu fui no enterro dela, mas foi algo muito idiota que fizeram comigo, fui obrigado a ir, não me lembro quem fez isso, e me disseram ainda para beijar o rosto da minha mãe, beijei minha mãe gelada! Hoje fico pensando se essa pessoa que me falou isso não tinha cabeça, se tinha boa ou má intenção. O mesmo garoto que viu a mãe lá, enforcada, teve que ir para o velório e ainda beijar a mãe gelada. Você acredita nisso?

A mãe de Luiz cometeu suicídio quando este tinha 12 anos de idade. Ele relata que este foi o fato que mais marcou sua história, dividindo-a em ‘antes e depois’ do suicídio da mãe.

Os primeiros episódios em decorrência da morte foram experienciados por ele com dúvidas e confusão, pois além dos questionamentos envolvidos no ato de uma pessoa tirar a própria vida, houve dificuldade por parte de adultos em auxiliá-lo a compreender o ocorrido. Ressalta que instantes após ter presenciado a mãe enforcada, a vizinha insistia que sua mãe não havia morrido e, também, que foi obrigado a ir ao

enterro e a beijar o rosto da mãe morta. Era muita confusão para uma criança que entrava na adolescência.

Depois da morte da minha mãe minha família começou a se acabar... [...] depois meu pai também morreu de câncer quando eu tinha 25 anos, e minha avó, que foi minha cuidadora, morreu mais ou menos nesse período também. [...] Depois de tudo isso a família acabou. [...] ficaram os 4 irmãos, e a família se diluiu, todos se separaram [...] A família não existe [...] não fazemos festa de família [...] Não lembramos nem dos aniversários...

Sua mãe já estava doente há alguns anos, não tendo condições de assumir responsabilidades na família, assim sua morte não trouxe muitas modificações na casa, que continuou a ser administrada pela avó, que já vivia com a família. Porém, se a morte da mãe não trouxe tantas modificações na casa, as mudanças de ordem emocional que começaram a ocorrer no interior da família foram significativas. O suicídio da mãe deu início a uma desestruturação e separação entre os membros da família, que claramente se consolidou, alguns anos mais tarde, após as mortes do pai e da avó. Luiz chega ao ponto de dizer que não existe mais família.

Eu fiquei bastante traumatizado, senti-me bastante triste e foi bastante difícil elaborar isso (suicídio da mãe) até um determinado período. No começo eu não queria nem saber de falar sobre isso. [...] Nos primeiros momentos após a morte dela, querendo entender o que aconteceu, eu me sentia mal, achava que tinha sido uma certa covardia dela, pois abandonou a gente, abandonou a família.

Luiz era um dos que estavam mais presentes ao lado de sua mãe nos últimos meses de sua vida, preocupando-se, cuidando dela com amor. Assim, nos primeiros anos após o suicídio se fechou para o assunto, silenciando e sofrendo com a sensação de abandono vivida a partir da morte voluntária da mãe, que trazia a dúvida se realmente era amado por ela. Via a mãe como uma pessoa covarde por desistir de lutar pela vida, e por escolher a morte a ficar com aqueles que a amavam.

Depois disso elegi a água como minha mãe substituta. Antes eu era um garoto gordinho, preguiçoso, mas depois que minha mãe morreu comecei a nadar, nadar e nadar. Me valorizaram no clube, diziam que eu podia ser campeão e senti-me acolhido por uma nova família, que era a equipe de natação, e o meu técnico tinha bem um jeitão de paião, de cuidador.

Com a desestruturação emocional de sua família após o suicídio não havia acolhimento entre os membros, porém Luiz conseguiu encontrar acolhimento em outro ambiente, refere que encontrou uma nova família na equipe de natação em que acabara de entrar, sentindo-se aceito, valorizado e incentivado pelo técnico e pelos companheiros de treino. Assim, a sensação de abandono por parte da mãe foi amenizada pela sensação de ter sido adotado por essa nova família e pela água, que passou a representar uma mãe substituta em sua vida.

2) Tipo de morte

Com o nascimento da minha irmã temporã, 10 anos mais nova que eu, minha mãe teve neurose de parto, hoje se chama depressão pós-parto. [...] Desde que ela nasceu eu segurava a minha mãe com crises... crises de loucura, não sei qual o nome dar. Havia dias em que ela atacava o berço, queria matar a bebê. Eu a continha porque era eu quem ficava mais tempo em casa. Ela ficava transtornada, não parecia mais minha mãe. [...] estava muito doente, e foi piorando cada vez mais, e naquela época não sabiam lidar com a chamada neurose de parto. Ela chegou até a tomar eletro choques. Lembro que ela fugiu de casa várias vezes e eu corria atrás dela. [...] O olhar dela mudava. Ela não nos reconhecia mais. Passei esse drama por 2 anos, mas eu era um garoto muito brincalhão, e ia levando tudo isso muito na brincadeira, mas certamente tudo isto estava sendo registrado em algum lugar no meu corpo emocional. Eu era muito caseiro e foi por isso que eu presenciei tantas cenas [...] Um dia eu estava tomando banho, olhei para cima e vi o cano do chuveiro amassado, e pensei: “Minha mãe está tentando se matar, se enforcar”. Mas eu era um moleque e nem liguei muito. Desse acontecimento passou alguns meses, e um dia minha avó vem correndo e diz: “Procura sua mãe, a sua mãe está no banheiro de empregada!”. Corri lá e olhei pelo respirador da porta, e vi o pé da minha mãe no chão, parado, e chamei: “Mãe, mãe, mãe”. Como ela não respondia abri a porta e dei de cara com uma cena terrível; ela estava enforcada com o fio do ferro de passar roupa! Olhei e não entendi, porque ela estava com uma fisionomia de quem estava dormindo, não estava com uma cara ruim. Provavelmente ela subiu na privada, prendeu o fio no chuveiro

e se asfixiou. [...] Eu olhei e fiquei bastante traumatizado, muito triste, e saí correndo. Lembro-me de correr para frente de casa gritando e fui falar para o vizinho: “Minha mãe se matou!”. Depois vi encostar o IML, tinham vindo buscar o cadáver dela [...] Esse dia foi traumático...

Os anos que precederam o suicídio de sua mãe foram vividos por Luiz com apreensão, tensão e medo, pois sua mãe já dava indícios de que estava difícil continuar a viver. Luiz, com apenas 10 anos de idade na época, presenciou muitas crises emocionais, e teve papel ativo nos cuidados com a mãe, vigiava para que não fizesse mal à filha pequena e nem a ela própria. Refere não ter lembranças de se sentir mal com toda esta situação naquele período, pois era pequeno e não tinha total consciência do que se passava, porém acredita que tudo que viveu estava sendo registrado em sua psique.

Relata que em um período de dois anos a mãe apenas apresentou pioras na esfera emocional, podendo-se perceber que a perda dela aconteceu em vida, antes mesmo de sua morte, pois em muitos momentos ela já não se encontrava consciente de seus atos, aumentando a dor da família.

Após este período conturbado e estressante, em que a mãe exigia da família cuidado e atenção constante, ela comete o suicídio. E, ainda que já estivesse mostrando indícios de que se mataria, este é recebido com choque pelos que estavam à sua volta. Luiz ficou especialmente impressionado, pois foi quem a encontrou enforcada e pendurada no banheiro.

[...] acho muito estranho, ninguém fala da dor, nós quatro perdemos a mãe daquela forma, mas nunca sentamos e conversamos sobre isso [...] nunca sentamos e olhamos olho no olho para falar sobre o que aconteceu naquela época. Talvez eles não tenham estrutura emocional para fazer isso. Percebo que minha irmã mais nova ainda sente bastante. Tenho muita vontade de perguntar para eles: “Como chegou em vocês essas coisas?”. Você acredita que eles nunca me perguntaram nada e não me perguntam até hoje, fui eu que encontrei o corpo da minha mãe, e eles não têm coragem de perguntar como foi.

Luiz fala que o suicídio trouxe a ele o sentimento de abandono, minando a certeza de que sua mãe o amava. E, em relação aos sentimentos dos outros familiares, não tem dados, destacando que o assunto tornou-se um tabu dentro da casa, ninguém nunca falou sobre isso entre os membros da família. Acredita que, naquela época e ainda hoje, o medo da dor não permite que toquem no assunto. Ele demonstra uma preocupação especial com a dor de sua irmã mais nova.

[...] era uma situação muito tensa (após o suicídio). Até hoje, quando encontro alguém que viu o que aconteceu na época, percebo que a pessoa fica mais tensa do que eu quando se toca no assunto, me trata até meio estranhamente. Isso foi algo que fui obrigado a conviver e a entender.

O suicídio é, muitas vezes, um ato que pode trazer uma estigmatização social, pois há geralmente muitas dúvidas e julgamentos em torno das reais causas de uma pessoa tirar a própria vida, especialmente quando se trata de uma mulher ainda jovem, com filhos pequenos. Muitas famílias de suicidas ficam rotuladas por toda a vida; a mãe se torna ‘a mãe da suicida’, ‘o marido da suicida’, ‘o filho da suicida’. Luiz sentiu e, mesmo passado muitos anos do acontecimento, ainda sente que as pessoas que presenciaram a situação acabam mostrando estranhamento, como se ele fosse contagiado pelo suicídio da mãe.

3) A relação com o pai e com os irmãos

Em relação ao meu pai, ele era uma figura omissa, não sei se essa é a palavra correta. Ele trabalhou muito e quase não o via... Meu pai hoje para mim é o meu grandessíssimo herói. Ele é um exemplo para a minha vida. Hoje sou educador graças a ele. Ele era professor, dono de escola, educador para os outros e para os filhos. Ele dizia frases de efeito, citava pensadores, falava bem, era orador. Eu o tenho como herói, mas vivi pouco com ele e quando eu virei homem, aos 25 anos, ele já estava morrendo de câncer. Ele morreu aos 57 anos, morreu menino. Tenho saudades, muito respeito e muita reverência, mas ele não teve muita presença como pai.

A figura do pai quase não aparece em todo o relato, mesmo em meio ao evento marcante do suicídio da mãe. Apenas quando perguntei sobre seu pai, falou um pouco sobre ele, o que demonstra sua ausência na família, descrita por Luiz. Mas, apesar de ter estado distante como pai, pôde servir como modelo profissional para Luiz, que o admirava e se espelhou em suas qualidades de educador.

Depois que morreram minha mãe, meu pai e minha avó só ficaram os quatro irmãos, e a família se diluiu, não apenas emocionalmente, todos se separaram, mas também os bens materiais se foram. Tem uma coisa interessante, os quatro irmãos não são uma família. Minha irmã mais velha uma época morou perto de casa durante um bom tempo e só foi me visitar uma vez, quando eu estava muito doente, de cama, e ela me levou uma marmita; lembro que fiquei até emocionado, aquilo não foi comida para mim, mas foi uma linda poesia. A família não existe... eu não entendo... Dois anos atrás fiz um esforço danado para juntar os quatro irmãos, fomos em uma pizzaria. Nos divertimos, demos risada. Mas eu acho muito estranho, ninguém fala da dor, nós quatro perdemos a mãe daquela forma, mas nunca sentamos e conversamos sobre isso. Nós não fazemos festa de família, Natal e Ano Novo nunca passamos juntos. Não lembramos nem dos aniversários um do outro. Eu não tenho uma visão da família como algo imprescindível, mas me chama muita atenção essa distância entre nós irmãos.

Luiz percebe que o suicídio da mãe começou a dar espaço à formação de barreiras entre os membros da família, e que o distanciamento ficou ainda maior após as mortes do pai e da avó. Ressalta que o medo da dor em relação à morte da mãe fez com que o fato se tornasse um tabu na família, um assunto que nunca foi conversado. Assim, cada um lidou com o sofrimento sozinho, sem compartilhá-lo com os outros também em sofrimento, afastando-se cada vez mais. Atualmente dificilmente se encontram ou se falam, e Luiz não acha mais que sejam uma família, por isso um pequeno ato da irmã ao lhe trazer comida quando estava doente soa como poesia.

4) Crenças adquiridas

Nos primeiros momentos após a morte dela, achava que tinha sido uma certa covardia dela, pois abandonou a gente. Depois comecei a entender o contrário: “Puxa, mulher sofredora, corajosa, doente...”

Era uma doença, porque antes minha mãe era uma mulher alegre, muito bem humorada, sorridente, ela não tinha nada a ver com “se matar”. Ela gostava de viver, era muito bonita, lindíssima! Era inteligente, estudou nos melhores colégios da época. Então foi mesmo a depressão pós-parto. Antes do parto ela era outra pessoa. Comecei então a lembrar dessa minha mãe alegre, sorridente, e a pensar que ela teve um problema de saúde. [...] não era uma pessoa tresloucada, mas uma pessoa doente, que teve problemas com o tratamento, que na época era muito precário. Hoje em dia os tratamentos da depressão pós-parto são muito eficazes, de resultados muito bons, e na época eram os eletro choques, internaram ela como louca... [...] Hoje vejo minha mãe como uma mulher forte. Ela é um dos símbolos de mulher para mim hoje! [...] minha mãe morreu e virou minha grande heroína! Será que é um exagero? Para mim não é. [...] Tenho muitos poemas escritos em homenagem à minha mãe, mulher corajosa e maravilhosa!

Luiz acredita que a mãe, antes da depressão pós-parto, foi uma mulher sem qualquer dificuldade emocional, além de ter muitas qualidades, aproximando-se de uma pessoa ideal. Porém, a depressão a transformou em uma pessoa que a família não mais reconhecia, e a inadequação do tratamento a levou a cometer o suicídio.

Mais importante do que poder verificar se esta crença está baseada em informações reais ou não, é poder perceber que esta pode estar servindo como uma forma de conforto emocional para Luiz, pois responsabiliza a doença por tirar a vida da mãe, suprimindo assim seu direito de escolha entre morrer e deixar a família, e o que foi sentido como abandono muda completamente de tom, passando da covardia à coragem.

Na fase adulta:

5) Características pessoais e sentimentos recorrentes

Saí de um drama e hoje me vejo como uma pessoa corajosa, sensível, que escreve poesias, que tem a imagem da mãe como heroína, como as mulheres são. [...] acho que hoje tenho um entendimento poético da vida e da morte, tenho uma coragem de aceitar essa condição humana de uma melhor maneira. Eu cuido muito bem da minha saúde. Estou muito saudável aos 60 anos. Continuo irreverente. Na minha profissão busquei inovar, busquei gratidão.

Luiz não relatou muito sobre suas características pessoais, talvez porque não perguntei diretamente sobre esta temática. No trecho exposto acima descreve quais ganhos o suicídio da mãe pôde lhe proporcionar e demonstra que, após superar sua dor, hoje consegue se ver como uma pessoa melhor.

Desta maneira, podemos verificar que algumas de suas características pessoais que relaciona à perda da mãe e, principalmente, à caminhada que percorreu de significações e ressignificações para alcançar uma melhor compreensão sobre este evento, são: corajoso para enfrentar o sofrimento; sensível para entender as mulheres e escrever poesias; maduro para compreender a morte como fazendo parte da vida e a valorizando; compreensivo para aceitar a humanidade com suas qualidades e dificuldades; saudável fisicamente e emocionalmente; bem-humorado; e agradecido.

6) Relacionamentos amorosos

Meus dois filhos nasceram quando eu já estava separado das mulheres. Não que eu fuja dos compromissos, pelo contrário, eu até quero me comprometer, tenho vontade de estar com uma mulher, uma família, e não da forma como aconteceu.

Acho que a perda da minha mãe aos 12 anos teve uma influência em mim como homem. [...] provavelmente o fato de ter vivido o que vivi com a minha mãe estava atrapalhando a minha vida amorosa. Eu acredito, mas não tenho certeza de nada, acho que tenho um certo medo dela (namorada) ir embora, nem tanto através da morte, mas por ela fugir, assim como minha mãe fugia de casa, surtada, olhava para mim mas não me via, não me reconhecia. Hoje o amor romântico me remete a uma certa dificuldade de lidar com esse vínculo, com o medo de que de repente a mulher olhe para mim como se não estivesse me vendo. Acho que tem a ver com um medo do abandono.

[...] algumas namoradas disseram: “Será que você não está buscando uma mulher perfeita?” [...] a questão de que eu busco a perfeição acho que tem a ver com a minha história, porque minha mãe morreu e virou minha heroína. Ela morreu aos meus 12 anos, no início da puberdade, eu posso ter formado uma mulher heroína, apesar dela ter fugido da luta da vida, mas acredito que foi um suicídio por patologia. Acho que vale a pena pensar nisso: “Será que estou buscando uma mulher ideal?”. Pode ser. Porque minha mãe morreu e virou uma

grande heroína, e ninguém vai conseguir suplantar essa imagem, e isso é muito perigoso para as relações.

Luiz demonstra ter o desejo de ter um relacionamento mais estável e duradouro com uma mulher, hoje está com 60 anos, teve dois filhos com duas mulheres diferentes, mas não conseguiu alcançar o intento de permanecer por mais tempo em uma relação amorosa com nenhuma das namoradas.

Em seu relato traz o medo do abandono, como vivenciou com a mãe, como importante aspecto em seus relacionamentos amorosos. Além disso, fala da possibilidade de estar procurando alguém que seja tão especial quanto sua própria mãe, mas percebe que encontrar essa pessoa pode ser difícil já que a imagem que guarda da mãe agora é de uma mulher ideal.

Dessa maneira, é possível que estes dois aspectos presentes em suas relações amorosas: o medo do abandono e a busca da mulher ideal, possam dificultar uma vinculação mais forte com uma mulher.

7) Sendo pai

Hoje meu filho mais velho mora comigo. Ele foi morar comigo quando tinha onze anos, há dez anos, porque a mãe iria se casar.

A Silvia (mãe do segundo filho) foi diagnosticada com transtorno bipolar [...] Ela chegou a pegar o Rafael (filho), virá-lo de ponta cabeça e chacoalhá-lo, tiveram que tirá-lo da mão dela correndo. E hoje o garoto tem algum probleminha... os psicólogos em que levei, psicopedagogas, suspeitam de autismo... porque ele não gostava de toque, não conversava com ninguém, abaixava a cabeça. Hoje ele está melhor, outro dia o abracei e ele me abraçou também, e antes ele não deixava que ninguém encostasse nele. Até hoje o relacionamento comigo é distante, ele diz que não se acostuma muito comigo, mas hoje está bem melhor. Ele é bem inteligente, sensível, mas não se ajusta aos estudos formais.

Luiz relata que os filhos são figuras importantes em sua vida. O filho mais velho decidiu morar com ele quando era ainda criança, e já dura onze anos, mostrando terem

bom relacionamento. E com o filho mais novo parece preocupar-se e esforçar-se para estabelecer uma relação mais próxima, ainda que o filho o afaste em decorrência das dificuldades emocionais que apresenta estão se aproximando.

8) Perda e morte

Hoje posso dizer que a perda da minha mãe me trouxe entendimento sobre a morte, sobre a finitude [...] Hoje me traz uma certa intimidade com a morte. Acho que tenho um bom entendimento sobre a morte. A morte valoriza a vida, como uma caixa de jóias que valoriza a vida. A morte é uma constante na vida, que nos acompanha desde o nascimento, nascer e começar a respirar já é começar a morrer. E a vida é frágil e imediata, a vida é urgente. Esse foi o legado, legado da transformação, da necessidade de entender a perda e de superar o trauma.

Até hoje sou o único (entre os irmãos) que quando perguntado sobre quantos irmãos nós somos eu digo cinco, porque conto com o primeiro que faleceu. Acho que tenho uma relação muito boa com a morte hoje. Sinto que de forma geral as pessoas têm pavor da morte, principalmente do suicídio, mas eu não.

Luiz relata que sua busca por uma compreensão melhor sobre o evento do suicídio de sua mãe o ajudou a aceitar a morte, como sendo parte da vida. Completando que, em muitos casos, ela pode nos ajudar a dar valor à vida, o que aconteceu com ele. Assim, através dessa resignificação a respeito da morte e da vida, hoje Luiz afirma não temer a morte, nem o suicídio.

Seguindo adiante:

9) Nos caminhos da resignificação

Luiz passou por vários momentos de significações e resignificações para alcançar o entendimento que tem hoje sobre a morte da mãe ao fim de sua infância,

procurando ativamente meios que o ajudassem a lidar melhor com sua dor. Os meios que relatou foram:

No começo eu não queria nem saber de falar sobre isso (suicídio da mãe), mas depois de um tempo essa elaboração começou a acontecer. Eu me considero bastante corajoso e me lembro que fui tentando elaborar isso, sempre pensava nisso, sempre que possível falava no assunto. Era muito importante fazer o que estou fazendo hoje, contar para alguém sobre o que aconteceu. Até hoje ainda tenho necessidade de falar, mas a necessidade é bem menor porque já está bem elaborado.

Logo após a morte da mãe não conseguia ao menos pensar sobre o assunto, mas começou a perceber que pensar e verbalizar o que estava sentindo começou a ajudar na elaboração do acontecido. E, se a família estava trancada no silêncio e na dor não-compartilhada, ele buscou pessoas que o escutassem fora do círculo familiar.

Quando comecei a entender que minha mãe também era um ser humano, comecei a ver minha mãe como uma mulher, que tem a sua história, filha daquela senhora difícil, comecei a tentar resgatar e entender mais sobre a história dela.

Outra maneira de compreender o que ocorreu foi buscar saber mais sobre a história de vida da mãe, na tentativa de enxergá-la não apenas como uma mãe que cometeu suicídio e deixou os filhos desamparados, mas como um ser humano que estava em sofrimento.

Então comecei a elaborar e elaborar e em um dado momento da minha vida, por volta dos 15 anos, comecei a escrever poesias. Tenho muitos poemas escritos. E muitos deles são em homenagem à minha mãe, falando da mulher corajosa e maravilhosa.

Ainda adolescente encontrou na produção criativa de poesias um importante meio que o ajudou, e ainda o ajuda nas ressignificações de sua história.

[...] quando comecei a elaborar melhor um ponto bem importante foi entrar no banheiro em que ela morreu. Eu não me lembro exatamente

quando, já com uns 20 e poucos anos, porque antes eu passava no banheiro e nem olhava para a porta.

A cena da mãe enforcada no banheiro o chocou, por isso olhar para o local em que isso ocorreu era relembrar e reviver aquele dia. Mas, entendendo ser importante relembrar as situações dolorosas para lidar com os sentimentos e pensamentos, decidiu entrar no lugar onde a mãe tirou a própria vida.

Demorei muito tempo para ir ao túmulo da minha mãe. Eu lembro então do dia em que fui no túmulo da minha mãe, já com esse olhar mais corajoso, entendendo a perda, fui para prestar uma homenagem a ela. Me emocionei, chorei, e foi um choro gostoso, muito bom mesmo.

Depois do enterro da mãe, nunca mais havia estado em seu túmulo. Assim, decidiu visitá-lo, sentindo a importância dos rituais na vivência do luto. Mostrou que ainda se emociona, mas não como um evento perigoso, mas como uma liberação dos sentimentos.

Por volta dos 30 anos de idade, consegui um bom dinheiro e resolvi parar de trabalhar para cuidar de mim [...] Nesse período fiz bastante terapia com um terapeuta da linha bioenergética [...] fiz uma sessão individual com o terapeuta, nesse individual senti que chorei o choro que não chorei quando a minha vizinha disse que minha mãe não estava morta... Eu senti que chorei um choro de desabafo, e me senti muito bem! Eu considero que esse foi um marco do entendimento dessa perda.

Engajou-se em um processo psicoterapêutico, encontrando ali um ambiente acolhedor que o ajudou a expressar sentimentos e emoções antes represados, como a dor por ter encontrado a mãe enforcada. E liberar os sentimentos ajudou na sua elaboração.

Após os 2 anos em que fiquei me tratando e me cuidando tive um estalo e uma vontade de voltar, então voltei para natação, mas agora com um olhar terapêutico. [...] criei um novo método para ajudar pessoas com medo de asfixia pela água, criei o “nadar sem medo”, passei a dar palestras sobre isso. [...] A água hoje representa uma mãe que me acolheu, me deu guarita emocional, me fez homem forte,

realizado, atleta, campeão brasileiro, me deu uma profissão e me trouxe agora a possibilidade de gratidão. Hoje sou professor de natação e trabalho com pessoas que têm medo, traumas ligados à água. Essa importância simbólica da água está para mim inserida nessa trajetória traumática da perda, nessa necessidade de elaborar a perda.

Desde o momento em que começou a nadar, pouco tempo após a morte da mãe, a água passou a representar em sua vida uma segunda mãe, pois foi através dela que pôde ser acolhido pela equipe de natação, foi valorizado como atleta, e hoje tem uma profissão.

Em seu trabalho, desenvolveu uma forma de ajuda a pessoas que têm medo ou traumas com a água, mais especificamente com pessoas que têm medo de morrer por asfixia, o que acredita ter, de alguma maneira, uma ligação com a morte da mãe, que cometeu suicídio por asfixiamento. Assim, além de ajudar essas pessoas, vê também em sua profissão uma forma de retribuir e agradecer à sua segunda mãe, a água, pelo acolhimento e auxílio após a perda.

10) A permanência do vínculo

Eu sei do que aconteceu na minha vida, e tem um lugar para a dor dentro de mim, e sei que tem coisas registradas em mim que não vão sair nunca. [...] Não quero apenas olhar o lado bom para poder fugir do lado ruim da história. Hoje olho para os dois lados. [...] Não vivo como se nada disso tivesse acontecido, houve sim uma história dramática, mas que foi muito bem vivida. [...] Hoje vejo minha mãe como uma pessoa que teve um problema de saúde, uma mulher forte.

Existe lugar na vida de Luiz para a dor, valoriza as lembranças significativas, ainda que tenham relação com pessoas ou situações ligadas a sofrimento. Hoje é capaz de ver os dois lados da situação. Assim, mesmo após seu suicídio, relata que sua mãe continua sendo figura importante em sua vida, e as memórias relacionadas a ela uma parte significativa de sua história.

11) Buscando o melhor para si

As pessoas se perguntam o que acontece com um garoto que está entrando na puberdade e perde a mãe aos 12 anos? É muito forte? Pode prejudicar muito a vida dessa pessoa? Pode. Mas não foi o meu caso. Aquele molecão, que diziam que era terrível, dava muito trabalho, não era só um transgressor, mas essa energia se transformou em uma coragem de ver o que tinha do outro lado.

Hoje posso dizer que a perda da minha mãe me trouxe entendimento sobre a morte, sobre a finitude, sou uma pessoa privilegiada que nasceu do lodo, assim como a flor de lótus, que é lindíssima e nasce do lodo. [...] Poderia ter sido somente um drama, somente um trauma, mas não foi. Inicialmente sim, mas hoje não. [...] Esse foi o legado, legado da transformação, da necessidade de entender a perda e de superar o trauma. Quando fui levado ao limite, ou eu entendia ou sucumbia, ou me vitimizava ou me transformava e agradecia, e eu escolhi o segundo caminho!

Claro que demorei muitos anos para chegar nisso. Mas hoje sou grato, porque consegui tirar o melhor dessa experiência toda.

Luiz percebe a morte da mãe não apenas como perda e sofrimento, mas também como ganho, pois o que poderia ser apenas uma tragédia foi também uma oportunidade de aprendizagem e crescimento, mudando sua postura diante da vida.

Assim, apesar da dor que a perda lhe trouxe e ainda das dificuldades decorrentes do evento como a desagregação de sua família, Luiz assumiu sua vida e conseguiu buscar o que considera ser o melhor para si. Hoje lida sem temor com a questão do suicídio da mãe, está satisfeito consigo mesmo, pois se vê como uma pessoa melhor após superar sua dor e, ainda, também demonstra satisfação ao ajudar pessoas em sua profissão.

3.7. Síntese geral: entrelaçando as vivências

Ao realizar uma leitura empática do conteúdo das entrevistas verifiquei que, aos poucos, delineavam-se categorias temáticas, algumas presentes em todas elas, outras

não. E, dentro de cada tema, observei diferentes formas de significar as vivências, mas também percebi aspectos comuns. Assim, a partir destas divergências e convergências do campo individual, explicito abaixo o que compreendo como alguns dos aspectos comuns da vivência de perda precoce da mãe relatada pelos adultos entrevistados.

É importante notar que, ainda que estes aspectos transcendam as experiências individuais e possam ser estendidos a vários outros indivíduos, isso não implica que necessariamente sejam verdadeiros para todos (Martins e Bicudo, 1994).

No começo:

1) A PERDA

Foi possível perceber que a morte da mãe, ainda jovem e com filhos pequenos, acarretou em todas as histórias muitas mudanças na estrutura familiar, pois esta tinha papel importante nesta dinâmica. Assim, a necessidade de rearranjos para suprir o papel que a mãe cumpria na vida da criança e da família trouxe, a partir das modificações, outras perdas aos órfãos como, por exemplo, da rotina, da casa, da escola, o afastamento de amigos e parentes, além das dificuldades que surgiram ou vieram à tona entre os membros da família, entre outras. Para alguns as mudanças foram tão drásticas que seria possível dividir suas vidas em ‘antes e depois’ da morte da mãe.

Neste contexto, a maioria dos participantes ressaltou que sentia necessidade de uma comunicação sincera e acolhedora por parte de adultos para com eles, para que a compreensão dos acontecimentos pudesse ser facilitada e que pudessem sentir-se amparados. A maioria deles afirmou não terem sido acolhidos como esperavam.

Os principais sentimentos vivenciados após a perda, relatados por eles, foram: solidão, desproteção, sensação de abandono, desamparo, sensação de orfandade

completa mesmo com o pai ainda vivo, medo, insegurança, vontade de morrer, tristeza, mágoa.

2) TIPO DE MORTE

O tipo de morte demonstrou ser relevante na forma como cada perda foi vivenciada pelo entrevistado e por sua família. Todas as mortes foram precoces, eram todas mulheres jovens que teriam ainda muito por viver. Além da prematuridade presente em todas as narrativas, também foi possível verificar tipos de mortes diferentes e suas peculiaridades em cada história. Foi possível observar a morte repentina/abrupta e o choque causado por esta; a morte violenta que, no caso narrado, foi presenciada e tornou a trágica cena persistente; a morte obscura e a confusão na compreensão do evento; o suicídio, que trouxe a sensação do abandono e o estigma social; e a morte após doença longa, não sendo possível ter idéia dos sentimentos envolvidos pois a entrevistada refere ter vagas lembranças do período em que a mãe estava doente.

3) A RELAÇÃO COM O PAI

Após a morte da mãe, nenhum dos entrevistados teve dificuldades financeiras maiores do que já tinham antes do acontecimento, o que significa que suas mães não eram as provedoras materiais principais, mas, na maioria dos relatos, eram os pais. Mas, para a maior parte dos participantes, já havia um distanciamento afetivo com seus pais, sendo suas mães as provedoras afetivas principais, assim suas mortes deixaram vago um lugar importante a ser ocupado. E, foi possível perceber que alguns dos filhos esperavam que principalmente o pai preenchesse este espaço vazio. Porém, os relatos indicam que nenhum dos pais se tornou provedor afetivo para os filhos. E, por essa razão, muitos relataram ter se sentido completamente órfãos de mãe e pai, ainda que

este último estivesse vivo. Assim, a relação entre o pai e os filhos após a morte da mãe mostrou-se ser de distância afetiva na maioria das narrativas, mas em duas delas apareceu, além do distanciamento, também o abuso e a violência física, o que gerou nestes filhos a sensação de desproteção, medo, raiva e mágoa.

4) CRENÇAS ADQUIRIDAS

A maioria das crenças adquiridas relatadas trouxe uma idealização da imagem da mãe, ou uma idealização do relacionamento que poderia ser construído se estivesse viva. Foi possível perceber que muitas destas crenças se iniciaram na infância e ainda hoje, na vida adulta, acompanham a pessoa. Acredito não ser possível afirmar ou negar o que os participantes relataram a respeito de suas mães, porém pude notar que muitas destas crenças têm concordância com as faltas que cada um sentiu em sua vida, como a falta de cuidados, afeto, proteção, acolhimento. Algumas destas crenças parecem trazer conforto para a pessoa hoje na vida adulta, outras mostram-se como entraves, pois parecem atrapalhar relacionamentos amorosos, ou outros aspectos da vida do entrevistado.

Na fase adulta:

5) CARACTERÍSTICAS PESSOAIS E SENTIMENTOS RECORRENTES

Não foi possível estabelecer um quadro de referência em relação às características pessoais desenvolvidas e os sentimentos recorrentes que os participantes relacionaram à perda precoce da mãe, pois foram muitas as diferenças nas histórias relatadas. A maioria dos entrevistados descreveu mudanças de suas características pessoais, relatando diferenças dependendo do momento de sua vida. Dessa maneira, foi possível perceber que não podemos descrever um tipo de personalidade pré-definida de

pessoas que perderam a mãe na infância, cada indivíduo é único e muitas são as variáveis envolvidas em seu desenvolvimento.

6) RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Todos os entrevistados casaram-se e/ou mantiveram relacionamentos amorosos de longa duração. Porém, foi possível observar dois aspectos relevantes nas relações de alguns participantes, e cada um destes aspectos apresentou-se em mais de uma narrativa. Foram eles: vinculação amorosa fraca durante toda a vida, mesmo com o marido ou esposa; e o medo do abandono, mesmo sem haver indícios de término do relacionamento.

7) SENDO PAI / MÃE

Quatro dos entrevistados têm filhos e dois ainda querem ter, assim a orfandade não suprimiu o desejo de serem pais. E ainda, todos os quatro mostraram-se comprometidos com a maternidade/paternidade, e dois relataram suas dificuldades no exercício do papel de pais. Estes trouxeram questões muito próximas, a dificuldade de dar afeto aos filhos sem ter recebido dos pais, e a dificuldade de ser pai/mãe sem ter tido modelos parentais. Um dos participantes vê a possibilidade de se encontrar modelos substitutos ao longo da vida. E, nesta mesma linha de pensamento, é possível também encontrar afeto materno e/ou paterno em outras pessoas.

8) PERDA E MORTE

Na maioria das narrativas não surgiram preocupações significativas em relação à própria morte, ou com as futuras perdas de pessoas queridas por morte, sendo que metade dos participantes declarou não temer a morte ou as perdas.

Apenas duas pessoas descreveram uma maior preocupação com a morte, sendo que uma delas teve uma ‘reação de aniversário’ (CASSORLA, 1991), temendo morrer na mesma época em que a mãe faleceu e deixar o filho pequeno desamparado, que atualmente não está mais presente.

Seguindo adiante:

9) NOS CAMINHOS DA RESSIGNIFICAÇÃO

A maioria dos entrevistados relatou procurar meios em que pudessem refletir e ressignificar suas vivências de perda, para que pudessem superar a dor e lidar melhor com elas. Todos os que procuraram estes meios foram ajudados, encontrando outros significados para a morte da mãe que não apenas o da perda e da dor. Passaram a considerar tanto os aspectos positivos, como os negativos de suas histórias, integrando os dois lados em suas vidas.

Duas pessoas ressaltaram a vontade de não pensar em sua história de vida, pois têm medo de adoecer ao entrar em contato com a dor. Para estas o se emocionar parece ser um evento perigoso, pois pode desencadear a dor.

Os principais meios que levaram às ressignificações de suas histórias, apontados pelos participantes, foram: reflexão e verbalização dos sentimentos para parentes e amigos; resgate de sua história de vida e da história de vida de sua mãe; engajamento em processos psicoterapêuticos; realização de rituais de enlutamento, como ir ao cemitério; produção de trabalhos criativos, como a escrita de poesias; e ainda, o engajamento em profissões de ajuda, que tinham relação direta com suas próprias vivências.

10) A PERMANÊNCIA DO VÍNCULO

A maioria dos entrevistados demonstrou ter um vínculo significativo com a figura da mãe, mesmo na sua ausência física, pois continua sendo pessoa importante em suas vidas.

Todos os participantes que procuraram meios de ressignificar a vivência de perda foram em busca de mais lembranças relacionadas à mãe e maneiras de continuar vinculado a ela; e isso os ajudou a redefinir a forma de relacionamento com a mãe e integrá-lo em suas estruturas de vida, não da mesma forma como era quando estava viva, mas de uma maneira diferente.

As principais formas relatadas de manter o vínculo com a mãe foram: ver e sentir a presença da mãe mesmo na sua ausência, guardar fotos e objetos, lembrar, recontar histórias.

11) BUSCANDO O MELHOR PARA SI

É possível notar em todos os relatos as muitas adversidades pelas quais os colaboradores passaram durante suas vidas, em decorrência da perda de suas mães ou não. E ainda assim todos foram atrás de uma vida melhor para si; alguns trabalhando bastante para conseguir independência financeira e/ou consolidar uma carreira, outros se engajando em processos terapêuticos, se aproximando de pessoas que os acolhessem, escolhendo profissões de ajuda, entre outros.

Principalmente aqueles que buscaram meios de ressignificar a vivência de perda demonstraram terem crescido e se fortalecido com o processo de enfrentamento da dor, conseguindo considerar e integrar tanto os ganhos quanto as perdas em suas histórias de vida. Para estes a morte da mãe não representou apenas perdas, mas também ganhos, impulsionando-os a buscar o melhor para si.

4) DISCUSSÃO: ampliando as reflexões

*“Não escondas, ó homem, teu rosto atrás da aba do teu chapéu.
Transforme sua dor em palavras, porque a dor que não se expressa
grita no íntimo, até que o coração desfalece.”*
Shakespeare

Neste capítulo busco estabelecer diálogo entre os dados encontrados na análise do conjunto das narrativas com materiais produzidos por outros pesquisadores e teóricos, no intuito de clarear e ampliar as reflexões.

Um dos aspectos que mais apresentou peculiaridades foi o tipo de morte relatado em cada narrativa. Entrevistei seis pessoas que perderam suas mães por mortes diferentes, verificando que cada forma de morte teve um tipo de influência sobre a vivência dos participantes sobre a perda da mãe. Não foi apenas a forma com que suas mães vieram a falecer que influenciou suas vivências, já que há muitas outras variáveis envolvidas nesta situação.

Todas as mortes foram precoces, ou seja, eram mulheres jovens, com filhos pequenos como seus dependentes, e que ainda poderiam viver muitos anos, gerando assim perplexidade na família. Sobre este aspecto Mazorra et al. (2002), Parkes (1998), Rando (1992-1993), Stroebe e Stroebe (1993) encontraram em suas pesquisas que a morte prematura pode gerar maiores dificuldades na vivência do processo de luto por estas pessoas, pois era menos esperada, indo contra o ciclo natural da vida.

Além da prematuridade presente em todas as mortes, também foi possível verificar aspectos específicos existentes em cada uma delas: a morte repentina e o choque causado, pois, segundo Walsh e McGoldrick (1998), houve uma ruptura brusca sem qualquer preparo prévio ou momentos para despedidas; a morte violenta que foi

presenciada e tornou a trágica cena persistente, e as mesmas autoras apontam que a cena não se apaga pelo fato das lembranças serem fortemente influenciadas pelo estado em que ficou o morto; a morte obscura e a confusão na compreensão do evento; o suicídio trouxe a sensação do abandono e o estigma social, porém não trouxe sentimentos de culpa ao entrevistado, contrariando o que apontam Walsh e McGoldrick (1998); e a morte após doença longa, porém, que não mostrou as especificidades envolvidas, pois a entrevistada tinha apenas vagas lembranças destes momentos.

Outro aspecto verificado foi que a prematuridade da morte de uma jovem mãe, ainda com filhos pequenos, acarretou mudanças significativas na estrutura familiar, pois seu papel era importante e houve então necessidade de muitos rearranjos na dinâmica, para então se configurar uma nova estrutura (em alguns casos desestrutura) familiar. Em meio a estas modificações, inúmeras outras perdas, além da perda da mãe, foram sentidas pelos participantes. Segundo Casellato (2005), a criança não apenas vivencia o caráter definitivo da separação e do abandono, mas se depara também com diversas perdas secundárias concomitantes à morte do genitor. Foi o que ocorreu nas histórias relatadas neste estudo: com a morte da mãe, figura central na família, puderam-se observar mudanças para outros locais de moradia, troca ou entrada na escola, perda de contato com figuras afetivas como amigos e vizinhos, perda de hábitos rotineiros, dificuldades que surgiram ou vieram à tona entre os membros da família, além da perda de esperanças e sonhos relacionados à existência da mãe, entre outros. Assim, muitos elementos de referência até então existentes para essas crianças deixaram de fazer parte de suas vidas. E é por essa razão que Silverman e Worden (1999) afirmam que a maioria das crianças não precisam somente lidar com a morte do genitor, mas com a morte de todo um estilo de vida.

Neste contexto de insegurança pela perda dos elementos de referência, a maioria dos participantes ressaltou que sentia necessidade de uma comunicação sincera e acolhedora por parte de adultos para com eles, para que compreendessem melhor os acontecimentos e se sentissem amparados. Porém, a maioria deles afirmou não terem sido acolhidos como esperavam. Alguns tinham grande expectativa a respeito da relação com o pai após a morte da mãe, esperavam que fosse mais atencioso e acolhedor, porém, nenhum dos pais se aproximou desta maneira de seus filhos, sendo que alguns se afastaram ainda mais.

Diante destes fatos relatados, observei que a diferença entre os papéis exercidos pelas mães e pelos pais influenciou a vivência de perda dos entrevistados. Na maioria das histórias trazidas as mães eram as provedoras afetivas, enquanto os pais eram os provedores materiais, assim já havia um distanciamento afetivo entre os participantes e seus pais anterior à morte da mãe. Após o falecimento da mãe nenhum dos pais se tornou provedor afetivo para os filhos e muitos relataram ter se sentido órfãos de mãe e pai, ainda que este estivesse vivo. Alguns estudos descritos a seguir descrevem a diferença entre a perda de um pai e de uma mãe, confirmando a perda da principal provedora afetiva que os entrevistados relataram e suas sensações de desamparo e solidão após a perda da mãe.

A pesquisa realizada por Silverman e Worden por dois anos (1999) com 70 famílias enlutadas que perderam um dos genitores, com filhos entre 6 e 17 anos de idade, verificou que a perda da mãe é diferente da perda do pai, pois a mãe geralmente é responsável pela vida afetiva da família e é em quem se baseia a estabilidade das rotinas diárias. O pai se sente bastante incomodado quando precisa assumir o papel de provedor afetivo primário, que foi o que os colaboradores deste presente trabalho relataram. Contudo na pesquisa de Silverman e Worden (1999), muitos pais, com ajuda e de

maneira gradativa, passaram a se sentir menos incomodados neste papel, o que não ocorreu com os pais das pessoas que entrevistei.

Tiba (2002) afirma que as diferenças entre ser pai e mãe são grandes e têm bases biopsicoantropológicas. E, mesmo que exerçam funções semelhantes, em situações especiais, ainda continuarão existindo diferenças fundamentais entre ser pai e ser mãe. Segundo o autor, a mãe mantém mais a estrutura familiar que o homem, assim, uma família sem mãe corre um risco maior de desagregação do que uma família sem pai.

Walsh e McGoldrick (1998) apontam que, apesar das rápidas mudanças na Sociedade Ocidental em relação ao que se espera de homens e mulheres, dentro das famílias ainda há grande influência do gênero na divisão das responsabilidades, porque ser mãe é diferente de ser pai. As autoras exemplificam demonstrando que as mães, quando perdem um membro da família, se encarregam principalmente das tarefas emocionais da família, como o acolhimento na expressão da dor; enquanto os homens geralmente cuidam da parte mais prática como as finanças, funeral, caixão, enterro; assim como pude observar neste trabalho.

O contexto da perda, juntamente com a dificuldade que os pais apresentaram em prover afeto, trouxe aos participantes os seguintes sentimentos: sensação de orfandade completa mesmo com o pai ainda vivo, solidão, desproteção, sensação de abandono, sensação de desamparo, medo, insegurança, vontade de morrer, tristeza, mágoa.

Alguns acreditam que teriam enfrentado melhor a dor da perda se tivessem sido acolhidos por seus pais e pelas madrastas. Silverman e Worden (1999) discutem esta questão ressaltando que o apoio de adultos próximos ajuda a criança a enfrentar melhor a dor da perda, trazendo sensação de acolhimento e cuidado. Destacam ainda a importância da comunicação aberta e segura com a criança que perdeu um dos genitores,

informando-lhe sobre o que aconteceu. Falam também do valor dos rituais de enlutamento e a importância das crianças participarem se quiserem.

Neste mesmo sentido, Walsh e McGoldrick (1998) afirmam que as crianças precisam de uma maior atenção quando perdem a mãe e/ou o pai, pois o trauma da perda talvez não seja o mais marcante, e sim a falta que a pessoa perdida fará em sua vida. Assim, as dificuldades enfrentadas após a perda pela criança serão influenciadas pelas formas como o pai sobrevivente e a família irão lidar com a nova situação.

Os estudos (Crook & Raskin, 1975; Ifeagwazi & Obieze, 2000-2001; Knijnik & Zavaschi, 1994; Luechen, 2000; Mireault & Bond, 1992; Saler & Skolnick, 1992) também apontam que a abertura para expressão dos sentimentos no meio familiar e o suporte emocional entre os membros da família auxiliam as crianças em seu enfrentamento à dor da perda, e na continuidade de seu desenvolvimento biopsicossocial.

Mais um ponto importante é que muitos dos entrevistados desenvolveram, desde a infância, crenças sobre a mãe, quem conheceram pouco, e sobre o relacionamento que seria estabelecido com ela se estivesse viva. Em meio à aridez afetiva em que a maioria estava inserida, compreendo que estas crenças, trazidas como idealizações da mãe ou do relacionamento, puderam gerar conforto às crianças órfãs. Harris (1995) afirma que as crenças sobre o genitor após sua morte geralmente trazem conforto à criança, sendo necessárias em meio à insegurança de seu novo mundo, e podem ser expressão das faltas que sentem. A autora diz que geralmente estas crenças são difíceis de serem descartadas e continuam na fase adulta, tornando-se parte do conceito de eu dessas pessoas. E foi o que aconteceu na maioria das histórias narradas: a continuidade das crenças na vida adulta; e a possibilidade destas estarem expressando as faltas que cada

um sentiu em sua vida, como a falta de cuidados, afeto, proteção, acolhimento, entre outras.

Algumas destas crenças ainda trazem conforto para a pessoa na vida adulta, porém outras têm sido entraves, pois atrapalham relacionamentos amorosos ou outros aspectos da vida do entrevistado. Virginia Woolf, segundo Harris (1995), descrevia sua mãe como uma mulher muito feliz, extremamente bonita, mãe e esposa maravilhosas, como uma princesa em um conto de fadas. Porém, Woolf estava consciente que a morte em sua infância fez com que criasse para si uma imagem idealizada e irreal da mãe, mas ainda assim dizia que gostaria de continuar lembrando-se da mãe desta maneira em muitos momentos, trazendo o conforto que necessitava.

Os relatos demonstraram que nenhum dos entrevistados teve o acolhimento esperado do pai e a maioria também não recebeu este acolhimento de nenhum outro familiar. Ainda assim, segundo o que me foi apresentado nas narrativas, percebi que nenhum deles desenvolveu distúrbios psiquiátricos ou desajustamentos sociais, e que apenas alguns deles apresentaram problemas emocionais maiores evidenciados na dificuldade de estabelecer vínculos amorosos.

As narrativas que compõem este trabalho não vão na direção dos seguintes estudos: Amato (1991), Bron et al. (1991), Furukawa et al. (1999), Patten (1991), Zavaschi et al. (2002), que afirmam que a perda de um ou ambos os pais na infância estão geralmente correlacionados a distúrbios psiquiátricos e/ou desajustamentos sociais na vida adulta como depressão, doença afetiva bipolar, esquizofrenia, problemas de aprendizagem, obesidade, comportamento suicida, dificuldades conjugais, entre outros.

Dessa maneira, acredito ser importante ressaltar, concordando com Harris (1995), que nem toda criança que sofre a perda dos pais se torna um adulto afetivamente

perturbado, sendo muito importante cuidarmos para não fazer rotulações ou pré-julgamentos sobre pessoas que cresceram sem a mãe.

Entendo que não é possível estabelecer uma relação determinista entre o passado e o futuro da vida de uma pessoa. Pude observar nos dados encontrados nos relatos que não houve correlação da morte da mãe e distúrbios psiquiátricos ou desajustamentos sociais. Também não foi possível estabelecer um quadro de referência em relação às características pessoais dos enlutados, pois, mesmo neste grupo de seis pessoas, foram muitas as diferenças de um indivíduo para o outro, além das diferenças em cada momento de vida de um mesmo indivíduo. E, dependendo das variáveis envolvidas em cada história, muitos indivíduos desenvolveram também características positivas, e não principalmente características negativas como relatado nos estudos correlacionais citados acima.

Outro exemplo do não-determinismo são os achados do item ‘sendo mãe/pai’, que apresentou que os pais entrevistados mostraram-se comprometidos com a maternidade/paternidade. Dois colaboradores relataram suas dificuldades no exercício do papel de pai/mãe, porém acredito que esta inquietação sobre estar sendo ou não bons pais pode vir da percepção deles a respeito da falta de algumas coisas importantes em suas vidas, como afeto, cuidado, orientações, entre outras. Esta percepção da falta faz com que fiquem mais preocupados se estão agindo de maneira correta, mais preocupados do que pessoas que não ficaram órfãos na infância. Estas preocupações podem ser geradas pelas idéias pré-concebidas que circulam na sociedade de que aqueles que foram afastados de um ou ambos os genitores são muito mais propensos a terem dificuldades ao exercerem o papel de mãe/pai.

Confirmando este aspecto cito a pesquisa de Zall (1994), que estudou dois grupos de mães, um que havia perdido suas mães na infância por morte e o outro era um

grupo controle sem esta perda. O autor verificou que não havia diferenças significativas entre os grupos quanto às características positivas de seu exercício no papel de mães. Porém, encontrou diferenças entre as preocupações destas mães, pois muitas das órfãs demonstraram inquietações quanto a exercerem bem a maternidade e quanto ao temor de falecerem jovens e deixarem seus filhos desamparados.

A pesquisa qualitativa, realizada por Casellato (2004), também confirma o não-determinismo no aspecto da maternidade. O estudo foi feito com três mulheres adultas, que foram abandonadas total ou parcialmente por suas mães na infância, vivenciando a perda da mãe não por morte, mas por abandono, e as três entrevistadas na fase adulta se tornaram mães responsivas. A autora afirma que estas mães vivenciaram muito medo de repetir a experiência da infância e comportaram-se como cuidadoras amorosas, presentes e ansiosas por garantir a aceitação dos filhos e o desenvolvimento saudável deles. Afirma ainda que os resultados encontrados se contrapõem à estigmatização em torno das crianças que foram abandonadas e à generalização existente em nossa sociedade, no que se refere aos efeitos negativos permanentes do abandono na infância, principalmente no que se refere ao desenvolvimento do sistema cuidador na vida adulta.

Silverman e Worden (1999) observaram em um estudo com mulheres universitárias que perderam um dos genitores na infância, que a grande maioria destas mulheres acreditava que suas vidas tinham sido bastante modificadas com a perda, mas não se sentiam sufocadas pelas dificuldades emocionais. Os autores afirmam que os resultados da perda de genitores na infância precisam ser vistos de maneira mais dinâmica, e não apenas em termos de presença ou ausência de sintomas ou sinais de distúrbios psicológicos. É preciso considerar as inúmeras variáveis presentes nesta situação de perda como: a personalidade do enlutado, o relacionamento anterior com a mãe falecida, a capacidade da família poder se reorganizar, a qualidade da estrutura

familiar depois da morte, o relacionamento com o pai sobrevivente e com outros familiares, a possibilidade de encontrar outras pessoas que possam acolhê-lo ainda que não sejam da família, entre outras.

É possível que estas crianças tenham mais dificuldades em seu desenvolvimento biopsicossocial, já que tiveram que se adaptar a um número maior de mudanças do que aquelas que não perderam a mãe prematuramente, porém, como disseram Silverman e Worden (1999), o processo é dinâmico. Rufus (2002) confirma este pensamento afirmando que devemos desconfiar desses ‘prognósticos dramáticos’, que, muitas vezes, mais parecem uma condenação. Com crianças e adolescentes, mais que com adultos, a vida está em aberto e não se sabe que acontecimentos ocorrerão em suas vidas, o que poderão ajudá-los a retomar o rumo: encontros significativos, amigos, professores acolhedores, histórias de amor, paixão pelos esportes, engajamento em profissões de ajuda, entre tantas outras possibilidades. Pude observar algumas destas possibilidades no relato de vida dos colaboradores deste estudo.

Nesta mesma linha de pensamento, a Abordagem Centrada na Pessoa, postulada por Rogers (1961/1981), também não propõe que as situações vividas no passado determinem o futuro, acreditando que, mesmo que a pessoa tenha experienciado situações dolorosas em condições totalmente desfavoráveis anteriormente, pode futuramente encontrar pessoas ou ambientes acolhedores, assim podendo ressignificar sua história e modificar sua maneira de ser e de estar diante da perda da mãe e da dor.

Estas ressignificações podem ocorrer na infância, ou mesmo na fase adulta, 20, 30, 40 anos após a perda, pois a ‘tendência à atualização’ (como apontado na p.47 da Introdução) sempre está presente, não podendo ser destruída a menos que se destrua o organismo. Quando uma pessoa se encontra em um ambiente acolhedor em que as atitudes eficientes na promoção de crescimento estão presentes, ou seja, as ‘atitudes

facilitadoras' (como apontado na p.49 da Introdução), não há bloqueio ou distorção desta tendência à atualização e esta pode se manifestar auxiliando no enfrentamento da vivência de perda da mãe.

Harris (1995) afirma que, quando modelos ou cuidados afetivos de um genitor são inexistentes ou muito fracos, é possível encontrar substitutos durante a vida. A autora exemplifica relatando um trecho da história de C.S. Lewis. Quando Lewis, que perdeu a mãe aos 9 anos de idade, estava na universidade ele e seu melhor amigo foram para a guerra e lá prometeram que se um deles morresse o outro tomaria conta da família do falecido. Seu amigo morreu na guerra e Lewis herdou a mãe desse amigo. Durante 30 anos ele viveu com ela, chamando-a de mãe e ela chamando-o de filho, até a morte dela. Lewis a descreveu como sendo sua mãe substituta, quem proveu a base afetiva para que ele pudesse se desenvolver, crescer e se tornar o escritor criativo que conhecemos.

Analisando as narrativas dos colaboradores, acredito que não seja possível fazer previsões sobre como se comportarão os adultos que perderam a mãe na infância, cada pessoa é única e muitas são as variáveis envolvidas em seu desenvolvimento. O passado não é determinante sobre o futuro e, mesmo que muitas pessoas não tenham tido suporte de pais amorosos, porque morreram, ou estavam ausentes, muitas podem ter encontrado amor, modelos, limites em outras pessoas ou em instituições. Assim, as lacunas deixadas pela falta da mãe podem não durar para sempre.

Além das relações substitutas, que podem proporcionar àqueles que perderam a mãe na infância modelos de como serem pais e o afeto que pouco receberam, há também meios que podem ajudá-los a lidar melhor com a dor da perda e ter outras posturas diante dela, enfraquecendo ainda mais a idéia do determinismo do passado sobre o futuro. Um dado encontrado nas narrativas foi que a maioria dos entrevistados

procurou meios para refletir e ressignificar suas vivências de perda, e assim lidar melhor com a dor. Observei que todos os que procuraram estes meios puderam ser ajudados, encontrando outros significados para a morte da mãe além da perda e da dor.

Os principais meios apontados pelos participantes para ressignificar suas histórias foram: reflexão e verbalização de seus sentimentos para parentes e amigos; resgate de sua história de vida e da história de vida de sua mãe; engajamento em processos psicoterapêuticos; realização de rituais de enlutamento; produção de trabalhos criativos; e ainda, o engajamento em profissões de ajuda.

Um dado significativo em minha compreensão é que, das quatro pessoas que buscaram alguns destes meios de ressignificação, três não demonstraram medo em falar da dor das experiências passadas, e uma estava repensando o seu medo de relembrar o passado. Enquanto as duas pessoas que evitam a dor têm medo de entrar em contato com ela, por essa razão pareciam despender boa parte de sua energia emocional para controlar a distância em relação ao sofrimento.

C.S. Lewis (1976) relata que, após a morte da mãe aos 9 anos de idade, durante muitos anos, esteve mais ansioso e preocupado em evitar o sofrimento do que em tentar ser feliz. Um exemplo disso é sua relação amorosa com mulheres, afirmando que alcançava apenas um certo limite no relacionamento, envolvendo-se pouco. E, somente aos 58 anos de idade, teve um envolvimento íntimo e profundo com uma mulher. Eles se casaram e ela faleceu após algum tempo depois de lutar contra o câncer, poucos anos depois de seu casamento. Lewis, agora com menos medo do sofrimento, ressalta não ter se arrependido do envolvimento com a esposa, e do pouco, mas muito significativo tempo que esteve ao seu lado.

Compreendo que, da mesma maneira que Lewis, a possibilidade de ressignificações de suas histórias ajudou os entrevistados a seguirem com uma vida de

menor medo e assombro pelas suas vivências passadas, como a dor da perda da mãe na infância.

Sá (2004) afirma que a melhor forma de se ficar preso a um medo é fugindo dele. Os medos são uma espécie de ‘anjos da guarda’ porque estão sempre a recapitular as ocasiões parecidas com aquelas em que se foi magoado. O medo, como se fosse a voz da consciência, diz: “Não vá por aí!”. E, de tanto se proteger para não se magoar novamente, muitos ficam paralisados, com medo da própria sombra, esquecendo-se de ser feliz. O autor afirma que a coragem não é não ter medos, mas sim não evitá-los e aprender a conviver com eles.

Acredito que retomar situações de sofrimento do passado traz a revivência de fatos, sentimentos e emoções, que podem causar dor. Mas creio que, se houver meios de expressar essa dor e ressignificá-la, esta pode ser amenizada e ser vista então de outras maneiras, podendo trazer também crescimento e fortalecimento. Foi o que pude observar nas histórias de vida dos entrevistados que enfrentaram a dor da perda; estes buscaram caminhos que os ajudassem a amenizá-la e ressignificá-la, e puderam crescer.

Dessa maneira, compreendo que expressar a dor e os sentimentos relacionados à perda em um ambiente acolhedor é uma forma importante de ressignificá-los. Confirmando esta premissa está o fato de que o momento de entrevista neste estudo pôde ser terapêutico para a maioria dos participantes. Alguns se sentiram livres e acolhidos e puderam usufruir da entrevista como momento de ressignificação de sua história. Outros ficaram surpresos com os sentimentos que estavam guardados em relação à mãe falecida ou em relação à dor que emergiu sem saberem bem de onde. Foi possível perceber que aqueles que já haviam passado por caminhos de ressignificação da perda e da sua história anteriormente não ficaram surpresos com suas emoções.

Casellato (2004) percebeu o mesmo fenômeno em sua pesquisa com mulheres que sofreram o abandono por parte de suas mães na infância. A autora refere que as entrevistas tiveram efeito terapêutico, com repercussões terapêuticas, algumas até mesmo imediatas. A reflexão promovida pelas perguntas que focavam experiências da infância e da vida adulta foi importante e, em alguns momentos, mobilizou sentimentos como angústia e tristeza, permitindo uma auto-avaliação frente ao sofrimento decorrente das experiências de abandono e de outras situações adversas pelas quais cada uma das entrevistadas passou ao longo da vida.

Rogers (1987) confirma a possibilidade do momento da entrevista ser um momento transformador, ressaltando que apenas um encontro, quando permeado por uma escuta atenciosa não diretiva centrada na pessoa e confiante na tendência atualizante, pode gerar mudanças significativas na vida de uma pessoa.

Assim, a partir do que ocorreu nas entrevistas e em conformidade com o que encontrei na bibliografia sobre o luto, acredito na importância e na capacidade transformadora que existe no ato de verbalizar e expressar sentimentos e crenças a respeito da perda em um ambiente acolhedor para que possam ser ressignificados. Bowlby (2001), Franco (2002), Harris (1995), Klass et al. (1996), Kovács (1992), Parkes et al. (1996), Parkes (1998), Saler e Skolnick (1992), Silverman e Worden (1999), Walsh e McGoldrick (1998) falam a respeito da importância de compartilhar e expressar a dor pela morte de uma pessoa querida, podendo assim ser amenizada, e a situação de perda melhor enfrentada.

Fukumitsu (2004) aponta que ao negarmos a dor da perda, estamos negando parte de nós mesmos, pois, ainda que negada, a dor ainda permanece em nossos corpos, mentes e corações. A autora ressalta que não é possível mudar o fato, a morte, porém, podemos mudar o modo de perceber a situação, ressignificando a perda e a dor.

Segundo Ariès (1977a), no passado havia códigos e ritos sociais para ocasiões como o morrer, enterrar uma pessoa querida ou consolar os enlutados; existindo assim espaço para a manifestação de sentimentos relacionados a estas situações. Porém, esses códigos e ritos têm se tornado cada vez mais discretos até quase inexistentes na Sociedade Ocidental desde o fim do século XIX, pois a idéia da morte foi interdita e também os ritos e expressões ligados a ela. Assim, muitos destes sentimentos que antes eram legitimados pela sociedade e tinham espaço para serem expressados, não têm mais onde ser canalizados, sendo reprimidos.

Segundo Kovács (2003a), em nossa sociedade a vivência de luto pela perda de uma pessoa querida tem sofrido interferências, valorizando-se cada vez mais atitudes discretas e o silenciamento, como se a dor não existisse. Assim, muitas pessoas ficam então prensadas entre o peso do sofrimento e o interdito da sociedade.

Relatando o que aconteceu em um grupo terapêutico, Rogers (citado por Fadiman & Frager, 1986) fala de uma participante que, sem motivo aparente, manifesta uma irritação com Natalie (filha de Rogers, que também estava participando do grupo). Depois de um bom tempo, com a ajuda do grupo, ela percebe, em prantos, que o que sentia era raiva e inveja do bom relacionamento entre Natalie e Rogers, pai e filha. E passa então a falar da dor da perda do pai na infância. Comentando o ocorrido, Rogers afirma que os sentimentos podem ser enterrados, de modo a serem totalmente desconhecidos ao seu possuidor. Mas, quando esse sentimento é experienciado de forma plena e total, em expressão e consciência, e é experienciado com aceitação, não como algo errado ou ruim, uma mudança fundamental ocorre. Foi o que aconteceu com essa participante que, quando acolhida e compreendida, pôde perceber que além da inveja, havia também muita dor pela perda do pai. Antes se via como alguém que não tinha se importado com a morte dele, pois acreditava que não tinham tido um bom

relacionamento, mas, depois passou a perceber o quanto a morte dele foi doída e o quanto ele fazia falta em sua vida. Rogers afirma que provavelmente esta alteração em seu autoconceito trará mudanças em seu comportamento, talvez um comportamento diferente em relação a homens mais velhos, ou talvez uma maior empatia em relação à dor do outro. Contudo, afirma que estas são apenas possibilidades, pois é impossível prever quais seriam estas mudanças.

Neste mesmo sentido Bowen (2004) afirma que, quando se encara uma parte da escuridão que há dentro de nós, quando se vivencia sentimentos que no passado haviam sido negados ou distorcidos à consciência, passa-se a ter comportamentos diferentes.

Em seu livro ‘O resgate da fala autêntica’, Amatuzzi (1989), discorrendo a respeito da autenticidade proposta por Rogers, fala da importância de entrar em contato com a própria experiência, que é definida como sendo os fenômenos psicológicos que se passam interiormente, sejam eles conscientes ou inconscientes. A dor da perda pode ser vista então como uma dessas experiências. O autor aponta que há dois modos de vivenciar esta experiência; no primeiro o indivíduo se distancia dela, deixando-a no passado, ou interpretando-a de acordo com modelos pré-estabelecidos não sujeitos a modificações; o segundo é um modo aberto e pleno, no qual a experiência é vivida de forma imediata e esquemas, sempre provisórios, são construídos ou modificáveis a partir dela. O autor descreve que o contato com a experiência a altera, tirando dela o caráter de rigidez anterior. Sobre o caráter de rigidez das experiências deixadas no passado, Rogers (1978) afirma:

Somos capazes, através de livre ensaio e erro em uma relação acolhedora em que não há ameaças ao eu, de discriminar nossos verdadeiros afetos e preferências, descobrindo que eles se encontravam meio enrijecidos, muitas vezes deformados, após anos de abafamento. (p.117)

Segundo Rogers (1961/1981), aproximar-se de um funcionamento integral é ter menos rigidez de idéias, pensamentos, concepções, formas de levar a vida, pois este tipo de funcionamento aparece como fluxo e como processo. À medida que uma pessoa se aproxima deste funcionamento, se abre à sua própria experiência, se confronta com elementos desta, que no passado tinham sido negados à consciência por representarem perigo ao autoconceito, ameaçando modificá-lo. Conforme vive estes sentimentos variados, se depara com novas possibilidades, sendo capaz assim de reestruturar suas respostas, indo em direção a um contínuo processo de atualização. Começa a compreender que já não há necessidade para temer o que a experiência pode propor, mas pode acolher esta experiência como uma parte do seu eu em transformação e em desenvolvimento.

Rogers (1961/1981) afirma que as pessoas que caminham em direção a um funcionamento integral estão mais abertas às suas experiências e as acolhem, vivendo de um modo mais íntimo tanto com seus sentimentos de felicidade, quanto com seus sentimentos dolorosos; o amor é mais claramente sentido, mas a raiva também o é; assim como a coragem e o medo.

Diante do exposto, entendo ser importante entrar em contato com as experiências de perda e de dor, não as relegando ao passado, acreditando que não fazem mais parte da vida. Na aproximação da perda, da dor e das situações decorrentes é possível então ressignificá-las, passando a compreendê-las de outros modos. Além disso, a abertura às ressignificações leva a um funcionamento mais integral da personalidade. Neste estudo pude perceber que os participantes que ressignificaram sua experiência de perda e de dor pela mãe em outras fases de suas vidas puderam crescer e se fortalecer, passando a considerar e integrar às suas vidas tanto os aspectos positivos quanto os

negativos de suas experiências, sentindo menor medo de sentimentos negativos do passado retornarem.

Outro aspecto importante observado nos relatos deste estudo foi a permanência do vínculo com mãe. A maioria dos entrevistados demonstrou que a mãe continuava sendo uma figura importante em suas vidas, mesmo em sua ausência física. Além disso, todos os participantes que procuraram meios de ressignificar a vivência de perda foram em busca de mais lembranças relacionadas à mãe e maneiras de continuar vinculado a ela, o que os ajudou a redefinir o relacionamento com a mãe e integrá-lo em suas vidas, não da mesma forma como era quando estava viva, mas de uma maneira diferente. As principais formas relatadas de manter este vínculo foram: ver e sentir a presença da mãe mesmo em sua ausência, guardar fotos, guardar objetos, lembrar, recontar histórias.

Segundo Harris (1995), na infância a continuidade do vínculo com o genitor falecido é explicitada com mais espontaneidade. Na fase adulta este aspecto é mais difícil de ser exposto, isso ocorre porque manter-se vinculado à pessoa perdida não é muito aceitável socialmente. A autora afirma que as formas mais facilmente identificáveis e aceitáveis de permanecer em contato são: as fotos, os objetos especiais, lugares especiais, entre outros meios. E existem ainda aquelas conexões que são menos facilmente identificáveis, por serem menos aceitas socialmente e que são vistas com menos frequência: ver ou falar com o morto, sentir sua presença, entre outras maneiras. Exemplo desta não aceitação social foi observado no relato de uma de Mônica que refere que o marido reclama e não acha normal que ainda hoje, 28 anos depois da perda, lembre da mãe, chorando com saudades nas datas importantes para ela.

No estudo realizado por Silverman e Worden (1999), com 70 famílias enlutadas pela perda de um dos genitores, estes observaram a manutenção do vínculo pelos pais sobreviventes e crianças com o genitor falecido. Muitos sonhavam com a pessoa,

conversavam com ela, sentiam-na como presença protetora, visitavam o túmulo regularmente. Verificaram que a aceitação da morte significou para a maioria encontrar um lugar apropriado para o morto em suas vidas.

Rangel (2008), em seu estudo com pais enlutados, verificou que a maioria dos pais entrevistados permaneceram vinculados aos filhos, independente do tempo decorrido de suas mortes, através de fotos, objetos, sonhos, sensação da presença, falando com eles, entre outras maneiras. Todos estes pais haviam dado continuidade às suas vidas, e vários deles haviam conseguido encontrar novos rumos e significados para suas vidas após a perda.

Segundo Rangel (2008), existe um conflito entre os estudos atuais sobre ‘deixar ir o morto’ ou ‘permanecer vinculado a ele’. Como vimos na parte teórica introdutória deste trabalho, não há espaço na Sociedade Ocidental para chorar e relembrar por meses ou poucos anos após a morte de um ente querido, quanto mais difícil será esta mesma sociedade que interdita a expressão dos sentimentos permitir que se relembre e preste homenagens a alguém 20, 30, 40 anos depois de sua morte. Pude constatar nas narrativas que muitos filhos ainda relembram suas mães, prestam homenagens, vão ao cemitério, escrevem sobre ela, além de outras maneiras de contato que podem não ter sido relatadas.

Muitos estudiosos da área do luto têm escrito sobre a manutenção e continuidade do vínculo com a pessoa perdida. Attig (2001); Hagman (2001); Hogan, Morse e Tasón (1996); Neimeyer (2001); Russac, Steighner e Canto (2002) ressaltam a importância da sensação da presença simbólica da pessoa perdida, proporcionando conforto ao enlutado. Observam que o processo de luto não implica na busca pelo fim, pela quebra, do relacionamento com o morto, e sim a redefinição da relação e a incorporação desta na estrutura de vida do enlutado.

Em tempos atuais ouve-se com freqüência que o melhor é esquecer e seguir em frente, mas não é preciso esquecer-se do passado para seguir em frente. Harris (1995) afirma que “não é preciso esquecer-se dos mortos para continuar vivendo” (p.305). Uma ligação equilibrada com o passado, não tão forte ou frágil, pode ajudar no crescimento e desenvolvimento das relações presentes e futuras. É preciso um certo desligamento do passado, da perda para poder investir nos relacionamentos presentes. O desligamento completo com o passado pode fazer com que a pessoa seja e viva de maneira incompleta. Lembrar-se do genitor falecido, encontrando um novo lugar para ele em sua vida, ajuda a fazer as pazes com o passado considerando as boas e más memórias.

Denne e Thompson (1991) realizaram um estudo fenomenológico com pessoas que passaram de um estado de desespero e falta de sentido e significado da vida para um estado de força, clareza, satisfação diante de uma vida mais significativa. Verificaram que esse processo é possível em outras situações fora do contexto psicoterapêutico, encontrando algumas variáveis constituintes dessa transição. Uma destas variáveis encontradas foi a aceitação pelos participantes de aspectos positivos e negativos de si mesmos e de sua história. Muitos ainda não conseguiam admitir completamente, mas ao menos começaram a admitir na consciência a existência desses aspectos.

Neste sentido de aceitação tanto de aspectos positivos quanto negativos de nossa experiência, Franco (2002) ressalta a importância da reconciliação com a dor da perda e o crescimento a partir desta vivência. Descreve que, após a perda de um ente querido, à medida que for ocorrendo a reconciliação, os momentos de dor deixam de estar onipresentes e agudos, tornando-se menos freqüentes e mais suaves. O enlutado poderá então reconhecer que, embora difícil, a dor e a tristeza são partes necessárias do viver, assim seu sentimento de perda é transformado, podendo ser reconhecido e significado. E,

embora a pessoa perdida jamais seja esquecida, ainda assim é possível estabelecer novos relacionamentos e continuar a viver.

Acredito que a vivência de luto pela perda de uma pessoa significativa provavelmente não terá um fechamento completo e um enrijecimento do significado dado àquela vivência de perda, podendo sempre ser ressignificada. As pessoas queridas que se foram serão sempre lembradas e relembradas, porém, após a fase aguda, não mais com a sensação de pesar e dor desesperadores presentes nos primeiros momentos, mas ainda com sentimentos como saudades e tristeza, principalmente em datas especiais ou situações relacionadas ao morto. Harris (1995) afirma que a dor e a aflição do pesar agudo se vão, mas a perda é para sempre, e as ressignificações em relação a ela também são. E Albom (1998) ressalta que “a morte é o fim de uma vida, mas não de um relacionamento” (p.168).

Dessa maneira, neste presente trabalho a permanência do vínculo com as pessoas falecidas, encontrando um lugar adequado em suas vidas para elas, não trouxe patologias psíquicas aos enlutados, mas sim os tem ajudado a melhor aceitar a realidade da morte e lidar com a ausência da pessoa.

Neste estudo foi possível verificar que todos os participantes passaram por muitas adversidades durante suas vidas, diretamente vinculadas à perda de suas mães ou não. Todos buscaram uma vida melhor para si; alguns trabalhando bastante para conseguir independência financeira e/ou consolidar uma carreira, outros se engajando em processos terapêuticos, escolhendo profissões de ajuda, entre outros. Especialmente aqueles que buscaram meios de ressignificar a vivência de perda demonstraram terem crescido e se fortalecido com o processo de enfrentamento da dor, conseguindo considerar e integrar tanto os aspectos positivos quanto os negativos de sua experiência, os ganhos e as perdas.

Harris (1995) entrevistou 66 pessoas que perderam pais na infância e adolescência e analisou a história de vida de pessoas famosas que também perderam pais prematuramente. A autora afirma que quanto mais pessoas ela entrevistava para seu livro, mais parecia a ela que a enorme maioria daquelas histórias poderia ser vista como histórias de triunfo sobre a perda, pois não eram vidas caracterizadas pelo prejuízo da perda ou por patologias psíquicas. Destaca que não podemos esquecer que muitos ainda travam suas batalhas esporádicas com seus sentimentos de solidão e insegurança, e que ainda há um pequeno grupo, que teve menos sucesso contra seus fantasmas do passado, e vivem hoje aterrorizados e ainda com medo deles. Mas, a maioria conseguiu continuar a se desenvolver a partir da morte de seus pais, e muitos destes conseguem afirmar que se tornaram pessoas melhores em decorrência da vivência e enfrentamento da perda.

Diante destes dados, acredito que a ‘Tendência Atualizante’, postulado central da Abordagem Centrada na Pessoa, pode lançar luz sobre o que foi encontrado. Rogers (1961/1981) afirma que todos os organismos vivos são movidos por uma tendência inerente para desenvolver suas potencialidades de maneira a favorecer sua conservação e enriquecimento. Independentemente da complexidade do organismo, existe um fluxo interno que o movimenta em uma direção construtiva. Esta tendência pode "ser frustrada ou desvirtuada, mas não pode ser destruída sem que se destrua também o organismo" (Rogers et al., 1983, p.40). Ao tratar de indivíduos que se desenvolveram em condições desfavoráveis, afirma que é preciso confiar na tendência direcional de cada um. Rogers e Kinget (1959/1977) destacam que para compreender como a Tendência Atualizante se manifesta no outro é necessário pôr de lado nossos juízos e valores, é preciso olhar a partir do referencial de vida daquela pessoa, caso contrário ela poderá parecer sem sentido.

Compreendo que há grandes diferenças na forma de cada entrevistado lidar com sua vivência de perda, e cada um se desenvolveu à sua maneira, dentro das possibilidades que teve durante a vida. Alguns demonstram não ter muito autoconhecimento a respeito de seus sentimentos, não conseguem entrar em contato com sua dor. Mas, ainda assim, é possível perceber que há uma tendência dentro deles para o crescimento que os faz seguir em frente, a tendência atualizante, que, de certa maneira, tem encontrado espaço na vida destas pessoas para se manifestar, levando-os a buscarem o que acreditam ser o melhor para si.

Diante disso, segundo Bowen (2004), é preciso reconhecer que, independentemente dos acontecimentos na história de uma pessoa, “a vida constantemente procura florescer, mesmo que esteja sob as piores condições nos calabouços da escuridão humana” (p.66).

5) CONSIDERAÇÕES FINAIS: apontando possibilidades

*Me sinto só
 Mas sei que não estou
 Pois levo você no pensamento
 Meu medo se vai
 Recupero a fé
 Você me faz querer viver
 E o que é nosso
 Está guardado em mim e em você
 E apenas isso basta*
*(Música composta pelo guitarrista Gee, da banda NXZero,
 para seu pai, que morreu assassinado quando ele era criança)*

O objetivo desta pesquisa foi estudar vivências de luto em adultos pela perda de suas mães na infância e como podem ser ressignificadas em outros momentos da vida. Para isso entrevistei seis adultos que perderam a mãe na infância, transcrevi as narrativas e as analisei individualmente e em conjunto e, pouco a pouco, algumas categorias temáticas foram se delineando e, dentro destas categorias, o tema da ressignificação. Acredito que este estudo alcançou os objetivos propostos.

Observando este pequeno parágrafo em que relato como cheguei ao objetivo proposto, parece que o caminho trilhado foi plano e sem obstáculos. Porém, o caminho que percorri foi cheio de percalços e entraves, alguns internos, outros externos, e que em certos momentos me surpreenderam. Um destes entraves foram meus preconceitos.

Quando iniciei esta pesquisa minha idéia era estudar os impactos gerados na vida de adultos que perderam pais na infância, esperando encontrar principalmente consequências negativas nas vidas destas pessoas. No entanto, com a realização das entrevistas comecei a perceber que minhas idéias estavam impregnadas de preconceitos. Após as análises individuais e o entrelaçamento das narrativas, percebi que realmente

estava equivocada, pois cheguei a um aspecto que hoje considero importante, o não-determinismo.

Assim, a primeira consideração que trago é sobre este aspecto. Não foi possível estabelecer se as vivências passadas desencadearam mais características pessoais positivas ou negativas na vida dos adultos entrevistados, pois há uma mescla bastante diferenciada delas no relato de cada um. E, mesmo entre os que demonstram ter maior dificuldade de lidar com a dor da perda, foi possível observar diferentes formas de conviver com sua dor escondida de maneira que puderam continuar a se desenvolver, sem apresentar distúrbios psiquiátricos ou desajustamentos sociais. Não é possível determinar como uma criança que perdeu a mãe na infância vai ser quando adulta, já que há inúmeras variáveis presentes em cada história individual, não sendo possível fazer previsões. É preciso cuidado para não rotular ou estigmatizar estas crianças e adultos. Um exemplo de estigma social que pode existir em mulheres que cresceram sem mães é acreditar que terão dificuldades de exercerem a maternidade, este é um preconceito, que muitas vezes estas próprias mães absorvem, passando a se preocupar de maneira excessiva se estão sendo ou não boas mães.

Um segundo aspecto que pude perceber é que os entrevistados que haviam passado por caminhos de resignificação e haviam enfrentado sua dor pela perda da mãe e pelas situações decorrentes dela – haviam refletido, verbalizado, expressado, participado de rituais de enlutamento significativos, entre outros –, estes se mostraram com menor medo de falar da dor, ou de revivê-la se esta viesse à tona. Aqueles que apresentaram um comportamento de fuga em relação à reflexão e resignificação de eventos de suas vidas, demonstraram ter medo de sentimentos negativos do passado retornarem. O primeiro grupo de entrevistados demonstrou ainda ter maior integração, considerando tanto os aspectos positivos quanto negativos de suas vivências; enquanto o

segundo grupo pareceu focar a atenção principalmente nos aspectos negativos, ou principalmente nos positivos.

Diante disso, compreendo ser importante lidar com experiência de perda e sua dor, para poder ressignificá-las, enxergando-as de maneiras diferentes, e assim integrá-las à vida, podendo assim fazer as pazes com o passado, não precisando fugir e viver com medo. Assim, a partir da ressignificação da perda e da dor, tem-se crescimento e fortalecimento.

E a terceira consideração a se destacar é a permanência do vínculo com a mãe falecida. Todos os participantes que procuraram meios de ressignificar a vivência de perda foram em busca de mais lembranças relacionadas à mãe e maneiras de continuar vinculado a ela. Foi possível perceber que este comportamento não era sinal de patologias psíquicas, mas sim algo que os ajudou a lidar com a ausência da mãe e a redefinir o relacionamento com ela, integrando-o em suas vidas, não da mesma forma como era quando estava viva, mas ainda como figura importante e significativa em suas histórias.

Baseando-me nestes três aspectos observados, apresento então algumas orientações aos familiares e pessoas próximas a crianças e adultos que perderam prematuramente suas mães e, ainda, aos profissionais de saúde, principalmente aos da área da saúde mental, que trabalham junto a estas pessoas.

A primeira diz respeito à importância de não estabelecer pré-julgamentos diante dos fatos ocorridos nas vidas destas crianças e adultos, pois a perda marca a vida destas pessoas, porém nada pode ser visto como fato determinante da maneira como irão se desenvolver.

A segunda é proporcionar escuta atenta e acolhedora que incentive, sem forçar, estas pessoas a falarem e expressarem seus sentimentos relacionados à perda, dando

liberdade para o fluxo de sentimentos como raiva, culpa, alívio, entre outros que podem não ser esperados. Com essa ajuda, poderão então ressignificar suas vivências, podendo vê-las não somente como perda e dor, integrando-as às suas vidas.

E a terceira seria respeitar e aceitar a nova forma de relacionamento que os filhos têm com as mães perdidas, visto que neste e em outros trabalhos a continuidade do vínculo tem sido observada como aspecto importante para o enfrentamento da perda.

E, quanto à possibilidade de estudos futuros, encontrei poucas pesquisas qualitativas a respeito desta temática, assim, acredito ser importante o aprofundamento de estudos qualitativos no tema das vivências prematuras de perda de mães, para que se observe com mais clareza as variáveis envolvidas nesta situação. E ainda, os efeitos de intervenções junto aos enlutados, crianças ou adultos, que perderam os genitores em idade precoce se constitui também em uma questão importante para pesquisas futuras, a partir das quais será possível desenvolver outras maneiras de ajudar estas pessoas. Outro tema ainda que considero significativo e que necessita de maiores investigações é a diferença entre se perder pai ou mãe, e se a mudança nos papéis da mulher e do homem na sociedade contemporânea tem repercutido sobre o exercício da paternidade e maternidade.

E, por fim, gostaria de assinalar que o processo que vivi na construção deste trabalho foi intenso e me levou a inúmeras ressignificações de aspectos da minha história, trazendo-me aprendizado e crescimento bastante significativos. Espero que este estudo possa também contribuir para reflexões entre os profissionais de saúde e na sociedade no sentido de minimizar o estigma social em relação a crianças e adultos que perderam suas mães de maneira prematura. E, que possa ainda, incentivar esforços para auxiliar pessoas enlutadas em direção a maior comunicação e expressão de sentimentos

relacionados à perda por morte, acreditando que um acolhimento adequado pode ajudar a lidar com essa dor e crescer por meio dela.

*"De tudo ficaram três coisas:
a certeza de que estamos sempre recomeçando,
a certeza de que precisamos continuar,
a certeza de que seremos interrompidos antes de terminar.
Portanto, devemos fazer da interrupção um caminho novo,
da queda, um passo de dança,
do medo, uma escada,
do sonho, uma ponte,
da procura, um encontro."*

Fernando Pessoa

6) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTINI, P. (1994) **Reich: história das idéias e formulações para a Educação**. São Paulo: Ágora.
- ALBOM, M. (1998) **A última grande lição: o sentido da vida**. Rio de Janeiro: GMT (Sextante).
- AMATO, P.R. (1991) Parental absense during childhood and depression in later life. **Sociological Quarterly**, 32 (4), 543-556.
- AMATUZZI, M.M. (1989) **O resgate da fala autêntica: filosofia da psicoterapia e da educação**. Campinas: Papirus.
- AMATUZZI, M.M. (1996) Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, 13 (1), 5-10.
- AMATUZZI, M.M. (2003) Pesquisa fenomenológica em psicologia. In: M.A.T. BRUNS & A.F. HOLANDA (Orgs.) **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. (pp.17-25) Campinas: Alínea.
- ATTIG, T. (2001) Relearning the world: making and finding meanings. In R.A. NEIMEYER (Org.) **Meaning reconstruction and the experience of loss**. (pp.33-53) Washington: American Psychological Association.
- ARIÈS, P. (1977a) **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- ARIÈS, P. (1977b) **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- BEISER, H. (1994) **The effect of early parent loss on future parenthood**. New york: The Guilford Press.
- BLEGER, J. (2003) **Temas de psicologia: entrevistas e grupos**. São Paulo: Martins Fontes.
- BOGDAN, R. & BILKEN, S. (1994) **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora.
- BONANO, G.A. & KALTMAN, S. (1999) Toward an integrative perspective on bereavement. **Psychological Bulletin**, 125 (6), 760-776.
- BOSI, E. (2003) **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê.
- BOWEN, M.C.V. (2004) Psicoterapia: o processo, o terapeuta, a aprendizagem. In A.M. SANTOS; C.R. ROGERS & M.C.V. BOWEN. **Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa**. (pp.69-83) (2a ed) São Paulo: Vetor. (Trabalho original publicado em 1987)

- BOWLBY, J. (2001) **Formação e rompimento de laços afetivos**. (3a ed). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1982).
- BRADBURY, M. (1999) **Representations of death: a social psychological perspective**. Londres: Routledge.
- BROMBERG, M.H.P. (1998) **A psicoterapia em situações de perdas e luto**. São Paulo: Psy.
- BRON, B; STRACK, M. & RUDOLPH, G. (1991) Childhood experience of loss and suicide attempts: significance in depressive states of major depressed and dystimic or adjustment desordered patients. **Journal of Affective Disorders**, 23 (4), 165-172.
- BUCHSBAUM, B.C. (1996) Remembering a parent who has died: a developmental perspective. In D. KLASS; P.R. SILVERMAN & S.L. NICKMAN (Orgs.) **Continuing bonds: new understandings of grief**. (pp.3-27) Philadelphia: Taylor & Francis.
- CASELLATO, G. (2004) **Luto por abandono: enfrentamento e correlação com a maternidade**. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- CASELLATO, G. (2005) Luto não reconhecido: um conceito a ser explorado. In: G. CASELLATO (Org.) **Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade**. (pp. 19-33) Campinas: Livro Pleno.
- CASSORLA, R.M.S. (Org.) (1991) **Do suicídio: estudos brasileiros**. Campinas: Papirus.
- CHIZZOTTI, A. (2001) **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez.
- CORR, C.A. (2003-2004) Bereavement, grief, and mourning in death-related literature for children. **Omega-Journal of death and dying**, 48 (4), 337-363.
- CROOK, T. & RASKIN, A. (1975) Association of Childhood Parental Loss with Attempted Suicide and Depression. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, 43 (2), 277-282.
- DARTIGUES, A. (2003) **O que é a fenomenologia?** (8a ed.) São Paulo: Centauro.
- DENNE, J.M. & THOMPSON, N.L. (1991) The experience of transition to meaning and purpose in life. **Journal of Phenomenological Psychology**, 22 (2), 109-133.
- DILWORTH, J.L. & HILDRETH, G.J. (1997-1998) Long-term unresolved grief: applying Bowlby's variants to adult survivors of early parental death. **Omega-Journal of death and dying**, 36 (2), 147-159.
- DOKA, K. (1990) The therapeutic bookshelf. **Omega-Journal of death and dying**, 21 (4), 321-326.
- DUNN, R.G. & MORRISH-VIDNERS, D. (1987-1988) The psychological and social experience of suicide survivors. **Omega-Journal of death and dying**, 18 (3), 175-215.

- ESSLINGER, I. (1995) **As representações do espaço da morte no curso de psicologia: um estudo exploratório**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ESSLINGER, I. (2003) **O paciente, a equipe de saúde e o cuidador: de quem é a vida, afinal? ... um estudo acerca do morrer com dignidade**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São, São Paulo.
- ESSLINGER, I.; KOVÁCS, M.J. & VAICIUNAS, N. (2004) Cuidando do cuidador no contexto hospitalar. **O mundo da saúde**, 28 (3), 277-283.
- FADIMAN, J. & FRAGER, R. (1986) **Teorias da personalidade**. São Paulo: Harbra.
- FORGHIERI, Y.C. (1993) **Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa**. São Paulo: Pioneira.
- FRANCO, M.H.P. (2002) Uma mudança no paradigma sobre o enfoque da morte e do luto na contemporaneidade. In M.H.P. FRANCO (Org.). **Estudos avançados sobre o luto**. (pp.15-38) Campinas: Livro Pleno.
- FRANCO, M.H.P. & MAZORRA, L. (2007, outubro-dezembro) Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estudos de Psicologia**. 24 (4), 503-511.
- FREUD, S. (1915/1917) Luto e melancolia. In **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 18.
- FUKUMITSU, K.O. (2004) **Uma visão fenomenológica do luto: um estudo sobre as perdas no desenvolvimento humano**. Campinas: Livro Pleno.
- FURUKAWA, T.A. et al. (1999) Early parental separation experiences among patients with bipolar disorder and major depression: a case control study. **Journal of Affective Disorders**, 52 (1-3), 85-91.
- GAMBINI, R. (2005) A morte como companheira. In M.F. OLIVEIRA & M.H.P. CALLIA (Orgs.) **Reflexões sobre a morte no Brasil**. (pp.135-146) São Paulo: Paulus.
- GRAINGER, R. (1998) **The social symbolism of grief and mourning**. Londres: Routledge.
- HAGMAN, G. (2001) Beyond deathecis toward a new psychoanalytic understanding and treatment of mourning. In: R.A. NEIMEYER (Org.) **Meaning reconstruction and the experience of loss**. (pp.13-31) Washington: American Psychological Association.
- HARRIS, M. (1995) **The loss that is forever: the lifelong impact of early death of a mother or a father**. Nova York: Dutton Book.
- HOGAN, N.; MORSE, J.M. & TASÓN, M.C. (1996) Toward an experiential of bereavement. **Omega-Journal of death and dying**, 33 (1), 43-65.

- HOLANDA, A.F. (2003) Pesquisa fenomenológica e pesquisa eidética: elementos para um entendimento metodológico. In M.A.T. BRUNS & A.F. HOLANDA (Orgs.) **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. (pp.41-64) Campinas: Alínea.
- IFEAGWAZI, C.M. & OBIEZE, N. (2000-2001) The influence of early parents' death on manifestations of depressive symptoms among young adults. **Omega - Journal of Death and Dying**, 42 (2), 151-158.
- KNIJNIK, J. & ZAVASCHI, M.L. (1994, outubro) Fatores de risco associados à perda parental na infância que dificultam a elaboração do luto. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, 16 (2), 171-175.
- KOVÁCS, M. J. (1992) **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- KOVÁCS, M. J. (2003a) **Educação para a morte: temas e reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- KOVÁCS, M. J. (2003b) **Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- KÜBLER-ROSS, E. (2002) **Sobre a Morte e o Morrer**. (8a ed.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969).
- LASSANCE, M.C. et. al. (2008) Ressignificação da experiência de Orientação Profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 9(1), 75-86.
- LEWIS, C.S. (1976) **A grief observed**. New York: Bantam Books.
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M.E.D.A. (1986) **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária.
- LUECKEN, L.J. (2000) Attachment and loss experiences during childhood are associated with adult hostility, depression and social support. **Journal of Psychosomatic Research**, 49(1), 85-91.
- MARTINS, J. & BICUDO, M.A.V. (1989) **A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes.
- MAZORRA, L. (2005) O luto na infância. In L. MAZORRA & V. TINOCO (Orgs.). **Luto na infância**. Campinas: Livro Pleno.
- MAZORRA, L. et. al. (2002) Fatores de risco para luto complicado numa população brasileira. In: M.H.P. FRANCO (Org.). **Estudos avançados sobre o luto**. (pp.39-68) Campinas: Livro Pleno.
- MEIHY, J.C.S.B. (1998) **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola.
- VALENZUELA, J.L.O. (2009) O adeus final. Recuperado em 10 de janeiro de 2009 de <http://www.miradaglobal.com/index.php?option=com_content&task=view&id=203&Itemid=9&nw=1&lang=pt§ion=-19§ionid=->.

- MIREAULT, G.C. & BOND, L. (1992) A Parental death in childhood: perceived vulnerability and adult depression and anxiety. **American Journal of Orthopsychiatry**, 62 (4), 517-524.
- MINAYO, M.C.S. (1996) **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/Abrasco.
- NEIMEYER, R.A. (2001) Meaning reconstruction and loss. In R.A. NEIMEYER (Org.) **Meaning reconstruction and the experience of loss**. (pp.1-31) Washington: American Psychological Association.
- PARKES, C.M. (1998) **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus.
- PATTEN, S.B. (1991) The loss of a parent during childhood as a risk factor for depression. **Canadian Journal of Psychiatry**, 36 (10), 706-711.
- PROJETO RELEITURAS. Biografia Cecília Meireles. Recuperado em 10 de junho de 2008 de <http://www.releituras.com/cmeireles_bio.asp>.
- PROJETO RELEITURAS. Biografia Clarice Lispector. Recuperado em 10 de junho de 2008 de <http://www.releituras.com/clispector_bio.asp>.
- PROJETO RELEITURAS. Biografia Machado de Assis. Recuperado em 10 de junho de 2008 de <http://www.releituras.com/machadodeassis_bio.asp>.
- PROJETO RELEITURAS. Biografia Adélia Prado. Recuperado em 10 de junho de 2008 de <http://www.releituras.com/aprado_bio.asp>.
- RANDO, T.A. (1992-1993) The increasing prevalence of complicated mourning: the onslaught is just beginning. **Omega-Journal of death and dying**, 26 (1), 43-59.
- RANGEL, A.P.F.N. (2008) **Amor infinito: histórias de pais que perderam seus filhos**. São Paulo: Vetor.
- RAIMBAULT, G. (1979) **Criança e a morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Recuperado em dezembro de 2007 de <<http://www.datasus.gov.br>>.
- Resolução nº 010/2005. Dispõe sobre o **Código de ética profissional do psicólogo**. Recuperado em dezembro de 2007 de <http://www.crpasp.org.br/a_orien/set_legislacao_regulamentacao_profissional.htm>.
- Resolução nº 016/2000. Dispõe sobre a realização de **Pesquisa em Psicologia com seres humanos**. Recuperado em dezembro de 2007 de <http://www.crpasp.org.br/a_orien/set_legislacao_regulamentacao_profissional.htm>.
- ROGERS, C.R. (1973) **Liberdade para aprender**. (2a ed). Belo Horizonte: Interlivros. (Trabalho original publicado em 1969).

- ROGERS, C.R. (1978) **Sobre o poder pessoal**. São Paulo: Martins Fontes.
- ROGERS, C.R. (1981) **Tornar-se pessoa**. (5a ed). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1961).
- ROGERS, C.R. (1983) **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU.
- ROGERS, C.R. (2004) Abordagem centrada no cliente ou abordagem centrada na pessoa. In C.R. ROGERS; A.M. SANTOS & M.C.V. BOWEN. **Quando fala o coração: a essência da abordagem centrada na pessoa**. (pp.85-110) (2a ed.). São Paulo: Vetor. (Trabalho original publicado em 1987)
- ROGERS, C.R. & KINGET, G.M. (1959) **Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva**. (2a ed, v.1). Belo Horizonte: Interlivros. (Trabalho original publicado em 1977).
- ROGERS, C.R. & ROSEMBERG, R.L. (1977) **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU.
- ROGERS, C.R. & STEVENS, B. (1977) **De pessoa para pessoa: o problema do ser humano, uma nova tendência na Psicologia**. (2a ed). São Paulo: Pioneira (Trabalho original publicado em 1967).
- ROGERS, C. R. et al. (1983) **Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa**. São Paulo: Summus.
- RUFU, M. (2002) **Édipo és tu: Experiências pedopsiquiátricas**. Cascais: Pergaminho.
- RUSSAC, R.J.; STEIGHNER, N.S. & CANTO, A.I. (2002) Grief work versus continuing bonds: a call for paradigm integration or replacement? **Death Studies**, 26(6), 463-478.
- SÁ, E. & SANTOS, S.M. (2004) **O melhor do mundo**. Lisboa: Oficina do Livro.
- SÁ, L.O. (2006) Burnout e controle sobre o trabalho em enfermagem - resultados. **Enfermagem Oncológica**. 34, 15-24.
- SALER, L. & SCHOLNICK, N. (1992) Childhood parental death and depression in adulthood: roles of surviving parent and family environment. **American Journal of Orthopsychiatry**, 62(4), 504-516.
- SCALOZUB, L.T. (1998) El duelo y la niñez: mas allá de las fronteras del Psicoanálisis. **Revista de la Asociación de Buenos Aires**, 20, 367-383.
- SCHILLER, P.A. (2000) **A vertigem da imortalidade**. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHOEN, A.A.; BURGOYNE, M. & SCHOEN, S.F. (2004) Are the developmental needs of children in America adequately addressed during the grief process? **Journal of Instructional Psychology**, 31 (2), 143-148.

- SEKAER, C. (1987) Towards a definition of "childhood mourning". **American Journal of Psychotherapy**, 41 (2), 201-219.
- SHULMAN, E. (1996-1997) Edgar Allan Poe: drawing the line between self-destructive life style and actual suicide. **Omega-Journal of death and dying**, 34 (1), 29-69.
- SILVERMAN, P.R. & WORDEN, J.W. (1999) Children's reactions to the death of a parent. In: W. STROEBE; M.S. STROEBE & R.O. HANSSON (Orgs.) **Handbook of bereavement: theory, research, and intervention**. (pp.300-316) Cambridge: Cambridge University Press.
- SILVERMAN, P.R. & KLASS, D. (1996) Introduction: what's the problem? In D. KLASS; P.R. SILVERMAN & S.L. NICKMAN **Continuing bonds: new understandings of grief**. (pp.3-27) Philadelphia: Taylor & Francis.
- STREISAND, B. (diretora). (1991). O príncipe das marés [DVD]. EUA: Columbia Pictures Corporation.
- STROEBE, M.S. & GERGEN, K.J. (1992) Broken hearts or broken bonds: love and death in historical perspective. **American Psychologist**, 47 (10), 1205-1212.
- STROEBE, W.; STROEBE, M.S. & HANSSON R.O. (1993) **Handbook of bereavement: theory, research, and intervention**. Cambridge: Cambridge University Press.
- TIBA, I. (2002) **Quem ama educa**. São Paulo: Editora Gente.
- TORRES, W.C. (1999) **A criança diante da morte**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- WALSH, F. & MCGOLDRICK, M. (1998) A family systems perspective on loss, recovery and resilience. In P. SUTCLIFFE et. al. (Orgs.) **Working with the dying and bereaved: systemic approaches to therapeutic work**. (pp.1-25) New York City: Routledge.
- WINNICOTT, D.W. (1994) **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes médicas.
- WOOD, J.K. (1994) **Abordagem Centrada na Pessoa**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida.
- WORDEN, J.W. (1998) Luto e sistemas familiares. In J.W. WORDEN (Org.) **Terapia do luto**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- YOUNG, B. & PAPADATOU, D. (1996) Childhood death and bereavement across cultures. In C. M. PARKES et. al. (Orgs.) **Death and bereavement across cultures**. (pp.191-205) London and New York: Routledge.
- ZALL, D.S. (1994) The long-term effects of childhood bereavement: impact on roles as mothers. **Omega-Journal of death and dying**, 29 (3), 219-230.
- ZAVASCHI, M.L.S. et al. (2002, outubro) Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 24 (4), 189-195.

7) ANEXOS

7.1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante,

Eu, Ana Paula Fujisaka, psicóloga, estou desenvolvendo uma pesquisa de mestrado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof^a Dr^a Maria Júlia Kovács, que tem como objetivo compreender os impactos gerados na vida de adultos por morte de figura(s) parental(is) em sua infância, e gostaria de contar com a sua colaboração voluntária como entrevistado(a).

Havendo consentimento, os depoimentos serão gravados para facilitar a compilação dos dados e apenas eu os ouvirei. As transcrições dos mesmos serão utilizadas para fins acadêmicos, para tanto me comprometo com a garantia do sigilo em relação à realização e ao conteúdo da entrevista, assumindo a responsabilidade de omitir nomes e quaisquer dados que permitam identificação.

Sua colaboração será totalmente voluntária, o que significa que não precisa fornecer informações que não queira e que poderá interromper sua participação nesta pesquisa a qualquer momento. E, se houver necessidade, poderá ser realizada uma segunda entrevista com o seu consentimento.

Coloco-me à sua disposição em caso de possíveis dúvidas e para prestar esclarecimentos adicionais a qualquer momento, mesmo após o término da(s) entrevista(s).

Atenciosamente,

Ana Paula Fujisaka
06/69361
Tel: (11) 8389-8223
E-mail: anafjk@usp.br

Programa de Pós Graduação em CRP:
Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano
Tel: (11) 3091-4356 (ramal 201)
E-mail: cacpsa@usp.br

Eu, _____ RG
nº _____, declaro que fui informado(a) sobre os objetivos da pesquisa de mestrado intitulada “Luto: impactos gerados na vida de adultos por morte de figuras parentais na infância”. Concordo em participar voluntariamente como entrevistado(a) e permito que as entrevistas sejam gravadas. Além disso, estou ciente de que, caso eu queira, posso interromper minha participação nesta pesquisa a qualquer momento. Declaro ainda que possuo uma cópia deste termo de consentimento.

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Pesquisador: Ana Paula Fujisaka

São Paulo, ____ de _____ de 200__.

7.2. Narrativa: Pedro

Perdi minha mãe em 1975, quando tinha 5 anos de idade. Ela morreu após o parto de uma das minhas irmãs. Esta era minha terceira irmã, sou o terceiro filho, tenho duas irmãs mais velhas, e essa irmã que nasceu no mesmo dia em que a minha mãe faleceu. Minha mãe faleceu pouco tempo depois do parto. Ela tinha uma pneumonia muito forte na época e não suportou. Acredito que foi uma somatória; o sofrimento do parto com a falta de resistência por conta da pneumonia. A pneumonia se agravou e então não tenho muitos detalhes, pois nunca me preocupei em ver o atestado de óbito para ver quais informações continham nele. Nunca tive curiosidade e sempre aceitei exatamente isto conforme falei...

Tenho poucas lembranças de tudo que aconteceu antes do falecimento de minha mãe. Tenho as lembranças do nascimento da minha irmã e da notícia da morte da minha mãe. Por muitos anos em minha vida a morte da minha mãe não me trazia nenhuma emoção, eu não tinha sentimentos de emoção pela perda da minha mãe. Eu encarava como um fato, eu dizia: “Ah, morreu”. E as pessoas me perguntavam: “E você não sente? Você não sente a morte da sua mãe?”. E eu sempre respondia com muita naturalidade: “Não”. Não que eu não sentisse, eu não entendia. No dia do enterro a lembrança que tenho é de estar vendo uma pessoa deitada num caixão com um monte de flores em volta dela, e o rosto de fora. Mas eu olhava para aquilo e quase dizia assim: “O que está acontecendo?”. Na verdade eu não sabia o que estava acontecendo. Hoje a sensação que tenho é de que eu não tinha noção de morte, não sabia o que era aquilo. Me diziam: “Sua mãe foi para o céu, sua mãe está com Deus”. E eu dizia: “Tudo bem”. Não lembro exatamente quem falava isso, talvez meus tios porque tenho lembranças vagas em algumas situações, como já disse. Mas lembro de situações assim: “Sua mãe foi para o céu”. E eu perguntava sem ter nem idéia do que seria essa história de céu: “Hã? Foi para o céu? Como assim? Que história é essa de céu? Foi para onde?”. E diziam: “Ela está lá com Deus”. E eu pensava: “Ah, então tá, tudo bem”. Então aceitei e ficou por isso mesmo. E lembro as coisas que foram acontecendo na minha vida, várias coisas aconteceram, mas nunca me dei conta que tinha a ausência, que tinha a falta...

Me lembro que como ela morreu no mês de agosto e é início de aulas, pós-férias, eu fui levado para escola. Eu não estava na escola antes disso, eu tinha 5 anos e não frequentava escola. Então o ir para escola foi um meio que o meu pai arrumou para que eu pudesse ser acolhido em algum lugar. Me lembro que espernei. Disso eu lembro, pois trouxe emoção para mim. A morte da minha mãe não trouxe essa emoção, mas a ida para escola e ter que ficar lá junto com outras crianças para mim foi horrível. Eu lembro algumas cenas, inclusive da cena em que meu pai me deixou na escola. Como a escola era em frente à minha casa e não tinha muro, quando meu pai chegou em casa eu já estava em casa junto com ele. Eu fugi correndo, atravessei a rua e cheguei. Então meu pai me levou de volta para escola e eu espernei para caramba. Eu lembro que minhas duas irmãs mais velhas já estavam naquela escola, e me lembro que eu chorava, chorava, chorava, até que chegou minha irmã mais velha para tentar me acalmar desse meu choro. Acho que isso aconteceu dois dias, se não me engano foram dois dias, e depois me acostumei. Entrei no pré com 5 anos e naquela época não poderia. Eu teria que entrar no pré só do ano seguinte, porque eu era muito novo e ia passar com 5 anos para a 1ª série. Eu tinha acabado de fazer 5 anos em junho, minha mãe faleceu em agosto, então eram aqueles 5 anos bem pequenininho, sem noção nenhuma de escola, tanto que tive que fazer o pré de novo, pois não podia ir com 5 anos e meio para a 1ª série. E mesmo indo com 6 anos para a 1ª série eu era um dos mais novos da turma. Sempre fui mais novo em todos os lugares que estive justamente por ter entrado mais cedo...

Nunca existiu nenhuma conversa comigo sobre o que aconteceu com minha mãe. Ninguém me disse: “vem cá, senta, e vamos conversar um pouquinho”. A imagem que tenho seria assim se eu fosse resumir: “Olha, sua mãe morreu, tá? Agora toca sua vida” (sorrindo). É obvio que ninguém falou isso para mim, mas analisando o passado, embora não tenham falado isso, a sensação que tenho é que foi isso mesmo, que foi desse jeito: “Agora você toca sua vida sem ela, tá? E esse é o esquema”. É claro que depois de muito tempo, já na idade adulta num grupo de terapia, isso reapareceu. Dando uma sequência na história, a sensação que eu tive foi

essa: “Agora toca teu barco”.

No mesmo terreno onde até hoje meu pai tem a casa dele tem a casa da minha avó e do meu avô paternos. Era uma casa que tinha os fundos em comum, dois portões de entrada, mas por trás tinha um quintal só, um terreno só. Então passamos um tempo com minha avó. Pouco tempo depois meu pai chamou uma mulher para cuidar da casa. Ela foi lá com o papel de... bom, de empregada, porque ia lavar, passar, cozinhar, limpar, então acho que ela tinha esse papel. Mas pouco tempo depois meu pai já estava com essa mulher, ela começou a morar com a gente e depois eles se casaram. Eu não sei se precisar, mas acho que um ano depois eles já estavam firmes, se bem que depois que ela começou a trabalhar lá nunca mais saiu de casa. Mas logo ela assumiu esse papel de cuidadora e até numa brincadeira ela acabou conquistando... assim: “Olha, quem me chamar mais de mãe no natal vai ganhar um presente bem legal”, ela falou. Então era mãe para cá, mãe pra cá, mãe pra cá e a gente acostumou e chamamos ela de mãe até hoje. A nossa madrastra a gente chama de mãe. Depois de um tempo foi muito engraçado, depois que passou esse período em que resgatei algumas coisas, me liguei que tinha dificuldade de me referir à minha mãe porque me referia à minha madrastra também como mãe. Então passei a me referir, toda vez que ia me referir em público à minha madrastra - eu nunca gostei da palavra madrastra - então eu chamava ela de Wilma, “a Wilma”, e especificava que a minha mãe - então era minha mãe mesmo - que é a Isaura. Depois de um tempo então comecei a diferenciar. Mas hoje na frente dela eu ainda continuo chamando-a de mãe, e quando não estou na frente dela me refiro à Wilma. Isso foi mais uma reorganização para mim. Ela entrou, assumiu esse papel que depois de um tempo eu percebi que era um papel de cuidadora, mas nunca foi mãe... Hoje analisando esse papel, ela foi cuidadora, nos ajudou muito, teve um papel muito importante, mas nunca exerceu o papel de mãe. Mas a gente não se deu conta disso, eu principalmente, as minhas irmãs mais velhas tinham um pouco mais de dificuldade nessa área, mas eu não tinha muita idéia do que era o papel de uma mãe. Então eu falava: “A Wilma assumiu esse papel, cuidou de mim”. Mas como eu disse, acho que cuidadora é diferente de mãe. Porque essa mulher, a Wilma, veio com uma filha e depois teve um filho com meu pai, e o tratamento era diferente. E depois a gente foi percebendo. Para os meus dois irmãos, que são desse segundo casamento - embora uma não seja, ela veio já com uma menina no colo com a mesma idade da minha irmã caçula que nasceu no mesmo dia em que a minha mãe morreu, elas têm 12 dias de diferença. Então esse bebê chegou em casa aos 4 meses de idade e foi criada com a gente desde bebezinha, então é minha irmã também, e depois meu pai teve um outro filho com ela, meu meio irmão, meu irmão - o tratamento sempre foi diferente. Hoje eu consigo falar assim: “Da gente, dos filhos da minha mãe, ela era cuidadora, dos filhos dela ela era mãe”. E a gente percebia claramente essa diferença.

O tempo foi passando e um monte de coisas aconteceu na minha vida; faculdade, fui morar fora. Eu fiz um tempo de faculdade fora de São Paulo, aí fui me virar sozinho mesmo... Eu fiz um ano fora de São Paulo, na federal de Uberlândia, depois voltei para São Paulo, prestei vestibular de novo e fiz USP, e terminei a faculdade na USP. E então me casei em 95 e em 98 meu casamento entrou em crise.

Nessa época minha ex-mulher fazia terapia e a terapeuta dela falou de um Grupo de Encontro. Minha ex-mulher então me convidou para participar desse Grupo e eu fui. E lá tinha várias mães que estavam enfrentando crises com seus filhos, e elas contando da relação que estavam tendo com os filhos. Mas uma mãe em especial contou da dificuldade que estava tendo de se aproximar do filho, e foi falando o quanto ela queria abraçar o seu filho, o quanto queria ter um contato melhor com ele. E conforme foi falando, aquilo foi mexendo comigo. Detalhe: ela era uma mulher que aparentava ter a idade que a minha mãe teria. Eu comecei a enxergar nela uma mãe que queria se aproximar do filho e senti uma sensação tão forte... Então a psicóloga que coordenava aquele grupo colocou uma música para tocar enquanto fazia uma dinâmica com aquela mãe, e no momento daquela dinâmica comecei a chorar de um jeito descontrolado, como nunca tinha chorado antes... Até aquele dia, 1998... eu nunca tinha chorado a morte da minha mãe. E, aliás, eu nunca tinha sentido falta de mãe. E com aquela mãe contando a falta que ela tinha do filho, das coisas que ela queria fazer com o filho, pensei assim: “Mas eu nunca tive isso...”... E de repente eu pensei: “Acho que tanta coisa que eu sentia falta na minha vida, eu descobri... não tive nada disso quando eu era criança”.

Eu não tenho muita memória da minha mãe porque nunca foi trabalhada essa memória, e fui só começar a lembrar de coisas da minha infância nesse dia. Eu lembrei de momentos... de um tombo que levei da escada e minha mãe me pegou no colo. Me lembro da figura, do ângulo de visão no colo dela, eu fiquei mais alto que ela, então eu já era um menino um pouco grande, ela me pegou no colo e eu fiquei com a cabeça acima do nível da cabeça dela e bem acima do nível da cabeça da minha avó, que era mais baixinha. Me lembro dessa cena e também de cenas dela grávida da minha irmã, sentada no sofá da sala, com uma bíblia na mão, com um barrigão, lendo aquela bíblia – ela freqüentava uma igreja pentecostal, eu não lembro o nome da igreja – e tinha “Deus é amor” escrito à caneta na lateral da bíblia. Me lembro dela colocando os três filhos de castigo na sala, porque eu não sei o que a gente tinha aprontado, minha mãe explicou e eu me lembro de subir no sofá, colocar a cabeça, e olhar na cozinha e ela estar passando roupa... E aí sinceramente não me lembro de mais cena nenhuma com a minha mãe... A cena dela indo para o hospital e se despedindo da gente eu lembro. Então teve uma despedida... eu não chorei a despedida... Depois não a vi mais, porque ela foi para o hospital e morreu no hospital, a outra vez que a vi ela já estava no caixão. (estala os dedos para expressar que se lembrou de algo repentinamente) Lembro de uma cena pós-morte, em que as pessoas estavam em volta de um buraco no cemitério, e havia um monte de terra em volta, e a gente subiu em cima da terra e alguém falou assim: “Joga terra em cima do caixão”. E me lembro da cena de eu pegando terra e jogando em cima do caixão da minha mãe. São essas as cenas que eu tenho desse momento...

E sabe quando fui resgatar tudo isso? Só quando eu tinha 28 anos de idade. Resgatar uma imagem muito tempo depois, muitas imagens já se perderam. Se tivessem trabalhado essas imagens quando eu era menor, se tivessem conversado comigo, lembrado de cenas, se tivesse fotos, mas meu pai nunca foi de tirar foto, tanto que eu não tenho uma foto decente da minha mãe. A única foto que tenho dela é de muito longe, sabe essas fotos de casamento, que coloca todo mundo, todos os padrinhos, aquele monte de gente, e uma cabeça... que eu mandei digitalizar, ampliar, e tentar melhorar um pouquinho a imagem, mas eu realmente não tenho, nenhum de nós, nem a mãe dela – minha avó, que está viva até hoje – também não tem. Então praticamente não tem foto da minha mãe. Meu pai não foi de tirar foto, nunca foi. E hoje eu sou o fotógrafo da casa, tenho milhões de fotos de todo mundo. Sempre gostei de fotografia e talvez seja por causa disso, porque meu pai nunca tirou fotografia, e eu digo para ele: “Pô pai, eu não tenho foto minha quando eu era pequeno”. E brigo com meu pai por causa disso, porque ele não gosta de tirar foto, nem da esposa dele.

Então fui resgatar isso apenas aos 28 anos. Nós fizemos uma dinâmica depois, assim que acabou a dinâmica dessa mãe lá no Grupo de Encontro, então a terapeuta fez uma pergunta para mim resgatando algumas coisas minhas. Na época eu já dava aulas e gostava muito de crianças na idade de 5 anos e me apegava muito a essas crianças. Ela então falou que talvez esse amparo que eu gostava de dar, e o papel de pai que eu fazia para essas crianças, talvez fosse porque eu queria dar um amparo a elas que eu não tive. Sempre fui muito afetivo com crianças, sempre gostei de trabalhar com elas. Assim fui resgatando algumas coisas e, logo em seguida, ela fez uma dinâmica comigo assim: “Você gostaria de encontrar sua mãe de novo? Você gostaria de se despedir dela?”, ela me perguntou e eu disse que gostaria. E ela continuou: “Então escolha alguém aqui para representar sua mãe”. Não precisava, eu já tinha escolhido e era aquela mulher que tinha acabado de passar por uma dinâmica. Foi uma cena muito forte, foi uma experiência muito forte...

É claro que essa dinâmica envolveu outras questões que eu tinha levado para aquele grupo, então não foi trabalhada só essa questão da mãe, foram trabalhadas outras questões também, como essa coisa que parece que eu assumi para minha vida, que é o seguinte: “Agora você toca sua vida, tá?”. E a partir daí, e acho que até hoje, sou uma pessoa muito independente. Se tenho algum problema, eu resolvo. Sempre fui muito assim: “Não vou consultar ninguém, não preciso consultar ninguém, eu resolvo meu problema. A vida inteira foi assim, eu tive que lutar para conseguir as coisas que eu queria”. Às vezes as pessoas queriam me dar alguma coisa, e tem até o exemplo do meu ex-sogro. Ele queria dar alguma coisa e eu falava assim: “Não, se você der para os seus outros filhos, eu vou aceitar que você dê para gente”. Mas os outros filhos dele eram super bem-sucedidos na vida, já estavam bem mais velhos, tinham tudo, e eu não aceitava presentes. Eu pensava assim: “Carro? Não, carro eu vou comprar. Ah, casa? Casa eu

vou atrás”. Eu não aceitava, entendeu? Porque eu tenho que conseguir com os meus próprios esforços! Hoje graças a Deus eu mudei, hoje aceito presentes que é uma maravilha. Mas acho que ainda tem uma coisa muito forte em mim, que é essa coisa assim de tocar a vida sozinho... No Grupo de Encontro foi trabalhado isso e foi trabalhado também o encontro com minha mãe. Após uma luta, eu cheguei até minha mãe (na dinâmica). E ao chegar nela me deitei em seu colo. Ela me abraçou, a gente falou alguma coisa... nem sei se eu falei, acho que só chorei, acho que não falei nada. Acho que ela fez o acolhimento que ela queria provavelmente dar para o filho dela, e ali, naquele dia, eu aceitei. Acho que deitei no colo de uma mulher como nunca tinha deitado num colo antes... de deitar, de me acolher, de encolher... Houve esse momento e após isso a gente se despediu, e aí sim teve a despedida. Nossa, eu chorei que nem um bebê aquele dia, acho que chorei o que não chorei no dia que ela foi para o hospital, aí eu chorei! Só sei que eu chorei e olhei e o grupo inteiro estava chorando. Tinha gente deitada nos colchões chorando. Eu levantei e era água no meu corpo inteiro. Eu tinha suado, parecia que eu tinha passado pelo ventre de novo e saído encharcado, toda a minha roupa estava encharcada de suor. Foi um negócio louco, uma experiência emocional muito grande. E desde aquele dia eu chorei muito a morte da minha mãe.

O primeiro dia das mães que teve uma atividade na igreja com as mães, aí eu chorei! Minha irmã estava do meu lado - essa que nasceu no dia em que a minha mãe morreu - e nós dois choramos, choramos, choramos. E descobrimos que a gente tinha perdido uma mãe! E tivemos que refazer esse luto... tivemos que sofrer o luto que a gente não sofreu naquela época. Então comecei a procurar minha irmã mais velha para perguntar coisas da minha mãe: “conta o que você lembra”, eu pedia para ela. E ela começava a contar as coisas e eu chorava, e ela chorava também. Ela contou coisas que... ela contou coisas do banho e que minha mãe era super-protetora, não deixava ir água no meu olho de jeito nenhum. Ela dava banho sem deixar ir água, colocava minha cabeça no meio da perna para lavar meu corpo, só para jogar água no corpo e não ir água no meu rosto, para eu não chorar. Minha irmã fala que a nossa mãe era superprotetora com a gente, era bem acolhedora. E não me lembro de nada, não lembro essa cena. Eu lembro até de tomar banho, mas não lembro se esse banho era da época que eu tinha perdido a mãe ou depois. O que me lembro de cena de banho era eu pequenininho no banheiro, então eu penso que deve ser cena daquela época. Mas eu não lembro... Infelizmente não tenho muitas lembranças, eu queria ter... Eu falo, eu queria ter fotos, e aí às vezes vou na casa de um ou outro tio e encontro uma das fotos de festas onde minha mãe estava, e então a localizo e me localizo. Já me localizei em algumas dessas fotos, peguei e mandei digitalizar.

Hoje tenho um arquivo digitalizado de fotos que consegui recolher da minha mãe, pouco antes do meu segundo casamento. Eu queria fazer um multimídia no dia do casamento com um resgate de fotos. Então fui à casa da minha avó, dos meus tios, dos meus irmãos, e fui catando as fotos, e montei uma pasta de fotos com tudo que consegui pegar da minha mãe e da minha infância, que não é muita coisa não. Já da minha mulher tinha muita foto, foi difícil de escolher, tinha pilhas e pilhas de fotos, primeiro que ela é mais nova e também os pais tiravam muito mais fotos. No dia do casamento não consegui ver as fotos... As fotos entraram num momento de sala de espera, quando as pessoas estão na igreja esperando começar o casamento, a gente fez um esquema de sala de espera e eu preparei esse multimídia para esse momento. Nós não tivemos festa, então isso foi antes de começar a cerimônia e eu estava dentro da igreja já quando começou a sala de espera, mas eu não estava oficialmente, o noivo não tinha entrado ainda. Eu estava lá circulando e na hora que começou a passar o multimídia e as fotos então veio toda aquela carga de emoção de novo, e eu fui lá para fora e fiquei por lá até acabarem as fotos. Minhas irmãs também ficaram bastante mexidas com as fotos que eu tinha conseguido, principalmente porque tinha muitas fotos da nossa mãe.

Foi muito importante ter vivido o luto pela morte da minha mãe. Acho que me tornei uma pessoa mais completa. Embora eu já fosse uma pessoa emotiva, eu não conseguia sentir o que as pessoas sentiam. Quando alguém perdia alguém eu não conseguia sentir a mesma dor, aquela questão da empatia eu tinha dificuldade de sentir. Toda vez que alguém passava por um momento de dor eu falava assim: “Vai passar, não se preocupa não, daqui um tempo você não vai sentir mais nada”, eu falava tentando ignorar a dor da pessoa. Mas a partir desse momento, a partir daquela dinâmica, comecei a perceber que a dor tem um significado na sua vida e que o

luto tem um significado na sua vida. E acho então que eu fui aprendendo, inclusive com outros Grupos de Encontro que participei e de conversas com a terapeuta, sobre a idéia de começar a se tornar uma pessoa mais inteira. A partir desse resgate eu pude resgatar uma parte da minha história e pude entender um pouco porque eu sou como sou, e acho que isso foi extremamente saudável para mim!

Acho que perdi a chance de viver o momento do afeto na minha infância, como consequência da morte da minha mãe. Eu só tive a experiência de relação com uma madrastra e com um pai que não encostava a mão, que nunca dava um carinho. A perda influenciou minha vida no sentido de ser muito mais seco, muito racional, nunca dar muita bola para emoção... Talvez eu hoje seja uma pessoa às vezes seca na relação, não sei se a palavra seca explica o que eu quero dizer, mas é que eu não sou uma pessoa tão afetuosa com as pessoas. Às vezes eu sou muito direto, e acho que esse meu jeito de ser tem a ver com o modelo que tenho de relação interpessoal, que é um modelo assim; distância. Minha terapeuta, que foi uma pessoa que ajudou a resgatar muito isso, conta que quando me conheceu eu dava um meio abraço, a gente ia se abraçar e eu dava um pedaço de lado, e ela falou que eu não sabia abraçar. Eu não sabia abraçar porque eu nunca tinha sido abraçado. De abraçar e colocar no peito mesmo, e falar assim: “Vem cá, deixa eu te colocar no meu peito”. E abraçar de verdade, eu não fazia isso. Eu não fazia porque eu também não tive isso, eu não tinha modelo para fazer. E você vai crescendo e os modelos que você passa a ter é o modelo de gênero, por exemplo “o abraço do namoro”, que tem uma conotação completamente diferente; ou então quando vai abraçar um homem abraça de lado; quando vai abraçar mulher até consegue se dar mais, porque é mais fácil ter o contato com mulher do que com homem. Isso porque eu nunca tive contato com homem, meu pai nunca me abraçou. Nessa questão do abraço acho que foi depois de muito tempo que deu para resgatar um pouco disso com meu pai, mas isso já depois de adulto também. Então acho que essa questão do dar e saber receber afeto tem influência da ausência da minha mãe.

Hoje ainda continuo muito independente, aliás, não só independente como dominador. Dominador porque tenho a tendência de tomar as decisões. Acho que a grande crise que tive de relacionamento no primeiro casamento foi por não conseguir lidar com o compartilhar tarefas e achar que tudo é minha responsabilidade. Isso hoje mudou, minha mulher já é o oposto, ela tem a tendência de deixar tudo para o outro, porque a mãe sempre a superprotegeu. Minha mulher também perdeu o pai, só que perdeu o pai quando era um pouco mais velha, mas a mãe sempre superprotegeu, sempre deu e quis fazer tudo por ela. Então imagina só, eu com a educação que tive sem proteção nenhuma, tinha que fazer minhas coisas, correr atrás, e me caso com uma mulher que tem a tendência de deixar os outros fazerem por ela. Mas hoje consigo perceber isso, então me distancio e falo: “Vamos dividir tarefas”. Quando ela vem perguntar as coisas para mim eu respondo com uma pergunta: “O que você acha?”. E digo também: “Eu acho que você pode decidir sozinha”. Vira e mexe eu preciso falar assim: “Olha, eu não preciso decidir as coisas por você, você é quem decide”. E eu já falei algumas coisas para minha mulher assim: “Eu não sou seu pai”, “Você tem que decidir por conta própria”. Hoje minha mulher está muito mais autônoma. Nós já estamos casados há dois anos e meio e ela já está com uma autonomia muito maior. Teve um momento que ela chegou a deixar tudo na minha mão... E imagina eu, que tenho essa facilidade de assumir as coisas, que já passei por um casamento e tomei muito na cabeça por conta desse meu jeito. Meu primeiro casamento entrou em crise e não foi para frente. Justamente talvez porque eu não conseguia lidar com essas dificuldades. Tinha as questões do relacionamento, tinha as questões dela, mas tinha também as minhas questões, e era preciso me ver. Acho que consegui me ver mais depois que passei por esse processo de resgate, consegui enxergar um pouco mais o outro lado. Esse meu jeito de ser acho que é muito por conta do que ouvi na infância: “Oh, toca sua vida aí, porque daqui para frente é você e Deus”. Porque essa foi a sensação que eu tive...

Comecei a trabalhar muito cedo, aos treze anos já comecei trabalhar, “porque eu tinha que ter o meu dinheiro”, “porque eu tinha que comprar a minha roupa”. Meu pai nunca teve um poder aquisitivo muito bom, era sempre no limite orçamentário. E até os meus treze anos muitas coisas que queria eu não podia ter, muitas coisas que meus amigos tinham eu não podia ter, e nunca houve uma conversa do tipo: “Olha, não dá para comprar tal coisa para você porque é caro, porque a gente não tem dinheiro”. Mas eu meio que entendia essa coisa, mas não me

lembro de ninguém chegar e falar comigo. E, por conta disso, uma outra coisa aconteceu, sempre tive medo de pedir, e não ganhei algumas coisas quando era criança porque não me ensinaram a pedir. Eu nunca pedi nada para o meu pai. Eu tinha medo dele. A educação que tive com meu pai era uma educação muito agressiva, muito na base da violência. A relação com meu pai é outra história... Eu não tive mãe, não tive afeto, e do meu pai tive uma relação que eu queria distância, porque eu tinha o oposto do afeto, tinha agressão... Eu fui agredido muitas vezes pelo meu pai. E como eu posso pedir alguma coisa para alguém que só me agride? Com meu pai não tinha diálogo, ele trabalhava durante o dia e quando estava para chegar em casa eu saía mais cedo para ir para escola, isso porque eu só tinha que atravessar a rua, mas saía para não encontrar com ele.

Acho que meu pai se esforçou, primeiro para dar uma educação da melhor maneira possível para gente. Ele se esforçou baseado no modelo que tinha de pai. Hoje a gente consegue entender e racionalizar, porque meu pai foi educado dessa forma. Meu pai fala: “Você acha que eu batia em vocês? Vocês não sabem o quanto eu apanhei”. Hoje já tive muitas conversas com meu pai, já conversamos muito sobre a nossa relação e tudo isso que estou contando. Na verdade meu pai é que não conseguiu resgatar isso com o pai dele até hoje. O pai dele está com 90 anos, e o meu pai tem raiva da educação que recebeu até hoje... Ele tem raiva do pai dele, que mora no mesmo quintal que ele, até hoje! É uma coisa que conversei muito com meu pai, eu disse: “Pai, você tem que resgatar isso enquanto seu pai está vivo, porque depois que ele morrer não dá mais. Desde que você se conhece por gente seu pai está aqui do seu lado, porque ele mora ali. Quero ver quando você perder ele o que você vai sentir”. Meu pai ficou um pouco pensativo e hoje parece que está tratando o pai dele um pouquinho melhor.

Houve uma diferença na dinâmica da nossa família após a morte da minha mãe com certeza, por conta dessa ausência ficou uma lacuna... que é irrecuperável. Você consegue resgatar algumas coisas, mas muito do que se perdeu, se perdeu... Nós ficamos morando com minha avó, que era no mesmo quintal, por alguns meses. Eu lembro que dormia na mesma cama que minha irmã porque não tinha uma estrutura para receber os 3 irmãos. Essa minha irmã que nasceu ficou morando nos primeiros meses com uma tia e depois de um tempo ela foi morar com minha avó, e depois ela morou sempre com a minha avó. Ela não foi educada pela Wilma... ela foi educada pela minha avó. Então a figura que minha irmã tem de mãe é a minha avó, e essa sim assumiu um papel de mãe em relação à minha irmã mais nova. Ela a adotou mesmo, supriu em termos de vestimenta, alimentação, é claro que com uma parceria do meu pai, mas meu pai trabalhava e minha avó ficava o tempo todo com minha irmã. E foi por poucos meses que fiquei com a minha avó e logo em seguida já voltei para casa onde morava o meu pai, eu e minhas irmãs, e a gente dormia tudo no mesmo quarto, e então a figura da minha avó ficou bem distante...

Nessa época a irmã mais velha ia fazer 8 e eu tinha acabado de fazer 5. A minha irmã mais velha faz aniversário em agosto também, minha mãe faleceu no dia 13 de agosto, que é o dia que minha irmã nasceu, e essa minha irmã mais velha nasceu no dia 12 de agosto. E a outra irmã tinha acabado de fazer 6 anos. Eu tenho um ano e cinco meses de diferença dela. Na época da morte eu estava com 5, essa minha irmã com 6, e a outra irmã tinha acabado de fazer 8. E a verdade é que, como eu disse, parece que não teve carga de emoção na morte da minha mãe, então a gente passou por anos comemorando o aniversário e era festa normalmente. O aniversário delas não traz nada para mim, nunca trouxe. Trouxe nos encontros de terapia, trouxe nos encontros com minha irmã para resgatar a história, trouxe no dia das mães, essa emoção, mas nos dias 12 e 13 de agosto não me traz nada. Mas não sei como é para elas. Para mim ficou tranquilo, nunca teve um problema, nenhuma carga de emoção, de tristeza nestas datas.

Hoje qualquer tipo de perda, até a perda do filho do irmão do vizinho... um professor daqui veio uma vez contar a história dele e contou como perdeu o filho. Ele chorou e eu chorei também. Eu não era assim. Hoje penso o seguinte: “É hora de chorar, vou chorar”. Então como lido com as perdas hoje? Quando eu vejo alguém que está sentindo por uma perda, eu, em muitos casos, consigo sentir junto com a pessoa. Hoje estou atendendo como estagiário na clínica-escola, e as pessoas contam suas perdas e eu começo a sentir. Recentemente veio um caso em que a avó trouxe os dois irmãos com dificuldades escolares, comecei a perguntar da família e ela contou que as crianças perderam o pai assassinado e perderam a mãe, filha dela,

após uma tentativa de aborto. Então as crianças são órfãs de pai e mãe, e ela está sentindo muito a perda da filha. Quando aquela senhora começou a contar aquela história, pensei assim: “ai meu Deus, vou ter que me segurar aqui”, porque tenho vontade de chorar, parece que estou sentindo ali naquele momento o que ela está sentindo. Para mim foi muito bom ter passado por essa situação de vivência da perda, porque hoje consigo sentir a dor da perda, inclusive dos outros, e respeitar, eu consigo respeitar a dor dos outros. Hoje para mim é inadmissível alguém falar para o outro que está chorando porque perdeu a mãe ou perdeu o pai, falar assim: “isso vai passar”. Tenho que chegar do lado, e se eu não tiver vontade de chorar, porque aquilo não me despertou emoção, pelo menos eu fico do lado e falo: “Eu imagino o que você está sentindo um pouquinho, porque eu também já perdi”. Há alunos que passam por perdas aqui e, quando a morte é muito recente, às vezes pedem para sair da aula, ou coisa assim, então pergunto por que ele quer sair da aula, e a criança fala: “Estou triste porque estou sentindo falta da minha avó”. Então falo: “Eu sei como é isso, eu também já perdi, perdi minha mãe, perdi meu avô, então eu sei o que é perda também”. E o aluno fica surpreso: “Ah é, você perdeu? Puxa!”. E parece que naquela hora há uma aliança. Então acho muito positivo, pelo menos nesse sentido, acho que perder nunca é legal, mas acho que nesse sentido é positivo. Antes eu não sentia nada, não aceitava sentir. Eu dizia: “Está chorando por quê? Nossa, que choradeira é essa? Todo mundo morre! Então vamos aceitar!”. Só faltava eu falar assim: “Oh, vamos aceitar e toca sua vida, tá?”. E era esse perfil e essa idéia que eu tinha na minha cabeça.

O sentimento pela perda acho que sempre vou sentir... O luto mesmo é aquele momento que você precisa para se restabelecer, para se reorganizar, para organizar o seu espaço interno do coração e reacomodar em função da perda. Luto é aquela coisa que você talvez diga: “Cicatrizou a ferida”. Você consegue levar a sua vida com naturalidade. Esse é o significado que dou para o luto, que é o tempo que você precisa para cicatrizar uma ferida. E algumas pessoas fecham com mais velocidade que outras, e outras pessoas sofrem, no verdadeiro sentido de sentir dor, sofrimento como sentir dor. E acho que chega um momento que você fala assim: “Eu tenho lembranças”, “Ah, que pena que perdi a minha mãe, que pena que não tenho a minha mãe aqui”. Não sei falar exatamente o que é o luto, mas para mim tem essa idéia. E acho que o luto eu vivi por alguns anos depois dos 28 anos, onde o dia das mães me trazia muita dor, me trouxe muita dor, hoje o dia das mães me traz lembranças. Quando eu tinha meus 31, 32 anos toda vez que eu relatava a história da minha mãe eu voltava a chorar. Hoje me vêm memórias tristes de novo, mas memórias tristes de tal forma que eu posso dizer: “Eu consigo controlar essa emoção”, e eu consigo continuar esse relato sem que essa emoção interfira na nossa conversa. Talvez alguns anos atrás eu ia ter que parar, respirar (respirando mais fundo), pegar um papel, retomar, respirar e voltar. Então acho que consegui passar por essa fase e reorganizar novamente.

E retomando a questão de lidar com perdas, acho que hoje está muito mais tranquilo, hoje consigo perder com mais facilidade. Mas depois da morte da minha mãe passei, em 2001, por um divórcio, um divórcio que foi extremamente doloroso para mim. Em que não aceitei, briguei muito, perdi a cabeça e fiz muitas coisas irracionais, dando peso muito grande apenas à minha emoção. E eu tinha que aceitar, a minha mulher já estava com outra pessoa. Eu tive que viver o luto da perda do meu casamento, e foi extremamente doloroso. Após a perda fui fazer terapia e tive que reelaborar um monte de questões ligadas à perda. Após a elaboração da perda do término do meu casamento e da perda da ex-mulher, então consegui lidar e hoje lido muito melhor com perdas. Continuo sentindo dor pelas perdas, mas lido muito melhor. Sei que tudo o que tenho hoje posso perder, estou sujeito a perder. Isso é uma realidade na vida do ser humano. Mas hoje encaro a perda de uma maneira muito mais tranquila. Não sei como seria perder uma mulher novamente e tenho certeza que seria muito doloroso novamente, mas a maneira de lidar com isso seria completamente diferente por conta desse processo de elaboração. Hoje, analisando a minha história e o meu comportamento após o término do casamento, eu diria assim: “Nossa, como você sofreu com esse casamento, com esse término”. E acho até que demais no meu entender, mas acho que sofri o que tinha que sofrer e tive o meu processo. Mas foi demais, a ponto de emagrecer muito, perdi muitos quilos com a separação. Tive vontade de acabar com a minha vida, a vida perdeu o sentido sem minha ex-mulher. Foi muito ruim, mas acho que foi um processo, que depois de um tempo posso falar o seguinte: “Foi um privilégio

ter passado por esse processo”. Aprendi muito com o processo da perda no término do casamento, então valeu como aprendizado. Sofri no término do casamento o que não sofri na perda da mãe. O que me trouxe maior desgaste emocional foi o divórcio. A perda da mãe não teve esse desgaste, houve sim o momento de resgatar a morte e foi forte naquele momento, mas a perda do casamento foi muito mais demorada e sofrida e levou meses de resgate.

7.3. Narrativa: Luisa

Meu nome é Luisa, tenho 32 anos. Minha infância não foi boa. Eu não conheci meus pais verdadeiros. Fui adotada por um casal quando eu tinha 1 ano e 6 meses. Minha mãe adotiva tinha dois filhos e queria ter uma menina, mas não conseguia. Quando soube que tinha uma mulher doando, foi lá e me pegou. Mas ela morreu quando eu tinha 7 anos, ela faleceu de acidente de automóvel. Até 1 ano e 6 meses eu fui criada com a mãe biológica. As minhas tias contam que ela me deu porque não podia cuidar de mim, não tinha dinheiro, e o meu pai a abandonou, e ela deu todos os filhos. Uma dessas irmãs minhas eu conheci com 28 anos, casada, mora em Pirituba. E tem uma irmã que eu não cheguei a conhecer porque faleceu. E eu conheci também um irmão que morava perto de mim lá na Bahia, que também foi adotado por um tio. A casa desse meu tio e da minha mãe adotiva era pertinho, porque minha mãe era madrastra do meu tio. Meu pai adotivo teve uma primeira mulher, teve filhos, e depois casou com a que me adotou. Era uma confusão! (rindo)

A verdade é que foi gente da família mesmo que me adotou. E quem me adotou foi a Maria. Ela me adotou porque não podia ter mais meninas, porque já tinha 40 e poucos anos. Ela foi me buscar num lugar que chama Caatinga, perto de Inpirá, onde se cria gado, dentro do mato mesmo. Minha tia conta que minha mãe biológica me dava até farinha com sal, porque não tinha condições de comprar nada. E quando ela viu aquele sofrimento resolveu me dar. Depois que deu os filhos ela sumiu. Ninguém soube mais dela, nem se está morta ou viva. Minha irmã falou que meu pai verdadeiro estava morando aqui em São Paulo, então pedia para ela me levar, mas ela falava que não tinha tempo, estava sempre trabalhando, e terminou que ele faleceu e eu não o vi. Só o vi por foto. A minha irmã mais velha o conheceu, mas eu não.

Minha mãe me adotou, a Maria, mas com 7 anos ela me deixou, faleceu de acidente em um lugar que se chama Caatinga também, em que ela foi visitar os parentes dela. Eu tinha ido também, porque eu era pequena, eu e meu irmão Welington, que tinha 18 anos, meu irmão adotivo. Quando estávamos voltando, passando pela Caatinga, onde tinha um monte de mato e espinhos, a porta da caminhonete abriu e ela caiu e o motorista não viu. A gente só viu ela gritando: “Me socorre! Me socorre!”. E o motorista não tinha visto ela cair, mas também ele vinha na cabine namorando com a sobrinha dela! Não lembro porque eu vinha em cima na carroceria, eu, meu irmão e o José, meu pai adotivo. E minha mãe, minha prima e o motorista estavam na cabine da caminhonete. Era noite, umas 22hs, e de repente aconteceu o acidente, ela caiu, nós ouvimos os gritos e ficamos batendo na cabine, mas só depois de uns 5 km que o motorista parou, o pneu tinha passado pela barriga dela. Eu lembro que as marcas dos pneus estavam certinhas na barriga dela, e que a vagina dela estrangulou, porque ela caiu em cima de um toco, e ela chorava e gritava. É igual quando se mata um porco, o sangue fica espirrando, e eu via sangue para tudo que era lugar. Eu fiquei apavorada! Meu pai rasgou a camisa dele e amarrou nela. E a Caatinga era muito longe da cidade mais próxima, que era Baixa Grande, muito, muito, muito longe mesmo! Ela ficou da cor de um papel, porque perdeu muito sangue. Levaram ela para Baixa Grande, mas o médico não sabia se ela iria sobreviver. Nisso o motorista já foi preso e até hoje responde processo, em liberdade, mas responde processo. Antes da operação o médico disse que se ela sobrevivesse ficaria aleijada, e ela não iria falar mais e que a gente teria que colocar tudo na boca dela. Então meu pai disse que poderia operar mesmo assim, mas ela não agüentou, na mesa de operações ela faleceu. Eu tinha 7 anos mas eu estava vendo tudo aquilo ali, tinha tanto sangue, e o meu irmão começava a chorar, eu também, meu pai também. Aquela cena eu não esqueço nunca, às vezes eu vejo tudo na minha mente, a cena dela caída, indo gritando até o hospital... Ela foi acordada até o último momento, mas tinha horas que ela parava porque a dor era tão forte que acho que não havia remédio para parar essa

dor, e demorou muito para chegar em Baixa Grande, porque era muito longe. Então na mesa de operação mesmo ela faleceu.

Meu pai não me falou que minha mãe tinha falecido. Depois disso eu fiquei na casa do Gilmar, que tem mais recursos, que é um dos filhos do meu pai que me criou. A gente posou lá por uns dias até resolver tudo, o velório, enterro. Mas eles não me falaram, esconderam de mim. Eu vi uma movimentação, todo mundo triste, e eu ouvi a tia Dê, a esposa do Gilmar, dizendo: “E agora? A Dona Maria faleceu. Como que é que eu vou contar para Luisa?”. Eu ouvi e disse: “Pode contar, estou ouvindo tudo”. Eu achei estranho que tinha muita gente na casa, todo o pessoal que morava na roça, perto de onde eu morava veio para o velório, e eu achei muito esquisita toda aquela movimentação. E eu pensei: “Ixi, alguma coisa está acontecendo, e é com a minha mãe”. Quando eu ouvi minha tia falando eu disse: “Tia Dê, eu sei que ela morreu, pode falar, eu estou escutando”. Então ela me abraçou e começou a contar que ela ia ficar comigo e que ia cuidar de mim. Porque quando ela faleceu, pediu antes de morrer para o Gilmar cuidar de mim, porque era o único em quem ela confiava, porque eu não tinha ninguém mais no mundo. Assim que ele prometeu, ela faleceu. Ela tinha muita preocupação de me deixar sozinha, porque o meu pai bebia e batia nela. E o meu irmão tinha ainda 18 anos, e não dava para ele cuidar de mim.

Depois do enterro, nós voltamos para casa, mas eu não queria entrar em casa de jeito nenhum, foi um trabalhão para eu entrar. Eu não queria entrar porque eu a via em todos os lugares da casa, tudo me lembrava ela, todos os dias eu olhava para as roupas dela... Então meu pai deu todas as coisas dela, para eu não ficar lembrando, mas ainda assim eu a via. Ela era uma mãe maravilhosa, deixava de comprar as coisas para ela para dar para mim! Tudo que eu quisesse ela me dava, e eu tinha de tudo. Ela tinha uma venda, onde tinha balas, doces, e tudo que eu pedisse ela me dava. Ela era muito carinhosa comigo, era uma mãezona. Mas meu pai batia muito nela, ele a machucava muito. E lá o povo não tem esse negócio de ir na delegacia de mulheres, porque é um povo atrasado, da roça, eles achavam que não adiantaria nada. Eu via ele batendo nela, e ele batia em mim também, mas eu corria. Eu dizia: “Pára, não bate na minha mãe!”. Então nós duas corríamos para dentro do mato, e muitas vezes dormimos dentro do mato mesmo, escondidas. Me lembro que eu dormia no colo dela, lá no mato, porque eu era bem pequena. O marido dela gritava: “Maria, volta para casa que eu vou te matar”. Dava tanto medo que a gente até tremia. Nós só voltávamos no dia seguinte, quando passava a bebedeira. Ela mostrava as marcas e ele dizia: “Eu não fiz isso”. Parecia que o capeta entrava nele. Ela agüentou isso por muito tempo, apanhando todas as vezes que ele bebia. Tenho certeza que ela está no céu porque ela era uma mulher muito boa e sofreu muito, meu pai maltratava muito ela, além de que ele traía ela direto, ele tinha várias mulheres e vários filhos. Eu não tenho idéia nem de quantos irmãos eu tenho por parte dele. Eu me lembro de todo esse sofrimento da minha mãe. Uma vez fiz uma redação na escola onde eu estudava e a professora disse: “Todo mundo vai contar sobre a sua infância.” Eu contei e a minha professora chorou e disse: “Nossa, que infância foi essa? Meu Deus do céu, dá para escrever um livro”.

Depois que minha mãe morreu fiquei morando com esse meu pai e também com os meus 2 irmãos, filhos da minha mãe. Quando meu irmão, o mais novo, fez uns 20 anos ele veio embora para São Paulo, porque ele não agüentou meu pai. Esse meu irmão me protegia, tanto do meu pai quanto do outro irmão, o mais velho, que também bebia e me batia. O meu irmão mais velho bebia muito e me espancava, ele me batia de deixar marca. Quando eu tinha uns 14 anos comecei a namorar um rapaz, e esse meu irmão disse que não queria que eu namorasse, então esse irmão veio e me deu um tapa que a minha cara até entortou, eu peguei um pedaço de lenha para me defender porque ele era muito grande e alto e furei ele. Mas ele sempre me batia, o tempo todo, eu fui um saco de pancadas na mão dele. Eu tenho muita mágoa... nem sei se é mágoa, mas eu não gosto dele, já o outro irmão eu adoro!

Então depois que minha mãe faleceu, eu fiquei morando com meu pai. Eu ia para roça todos os dias às 5 horas da manhã. Ele me tirou da escola, porque disse que escola não dava futuro e que eu tinha que ir para roça. Eu estava no catecismo, mas ele me tirou também. Fiquei triste porque eu gostava de estudar. Ele era analfabeto e achava que estudar não era importante. Por isso eu ia para roça todos os dias para plantar, espantar passarinho e outras coisas, quando era umas 11 horas eu vinha para cozinhar. Era eu quem fazia tudo, pois minha mãe me ensinou

desde pequena a lavar minhas roupinhas, cozinhar, rachar lenha, então quando ela morreu eu comecei a fazer todas aquelas coisas que ela fazia. Eu fazia coisas de adulto quando eu era criança, por isso acho que amadureci muito rápido, eu fiquei moça com 12 anos. Eu tinha um raciocínio de criança, mas que também era de adulto ao mesmo tempo. Depois de uns 2 anos que minha faleceu, meu pai ficou doente, e comecei a cuidar dele sozinha, e pensei: “Ai Deus, mais essa? Ninguém merece!”. Meu primo, que era médico, disse que ele tinha 5 espécies de doença; problemas de coração, pressão, diabetes, ele teve um derrame cerebral. Um dia à noite eu acordei e ele estava sangrando, estava pondo sangue pela boca e pelo nariz, eu corri para chamar minha tia Gilda, a irmã dele, no meio da noite, sozinha, e era longe para mim que era criança pequena. E era eu que sempre cuidava dele sozinha, e muitas vezes tinha que chamar minha tia no meio da noite, não sei como nunca ninguém me pegou no meio das estradas de madrugada, acho que era Deus cuidando de mim desde aquela época. Era eu que levava ele no médico. Meu pai estava sempre doente, era uma luta sempre. E nisso eu trabalhava na roça ajudando meu irmão e também cuidava do meu pai, eu criava galinha, porco, tirava leite, eu fazia tudo. Depois de um tempo meu pai apresentou um problema na perna e o médico disse que teria que amputar. Eu fiquei desesperada e pensei: “Minha mãe já faleceu, agora eu vou ter cuidar do meu pai numa cadeira de rodas?”. Levaram ele para Baixa Grande e tiveram que amputar a perna mesmo, e ele ficou numa cadeira de rodas. E eu pensei: “Agora vai ser um sufoco”. Me lembro que eu pensava essas coisas mesmo. Ele não conseguia fazer nada, era da cama para cadeira de rodas. Depois ele teve também outra doença, epilepsia e se debatia todinho e ficava espumando, e eu tinha que levantar ele sozinha, porque o meu irmão andava bêbado, meu outro tio andava bêbado também, eles viviam bêbados. Teve um momento que ele não conseguia mais comer sozinho e nem tomar os remédios, então eu tinha que dar tudo na boca dele, e o pior é que ele me xingava de tudo que era nome, o médico disse que a mente dele estava meio perturbada por causa da epilepsia. Eu dava banho nele sozinha, e lá não tinha banheiro como aqui. Hoje eu posso dizer que tenho conforto, mas lá era banheiro de palha. Eu tinha que tirar ele da cadeira de rodas, dar banho, vestir, e eu via tudinho dele, eu amadureci muito rápido... Eu ia chamar meu irmão, e ele sempre estava bêbado, olhava para os quatro cantos, mas era só eu e Deus. Hoje até tenho umas dores nas costas e o médico disse que carreguei muito peso quando era pequena, e como meus ossos eram moles, não eram muito definidos como de adultos, isso me fez mal. Eu carregava água subindo ladeira, e carregava ele sozinha. Eu cuidava dele sozinha e não estudava, não namorava, não fazia nada da vida. Umas amigas às vezes diziam: “Luisa, vamos passear”. Mas passear como? Tudo dependia de mim. Como eu iria deixar uma pessoa assim, que parecia uma criança? Ele fazia as coisas tudo na roupa, e eu tinha que lavar tudo com as minhas próprias mãos. Eu era tão magrinha, dessa finurinha, acho que via tudo aquilo e não tinha mais estômago para comer. Chegou uma hora que eu disse que não estava agüentando mais, e ele tinha um monte de filhos, mas eles diziam que não podiam cuidar dele. Às vezes uma tia, filha dele, vinha de Salvador para ver ele e quando ela estava eu ficava muito alegre, porque eu podia sair um pouquinho, mas quando ela ia embora, eu ficava triste de novo. Quando eu ia para Baixa Grande fazer feira eu pedia para minha comadre Valdirene, uma vizinha, ficar com ele até eu chegar, porque sempre tinha que ficar alguém cuidando dele.

E quando ele amputou a perna eu comecei a estudar, porque até o momento ele não deixava. Então meu irmão, que estava em São Paulo, começou a mandar dinheiro para pagar alguém para ficar com ele até eu chegar da escola. Mas eu tive que sair da escola com 10 anos, porque a menina que cuidava dele começou a beber, ela ficava bêbada e deixava ele sem beber água, não trocava, deixava ele debaixo de sol. E não dava para deixar meu pai assim. Então abandonei a escola de novo, saí e não voltei mais, e só voltei a estudar quando vim para São Paulo, fiz o supletivo com uns 23 anos, eu consegui terminar até o colegial. Mas eu queria muito estudar, eu adorava estudar, mas não dava. Eu dediquei minha vida inteira só a ele. Acho que eu era tão inocente que quando fiquei moça, lá pelos 12 anos, eu não sabia nem o que era. Eu até saí mostrando o sangue para os outros, então uma colega minha me ensinou o que era. Eu amadureci muito rápido, acho que foi o sofrimento...

Quando eu tinha 19 anos ele faleceu. Eu senti muito a morte dele, chorei bastante e via ele em todos os lugares. Quando minha mãe faleceu eu a via muito também, não sei se era

minha mente, ou se eu pensava muito nela, uma noite ela veio me cobrir, e o quarto ficou todo claro, cheio de luz, eu sentia muito a presença dela do meu lado e eu não tinha medo dela. Mas do meu pai eu tinha medo, não sei se foi porque ele faleceu no meu braço. Eu lembro que no dia em que morreu ele estava agoniado, com muito calor, então eu deitei ele no meu colo, nessa hora ele me pediu perdão e disse: “Minha filha, me perdoe tudo o que eu fiz com você”. Acho que era porque ele me maltratava. Depois que eu falei: “Tá perdoado pai” ele apagou. Então eu coloquei a mão no pulso dele, porque meu primo médico me ensinou tudo – por isso meu sonho sempre foi ser médica, porque eu aprendi tudinho; tirar pressão, dar injeção... – Quando eu vi que ele morreu eu saí correndo e chorando para chamar o meu tio. Depois disso eu fiquei com medo, não sei se foi porque ele morreu no meu colo, e eu tenho essa lembrança até hoje, ou se foi porque eu não o vi depois de morto, porque eu não tive coragem, eu não olhei ele no enterro porque ele inchou muito. Foi essa a minha infância, eu não tive uma infância boa de jeito nenhum!

Tem um fato que esqueci de contar, um primo tentou me estuprar. Na época que o meu pai andava nas vendas bebendo, eu ficava sozinha em casa. Um dia esse primo viu que o meu pai estava bebendo na venda e veio querendo me estuprar. Eu tinha uns 11 anos, mas eu fui esperta, eu senti que alguém estava tirando as telhas para pular no meu quarto e quando percebi saí chorando para pedir ajuda. Então fui dar parte na polícia, eu e o seu Valdo, meu vizinho, porque meu pai mesmo não estava nem aí, então a polícia foi atrás dele (do primo). Mas Deus foi muito bom comigo, sempre me protegendo, porque eu era muito sozinha, não tinha ninguém mesmo na vida.

Às vezes fico pensando que eu deveria ser uma pessoa muito revoltada com tudo, mas não sou revoltada, não guardo mágoa de ninguém. Tiveram bons momentos e maus momentos, e onde meu pai estiver, quero que ele esteja em um bom lugar. Oro por ele. Eu também não guardo mágoa desse irmão, quando ele veio para minha casa tratei ele bem. Mas no começo eu guardava mágoa, quando eles me maltratavam eu tinha muita raiva deles, eles me batiam porque eu era pequena, eu fui espancada desde que minha mãe faleceu, e eu tinha até vontade de matar eles. Esse meu irmão tinha muito ciúmes de mim, não sei se era de irmão ou era outra coisa. Ele nunca tentou fazer nada comigo, mas não deixava eu namorar, se eu namorasse ele me batia na frente de todo mundo. E eu pensava: “Será que ele quer eu para ele?”. Eu tinha tanto medo dele que quando eu o via me escondia de medo. Às vezes eu até mijava nas calças de verdade de tanto medo, porque eu sentia que ele ia me bater. Às vezes eu ficava no mato chorando sozinha, escondida dele e do meu pai. Às vezes eu ia para casa da comadre Valdirene me esconder, e era longe, eu tinha que passar pelo meio dos matos até chegar na casa dela. Eu tinha muito medo também de passar por dentro dos matos. Eu era medrosa, até hoje sou. Mas acho que Deus me dava tanta força que eu encarava tudo.

Mas hoje eu não sou revoltada. Eu nem tenho mágoa da minha mãe biológica também, mas eu queria perguntar para ela por qual motivo ela deu todos os filhos. Queria saber se ela me amava de verdade. Essas são as duas coisas que queria perguntar para ela. Chamar de mãe, lógico que não iria chamar porque não convivi, mas tenho curiosidade de saber como ela é, se é parecida comigo, baixa ou alta, bonita ou feia, eu só queria saber essas coisas. Porque às vezes fico pensando: “Porque minha mãe me deixou?”. Eu vejo muitas mães hoje deixando os filhos por discarção, mas se ela me explicasse porque me deixou então eu iria pensar: “Ah, ela tinha motivo mesmo para me dar”.

Então, voltando na minha história, depois que meu pai faleceu, quando eu tinha 19 anos, o Gilmar foi me buscar para morar com ele, e disse que iria fazer como minha mãe pediu, iria cuidar de mim e me dar estudos. Ele dizia que tinha muita estima por mim porque eu cuidei do pai dele até ele morrer – ele é filho do meu pai adotivo. Ele mora em Baixa Grande, é bem sucedido, tem dinheiro. Ele e a esposa são pessoas muito boas. Mas, na mesma época meu irmão, aquele que veio para São Paulo, falou para eu morar com ele. Então fiquei na dúvida. Acho que eu não queria ficar lá porque tinha muitas lembranças tristes, e eu queria esquecer todo aquele sofrimento, não lembrar mais de nada, queria sumir. No dia em que eu saí disse: “Agora eu quero ser uma nova pessoa, o sofrimento vai ficar para trás, vou começar tudo de novo”. Vai fazer 12 anos que eu estou aqui em São Paulo e nunca mais voltei, porque não tenho vontade. Lá só tem aquele irmão que sempre está bêbado, aquele que sempre me batia.

Eu vim para São Paulo para ficar com o meu irmão que sempre cuidava de mim. Quando eu era pequena ele vivia me pegando no colo, ele me adorava. Então fui morar de aluguel lá no João 23 onde ele mora até hoje. Mas quando cheguei aqui eu não tinha vontade para mais nada. Acho que fiquei com a cabeça meio atordoada, eu não tinha vontade de estudar, trabalhar. Parecia que a minha vida não tinha mais sentido. Parecia que todo o resto do mundo tinha desaparecido e que só eu estava no mundo. Meu irmão me dizia: “Luisa, você tem que ir trabalhar ou estudar. Você é uma moça bonita. Tem que fazer alguma coisa na vida”. Ele trabalhava e eu ficava só dentro de casa. Eu não tinha vontade de ver ninguém. Não tinha vontade de fazer amizades, não tinha vontade de sair, de fazer nada. Só tinha vontade de ficar ali, naquele mundinho, fazendo as coisas de casa. Então meu irmão disse que iria arranjar um trabalho para mim. Mas eu não sabia fazer nada, meu lugar era a roça, e quando meu irmão não mandava dinheiro de São Paulo eu tinha que capinar para os outros para poder ganhar dinheiro, eu era tipo bóia fria, minhas mãos eram cheias de calos. Quando vim para cá eu tinha medo de pegar ônibus, até de ver gente. Às vezes eu achava que alguém ia me pegar. Acho que foi porque eu só vivi no mundinho da roça. Então a colega do meu irmão me arranjou um emprego de babá, porque eu gostava muito de criança. Comecei a sair, pegar ônibus, fui perdendo o medo, fui conhecendo pessoas e com o tempo fui me adaptando. Trabalhei uns 3 anos de babá. A mulher me adorava, mas saí porque a menina estava grande. Depois trabalhei de babá em mais outros lugares.

E teve um dia em que eu estava tão desanimada e uma colega minha me convidou para ir na igreja com ela. Comecei a ouvir o pastor falar e parecia que Deus estava falando comigo, então pensei: “De hoje em diante minha vida vai mudar! Eu quero mudar!”. Comecei então a fazer a “terapia do amor”, que tinha lá na igreja, que significa que você quer uma pessoa boa para casar. Eu comecei a ir sozinha nestes cultos todos os sábados. De repente eu conheci o João, meu esposo, em um ponto de ônibus. Mas eu tinha muito medo, então cheguei em casa e falei para o meu irmão, que disse para eu dar uma chance, porque ele poderia ser uma pessoa direita. Então começamos a namorar e ele me contou que foi casado e tinha dois filhos, e eu contei toda a minha vida sofrida para ele. Eu perdi minha virgindade com ele com 23 anos, porque eu nunca tinha namorado. Depois de um mês ele me apresentou a família dele inteira, e eu me senti em um mar de rosas, porque todo mundo me adorou, eu fui muito bem recebida, bem acolhida, até hoje eu sou, ganhei outra família. Depois fui morar com ele, e mais tarde vieram os dois (filhos dele) de brinde (rindo), o Leandro e o Lucas. Nós hoje vivemos muito bem, em casa não tem discussão, nem brigas. Ele cuida de mim, antes eu não queria estudar, mas ele disse que eu tinha que estudar, porque eu era uma moça muito bonita, tinha que fazer alguma coisa. Eu disse: “Se você quiser me matricular, me matricula, mas não quero fazer nada”. Eu não tinha mais vontade de nada. Ele então tirou xerox dos meus documentos e me matriculou. Passei uns anos estudando e terminei o colegial. Quando terminei os estudos eu não sabia mais o que fazer, e o meu sonho era fazer faculdade, mas eu não trabalho para pagar. Ele disse que pagaria minha faculdade, e ele paga até hoje. Eu faço aos sábados, são por núcleos, porque eu sou meio preguiçozinha, eu não consigo ir todos os dias para a faculdade e ainda ter que cuidar da casa e dos meninos. Acho que eu não agüentaria trabalhar e fazer faculdade ao mesmo tempo. Não é que eu seja mole não, mas acho que sofri tanto, trabalhei tanto, que esgotou alguma coisa dentro de mim, eu não tenho aquele pique que eu tinha antes...

Eu sempre pedia para Deus: “Me mostra uma pessoa que seja meu marido, meu amigo, meu irmão, que eu possa me abrir com ele, e não importa se tenha filhos ou não”. E o João é do jeitinho que eu pedi para Deus. Ele é muito bom comigo, é maravilhoso! Tudo que eu peço ele me dá, não me falta nada. Eu tenho cartão de crédito para comprar as minhas coisas, tenho convênio, celular, eu tenho tudo. Posso dizer que eu sou realizada hoje. Não tenho tudo porque ainda quero ter um filho. Entrei na fila de espera no Hospital Pérola Byington para fazer inseminação artificial, mas demorou tanto que desisti. Ele foi no médico para inverter a operação que fez, mas o médico nos disse que só tinha 20% de chances, porque já fazia muitos anos de operado. Eu falei para deixar para lá, porque ele ia sofrer muito para não dar certo. Quem sabe um dia eu adoto uma criança, porque meu sonho é adotar uma criança, talvez porque eu também fui adotada.

Hoje posso dizer que sou feliz, porque antes eu não era... por causa de todo esse sofrimento, trabalhar em roça, cuidar da casa sozinha, não ter nenhum conforto, nunca assistir um desenho, – acho que é por isso que até hoje eu odeio desenho – eu não brinquei, nem tive mais boneca depois que minha mãe morreu, não tive infância, por isso que eu não era feliz. Eu não saía, chorava sozinha, não tinha ninguém, não confiava em ninguém, às vezes eu achava que eu era maluca porque ficava conversando sozinha. Acho que eu não tinha ninguém para conversar e ficava então conversando sozinha. Hoje eu sou feliz, em uma parte, porque meu esposo é maravilhoso comigo, não briga, não me maltrata, não bebe, não fuma, não me bate, tudo que eu quero ele me dá, nessa parte eu sou completa. Só a parte de ter um filho que eu ainda não sou completa. Mas hoje eu penso em ter um filho, mas às vezes fico confusa, não sei mais se quero, vejo a violência do mundo, vejo as despesas dos filhos dele, os gastos que eles têm – porque trabalho eles não dão, eles não bebem, não fumam, só estudam e jogam bola, eles são meninos muito bons – porque filho gasta muito. Eu coloco isso tudo na balança e pesa um pouco. Penso que se for da vontade de Deus um dia vou ter um filho, ou eu vou adotar, ou alguém vai botar na minha porta, eu fico imaginando. Eu tenho vontade de adotar... Eu fui muito amada pela minha mãe. Ela falava que à noite eu chorava, e às vezes não tinha chupeta e ela saía à noite nas vendas para procurar chupeta. Eu dormia grudada com ela desde pequena.

Eu fazia muito xixi na cama porque eu tinha medo de chamar ela e fazia na cama, tinha medo por causa do meu pai, se acendesse a luz ele podia brigar e bater. Tudo que eu fazia sempre era motivo de bater, uma vez eu lembro que estava fazendo a sobancelha, eu tinha uns 12 anos, ele disse: “Isso é coisa de puta, de rapariga. Não é coisa de moça”. E ele me bateu e quase eu me cortei. Uma vez eu estava fumando escondida e ele colocou o cigarro aceso dentro da minha boca e tapou, queimou a minha boca inteira. Eu tinha curiosidade de saber o que era aquilo, eu era criança ainda e encontrei uma bituca, hoje em dia eu tenho pavor de cigarro, tenho nojo, acho que por medo.

Quando chega o Natal, dia das mães, dos pais, eu vejo minha família, quer dizer, a família do meu esposo, muito unida, eles se abraçam, dão presentes para o pai, para a mãe. Eu sinto (chorando)... desculpa... Eu nunca chorei assim por causa disso, é a primeira vez... É que eu quero esquecer... mas é bom desabafar um pouco... Eu nunca dei presente para ela, porque eu era muito pequena... E quando eu vejo as minhas cunhadas dando presentes para minha sogra eu sinto falta da minha mãe (chorando)... Mas a minha sogra é como minha mãe, ela me adora, ela é maravilhosa para mim. Acho até que as outras noras dela sentem um pouco de ciúmes. Nesses dias eu sinto mais falta. Fico pensando que todo mundo tem mãe, menos eu. Antes eu tinha a foto dela no meu criado-mudo e eu ficava muito triste, então coloquei no álbum para não ter muitas lembranças...

Eu não gosto de ficar muito tempo sozinha, acho que é porque vivi muito sozinha na minha infância. Uma vez eu quase entro em depressão porque sempre meu esposo tinha que levar os meninos, e leva o Leandro e depois leva o Lucas, para os jogos, e muitas vezes eu não queria ir nos jogos, então eu ficava muito tempo sozinha. Eu ficava muito triste, começava a lembrar tudo o que aconteceu na minha infância e começava a chorar. Isso eu nunca contei para ele. Por isso eu não gosto de ficar sozinha. Acho que se ficar muito sozinha eu entro em depressão rapidinho. Não sei se foi pelas coisas que aconteceram na minha vida. Mas depois que eu comecei a ir para a igreja, eu fico sozinha e não sinto mais essas coisas.

Eu tenho muito medo de um dia o João falar para mim: “Luisa, não dá mais e eu vou te deixar”. Não sei o porquê desse medo. Tudo bem que eu também tenho o meu irmão que cuida de mim, mas eu tenho muito medo.....(chorando).... Meu irmão é maravilhoso comigo, ele está sempre presente na minha vida, sempre está aqui em casa, mas eu tenho muito medo... Tudo bem que eu estou fazendo faculdade, vou ter um emprego mais para frente, mas eu tenho medo... Eu peço para Deus tirar esse medo de mim, porque esse medo é muito grande. Se acontecer um dia Deus precisa me proteger muito... Eu não sei explicar, acho que é medo de ficar sozinha, sem filhos. O João nunca falou nada sobre me deixar, mas mesmo assim eu tenho muito medo... Acho que é porque eu amo muito ele, ele foi o meu primeiro homem porque eu nunca namorei. Eu não confiava em ninguém, eu tinha medo de alguém fazer mal para mim, talvez porque fui muito maltratada, quase estuprada. Só no João eu consegui confiar, não sei se é porque ele é mais velho, mas com ele eu consigo conversar, me abrir... Eu tenho muito medo de ficar só...

Essa é a coisa que mais vem à minha mente. Eu nunca falei para ele, mas eu tenho muito medo... Eu digo para Deus: “Se o Senhor me deu ele, então nunca tire por favor”.

E Deus mudou muito minha vida, depois que comecei a ir para a igreja minha vida mudou muito, muito mesmo. Não fico mais tão triste com as lembranças do passado. Antes as lembranças ficavam martelando na minha mente e eu achava que iria acontecer tudo novamente. Eu achava que o João iria me deixar sozinha, que ele iria me abandonar... Para mim iria acontecer tudo de novo. Hoje eu não acho mais, eu confio nele. Às vezes eu pergunto se ele me ama e ele fala: “Eu acho que não adianta falar que ama da boca para fora, acho que você deve saber por causa do nosso dia a dia, da nossa convivência”. Mas ele nunca fala que me ama, porque ele não é de falar, é mais reservado, ele demonstra bastante com atitudes.

7.4. Narrativa: Regina

Meu nome é Regina, tenho 59 anos. Eu tinha 8 anos quando minha mãe morreu. Minha mãe sempre foi muito doente, perdeu dois filhos antes de mim, um com 7 meses, outro com 3 anos e com o choque ela pegou bronquite emocional, e nunca mais foi uma mulher sã, sempre tinha balão de oxigênio na cabeceira da cama, era um horror! Antes de eu nascer os médicos diziam que ela não poderia ter mais filhos... (expressão de interrogação). Eu nasci em casa com parteira, já os meus irmãos nasceram no hospital, mas eu nasci em casa porque não deu tempo de chegar ao hospital. Ela tinha crises homéricas de bronquite, não podia cuidar de mim, então minha tia e minha avó, mãe e irmã da minha mãe, vieram morar conosco, na edícula que tinha na casa. Ela tinha crises imensas de falta de ar, e ficava como morta na cama, sem conseguir respirar. Antes da morte desse meu irmão de 3 anos ela era normal, ele morreu nos braços dela e foi o choque emocional que a fez ficar doente. Depois de uns 2 anos da morte dele eu nasci. Lembro vagamente das crises que ela tinha porque bloqueei totalmente, não me lembro dela mais. Tenho poucos flashes do passado com ela. Lembro de situações quando eu tinha um ano de vida com essa minha tia, lembro que eu tinha paixão pela minha tia. Lembro que eu estava em cima da mesa e antigamente não tinha enceradeira, era escovão, e eu estava sentada em cima da mesa brincando com ela e o escovão bateu em mim. Até isso eu lembro com a minha tia, mas da minha mãe eu não me lembro nada. Não sei por que, mas bloqueei... Acho que não conseguia encarar, enxergar... Até hoje eu não consigo entender isso. Eu tinha contato com ela dentro de casa, ela só não cuidava de mim, mas eu tive contato com ela. Eu só não dormia no quarto com ela, ela não me dava banho nem comida, quem fazia tudo isso eram minha tia e minha avó, porque minha mãe não tinha condições de cuidar de mim.

Eu não sei do que o meu primeiro irmão morreu, acho que teve algum problema no coração, esse de 7 meses não era muito comentado, o de 3 anos é que era mais comentado por isso gravei mais. O de 3 anos tinha uma lesão no coração e naquela época não se fazia nenhum exame antes de qualquer operação, então ele teve que operar as amígdalas. A cirurgia correu bem, mas quando saiu do hospital, dentro do táxi nos braços dela (mãe), ele morreu do coração.

Então, depois da morte dela, começou uma outra fase, e que era só eu, minha avó e minha tia. Meu pai ficou com a gente mais uns 3 anos, depois disso casou novamente e foi embora, e fiquei eu na casa com minha tia e minha avó. Minha casa eram 3 gerações, por exemplo, quando eu tinha 20, minha tia tinha 50 e minha avó 80. Então era um transtorno, uma queria que eu fizesse as coisas, a outra não deixava porque não entendia, era um horror... mas foi uma vida legal... Tiravam da boca delas para dar para mim... (chorando)... Elas foram ótimas, mas já foram embora, faleceram. Minha avó morreu há 25 anos e minha tia foi agora há 6 anos, foi um baque.... (chorando)... desculpa... Elas foram mais do que mães para mim...

Então casei com 31 anos, tive minha filha com 36 para 37 anos e me separei agora 4 anos atrás e vivo aqui sozinha, com uma amiga, que era minha secretária. Quando me separei ela ficava mais aqui do que na casa dela. Então ela alugou a casa dela e veio morar aqui comigo. Ela é minha companhia, é muita legal essa menina.

Minha filha com 19 anos resolveu trancar a matrícula da faculdade e foi embora para a Espanha. Ela disse: “Cansei de estudar. Vou ganhar dinheiro” (sorrindo). Mas ela não conseguiu morar legalmente na Espanha, então só arrumava subempregos. Eu sou descendente de

espanhóis dos dois lados, meus avós eram espanhóis, mas não consegui a documentação deles para ela poder morar legalmente. E assim ela cansou, porque não conseguia guardar dinheiro, e a vida lá é muito cara, então voltou e está morando em outro Estado.

(Do que a mãe faleceu?) De bronquite mesmo. Ela teve uma crise e atacou o coração, as muitas medicações que ela tomava para poder respirar enfraqueceram o coração, então rompeu uma veia e ela morreu. Eu lembro de quando aconteceu... Ela era corintiana roxa e meu pai são paulino roxo, e nesse dia os dois times estavam jogando. E quando aconteceu, quando ela passou mal, eu estava brincando na rua com umas amiguinhas e foi aquela correria, então me levaram para a casa de uma vizinha. Lembro apenas de alguns flashes. Ela teve uma morte fulminante, e só deu tempo para ela falar para minha tia: “Cuida da minha filha”. Mas não lembro do enterro, dela no caixão, porque naquela época se velava em casa. Eu morava no Pari naquela época, morei sempre em São Paulo, só morei um ano em Salvador porque meu marido era executivo e teve que implantar um sistema lá. E esse ano que morei em Salvador foi terrível porque eu tive que deixar minha tia. E nós nos falávamos sempre, mas a minha preocupação era deixá-la sozinha, porque uma era pela outra. Mais tarde, em São Paulo, eu a trouxe para morar mais perto de mim.

Quando minha filha nasceu eu trabalhava segunda-feira o dia inteiro, terça o dia inteiro, e quarta de manhã, que já completava minha semana. Minha tia vinha comigo para minha casa domingo à tarde e ficava até quarta de manhã. Ela era funcionária pública aposentada e tinha o grupo de terceira idade na associação de funcionários públicos e era sagrado para ela. Toda quarta ela tinha que ir para as reuniões, e de lá ia embora para casa dela. Ela ficava quarta, quinta, sexta e sábado na casa dela. No domingo de manhã eu ia almoçar com ela, e o meu marido almoçava na mãe dele. À tarde começava de novo, ela vinha embora comigo para cuidar da minha filha. E minha tia se virava sozinha, fazia compras, banco, tudo, mas depois de um tempo ela começou a ter um problema de cabeça, ela começou a travar, então eu que comecei a fazer as compras, banco, ela ia comigo, mas não conseguia fazer nada. Foi demência progressiva. Foi uma judiação. Ela morreu com 85 anos, ficou uns 5 anos assim. Pouco antes de morrer ela quebrou o fêmur, aí degringolou. Ela era aquela espanhola brava, então nem faxineira ela deixava entrar na casa dela. Ela nunca quis que ninguém a ajudasse, e quando ela quebrou o fêmur ela entrou em parafuso, porque dependia dos outros para tudo. Ela teve que ficar com acompanhante porque eu tinha que trabalhar. Quando ela começou com a demência progressiva o médico disse que não tinha remédio algum para isso, apenas muito amor e carinho, e era preciso torcer para que ela não ficasse agressiva. Eu disse: “Imagina, ela é super dócil”. Mas ela ficou muito agressiva, eu apanhei muito dela. Ela não me reconhecia. Ela batia na acompanhante, que tinha muita paciência. Eu tinha que segurar no braço dela para ela se acalmar, mas ela vinha para querer bater na gente. Foi terrível! Senti muito a perda dela, e da minha avó também. Minha avó deu trabalho, mas não ficou tão esclerosada como minha tia, estava esquecidinha, mas não como minha tia, que entrou em uma demência terrível. Acho que a minha avó demorou mais tempo para ir embora porque eu a segurava aqui, no dia em que ela passou mal e morreu eu não estava em casa, então eu briguei muito com Ele (Deus), porque achava que se eu estivesse lá ela não teria ido... é uma mania de querer segurar, não tem jeito... Ela já tinha 87 anos, já tinha idade. E agora estou sozinha, só eu e minha filha (chorando)... Como vai reduzindo a família... Eu sempre fui filha única, tenho primos, primas, mas cada um tem a sua vida, a sua família, e acabei ficando sozinha (chorando)...

Meu pai casou 3 vezes, mas não teve outros filhos. Meu pai morreu atropelado. E eu fui policial também (rindo). Fui investigadora da polícia civil. Meu pai não queria que eu fosse investigadora. Eu fiz academia de polícia sem ele saber, porque ele não morava comigo, mas minha tia sabia. Eu queria ter um emprego fixo e estabilidade como um funcionário público. Trabalhei pouco tempo na polícia, porque casei e fui embora para Salvador, então pedi exoneração. Quando terminei o curso da academia de polícia meu pai foi atropelado, então comecei a trabalhar, descobri quem o atropelou e prendi o cara. Meu pai tinha 50 e poucos quando faleceu. Jovem! Foi uma barra também. O cara que o atropelou não tinha carta de motorista... Não sei se era medo ou respeito, mas quando eu era pequena sempre conversava com ele (pai) com a cabeça baixa, mas depois que a segunda mulher dele faleceu até ele casar novamente nós ficamos muito amigos. A segunda esposa nunca permitiu que eu ficasse na casa

dela. Eu ia nas datas comemorativas apenas. Nunca ela me chamou para almoçar na casa dela, ou dormir lá. Ela morria de ciúmes dele, ela tinha um gênio desgraçado. E ele, para não viver em guerra com ela, procurava fazer as coisas por trás, escondido dela. Se ele queria me dar algo tinha que ser escondido dela. Isso foi entre os meus 11 anos até a minha fase adulta. E fui eu e ele quem cuidou dela quando ela estava no caixão. Ela teve câncer no útero, em 6 meses pegou até a língua. Quando ela faleceu, o corpo dela fedia muito. No velório meu pai não queria fechar o caixão, mas fedia demais. Ele ficou desesperado porque ninguém conseguia ficar no velório, que foi dentro do próprio hospital, então foi na farmácia e comprou vários desodorantes Avanço e começou a espirrar para não cheirar tanto. Nisso ela começou a purgar pelo ouvido, nariz, boca, e era preciso trocar os algodões que estavam nela, então eu e meu pai ficamos trocando até o momento em que o médico chegou e mandou, obrigou a lacrar o caixão. Ninguém se conformava que no fim da vida quem cuidou dela fui eu, no caixão, porque todos sabiam o modo como fui tratada por ela a vida toda. Ironia do destino. Depois da morte dela eu e meu pai ficamos muito amigos. Mais tarde ele começou a namorar uma moça que morava um quarteirão acima da minha casa, e eu fui madrinha deles de casamento, com um amigo deles. E foi muito legal, quando minha tia e minha avó iam viajar de férias e eu não podia porque estava trabalhando eu ficava na casa do meu pai e dessa terceira esposa dele, foi um tempo muito bom.

Minha vida foi essa... Sempre trabalhei para me sustentar, não foi por esporte. Minha tia trabalhava, mas era funcionária pública pequena, não ganhava muito. Minha avó tinha uma aposentadoria baixa também. Cuidaram de mim até eu conseguir sobreviver sozinha. Com 16 anos fui trabalhar em uma loja grande de pneus. Fiquei até os 18, depois fui para o banco de Minas, depois comecei a trabalhar na bolsa de valores, e fui indo. Com 21 anos ganhei meu primeiro carro do meu pai. E sempre batalhando para ajudar em casa. Minha tia ganhava pouco e se aposentou com pouco, coitada, ela tinha um cargo de inspetora de alunos, mas começou trabalhando no juizado de menores com bebês, mas de 3 em 3 meses tinha um rodízio, eles trocavam todas as crianças. Quando entrou lá ela achou que iria criar aqueles bebês porque ela nunca teve filhos, só eu. Ela se apegava a eles, então começou a ficar doente por causa dos rodízios das crianças, então a transferiram para a parte administrativa. Ela também teve uma vida muito sofrida, tadinha (chorando)... Minha vida não foi fácil, mas fui feliz (chorando)... Recebi muito amor delas... o que puderam... coitadas... essa foi minha vida.

Fui feliz, mas eu sofri bastante... porque teve a perda da minha mãe, a perda de contato com meu pai, porque a outra (segunda esposa do pai) não deixava. Foi uma barra, mas não sei por que eu consigo sair das situações, ou talvez não paro para pensar, não consigo entender isso... Eu consigo me fechar nas situações e não sofrer. Eu não paro para pensar. Acho que o tanto que trabalho é para não pensar. Acho que se eu parar vou sofrer, vou cair em depressão. Sempre fui contra psicólogo. Acho que tudo que ele vai me falar eu já sei, a gente sabe o que está acontecendo, mas muitas vezes só não quer enxergar. Então eu nunca fui a favor de psicólogo, ou terapia ou coisas parecidas por causa disso. Sempre achei que sou suficiente para me virar, acho que consigo me segurar emocionalmente. Não é fácil, lógico que não, mas eu não paro para pensar. Por exemplo agora quando me separei, eu tirei de letra, de letra. Foram 24 anos de casados. Ele sempre trabalhou em multinacional e eu sempre ajudei muito ele. Ele já tinha sido casado, tinha dois filhos, hoje já tenho 3 netinhos dos enteados. Quando ele se separou deixou tudo para a outra família, e nós tivemos que começar tudo do zero. Ele pagava pensão para a ex-mulher e estava cansado disso, mesmo depois dela ter casado de novo ele ainda tinha que dar dinheiro para ela. Ele então pediu as contas da empresa, continuou pagando pensão para os filhos, mas não precisava pagar mais para ela. Ele então começou a trabalhar por conta. Abriu uma empresa, e depois comprou um hotel em Americana, junto com os meus amigos tiras. – Durante um bom tempo ele não queria contato com os meus amigos tiras, porque dizia que esposa de executivo não poderia ter amigos policiais. Eles vinham aqui em casa apenas quando ele não estava porque ele não queria contato nenhum com eles. Mas um dia ele foi assaltado, me ligou e pediu para chamar os meus amigos. Eu já tinha saído da polícia, mas continuava com meus amigos. Eles o ajudaram e, a partir daí, eles ficaram amigos. – Então quando eles resolveram comprar o hotel ligaram para ele entrar junto e ser o administrador. Ficamos uns 3 anos com o hotel. Depois vendemos o hotel e o patrimônio começou a degingolar, tínhamos um sítio, tínhamos uma casa grande, depois um apartamento. Ele então

começou a não conseguir mais emprego e começou a fazer bicos, começou a mexer com computadores. Foi uma barra, tudo o que ele ganhava lá, investia lá mesmo, pouco restava. Ele não trazia mais nada, eu bancava a casa. Minha filha viu tudo aquilo, ela era adolescente ainda, e dizia para eu deixar o pai dela.

Nós tínhamos uma relação ótima, nunca brigávamos, mas como amigos. Eu nunca o amei, acho que nunca amei ninguém. Deste mal não vou morrer, (rindo) mal de amor eu não morro. Ele gostava muito mais de mim do que eu dele, era visível, mas éramos muito amigos. Depois o negócio foi degradingando, ele começou a galinhar por aí e eu fiquei sabendo depois. Nessa época ele montou uma empresa de cartuchos no litoral para o filho, e ia de quarta-feira e voltava domingo. Aquilo começou a cansar porque eu era viúva de marido vivo, sempre estava sozinha, ele nunca estava aqui para me acompanhar. Foi quando minha filha entrou na faculdade em Santos, e eu aluguei um apartamento para ela, mas quando ele ia para lá ficava na casa do filho e não com ela. Tinha uma menina que cuidava da empresa aqui, mas que passava todos os fins-de-semana lá em Santos com ele. Eu achava estranho que ela tinha que ficar lá, mas ele dizia que era apenas uma funcionária. – E até hoje ele mora junto com ela, mas jura de pés juntos que ela é só funcionária dele. – Quando eu ia para a casa da minha filha em Santos essa menina nunca estava lá, ela só ia quando eu não ia. Então eu tinha uma amiga cuja mãe morava em frente ao apartamento da minha filha, um dia ela me convidou para ir na casa da mãe, então fui. Minha filha estava em Brotas esse fim-de-semana. – ela trabalhava como instrutora de rafting – E eu fui andar na praia, mas bem onde eu sabia que ele poderia estar. Eu vi meu sobrinho, filho da irmã dele, que quando me viu não sabia onde enfiar a cara, e falei: “Cadê seu tio?”. Ele: “Não sei tia. Deve estar no mar”. Então vi os dois, meu marido e a menina, voltando do mar. Estavam normais, lado a lado, mas ficaram muito incomodados, não sabiam nem como se comportar. Ele veio me cumprimentar e eu disse baixo, sem escândalo: “Sai fora, não encosta em mim”. De lá para cá ele nunca mais pôs os pés aqui, nunca mais deixei. Ele ficou 3 meses sem aparecer, sem vir para São Paulo. Essa separação foi ótima para mim! Já devia ter feito isso há muito mais tempo, me arrependi de não ter tomado esta atitude há mais tempo.

Eu tive uma paixão grande, algo que marcou muito a minha vida, por uma outra pessoa, que ficou muito mal resolvida. E se eu cruzar com essa pessoa hoje acho que todo o castelo que construí na minha vida toda vai cair por terra. Mas também não sei se era amor... E com ele (ex-marido) eu me sentia bem. Ele era meu amigo de infância, crescemos juntos, começamos a sair juntos e quando vimos já estava dentro dessa relação, e não tinha mais como sair. Os primeiros anos foram muito legais, nos conhecemos mais a fundo. Mas ele continuou apenas como um amigo e chegou um momento que pensei: “O que eu estou fazendo aqui? Quero descer do ônibus, não quero mais”. Mas eu nunca tive uma chance de me separar, porque ele não dava. Eu pensava: “Se eu tomar uma atitude dessas vão me matar. A família toda vai me trucidar”. Não a minha família, mas a família dele, que era a única família que eu tinha. Ele era muito fechado, não falava muito com os irmãos, e eles são em 5 irmãos. Eu é que falava para ir na mãe dele, ligar para filha e para o filho. O filho dele morou muito tempo conosco. E eu que insistia, sempre incentivando. Eu tinha muito contato com eles, era a minha família. No fim perdi o marido e a família também... Quando me separei e essa minha amiga veio morar comigo começaram a falar que eu tinha um caso com ela. Idiotice das pessoas. Meu Deus, aquilo me revoltou muito. Eu disse: “Então eu fico com o meu caso e vocês ficam por aí!”, e me afastei deles. Eu soube disso por uma cunhada, com quem tenho contato até hoje. Tenho paixão pelos meus sobrinhos, os filhos dela, e eles por mim, nos falamos sempre, eles vêm aqui, mas com o resto da família não tenho mais contato. Um dia me convidaram para uma festa, aniversário de 15 anos de uma sobrinha, mas não tinha mais nada a ver... não tinha mais nada que me ligasse a eles, nem amizade ficou... acabou... estranho acabar assim. Mas tudo acaba na vida.

(Ficou chateada com a reação deles?) Não. Eles andaram me procurando, mas eu não retornei as ligações, eu não quis mais saber. Meu telefone mudou e eu não dei para ninguém. O meu celular eu também troquei, então não tem mais como me achar. A mãe dele tinha paixão por mim porque era eu quem cuidava dela, levava no médico, comprava remédios, exames, era tudo eu. E agora estão pastando, porque não tem quem faça. Eu escolhi a minha vida, estou ótima, estou super feliz!

Estou com namorado, mas ele na casa dele e eu na minha. Não quero saber de ninguém na minha casa. Nem para vir aqui eu não quero, eu só me encontro fora de casa. Eu não quero porque acho que meu espaço é meu espaço, e não quero ninguém no meu espaço. Saio com ele só quando quero. Outro dia ele ligou e eu não atendi. Então ele não me acha e não tem como me achar (rindo).

(O que sentiu em relação à morte da mãe?) Nada... Nada. Eu só sinto falta, óbvio. E gostaria de lembrar mais dela, mas não consigo, o bloqueio foi muito grande mesmo. Fui órfã desde que nasci, porque ela não podia cuidar de mim. Órfã de mãe e pai idem porque ele trabalhava e quando voltava tinha que ficar com minha mãe, e eu ficava com a minha tia e avó na edícula da casa. Elas foram mães em todos os sentidos; educação, cultura, puseram-me para tocar harmônica porque eu queria, acompanhava-me em todos os lugares. Elas eram mães mesmo, e não eram liberais, porque naquela época não é como hoje, eu tinha hora para chegar em casa. Eu com 31 anos tinha que estar em casa às 22hs, elas ficavam me esperando chegar em casa.

Eu não digo que eu não tenha sentido falta da minha mãe, lógico que eu sentia falta, mas o bloqueio foi tão grande... que eu não conseguia lembrar que eu tive uma mãe, não consigo lembrar dela... foi barra, foi um bloqueio total. Eu gostaria de entender o porquê deste bloqueio, não consigo entender. Acho que talvez uma autodefesa para não sofrer... acho que pode ser isso...

7.5. Narrativa: Luiz Alberto

Pelo que me lembro meus pais morreram quando eu tinha 6, 7 anos de idade. Primeiro morreu minha mãe de complicações de parto. Na verdade ela tropeçou, caiu, a criança morreu dentro dela, e as pessoas – médico, parteira – só descobriram um tempo depois, e a criança necrosou – não sei se é esse o termo – dentro dela. E o meu pai morreu – não sei quanto tempo depois – na fazenda onde ele trabalhava. Acredita-se que de ataque cardíaco. Minhas irmãs me contaram, principalmente a irmã mais velha, porque houve uma ruptura da minha vida, com o falecimento deles algumas coisas dessa época ficaram, ou quase todas, muito nebulosas, obscuras mesmo para mim. Com a morte dos dois... depois do meu pai, porque quando morreu a minha mãe ele não quis que os filhos se dispersassem, ficaram com ele. Foram 11 filhos, mas não sei se eram 9 na época, 11 acho que com esse que morreu com a minha mãe, parece que um outro já tinha morrido antes, então acho que eram 9 no total. Tinha minha irmã que não era a mais velha, mas era a terceira mais velha, devia ter 16 anos, e os irmãos mais velhos por aí, 19, 18, e o resto tudo escadinha para baixo. Eles (pais) não eram velhos, deviam ter no máximo 50 anos, entre 45 a 50 anos na época em que morreram, não era mais que isso, eram muito jovens.

Houve uma dispersão depois que meu pai morreu. E essa minha irmã que era a mais velha não tinha condições, é óbvio, de ficar com 9 irmãos, resolveu ficar com uma irmã mais novinha, a mais novinha de todas. Os outros irmãos, eu inclusive, não todos os outros, os mais velhos foram ficando, uns já eram casados – acho que dois já eram casados – um tinha 17 anos e o resto era para baixo. As tias aqui de São Paulo, que eram irmãs da minha mãe, que moravam em São Paulo, eram domésticas naquela época. Se eu nasci em 47, colocando 8 anos para cima, isso aconteceu por volta de 1955. Elas resolveram, não sei se resolveram ou se sentiram na obrigação de trazer para São Paulo os filhos que tinham ficado, porque em Minas ninguém tinha condições de cuidar daquelas crianças. E houve uma dispersão dos irmãos, uma das irmãs foi para Belo Horizonte com um dos irmãos da minha mãe, e os outros vieram para São Paulo. Uns vieram para São Paulo para orfanatos. Tinha um orfanato para o lado de Santo Amaro em que duas das irmãs ficaram... Uma delas trabalhava e morava em uma casa de família, e morreu atropelada na 9 de Julho. As outras ficaram nesse orfanato, e eu fiquei na casa desta minha tia até ela me arranjar uma vaga no juizado de menores. Quando consegui vaga, ela me internou no juizado, Instituto Modelo de Menores se chamava na época, que é a Febem de hoje, onde se colocavam as pessoas que não tinham família. Eram alas diferentes, a daqueles que não tinham família e a das crianças delinquentes, não eram misturadas, mas eram próximas. Essa foi a minha vinda para São Paulo, eu fiquei um período na casa dessa tia, um ano talvez, até que ela

conseguisse – porque não era fácil – essa vaga nessa Febem da época. E lá fiquei até os 14 anos. Fiquei um longo período.

Essa minha tia ia me visitar, meu irmão ia me visitar, minha irmã quando vinha de Minas vinha visitar. Essa tia não foi uma tia que tenha me abandonado. Ela realmente não tinha condições nem de cuidar de mim, nem das outras irmãs que ela também encaminhou para outros orfanatos de freiras. Claro, ela tinha três filhos. E as opções entre colocar os filhos e eu, naturalmente me colocou. Mas até aí compreensível, não acho nada de absurdo, é uma questão humana simplesmente. Ela me colocou lá porque achou que era a melhor forma de encaminhar aquela situação.

Vou dizer uma coisa que as pessoas acabam não me entendendo; mas a melhor coisa que me aconteceu foi meus pais terem morrido, para mim foi ótimo. Porque se eu fico em Minas, filho de lavadeira com lavrador, ou ia ser furador de poço, ou lavrador ou qualquer coisa do gênero que as condições da minha família e da sociedade de Uberaba iam permitir que eu fosse. A morte deles fez com que nós viéssemos para cá, e em vindo para cá, e se eu também ficasse na casa da minha tia, eu seria como foram os filhos dela, eu cursaria até o ensino primário no máximo. Eu indo para o juizado acabei estudando porque lá tinha condições de estudar. Claro que eu poderia ter saído de lá para a detenção, como bandido, mas acho que eu era mais amoldável que os outros, então me amoldei. E nesse amoldar, o que tinha de melhor ali, acho que eu aproveitei. Dentro da estrutura do juizado de menores, as pessoas que tinham um comportamento julgado por eles adequado, um esforço para o estudo adequado, eles colocavam no serviço público como mensageiro, auxiliar, qualquer coisa. Foi aí que entrei no serviço público com 14 anos de idade e me aposentei depois com 55. E dentro do serviço público consegui estudar, consegui encontrar pessoas que me incentivaram. As coisas foram suaves para mim na verdade, bem suaves.

Eu fiz Direito na USP, me formei na São Francisco. Entrei no serviço público através do juizado como mensageiro na época, e a partir daí eu fui fazendo concurso; de mensageiro para servente, de servente para porteiro, de porteiro para escriturário, de escriturário para escrevente, de escrevente e fui indo, fui galgando os degraus. Na verdade agora me aposentei como oficial de justiça na Justiça Federal com um cargo de nível superior, que exige-se que tenha nível superior em Direito. E o diploma que adquiri no curso de Direito eu o usei dentro do serviço público. Para o acesso ao cargo se tinha que ter o diploma em Direito e ter feito o concurso. Na época eram 5 vagas para 5 mil candidatos. Consegui passar nessas 5 vagas. Foi uma vida de sucesso!

Eu vejo assim, não vejo desgraceira nenhuma. Eu acho que foi um caminho suave. Quando fiz terapia, o meu terapeuta – devo muito a ele o fato de hoje ter uma cabeça um pouco melhor, foi uma pessoa que me fez melhorar a minha forma de ver os outros e de ver a mim mesmo, que é o que se espera de um bom terapeuta – ele me falou um negócio que eu nunca esqueci, ele falou: “Você Luiz, com toda essa problemática de não ter pai e mãe, você teve uma chance única de escolher seu pai e mãe. Os outros não tiveram.” Acho isso sensacional! Escolher, porque cada um nasce com seu pai e sua mãe, você não escolhe. Eu os perdi, então eu podia escolher dentro das pessoas que me cercavam qual era o modelo que eu queria. Eu não tinha impingido para mim: “este é seu pai”, “esta é sua mãe”. Ao invés de ser ruim, não acho que foi ruim. Acho que fiz uma mescla de modelos de pais, não sei se boa, mas fiz uma mescla. Claro, não foi tudo dourado, porque tem os percalços naturalmente. Mas eduquei minhas filhas com essa colcha de retalhos de informações, de modelos de pais. Claro, com N formas inadequadas, N jeitos inadequados eu criei minhas filhas. Mas, de repente podia ter sido pior, de repente se eu tenho um modelo de pai e mãe um pouco mais tradicional... não sei... dentro do juizado eram muito tradicionais... bom, não sei, mas acho que a mescla foi bem melhor do que um modelo só.

Certamente poderia ter acontecido algo pior comigo, porque dentro da Febem os caminhos estavam abertos, todos eles, todos eles; do homossexualismo, do banditismo, da malvadez sem motivo, estava tudo aberto. Você se junte a um grupo e caminhe com aquele grupo. E você tinha que ter um grupo lá dentro. Tem que ter um grupo, tem que escolher, como na vida aqui fora, você tem que escolher seu grupo. Você é psicólogo e você tem seu grupo. Você é pedreiro, você tem seu grupo. E lá é uma maneira de viver, é uma vida, é uma sociedade,

não sei se um pouco mais reduzida, mas é uma sociedade. Ali as coisas funcionam com as suas regras, é como a cadeia. Fulano é preto, é assim, é branco, é assim, amarelo, é assim, maconheiro, é assim, toxicômano, acredito seja assim, cada um é de um jeito. Você trabalha na cozinha, você é isso, se você trabalha no escritório da cozinha, você é assim, e no juizado é a mesma coisa. Você é amigo de tais pessoas que jogam bola bem, você faz parte das pessoas que jogam bola bem. Aqui também, quem joga bola bem, quem fala inglês bem, é de uma determinada trupe, e o outro é de outra, e outro é de outra. Ali você podia, como aqui fora também você pode, escolher qual caminho você queria seguir. Como disse, acredito que eu era, e fui e sou mais amoldável. Não sei se esse amoldável é consequência das vicissitudes que você tem. Você perde pai e mãe, por exemplo, e vem para São Paulo, que é uma coisa fantástica, tremenda e assustadora para uma criança de 7, 8 anos. Você perde o chão de pai e mãe, e entra no trem e vem para São Paulo...

O problema é falar o que senti com tudo isso que passei naquela época, porque hoje eu intelectualizo a questão. A única coisa que me lembro é o cheiro de maçã de uma tia que me trouxe para São Paulo. Achei aquilo de uma riqueza: “Nossa, como a minha tia é rica”, “Que cheiro gostoso”. Me lembro disso, gozado, me lembro desse cheiro dentro do trem. Depois fiquei sabendo que era cheiro de maçã, que antigamente eram aquelas maçãs argentinas enroladas naquele papel, que exalava aquele odor. Hoje você está tão acostumado com maçã, você come e joga no lixo, antigamente não era assim. Aquilo me ficou como sinal de coisa de gente rica. Mas ela era doméstica em São Paulo. Mas eu lembro disso, não lembro de como eu cheguei aqui. Eu tenho recordações intelectuais, não recordações físicas, tenho lembranças vagas, de um pouco de maltrato na casa da minha tia. Mas não um maltrato acachapante, era a maneira de criar filho da época, de puxar orelha, de dar tapa na cabeça se não está aprendendo. Eu não – aliás ela é falecida – não a julgo com nenhuma severidade, de jeito nenhum para dizer a verdade, porque ela era assim com os filhos dela também. Ela era assim, não era comigo que ela era assim. Mas isso acredito que deve ter chocado uma criança que está ao desamparo, um tapa na orelha... Então acho que eu me amoldei, acho que aprendi a jogar o jogo. Entendeu? Aprendi a jogar o jogo. O jogo é esse, e eu aprendi a jogar.

Lembro perfeitamente do primeiro dia em que cheguei no juizado, tinha um campinho de futebol, e eu achei uma moeda e cheguei para um rapaz – que talvez eu tenha escolhido achando que este rapaz tivesse alguma importância na comunidade ali – e dei a moeda para ele, e a partir desse dia ele ficou meu defensor, nunca ninguém mexeu comigo porque ele sempre me defendia. Então é esse amoldar, e junto com uma coisa que acho sensacional, eu sempre tive muita sorte. “Ah, coitado, perdeu pai e mãe”. Mas eu sempre tive muita sorte, essa é que é a questão. O destino, não o destino de pré-determinação, nada disso, a sorte me acompanhou sempre, me acompanha, eu estou bem acompanhado, isso foi muito legal. Eu tive uma vivência no juizado um pouco mais tranqüila por esse amoldar-me e por tido essa sorte de ter achado esse rapaz que se tornou meu protetor sem querer abusar de mim sexualmente, porque eu era muito pequenininho, e as pessoas eram bem maiores. Não sei se tinha muito abuso lá dentro, mas tinha abuso. Na verdade, as pessoas, a sociedade, os internos não eram tão agressivos como é hoje. Se você pegar a Febem de hoje não se compara. Hoje a violência é muito maior. As pessoas são muito mais violentas, os guardas são muito mais violentos, que fazem os detentos mais violentos, que fazem os guardas mais violentos e vai virando tudo isso. As autoridades são menos preocupadas com essa questão, a preocupação delas é com elas, não tem essa preocupação. Eu lembro que antes havia uma escola de boa qualidade onde estudei. Me lembro da minha professora de português, sensacional, ela me fez gostar da língua. Me lembro de um mestre de entalhe que me fez gostar de ser entalhador, dedicadíssimo. Claro que tinha um ou outro lá que tomava uns tapas na orelha, não sei se merecidos ou não, mas tinha. Mas no geral não era essa violência que é hoje, de jeito nenhum. Existia, mas acho que as pessoas, a sociedade era menos violenta.

E tinha o incentivo, não sei hoje como funciona, mas na minha época, por exemplo, se você passava uma semana de bom comportamento, você tinha direito de ir ao cinema no sábado. Era assim: era na Celso Garcia, você entrava por um portão e lá dentro tinha o primeiro prédio que era para 15, 20 alunos. Era um prédio até bonito, uma casa, que era para pessoas que já trabalhavam fora, que estavam prestes a sair; 17, 18 anos. E lá no fundo era uma alameda muito

grande, e ao lado dessas alamedas existia o que se chamavam lares. Os lares eram casas térreas grandes, tipo um colégio, era como se fosse um galpão, de alvenaria e tudo, uma casa comprida para 30 alunos. Dentro desse lar, existiam duas pessoas que moravam lá – tinha um alojamento, não sei se um apartamento para um casal morar, porque nunca entrei – e era um casal, um homem e uma mulher casados e moravam ali, e eles eram os pais daquelas 30 crianças, eles que tomavam conta daquelas crianças. Eu estava no lar 9, me lembro perfeitamente, e parece-me que eram 11 lares. E não sei se era o lar 1, ou se era o 2 que era o de crianças menorzinhas. Eram só homens internos. E em cada lar tinha um casal que tomava conta de todos. Você acordava de manhã, vinha de fora o café da manhã, acho que da cozinha central, vinha pãozinho, manteiga, café e leite. Pelo que lembro cada dia ou cada semana tinha 2 ou 3 que serviam os outros no refeitório desse lar. Então se tomava café, depois se recolhia os apetrechos e lavava. Pelo que me lembro eram escolhidos 2, 3 que naquele dia lavava isso, outros 2, 3 iam arrumar os dormitórios, outros iam lavar não sei o quê, cada um tinha a sua obrigação. Feito isso, tinha oficinas lá no fundo da alameda: marcenaria, entalhe, mecânica. Todos iam para lá para aprender uma profissão. Voltava-se, almoçava-se e ia-se para a escola. Não sei se as aulas eram de manhã ou à tarde, mas era isso, aula e oficina, e de noite, você dormia. O silêncio era às 8 horas da noite, tinha que ficar quieto e tinha que dormir. E de noite, alguns que eram um pouco mais propensos, ou eram forçados a ter relações sexuais com os mais fortes, mas não era um negócio constante. Pelo que me lembro, eram aqueles que os outros achavam que estavam propensos a ter relações com eles, ou eram forçados por serem mais frágeis, ou não se adequavam, como me adequiei. Mas não era algo acintoso, que pegava e forçava. Eu lembro mais dessa maneira do que uma coisa violenta. Não me lembro de nada violento, assim, que causasse espécie. E as coisas transcorriam, a maioria das vezes, civilizadamente entre os 30 moradores do lar que eu estava, os outros lares eu não conhecia. Onde eu estava eu era o menorzinho, uns 9 anos, e tinham pessoas de 14, 15, tinha de tudo. Tinha pessoas malvadas também que não te batiam assim na frente do dono do lar, porque a disciplina era rígida, mas você estava andando na calçada e de repente tomava um tapa na orelha. E você não podia falar nada, porque se falasse apanhava-se mais, então tinha que apanhar e ficar quieto. Era esse tipo de coisa, não era espancamento, agressões, fugas, tiros, facadas. Nada disso.

Minha infância foi abruptamente cortada, por isso acho que o choque entre a morte, a perda e a vinda para cá fez com que as coisas esmaecessem ou sumissem mesmo das lembranças, e o fato de você não ter ficado lá no local, some mesmo. Você já tem 7, 8 anos, poucas coisas se lembra, e ainda você sai daquele ambiente, você acaba não recordando mesmo. As recordações que tenho são de irmãs que falam, que comentam. Mas, no geral, não tenho nada assim muito traumático. Acho que até disso eu consegui fazer uma limonada! Dessa minha vida acredito que fiz uma limonada. Perder pai e mãe eu acredito que não seja uma coisa boa. Embora eu minimize dizendo que para mim foi bom, e é verdade na parte prática com certeza, mas o que me trouxe psicologicamente foi eu ter passado por uns maus bocados, comigo mesmo... mas nada que impedisse as coisas.

Acho que o que aconteceu foi a impossibilidade de experimentar ter pai e mãe. Como disse, eu intelectualizo não ter tido pai e mãe. Sinceramente, até onde eu consigo alcançar, procurando dentro de mim alguma coisa com bastante honestidade que eu possa dizer: “Puxa vida, isso me machucou muito”, não tem mesmo. Ficou essa impossibilidade de experimentar ter uma família, mas não acho que isso cause uma dor em mim. Não tenho dor. E o que acho interessante é que fiquei um pouco imune à perda. Eu acabei perdendo irmãs... eu sinto a perda, mas vejo que parece-me que os outros sentem a perda mais do que eu sinto. Ou as pessoas demonstram por uma questão social mais a perda do que sentem. Às vezes mostram, demonstram a perda, mas não estão sentindo absolutamente nada, fazem aquela misancene total. Ou eu acho que fazem cena, porque eu não sinto, sei lá (sorrindo). Mas na verdade as perdas, principalmente por morte, eu sinto saudades da pessoa, mas acho que a morte às vezes me parece bem fazejo. Por exemplo: eu perdi uma irmã, – a irmã com quem morei muito tempo depois que saí do juizado, eu adorava minha irmã – ela morreu e “nossa, o desespero dos filhos”. Eu olhava para ela, e falava: “Que bom, não vai sofrer mais”. Não que ela estivesse doente, sofrendo, nada disso. Mas estava gorda, era uma vida de luta, de muita luta, muita luta, e trabalhava, trabalhava, e estava gorda, e de repente teve um AVC, e: “Puxa, temos que

recuperar”, e o médico disse que se recuperar ela poderia ficar entrevada. E quando ela morreu eu disse: “Que maravilha, não vai ficar entrevada, morreu, acabou”. Eu vejo dessa forma. As pessoas dizem: “Oh meu Deus, coitada”. Como coitada? Coitada se ficasse. Então vejo as coisas mais assim. Claro que não perdi filhas, não sei como seria isso.

Eu tenho duas filhas, uma de 28 e outra de 21 anos. Eu não gostaria de perdê-las, mas não tenho medo de perdê-las. Mas eu não gostaria absolutamente de perdê-las. Mas acho que se elas estivessem em uma situação ruim, eu não sei se esse absolutamente seria tão absolutamente. Elas têm uma vida que dá para curtir ainda, dá para brincar, têm saúde. Se elas estivessem em uma situação ruim, não acho que seria mal morrer. Porque ficar sofrendo? As pessoas têm mais medo de sofrer do que de morrer. Para mim isso é verdade, entre ficar e sofrer acho melhor morrer. Isso é de coração, não são só palavras. Não é nem por ver a pessoa sofrendo, não é vê-la que me faz mal. É me colocar no lugar da pessoa e saber que ela está sofrendo. Se ela sofrer, vai fazer mal para ela. É isso que eu vejo. Não é: “Tomara que ela morra para que eu não sofra vendo ela sofrer”. Eu quero que ela morra para que ela não sofra. Acho que embora a pessoa queira ficar, a minha visão é que não fique: “Embora você queira é melhor que não fique, morra”.

Eu adoro viver, não quero que ninguém morra não, eu quero viver mais que a Dercy (Dercy Gonçalves). Acho viver muito bom, maravilhoso, cada dia uma festa. Mas com sofrimento não, eu vou embora, o que é isso? Senão a cada dia quando você levanta é uma desgraça. Já imaginou você levantar todo dia e “ai”. Não! Tchau! Fui! É melhor.

Na minha opinião não existe absolutamente nada, nada após a morte. Do pó viestes, se é que viestes do pó, vindo ou não vindo, a ele voltarás. Não tem nada, não tem nada, bateu acabou. Eu já fui mais religioso, até por uma necessidade ou num período da vida por uma necessidade, no outro período para agradar os que estavam do meu lado, em outro período da vida para que me achassem A, B, C... Hoje encaro a religião – que é o que explica muito da morte – eu vejo a religião como uma forma cultural importante, é um freio social importante, um alívio importante, mas não acho que ela resolva as minhas questões. Dentro de mim tem a formação religiosa, a religião faz parte da minha maneira de ver a vida, da minha maneira de ver o outro, mas minimizei muito a importância dela para responder minhas questões, acho que hoje ela não me responde, e eu não pergunto para ela. Não me explica o que vem depois da morte, não me alivia, e também não peço isso para ela. Mas sinto que a semente da religião está dentro de mim. Não sei se amanhã, num momento de mais desesperança, ela não venha. Eu não descarto, não fechei as portas nem para a religião, nem para Deus, hoje olho e não vejo muito, talvez porque eu não precise.

Eu tive perdas grandes e tive que lidar com elas de uma forma que não me machucassem... De uma forma que acho que não sei de onde veio isso, se é genética, se é do seio, lá da Melanie Klein, porque embora minha mãe fosse lavadeira com muitos filhos, algumas coisas ela semeou. Porque não é possível que eu consiga levar as coisas assim com tanto *fair play* se não tivesse algo me segurando lá trás. Mais leve, eu acho que eu levo as coisas mais levemente. Não estou me auto-elogiando, é um fato, só isso. Isso não é motivo de engrandecimento, mas sim um fato. Acho que levo as coisas mais leve mesmo. E isso acontece porque obviamente recebi algum substrato lá trás, que não sei qual foi que, ao enfrentar a perda dela, ao enfrentar o juizado, ao enfrentar preconceitos por ser negro, e vai colocando coisa aí, eu consegui sair-me razoavelmente ileso. Alguma coisa me foi dada lá trás. Mas como essa mulher fez isso? Essa é a questão. Não sei. De uma forma ou de outra ela me deu essa sustentação amorosa. Quem é essa mulher? Não sei. Eu não me lembro dela, nada...

Tenho toda curiosidade de saber mais sobre ela. Não tenho uma foto dela, não tenho nada. Minhas irmãs falam assim: “Parece com aquela tia, e tal”. Mas não tem foto dela, não tem nada, nem do pai, nada! Deve ter sido uma mulher sensacional! Aí vem a lamentação de não ter conhecido... E como você lida com isso... Uma coisa que talvez eu nunca tenha falado tão assim, acho que nem em terapia, como estou falando hoje, dessa forma... (demonstra estar emocionado). Também porque hoje sou outra pessoa, não sou mais aquela. Eu nunca pensei muito nisso. Eu vou pensar mais nisso daqui para frente: “Quem é essa mulher? Quem foi essa mulher que eu não conheço, que me trouxe e que me deu essa força?” Se tiver algum lugar que premie os bons, acho que ela está sendo premiada. Acho que ela virou pó, mas... não sei...

(silêncio). Vou fazer um preâmbulo aqui... Eu tenho uma gratidão... das mulheres que conheci, todas, namoradas ou conhecidas. A minha formação psicológica é basicamente da mulher. Essa carga de coisas, nenhuma delas ruim, é da mulher. Mãe, irmã, namorada, companheira de trabalho, amiga. Eu tenho recebido muito. Eu acho isso sensacional. A primeira mulher lá trás me deu muito!

Até me emocionei. Saiu com emoção mesmo... Nunca tinha pensado na minha mãe dessa forma: “Quem foi essa mulher?” Eu pensei na minha mãe apenas incidentalmente. Será que eu não pensava para não sofrer? Não seria para não sofrer, seria babaquice dizer isso: “Ah, eu não penso para não sofrer”, pois não tem sofrimento nenhum. Mas nunca a valorizei, nunca a desprezei, é óbvio, mas nunca a valorizei. Acho que essa minha forma de vê-la hoje é uma valorização. Ela não está vendo, não tem importância, mas eu a estou vendo, eu a estou resgatando dentro de mim. É importante para mim, é importante para não perder aquilo que ela deixou.

Nunca pensei muito sobre minha mãe. É o tal do amoldar-se. Eu tenho muito disso na minha vida: passou? É claro que vou lembrar, mas vou esquecer. Eu vou lembrar, mas apenas por pouco tempo. Não vou ficar mastigando aquela recordação. Se tenho um relacionamento e termina aquele relacionamento, é claro que vou curtir aquele término daquele relacionamento, mas vou para um outro rapidinho ali na frente, eu não vou ficar carregando esse entulho. “Entulho” entre aspas porque todos os meus relacionamentos foram ótimos, não foram entulho, entulho no sentido de ficar carregando essa carga. Por isso falo da mãe: “Morreu, morreu”. Não adianta eu ficar pensando na mãe. Claro, eu intelectualizei isso, isso eu fiz. Foi uma defesa, ir para frente, vai, vai, vai, esquece o para trás, vai para frente sem olhar para trás. Acho que aprendi assim e por isso não ter pensado tanto nela. Mas hoje fazendo esse solilóquio eu penso nela amorosamente... Muito legal, vai me fazer bem, vai me emocionar mais daqui para frente ao lembrar dela, e vai ser bom para mim, porque para ela não tem mais como ser bom. Vai ser bom para mim. E se existir algo – eu posso até achar que não existe nada e de repente existe, vai saber – e se ela estiver no etéreo, ela não precisa mais disso. Mas para mim vai ser muito bom o resgate dessa figura importante, como outras figuras da vida da gente que na hora você não dá o devido valor e depois você resgata se você tiver capacidade de observar-se, de ter um olhar diferente das pessoas que passaram na sua vida, de repente você encontra coisas muito boas que as pessoas te fizeram e na hora você não se deu conta. Como dizia minha ex-sogra: – que ainda é viva, ex porque eu me separei – “Deus te dá um pão e você pensa que é uma pedra”. De repente passaram pessoas que eram um alimento e eu achei que fosse uma pedra. Acho que é bom fazer esse resgate porque é justo prestar homenagem a essas pessoas. Uma homenagem que elas não vão ficar sabendo. Mas você dentro de você fica sabendo que essas pessoas foram importantes e, sabendo disso, você vai dar mais valor àquilo que elas lhe fizeram. Então aquilo que você não deu valor lá, você está dando valor embora você não retorne mais, mas aquilo que foi dado não foi perdido. Acho que a humanidade é feita daquilo que é colocado e que não é perdido, que vai passando e passando. E só isso é sensacional, estou aqui fazendo esse relato e quem escutá-lo também não sairá imune. Por isso é importante resgatar. O que minha mãe falava eu não sei, não lembro nem do rosto dela, mas algo ela tocou em mim e ficou.

Como vejo a morte dos meus pais na minha história? Mudou tudo. Transforma você em outra pessoa. Não sei se em outra pessoa, transforma você em uma pessoa que não seria se eles estivessem vivos. Seria outra pessoa não só financeiramente, mas também psicologicamente. Talvez eu fosse muito menos soberbo do que sou, mais humilde, porque com eles estaria dentro da humildade. Se eu ficasse com eles, seria uma outra pessoa. Acho que por conta da morte deles hoje tenho um pouco de soberba. Uma exigência maior com as pessoas. Um pouco de descaso com a dor alheia. Muita voluntariedade, no sentido de buscar as coisas mesmo; eu é que tenho que correr atrás, não tem outra pessoa que faça por mim, não tenho pai e mãe para buscar comigo, tenho que ir sozinho. Eu tenho essa voluntariedade, essa força de vontade. Essa é a parte boa, as coisas ruins já falei (sorrindo). Eu tenho uma gana para as coisas. Não sei de que forma isso me foi passado. Mas isso faz você cobrar do outro, faz você cobrar dos filhos... Mas as pessoas não são você, as pessoas são as pessoas, não são você. Eu sou cobrador, sou cobrador com as minhas filhas, inadequado... por conta disso. Eu digo: “Se eu consegui, porque você não consegue?”. E a pessoa coloca dificuldades e diz: “Ah, mas o concurso é difícil”. Eu digo:

“Estuda!”. Ela diz: “Ah, mas eu estudei e tirei cinco”. Eu digo: “Então você estudou para tirar cinco, se você estudar para tirar 10, talvez você tire 9,5”. Para dizer a verdade, não é muito ruim isso que eu sou não, mas é soberba, soberba... Causa algumas dificuldades nas relações, hoje causa muito menos, mas ainda causa. Com a minha filha mais nova ainda causa um pouco, ela até pegou no meu pé, eu encho o saco dela porque está obesa, e ela me breiou: “Pára! Pára de encher o meu saco” (rindo). Ela fala, fala mesmo, a minha relação com as minhas filhas é aberta, é muito legal. Mas sou chato mesmo, cobro mesmo. Eu cobro demais dos outros, da ex-esposa que não cuida... Acho que isso é soberba... Acho que sei qual é a resposta e de que forma tenho que fazer, mas tenho meus pequenos vícios (rindo). Pequenos vícios, que são esses de encher o saco dos outros (rindo). Mas é chatice, é aquele cara chato. E você vai ficando mais velho você precisa tomar cuidado para não ficar mais chato ainda. Você precisa ficar espertíssimo! Com essa filha já comecei a ficar. Hoje estou pensando assim: “Quer saber? Deixa ela.” Então tenho essa dificuldade, acho que se eu consigo todo mundo consegue... mas nem sempre é assim... Mas também as pessoas conseguem sim se quiserem! Mas talvez é mais difícil hoje... Talvez. Não sei. Estou cheio de dúvidas, viu? Dúvidas é comigo mesmo (rindo). Eu fico enchendo o saco dela, mas deixa ela levar a vida dela, não é mesmo? Quer ser gorda? Fumante? Seja. Aí eu falo para mim: “Ô Luiz, você não pode ser assim, ela é sua filha. Como você deixa isso acontecer? Como você deixa? Tem que cobrar ela, cara!” Eu deixo, mas depois penso: “Você não pode deixar, cara!” Aliás, o meu terapeuta disse: “Luiz, você é todo sentimento de culpa”. Eu sinto obrigação de fazer, faço e depois: “puta, não devia ter feito”, “fiz a mais”, “poxa, eu não devia ter falado desse jeito”, “fui muito acintoso”, “não, não fui muito acintoso, mas eu devia ter falado um pouco mais”. É um horror! Mas eu sei, porque o importante é isso: eu faço, tenho sentimento de culpa, mas eu sei que faço essas coisas, por isso já está muito mais fácil para trabalhar isso. Mas como sou novo ainda, vou fazer Psicologia e quando eu tiver uns noventa vou estar quase bom (rindo). É, mas tem muita coisa em mim que eu ainda não percebo não. Eu tenho umas amigas minhas, as mulheres de sempre da minha vida, minhas amigas dizem: “Luiz, isso não está certo. Não faça isso não. Você está pisando na bola, está fazendo errado.” Sábias, maravilhosas. Mas elas sabem que podem falar comigo, eu as escuto. Nem sempre as obedeço. Mas escuto. Penso muito no que elas falam. Elas são maravilhosas, a razão de ser da minha vida. Minhas duas filhas também são.

Hoje sinto uma inadequação, não sei se seria inadequação, a dúvida de como ser bom pai, de como levar uma família, de como construir. Você não tem parâmetro. Você perdeu lá atrás. Você adquiriu uma colcha de retalhos. Quando me casei e as minhas filhas nasceram, em um determinado momento, por perceber em mim que eu estava extremamente inadequado na criação da minha filha mais velha – porque eu brigava muito, cobrava muito, xingava muito – eu resolvi abrir mão de educá-la. A Irene, que é mãe delas, tem muito mais condições de educá-las do que eu. Eu não tive, não tenho essa base familiar que ela tem para orientar, para encaminhar. E isso foi consequência da falta, da morte prematura deles. Não que essa minha solução tenha sido boa, não foi, foi péssima. Não foi grande coisa não. Não que ela (ex-esposa) seja uma pessoa horrorosa, nada disso, mas eu com a minha soberba achei que eu faria melhor (rindo). Ah, eu não consigo abrir mão da educação das minhas filhas. Pretensioso é pretensioso, eu disse: “Vai você amor, você toma as decisões”. Mas não foi assim que aconteceu. Mas cheguei a tentar abrir mão por me sentir inadequado. É um fato. Cheguei até a conversar com a minha ex-esposa. Eu ainda estou aprendendo a ser pai. É um aprendizado eterno. Não sei ser pai, não sei. Acho que não aprendi a ser filho também, então você também não sabe ser pai. Eu não tenho uma relação conturbada com as minhas filhas, a relação com elas é amorosa, amorosa mesmo, não é conturbada, é conflitante como todo pai que exige coisas das filhas.

Acho que as coisas ficaram bem melhores, principalmente depois que me separei. A relação com minhas filhas ficou muito melhor. E com minha ex-esposa também ficou muito melhor. Nós temos uma relação muito boa, eu apenas não moro com elas. Uma amiga minha, que é psicopedagoga, me diz que tenho que me desvincular da minha família: “Você se separou e parece que não separou”. Isso porque eu tinha uma namorada que reclamava muito: “Você não me dá tanta atenção assim”, e eu levava para essa minha amiga: “Putz, fulana está reclamando que eu não dou atenção”, e ela dizia: “Luiz, você tem que cortar o cordão umbilical com a sua família. Você arranja namorada é para namorar. Você fica no meio?”. Eu acho essa relação que

tenho com minhas filhas maravilhoso. Não vou abrir mão disso não. A namorada vai ter que conviver com isso. Imagina que eu vou deixar as minhas filhas.

A relação com elas melhorou porque você não convive no dia-a-dia. Eu sou muito chato, e muito cobrador também. Não sei se sou muito, muito chato, mas sou chato. Exigente e ausente. Além de ausente, exigente, é o fim, não é mesmo? Quando eu era casado, eu saía muito, tinha outras mulheres e tal. Eu tinha uma vida, vamos dizer, noturna paralela, por questões de não afinidade sexual, ou nenhuma atividade sexual em casa. Isso eu coloco como desculpa, porque na verdade não é isso, não é só por isso, isso é consequência do mau relacionamento, a falta de sexo não é o motivador do mau relacionamento, mas é consequência do mau relacionamento. Eu era ausente nesse sentido. Não sei se também eu era muito, muito ausente, mas eu era ausente, eu tinha outras mulheres, eu tinha namorada e tal, e isso acaba acarretando atrito... Não que tivesse brigas por isso, nós nunca nem tocamos neste assunto enquanto eu vivi com a Irene, eu nunca toquei nesse assunto, a gente não brigava por isso. Talvez a gente não brigasse por isso explicitamente, talvez por trás a gente brigava, mas acho que não, porque ela nunca tocou nisso, acho que isso não era questão para ela porque ela sabia que a gente não tinha uma relação mesmo. Assim nunca tivemos grandes brigas por isso não, e a minha separação foi algo assim, o pessoal diz: “Separou desse jeito mesmo?”. A minha separação foi a coisa mais civilizada que já vi em separações, pelo menos que eu conheço.

Fui eu que decidi pela separação. Um dia nós íamos indo para um determinado lugar e eu disse: “Vamos sentar e vamos conversar”. E falei de separarmos. Estou falando dessa minha ligação com as minhas filhas, mas sinto que da minha ex-esposa me separei mesmo: eu não moro com ela, eu namoro, eu não estou lá todos os dias. Sou separado. Tem uma ligação por causa das filhas, mas não tem uma ligação afetiva. Pelo que eu saiba ela sai para dançar, agora se tem namorado não sei.

Para mim a separação não foi difícil. Para mim o difícil foi conciliar o meu sentimento de culpa por deixar minhas filhas. Mas eu consigo... outra capacidade meio camaleônica que tenho é de achar alguma coisa boa em tudo o que me acontece, sempre acho alguma coisa boa. Por exemplo isso que estou dizendo, que é verdade, a minha relação com as minhas filhas melhorou muito é a coisa boa que eu tenho da separação. Então a separação, e o fato de deixá-las, não me acabrunham tanto porque vejo que minha relação com elas melhorou, e que elas melhoraram. Então eu falo: “Puxa vida, acertei, fiz bem, foi um negócio pensado, foi correto, deu certo”. Minha ex-mulher está melhor, ela fez uma plástica, vai dançar, antes ficava em casa, não fazia nada, hoje sai, está cheia de amigas, amigos, a vida dela ficou mais animada. Aliás, eu acho que mulher, depois que o marido morre depois de anos de casada, a vida dela floresce, vira um roseiral, uma maravilha. O homem não, o homem é um horror. O homem, até eu, todos, é um horror. O homem só sufoca a mulher, sufoca, sufoca e aí quando suga larga, deixa só o caroco, é o que eu falo para as minhas filhas (rindo).

Acho que a morte dos pais me fez ficar mais ligado com meus irmãos. Talvez a ligação tenha ficado mais estreita com os irmãos... Embora a gente nunca fosse de ficar grudado um no outro, porque ficava cada um em um canto e nem dava para ficar grudado (sorrindo). Mas a gente sempre foi muito amoroso quando se encontrava. Tinha um irmão que fazia essa parte de uma vez por ano juntar todo mundo, e era muito gostoso. Este irmão é o que veio para São Paulo, que era o mais velho dos que vieram para cá, porque de homem veio eu, ele e as meninas, porque eram muito mais meninas. E era ele que juntava, e quando ele casou – ele era sargento da aeronáutica – ele trouxe todo mundo, tirou todo mundo de todos os orfanatos e levou tudo para a casa dele, e juntou todo mundo. Ali casou uma irmã, casou outra irmã, eu fiquei morando, depois ele mudou e não pude ir porque eu estava estudando. Ele mudou para muito longe, para Guarulhos que na época era longe e eu estudava aqui, e aí fui morar com essa irmã que faleceu, que tinha um salão de cabeleireiro aqui e não podia ir para lá. Eu estava fazendo madureza ginásial, porque tinha perdido os estudos. Meu irmão morava em Guarulhos e eu saía da escola 10 horas e tinha que ir para Guarulhos naquela época, e eu chegava lá meia noite. Aí eu e minha irmã resolvemos morar juntos e fomos morar em um cortiço que dava para pagar, moramos uns 4 anos. Ali foi uma desgraceira muito grande... Desgraceira nada! Nós fomos morar em um cortiço, eu não tinha dinheiro... mas tudo bem! Moramos muito tempo no cortiço, uns 4 anos mais ou menos, um cortiço infecto. Era uma escadaria com um monte de quatinhos e o único

cômodo e cozinha vago era em frente ao banheiro do cortiço. Imagina a festa, imagina o cheiro que era naquele quarto em frente, e nós morávamos lá. Nós criamos um bom elo, uma boa relação eu com a minha irmã naquele buraco, com essa que morreu, que eu digo: “Que bom para ela, puxa, foi descansar a cabecinha, que trabalhou que nem uma louca a vida inteira”.

Acho que nós os irmãos ficamos mais próximos. Mas esse irmão que ajuntava todos os irmãos morreu também, morreu de hanseníase, e aí houve a diáspora de novo, porque não teve um que aglutinasse mais. Tem essa irmã mais velha em Uberaba que ainda leva um pouco os irmãos para lá, que é aquela que quando a mãe morreu ficou com a irmã mais nova, e ela é viva até hoje. Então houve essa diáspora, mas a gente se gosta, a gente não perdeu o gostar não, embora a gente se veja e se fale muito pouco. Tem uma em Portugal, outra nos EUA, então fica mais difícil ainda. Com essa de Uberaba eu falo mais. Ficou uma aqui em São Paulo, que mora em Poá, em uma periferia por aí, com essa eu falo pouquíssimo, que eu não sei o que aconteceu, embora quando a gente se fale a gente se fala gostosamente, mas ela não... bom, eu poderia ligar mais. Essa de Portugal não dá, o preço é exorbitante, para os EUA menos ainda. Então é isso: a epopéia.

Mais uma coisa que gostaria de falar é que estou entusiasmado por voltar a estudar. Não pelo fato do orgulho em voltar a estudar aos 60 anos de idade. É mais pelo fato de descobrir coisas novas nessa área (Psicologia), que acho sensacional! Mas é comedido, eu não me entusiasmo para não me decepcionar. Mas acho que vai ser muito legal, mas se for ruim eu não estou entusiasmado mesmo (rindo).

7.6. Narrativa: Mônica

Meu nome é Mônica, tenho 35 anos, casada, tenho 2 filhos, um de 8 e uma de 2 anos. Perdi minha mãe quando tinha 7 anos de idade. Nós somos em três irmãos. Na época eu tinha 7 anos, meu irmão do meio 9 e o mais velho 14. Meu pai era do comércio, tinha padaria e a dedicação em relação aos filhos foi muito difícil porque ele trabalhava demais.

Eu lembro muito pouco antes dos meus 7 anos de idade. Lembro-me de alguns flashes. Ela morreu dia 4 de setembro e menos de um mês antes, 8 de agosto, ela tinha feito uma festa de aniversário para mim, mas não me lembro de absolutamente nada. Me lembro sim do dia em que ela foi para o hospital. Eu estava brincando na casa da vizinha e a escutei indo embora. A última vez que a vi eu estava deitada na cama com ela, eu de um lado e o Otávio do outro, que é o meu irmão do meio. Ela estava ruim e disse: “Vão brincar, deixa a preguiça de lado e vão brincar”. Lembro-me disso como se fosse hoje. Nós fomos brincar e depois ouvi ela chorando na hora que estava saindo com o meu pai para ir para o hospital, e acho que foi a última vez em que a vi viva. Depois só me lembro do cemitério. Antes disso, lembro que eu gostava de pentear o cabelo dela, essa é uma lembrança muito forte, mas eu não lembrei mais nada depois disso. Acho que nessa fase eu não senti muito impacto com a morte dela, eu acho... pois eu era uma criança, e talvez eu pensava que daqui a pouco a minha mãe iria chegar...

Meu pai se casou novamente 2 anos depois. Ele já começou a namorar uma mulher, quer dizer, minha madrasta, um ano depois que minha mãe morreu e depois de 2 anos ele se casou com ela. Essa fase foi muito difícil porque eu não aceitava minha madrasta, eu queria minha mãe. Nós, eu e meus irmãos, nos sentíamos desestruturados por conta da morte da minha mãe. E em todos os momentos de sofrimento, todos os momentos que eu sentia necessidade de carinho eu chorava por ela (mãe), e isso até pouco tempo atrás, e foi quando eu procurei terapia por outros motivos e no fim eu tratei disso também porque uma mulher de trinta e poucos anos ainda chorar pela ausência da mãe que já morreu há 28 anos... Na realidade é uma dor que você não aceita muito, você pode até compreender o que aconteceu, mas aceitar, você não aceita...

Minha mãe adoeceu e morreu em uma semana. Nunca foi dada a causa. Os médicos chegaram a suspeitar de hepatite, tanto que ela morreu no Emílio Ribas, por se tratar de doença contagiosa que precisa de isolamento. Depois desconfiaram de meningite, mas não era. E assim foi, e nunca se soube qual foi a causa. Ela tinha trinta e três anos... muito nova, era dona de casa e se dedicava só aos filhos.

Quando ela morreu a minha tia, a irmã dela, veio ficar em casa com a gente, porque meu pai trabalhava muito. Quando ela soube que meu pai ia se casar foi embora e nos abandonou. Isso acelerou o processo de casamento do meu pai, porque ele se viu perdido, com os três filhos. A família da minha mãe não aceitava que meu pai já iria se casar. Mas era necessário, hoje eu vejo isso. Naquela época eu não via dessa forma. Por mais que eu soubesse que minha mãe tinha morrido, naquele momento eu achava que ele a estava substituindo. Acho que eu não aceitava que minha mãe nunca mais voltaria para casa, por isso eu não aceitava minha madrasta. Bati muito de frente com minha madrasta porque eu achava que ela não tinha o direito de me chamar a atenção, de me bater, como ela fazia naquela época. Eu dizia que ela era minha madrasta e não minha mãe. Acho que o sofrimento que eu e os meus irmãos sentíamos, nós sentiríamos um pouco menos a falta dela (mãe) se o meu pai tivesse dado mais carinho, mas como ele não deu... Eu e minha madrasta brigávamos muito, e ele sempre ficava do lado dela e eu não aceitava isso. Ele nunca perguntava: “Qual é a sua versão?”, “O que aconteceu nessa briga?”. Sempre prevalecia a versão dela. Isto me magoava, porque eu já não tinha a minha mãe, e também não tinha ele me apoiando, eu me sentia muito sozinha.

A vida toda foi assim, sempre tive essa sensação de solidão. Eu não era uma pessoa extrovertida, eu era uma pessoa extremamente fechada, e isso juntou com o problema que eu não enxergo de um olho. – Fiquei estrábica com um acidente com a minha verdadeira mãe, eu bati o olho na maçaneta da porta. – Assim juntou tudo; o fato de me sentir muito sozinha, e também complexada, então eu era muito fechada. Apenas com 19 anos, quando conheci meu marido e comecei a namorá-lo, comecei a me soltar mais. E era sempre para ele que eu desabafava, e até hoje quando eu tenho problemas, problemas na minha família, sempre converso com ele. Mas sempre senti muita solidão, um vazio... hoje talvez eu sinta muito menos, não só pela terapia, mas porque eu tenho os meus filhos, porque hoje eu sou mãe... mas ainda é difícil...

Quando fiz 33 anos eu tinha um medo grande de morrer porque minha mãe morreu na mesma idade, e meu filho estava com 6 anos, quase a minha idade quando perdi minha mãe. Foi um ano difícil porque eu tinha medo de morrer como minha mãe e deixá-lo sozinho. O meu maior medo era deixá-lo sozinho... Eu falava e falo até hoje para o meu marido: “Se eu morrer dê atenção para eles, não ponha uma pessoa aqui achando que ela vai substituir a mim, ela até pode vir a fazer um bom papel de mãe, mas não vai ser a mãe, então eles vão precisar do pai”. Eu sempre falo isso ao meu marido: “Se eu morrer dê atenção para eles”.

Eu cobro atenção do meu pai até hoje. Lógico que ele tem suas características de homem português, com um jeito mais fechado, mas nós temos necessidades... Acho que o papel do pai é o alicerce financeiro, e a mãe o alicerce de estrutura familiar. Quando minha mãe morreu abalou demais o prédio... Os filhos até que são unidos, eu não posso reclamar, mas poderiam ser muito mais. Se a mãe estivesse próxima nós seríamos mais unidos. Eu e o meu irmão mais velho sempre nos demos muito bem, mas eu e o do meio sempre brigamos muito. A gente se gosta, se adora, apóia muito um ao outro, mas, por exemplo, meu pai gosta muito que a gente se reúna na casa dele para almoçar aos domingos, mas vira e mexe nós, os irmãos, brigamos. Acho que minha mãe não iria permitir que houvesse essa desunião familiar, mas o meu pai não consegue impedir que aconteça, ele até gostaria, mas ele não consegue. Como chefe, que pensa no financeiro, que ajuda os filhos, principalmente os homens, e ele está sempre ajudando, ele faz bem esse papel de pai.

Mas eu não trago isso para minha família, aqui eu não vejo assim, muito pelo contrário, em casa eu sou o alicerce financeiro e o meu marido é mais o alicerce tipo mãe. Nós invertemos um pouco os papéis. Eu não sei se foi por mera coincidência, pelo trabalho, porque o meu trabalho exige muito mais de mim e o dele muito menos, ou eu não sei lidar com os sentimentos como ele sabe. Às vezes acho que vivi tanto no meio de brigas e por isso brigo muito mais com os meus filhos do que o meu marido briga. Meu marido dá muito mais carinho do que eu dou, e eu me culpo por isso. Uma vez uma psicóloga me disse algo que me fez refletir: “Como você pode se culpar de não saber dar tanto carinho quanto seu marido dá para os seus filhos se você não aprendeu como é receber carinho? Você não pode dar aquilo que você não aprendeu”. Por um lado concordo, mas por outro penso que se eu sinto tanta falta do carinho por que é que não sei dar carinho? Se sinto tanta falta, por que não consigo dar carinho como gostaria de ter

ganho? Não quer dizer que não dou carinho aos meus filhos, mas aquela falta que senti de mãe, aquela coisa de “vem aqui e me abraça”, e de se sentir protegida, acho que é isso que não consigo passar para os meus filhos. Meu marido consegue passar isso para eles, e me gera uma culpa porque eu não consigo, e não é dessa forma que eu queria tratar os meus filhos. Se eu cobro tanto o carinho, por que eu não consigo dar para eles o carinho que eu não tive? Eu sinto muita culpa por isso.

Acho que consigo dar esse carinho para o meu marido, mas para as crianças não. Com ele eu até criei uma dependência, mas talvez eu tenha substituído, ele é mais velho que eu 7 anos. Quando eu comecei a namorar meu marido ele me desprezava, era muito na dele, e eu era louca por ele, sempre correndo muito atrás dele, mas isso mudou, eu comecei a ficar mais segura, e hoje ele é o mais apaixonado. Não estou dizendo que eu não goste dele, mas inverteram os papéis. Hoje meu marido cobra que eu dê mais carinho para as crianças e diz: “Por que você não se solta mais com eles?”. Eu não sei, não é que eu não queira, mas quando percebo, sou mais fria com eles. E isso ocorre apenas com meus filhos, e não percebo isso com outras pessoas. Eu sou carinhosa com eles, não que eu não seja, mas o que exatamente eu queria para mim eu não dou para eles. Por exemplo, dizer: “Vem cá, vamos abraçar”. Eu me lembro da minha mãe em um dia que estava chovendo, caindo um temporal, e eu deitei no colo dela e fiquei ali. Esse tipo de coisa é que eu não consigo passar para eles, essa forma de afeto...

Eu me lembro que no dia em que minha mãe morreu nós estávamos na escola, e uma vizinha nossa foi nos buscar, eu e o meu irmão Otávio, e nós ficamos na casa dela e eu não entendi o porquê. Me lembro que estávamos na sala e ela chamou o meu irmão na cozinha para conversar, e fui atrás. Ouvi essa vizinha falando que a minha mãe tinha morrido, mas eu não sabia nem o que era morrer. Perguntei para o meu irmão o que tinha acontecido e ele respondeu que não tinha acontecido nada. Não me lembro de ninguém ter vindo conversar comigo, ou ter explicado alguma coisa. Me recordo que no enterro da minha mãe eu não entendia o que estava acontecendo, tanto que eu não era uma criança que ficava ali chorando, eu estava até rindo. Naquele momento ninguém falou comigo, mas eu não sei se depois o meu pai veio conversar comigo. Acho que meu pai ou alguém me explicou depois que ela tinha morrido. Mas depois eu não entendia o porquê. Por que Deus levava uma mãe de 33 anos e deixava uma criança de 7 anos? Isso era o que eu mais questionava. Eu não aceitava a morte dela. Mas quando você é criança você leva tudo na brincadeira. Quando está tudo bem você consegue esquecer, ou não sentir a falta. Mas quando você se sente desprotegida ou querendo um colo, é a hora em que eu sentia muito a falta dela. Acho que no dia-a-dia essa necessidade não era tão forte, mas na hora em que eu tinha essa necessidade de carinho, proteção e atenção, era a hora que eu sentia muita falta dela...

Toda a família ficou muito mal com a morte da minha mãe, foi um choque. Na família da minha mãe ela era a irmã mais nova, e uma moça de 33 anos que adoece e morre em uma semana e deixa 3 filhos... Não foi algo que foi acontecendo, ela não foi adoecendo, mas aconteceu e morreu. A minha avó, mãe da minha mãe, ela se acabou, ela queria morrer com a filha. Minha avó morreu há cinco anos com 94 anos, mas desde que minha mãe morreu, há 28 anos, ela pedia todos os dias para morrer. Sentava perto da minha avó, e ela dizia: “Porque Deus não me leva? Eu quero a minha filha”. Ela era extremamente religiosa, mas não aceitava a idéia de enterrar um filho. Ela não aceitava o fato de Deus ter levado a filha ao invés dela. Todos os dias ela pedia para morrer porque achava que ainda teria chances de ficar perto da filha. Algum tempo antes de morrer, mas ela já sabia que iria morrer, ela falava que agora sim iria ficar perto da filha. Ela, entre todos, foi a que menos aceitou. Minha família até hoje se pergunta por que isso aconteceu.

Na família da minha mãe são duas irmãs e um irmão que moram aqui no Brasil e uma irmã que mora em Portugal, e a minha mãe era a quinta. Esses 3 que estão aqui no Brasil são extremamente unidos. Lógico, a gente não perdeu contato, passamos o Natal e o Ano Novo juntos durante esses anos. O meu pai considera o irmão da minha mãe como irmão dele. Meu pai tem verdadeiro carinho como o meu tio também por ele. Mas eu vejo uma das minhas tias, que é viúva, ela indo muito na casa do irmão ou da irmã e muito ligada nas sobrinhas. Foi ela que cuidou de mim quando minha mãe morreu e depois foi embora, e eu vejo que comigo ela é fria, meio distante. E não só comigo, também com meus irmãos, acho que por conta da falta de

contato, pela falta de convívio diário como ela tem com os outros sobrinhos. E eu sinto que é porque minha mãe não está aqui, porque se ela estivesse aqui o nosso convívio seria maior, e por isso hoje essa minha tia é mais distante. Essa minha tia é a mais velha. Encontrei com ela há 20 dias. Fui na casa do meu tio, e essa minha tia estava lá com a nenezinha do meu primo. Ela mal chegou perto da minha filha, e ela gosta muito de criança porque eu a vejo sempre com os filhos dos meus primos, mas com os meus e dos meus irmãos não. Eu sinto que se a minha mãe estivesse aqui tudo seria diferente. Meus tios não fazem essa diferença entre nós e os meus primos, mas essa minha tia faz diferença. Eu vejo que ela é um pouco mais fria comigo do que com os outros primos. Mas meus tios não, eles me dão muita atenção. O irmão da minha mãe é meu padrinho e a irmã é minha madrinha, eles sempre me deram atenção, eles são carinhosos, mas essa minha tia é mais distante, mais seca. Eu acredito que foi pelo convívio maior com meus primos, ela viu minhas primas crescerem, viu os filhos dos meus primos nascerem, crescerem, mas os meus não. Ela veio visitar quando os meus filhos nasceram e nas festas. Só assim que ela vê a mim e meus filhos.

Minha madrasta cuidou muito bem de nós, nos levava na escola, buscava, tinha roupa lavada e passada, almoço, mas também era uma pessoa mais fria. Por exemplo, eu adorava pentear o cabelo da minha mãe e minha madrasta tinha o cabelo liso, e eu queria ficar penteando, mas ela não gostava, e eu era só uma criança. Eu sempre adorei beijar, abraçar, mas ela não gostava. Acho que as brigas que nós tivemos foram talvez porque eu não a aceitava como mãe. Acho que ela fez o que pôde no papel de mãe. Hoje, como mãe, vejo que ela fez. Mas uma coisa que até hoje eu acho, e meu marido concorda, é que ela não aceita disputar o meu pai. Até hoje o meu pai não pode ficar muito do meu lado, pois ela acha que está competindo comigo. Quando eu era criança e ela me batia, ela fazia questão de dizer que eu era culpada para o meu pai ficar do lado dela. É claro que eu até podia ser a culpada, porque criança a gente sabe como é, mas não tinha aquela proteção de mãe, porque mãe briga mas depois conversa e tal... Esse papel de mãe ela não fez, de tentar dar aquele jeitinho de mãe junto do pai, ainda mais que meu pai era aquele homem muito bravo, muito certinho. Mas meu pai nunca me bateu, era ela que batia. Não que ela me batia o tempo todo, mas me batia. Ela ficava correndo atrás de mim para me pegar, mas eu me escondia e me trancava no quarto e ela não conseguia me pegar, ela mais tentava do que conseguia. Acho que brigamos mais quando eu era adulta do que quando criança. A primeira briga feia que tivemos foi quando eu tinha 19 anos. Mas eu também era muito provocadora, não vou te falar que eu não era, porque como não aceitava as coisas dela eu dizia: “Quer bater, bate”, e ela batia. Era uma desafiando a outra, como se dizendo: “Vamos ver quem ganha”. Tenho uma boneca que ela me deu quando eu tinha dez anos. Nessa época nós fomos viajar para Portugal, eu, ela e meu pai. Foi um inferno a viagem, brigamos muito. Tudo que eu queria fazer, eu não podia, e eu já tinha 10 anos. Ela comprou essa boneca para mim, – o nome da minha mãe é Ana, quer dizer o nome da minha madrasta. Eu não a chamo de mãe, mas me refiro a ela como mãe para os outros. Eu e meus irmãos a chamamos de Ná. – que se chamava Naná, e toda vez que a gente brigava eu tacava essa boneca na parede. Era como se eu estivesse tacando ela na parede. Coitada da boneca. Foi uma época difícil!

Hoje eu aceito minha madrasta muito bem. Ela ama os meus filhos! Ela tem paixão pelos meus filhos e só pelos meus, não que ela não goste dos outros, mas aquela paixão, essa loucura por criança só pelos meus. Cada um dos meus irmãos tem um casal de filhos. Mas meu irmão mais velho não gosta dela até hoje, não a aceita. Ele foi o que menos aceitou a morte da minha mãe. Acho que eu e meu irmão tivemos traumas por conta disso, mas a aceitação talvez a gente conseguiu, não aceitamos 100%, mas entendemos, mas o meu irmão mais velho não consegue aceitar. Hoje ele é pai, mas não consegue enxergar que minha madrasta teve seus defeitos, brigou, bateu, mas fez dentro do possível, com três filhos que não eram dela, tentou dar educação, tentou auxiliar meu pai na criação, mas ele (irmão mais velho) não aceita, porque acha que ela está sempre colocando meu pai contra a gente e gerando desunião na família. Eu acredito que ela não se aproxima dos filhos dele por esse motivo. E o meu irmão do meio não é muito diferente. Ele não gosta dela. Eles já se pegaram fisicamente quando ele era moleque. Meu irmão bateu nela. Então acho que isso criou um certo receio por parte dela. Eu tenho uma postura diferente da deles, eu gosto dela. Hoje entendo o lado dela. Acho que ela podia ter sido mais carinhosa comigo. – Talvez é por isso que eu me culpo muito, porque eu queria que ela

fosse mais carinhosa comigo mas também não consigo ser carinhosa com os meus filhos. – Eu acho que ela podia ter sido mais carinhosa comigo, porque eu não tinha mãe e ela estava ali fazendo esse papel... mas ela fez o que pôde. Então hoje, depois que tive meus filhos, no papel de mãe, é que aprendi a entendê-la, eu sei que não é fácil criar filhos, ainda mais quando não são seus filhos. Hoje nós nos damos bem! Hoje se eu ligar para ela e ela estiver irritada, porque ela se irrita fácil, eu digo: “Está bom, depois eu te ligo”. Ou se eu for na casa dela e ela estiver com a cara amarrada, eu viro as costas e vou embora. Isso não acontecia quando eu morava na casa dela. É que é diferente mesmo. Por exemplo, quando eu morava lá, eu não podia deitar no sofá, porque ela não gostava, e quem é que não gosta de deitar no sofá e assistir uma TV? Mas depois que me casei, noutro dia fui na casa dela e ela estava deitada no sofá, eu queria morrer por conta disso. Meu marido ia em casa, no namoro, e já que não podia deitar no sofá, a gente deitava em umas almofadonas no tapete de sala, mas também não podia. Ela ficava toda hora meio que cutucando a gente. Hoje, às vezes ainda acontece dela me cutucar, não por esses motivos, mas por outros, ela é uma pessoa mesquinha. Ela adora ganhar as coisas, mas não dá nada dela para ninguém. É o tipo de pessoa que come escondida para ninguém pedir. Eu vejo este tipo de atitude e venho embora porque sei que se eu ficar nós vamos brigar, porque vou falar o que penso, não consigo ficar quieta, e é por isso que a gente sempre brigava, porque somos duas pessoas de gênio muito forte.

Esse ficar cutucando era só comigo, não era com os meus irmãos, porque ela sabia que eu era mais frágil. Era bom para ela dizer para o meu pai que eu era uma má filha. O sonho do meu pai era ter uma filha. Meu pai teve 3 filhos, um faleceu, mas foram 3 homens e eu, então o sonho dele era ter uma filha, por isso eu era a queridinha do papai. E por conta do acidente que tive no olho meu pai tinha muita atenção sobre mim. Acho que ela queria quebrar isso. Eu imagino que ela queria sempre estar em briga, para que meu pai sempre ficasse triste ou decepcionado ou algo assim para que ela tivesse o espaço totalmente para ela. Hoje eu não sou uma concorrente tão forte, mas ainda sou. Por exemplo, quando casei, convidei meu pai para almoçar em casa e fiz uma sobremesa que nunca tinha feito na casa dele porque só ela ia para a cozinha, não me deixava chegar perto da cozinha dela, então eu a deixava cozinhando e não fazia nada. E o meu pai disse: “Nossa, que delícia essa sobremesa. Você nunca fez em casa”. E ela disse: “Por quê? As minhas não são boas?”. Meu pai parou de elogiar as minhas comidas. Até uma simples maionese ele não pode elogiar. Uma vez o meu pai veio em casa e disse: “Nossa, que maionese boa!”. E ela disse: “Está melhor que a minha? Então agora você pede para sua filha fazer para você”. E ele só estava elogiando. Acho que ela ainda tem medo, ainda tem essa rivalidade comigo.

Meu pai nestas situações fica totalmente do lado dela. Conversei uma vez com ele e disse que o que mais me magoou a vida toda foi ele nunca ter me perguntado sobre qual era a minha versão nas brigas, e o que eu sentia. Ele me respondeu que eu tinha que entender que os filhos ele não iria perder, mas minha madrasta ele poderia perder. Ela ameaçava de se separar e ir embora, e ele precisava de alguém para ajudá-lo a criar os filhos. Eu respondi: “Eu até entendo, mas se o senhor viesse me perguntar eu iria saber pelo menos que o senhor se preocupava comigo”. Eu ia entender que ela tinha um poder maior que eu, mas eu pelo menos iria perceber que ele se importava comigo. E até hoje eu ainda cobro muito a atenção dele. Eu fiquei 30 dias fora, em Portugal, agora em julho. Eu voltei no dia dos pais, e estava morrendo de saudades deles, da minha família. E quando voltei ele estava nervoso com os meus irmãos, nós estávamos na pizzeria deles, – meus irmãos e meu pai são sócios – mas meus irmãos não sentaram na mesa com a gente. O mais velho tinha brigado com a mulher. O mais novo estava com os problemas da separação (está se separando da esposa). Mas eu estava feliz da vida porque tinha voltado e disse para o meu pai: “Pai, eu trouxe seu presente do dia dos pais”. E ele disse: “O que é?”. Eu disse: “Eu e meus filhos!”. E ele disse: “Esse é pior dia dos pais que eu estou passando, porque eu não tenho um filho do meu lado.” E eu disse: “Como o senhor não tem um filho do seu lado? Eu estou aqui.” E ele: “É, mas eu não tenho um filho do meu lado”. Aquilo doeu muito em mim. Aquilo me fez procurar novamente a minha psicóloga porque vi que ele não se preocupava comigo. Até achei um pouco de infantilidade da minha parte na época, mas eu não aceito que ele não se preocupe comigo. Ele nunca se preocupou comigo quando criança ou agora quando adulta. Eu sempre o vi se preocupando com meus irmãos, mas

comigo não. Ou, pelo menos, eu tinha essa sensação... Hoje estou melhor, mas não aceito isso, eu queria que ele entendesse que não foi fácil perder uma mãe, eu queria o carinho dele! Quando falo carinho, quer dizer que eu queria que ele pegasse o telefone, pelo menos de vez em quando, e dissesse: “Oi filha, tudo bem com você?”. Ele soube que tive alguns momentos difíceis profissionais. Tive até medo de perder o emprego. Minha mãe (madrasta) sabia, mas em nenhum momento ele pegou o telefone para me perguntar como eu estava. Isso me machuca, eu não aceito isso dele. Ele acha que sou eu que tenho que ir atrás dele, ele tem esse conceito: filho é que tem que ir procurar o pai. Sou sempre eu que vou atrás dele.

Hoje a minha madrasta me procura, porque hoje eu sou a única amiga dela. Ela me tem como amiga. Quando ela estava em crise com meu pai, brigando, ela ligou para mim para falar que estava brigando com ele. Só acho que ela ainda tem muito ciúmes de mim, mas ela me tem como amiga. Mas o meu pai não me procura de jeito nenhum. A coisa mais rara é o meu pai me ligar. Hoje, por acaso, ele me ligou, mas porque minha filha estava na casa dele, e a minha mãe precisava comprar um remédio para ela, e pediu para ele comprar. Como ele não conseguiu entender qual era o remédio me ligou. Quando vi no celular, João, eu disse: “Nossa, o que ele quer comigo?”. Mas foi só por causa do remédio.

Os meus irmãos trabalham com ele hoje na pizzaria, porque eles são sócios, então se vêm, mas ele também não os procura, nunca liga para eles, ele não procura nenhum dos filhos. Mas o que eu não entendo é que, por exemplo, quando ele tinha um hotel no interior de São Paulo e ele morava lá, todas as vezes que vinha para cá ele ia na pizzaria dos meus irmãos, mas não era por causa da pizza, ele aproveitava a situação para ver os meus irmãos. E o que me magoava era que eram raras as vezes que ele pegava o telefone – ele não, porque nunca era ele, era sempre a minha madrasta – e ele nunca ligava e dizia: “Olha, a gente vai comer uma pizza lá nos seus irmãos, você quer ir?”. Porque era uma oportunidade também para me ver, porque na minha casa ele não vinha. Ele vem se eu convidar. Se eu convidar, ele vem com o maior prazer. Se eu não convidar, ele não vem de jeito nenhum. A minha madrasta sim, ela vem. Ela vem ver minha filha, vem pegar minha filha. Mas ele não vem. Na gravidez do meu filho sofri muito com essa ausência. Mas também não sei se eu transferi, pelo fato de ter perdido a minha mãe, não sei se joguei toda a responsabilidade para o meu pai. Assim, já que eu não tinha mãe eu queria toda a atenção dele. Quando fiquei grávida do meu filho eu sofri muito, tanto é que tive depressão pós-parto. Meu marido trabalhava com meu pai no hotel e eu trabalhava no banco aqui em São Paulo, por isso passei a gravidez inteira sozinha. Meu pai vinha para São Paulo a cada 15 dias e ele não vinha me ver e não perguntava de mim. Ele ia na pizzaria e era incapaz de dizer: “Vem comer uma pizza”. Nem ele, nem minha madrasta perguntavam como eu estava, ou se eu estava precisando de alguma coisa, e eu estava sozinha, porque meu marido estava no interior trabalhando com ele, e foi a fase que eu mais sofri por não ter atenção. Foi a fase que mais chorei por não ter a minha mãe. Era meu primeiro filho, e eu não tinha atenção, eu não tinha o carinho, nem dele, nem dela, porque nessa época minha madrasta se afastou completamente, e eu sofri muito, foi uma fase muito difícil... Até hoje eu não sei por que ela se afastou. Eu acho, na época, que era por causa da gravidez. Porque como ela não teve filhos talvez isso a machucasse. Mas até hoje eu não sei por que ela se afastou. Foi uma fase extremamente difícil...

Mas foram eles que me ajudaram. Quando nasceu meu filho e eu tive a depressão pós-parto, meu marido ficou comigo 15 dias. Os primeiros 15 dias eu chorava muito, mas meu marido estava perto de mim. Mas depois ele teve que voltar a trabalhar, e foi quando eu caí mesmo de vez, eu não conseguia ficar sozinha em casa, então ligava para o meu pai e pedia: “Vem me buscar aqui em casa porque eu não quero ficar sozinha, eu tenho medo”. Ele vinha para me pegar e eu ficava na casa dele. Meu marido vinha do interior e eu voltava para minha casa, meu marido ia embora e eu ia para casa do meu pai. A minha madrasta ajudou a cuidar do meu filho, e talvez por isso ela seja hoje tão apegada a ele. Os cinco meses da minha licença eu praticamente vivi na casa deles, depois disso eu consegui me recuperar um pouco, e então eu já dormia na minha casa, mas era dormir, acordar e ir para a casa deles.

Em relação à minha madrasta o que eu posso dizer é que os cuidados físicos nós tivemos por parte dela na infância, disso não posso reclamar. Quando a gente estava doente ela dava toda a atenção, ela nos levava na escola, buscava, o almoço estava na mesa... mas atenção

e carinho, isso é o que dificilmente eu tive, tanto dela quanto do meu pai. Meu pai é uma pessoa totalmente fria... mas ele cobra carinho e atenção! Ele cobra: “Meus filhos não querem saber de mim, os meus filhos não vem me ver”. Mas por outro lado ele é muito distante... Pode ser que pelo mesmo motivo que eu. Meu avô e avó também eram muito distantes, muito frios, e eu também aprendi a ser assim, quer dizer, cobramos, mas não sabemos dar.

A perda da minha mãe na infância me deixou hoje na vida adulta uma desestrutura emocional. Eu sou uma pessoa que se culpa demais. Meus gerentes, na profissão, eles sempre falam que eu me culpo demais. Quando eu erro me culpo. E mesmo se eu não erro, eu pego qualquer problema para mim e choro absurdamente por tudo. Profissionalmente isso é ruim, no lado pessoal nem tanto. Eu sou muito chorona. Sinto-me sempre muito injustiçada. Acho que estão sempre contra mim, e isso atrapalha meu crescimento profissional, não que eu não tenha crescimento, mas sempre com muito custo. Por exemplo, quando eu voltei de viagem agora eles me transferiram de gerência, e isso para mim foi um impacto imenso, chorei todos os dias, e é um choro incontrollável. Quando as pessoas falam: “Oi, tudo bem?” eu já começo a chorar. Acho que não consigo controlar meu emocional. Em qualquer lugar, qualquer ambiente, com qualquer pessoa eu não controlo. Acho que isso foi consequência da perda da minha mãe. Pode ser que não tenha nada a ver, mas acho que foi. É uma coisa que repercutiu ruim, porque chorar não faz mal, mas acho que existe lugar e hora para chorar. E eu não consigo controlar esse lugar e hora. E foi assim sempre. E essa sensação de injustiça acontece em todos os lugares, tanto pessoal quanto profissional. É uma sensação de perseguição. No trabalho eu acho que ninguém gosta de mim e estão sempre querendo me prejudicar, na vida pessoal é a mesma coisa, se vejo minhas cunhadas cochichando acho que estão falando mal de mim. Sempre acho que as pessoas não gostam de mim, e isso é com qualquer pessoa.

(Qual a relação da desestrutura emocional com a morte da mãe?) O emocional talvez seja porque eu não sei perder, porque geralmente é por uma perda, ou pela sensação de que estão sempre falando de mim... talvez seja isso na parte emocional. Mas quando eu tenho essa sensação de injustiça, de que ninguém gosta de mim, é porque talvez eu não tive o carinho que eu queria, então acho que não consigo conquistar as pessoas para gostarem de mim, tanto profissional, quanto pessoal. Não consigo fazer um bom trabalho para gostarem de mim profissionalmente, e não consigo conquistar uma pessoa, no lado pessoal, para ela me achar uma pessoa legal, para gostar de mim. Eu tenho sempre essa sensação... Acho que pode ser que eu sinta tudo isso hoje por tudo que eu vivi por conta da morte da minha mãe. Não foi exatamente a morte dela, mas todas as consequências em decorrência da morte dela, ou seja, a falta de carinho do meu pai, a minha madrasta, que fez o que pôde, mas era distante. A rejeição que sinto pode ser que não tenha nada a ver com a morte da minha mãe, porque quando fiquei cega, estrábica, nessa fase as crianças diziam que eu era vesga, caolha, elas diziam: “Você é vesga? Está olhando para mim ou para minha mãe?”. Isso eu acho que me causou essa sensação de rejeição. Eu fiquei cega quando tinha 3 anos, mas essa fase de gozarem da minha situação foi dos 7 anos para frente, na escola. Até hoje ainda sinto isso, fico pensando se as pessoas estão reparando ou não. Eu operei o estrabismo e melhorou, mas... (mostra o olho que foi operado). Na minha vida acho que juntou tudo, a falta da minha mãe, a falta do carinho do meu pai, a sensação de rejeição pelo estrabismo, foi um acúmulo de sentimentos. Houve também as dificuldades com a minha madrasta... E, talvez, se a minha mãe estivesse aqui, ela teria me ensinado a lidar com tudo isso. Talvez ela saberia me ensinar a aceitar esse jeito do meu pai. Talvez, em relação ao estrabismo, ela teria me ajudado a contornar melhor essa situação. Acho que eu nunca tive um apoio emocional, porque o apoio financeiro, da parte do meu pai, eu não posso reclamar em relação ao estrabismo. Ele me levou nos melhores profissionais e fez tudo que poderia ter feito, mas não era só isso que eu queria...

Em relação à minha vida profissional acredito que por chorar tanto eu ainda não tenha conseguido chegar em um cargo melhor, isso me atrapalhou muito. Hoje eu sou auditora sênior. Fiz uma carreira dentro do banco, entrei como assistente administrativa, e me tornei auditora trainee, e fui indo, e estou indo bem, mas meu superintendente me disse que eu não poderia ficar chorando dessa forma. E na vida profissional ninguém consegue ver como foi sua vida pessoal. As pessoas apenas conseguem julgar você pela forma que você está naquele momento, mas ninguém sabe a vida que você teve. E profissionalmente pouco interessa se você teve mãe ou

não teve. E isso foi e é uma dor muito grande para mim (a perda da mãe). Eu não sei como sentem aqueles que também perderam pais, não sei se sou apenas eu e meus irmãos que sofremos tanto com a perda da mãe, mas eu sinto que o que contribuiu para nos fazer sofrer mais foi a falta de atenção do meu pai. Eu tenho uma amiga que também perdeu a mãe como eu, e ela tinha 8, 9 anos, mas o pai nunca casou e se dedicou só para os filhos. Ela também sente falta da mãe, óbvio, mas ela teve uma estrutura familiar diferente, teve carinho. O pai dela é um doce, eu não o conheço, mas ela diz que ele liga até para perguntar sobre o que vai fazer de janta. Isso é algo que nunca tive, toda essa atenção e preocupação. Eu trabalho em um banco grande, que agora se fundiu com outro banco. Quando isso aconteceu tive vontade de ligar para o meu pai e dizer: “Pai, você viu o que aconteceu?” Mas não vou fazer isso, porque sei que vou me machucar. No dia em que fui transferida, eu encontrei com ele em frente à pizzaria e falei: “Pai, estou super chateada. Acabei de chegar de viagem e fui transferida de gerência. Não sei o que vai ser, se há algo de melhor, ou estão me jogando de escanteio para me queimarem”. Porque esse mundo corporativo é mesmo terrível! Ele responde: “É, difícil né, filha? Olha, vem cá, você não pode me ajudar nessa planilha?”. Tem uma falta de sentimento da parte dele! Eu não queria que ele me pegasse no colo, me abraçasse, mas que me desse apoio. A fusão dos dois bancos me deixou insegura, porque mesmo que falem que não haverá demissões não é verdade, sempre tem. Até que as coisas se estruturam fica um clima de apreensão. Não liguei para ele, mas esperava que ele ligasse. No fundo, no fundo sei que ele não vai fazer, mas sempre espero, então dessa vez também esperei. E ele é correntista desse banco, e nem que ele ligasse para perguntar se haveria conseqüências para ele por conta da fusão, mas não perguntou nada... Eu sou formada em administração e sei que eu poderia ajudar na empresa dele, mas ele não me pergunta nada... eu sinto muito a falta dele, eu não tenho nem pai, nem mãe. Eu tenho pai fisicamente, mas eu não tenho... E minha mãe era muito carinhosa, eu tenho certeza que se ela estivesse aqui seria completamente diferente. Acho que a nossa vida teria sido completamente diferente, a vida de nós três... (lágrimas correndo)...

Eu sei que já se passaram 28 anos, e a gente aceita e começa a aprender a lidar com isso, na verdade a gente compreende, mas aceitar é muito difícil, é muito difícil (chorando)... Esta semana liguei para uma amiga que tinha sumido, e ela me acusou de eu tê-la abandonado. Ela perdeu o pai recentemente, e dei todo o apoio que pude, fiquei com o filho dela uns dias. E ela disse: “Você não sabe como é essa dor!”. E eu disse: “Você não sabe qual é a minha dor! Seu pai morreu com 80 anos, você teve oportunidade de viver, conhecer, de sentir, de beijar, mas eu não tive essa oportunidade, me tiraram essa oportunidade muito cedo, eu não sei nem como ela era!”. Eu falo que ela era muito carinhosa pelos flashes que lembro de eu fazendo carinho nela e ela em mim, e também porque o meu irmão mais velho fala muito que ela era carinhosa, que é o que mais conviveu. Mas não lembro, não tenho o que lembrar, e é duro saber que minha mãe era carinhosa e eu não tive a oportunidade de sentir. Por isso acho que vou morrer sem aceitar (chorando)... Meu marido às vezes diz: “Até quando você vai chorar pela sua mãe?”. Hoje não choro mais da mesma forma, como era antes da terapia, eu aprendi um pouco mais a lidar com essa situação, mas vou chorar até o último dia da minha vida! Como eu disse, a minha avó chorava e pedia para morrer todos os dias, e eu também pedia para morrer, não todos os dias como minha avó, mas quando eu me sentia sozinha, sentia falta dela para me dar apoio e carinho, então eu pedia para Deus me levar. Hoje já não peço mais porque sou mãe, mas se eu não fosse acho que ainda estaria pedindo porque eu achava que não tinha nada a perder. Hoje me culpo muito de não dar o carinho que meus filhos merecem porque não aprendi; eu cobrei, ainda cobro, sinto muita falta, mas não sei dar... Essa é a minha história.

7.7. Narrativa: Luiz Feijó

Eu sou Luiz Feijó e tenho 60 anos. Perdi minha mãe aos 12 anos de idade. Eu tenho uma irmã temporã, Cláudia Cristina, 10 anos mais nova que eu. Na época ela tinha aproximadamente 2 anos quando minha mãe faleceu. Com o nascimento dessa minha irmã minha mãe teve neurose de parto, hoje se chama depressão pós-parto. Minha mãe teve problema com o primeiro filho, meu irmão mais velho, que morreu. Meu avô era médico e tinha um

amigo obstetra, que foi quem fez o parto desse meu irmão, mas a família diz que esse amigo dele era viciado em alguma substância, talvez cocaína, e estava alterado no dia do parto, então cometeu um erro médico. O Carlos Alexandre, meu irmão mais velho, teve então um problema de embolia cerebral no parto, levou vida vegetativa durante 3 anos e veio a falecer. A partir de então minha mãe começou a tirar radiografias da barriga quando estava grávida, pois ficou apreensiva com relação aos próximos partos. Depois ela teve mais 4 filhos. O Carlos Alexandre, que faleceu; depois o meu irmão Marcos, que nasceu saudável; depois eu, com uma diferença de 2 anos dele. Um dado interessante é que no terceiro homem, que sou eu, ela queria mulher, por isso tenho fotos de cabelo cumprido quando criança, como uma menina. Fui tratado assim durante muito tempo, acho que é relativamente comum as mães terem esse tipo de reação... Minha irmã, Sandra, veio 2 anos depois. Foram 4 filhos vivos e um perdido. Ouvi que minha mãe não poderia ter mais filhos, porque era arriscado, não sei exatamente porquê, e também porque já era mais velha para época, com 40 anos, mas ela engravidou da Cláudia Cristina, e isso causou um problema emocional muito grande para ela. Desde que minha irmã mais nova nasceu eu segurava a minha mãe com crises... não sei se posso chamar de crises de loucura, não sei qual o nome dar. Havia dias em que ela atacava o berço, queria matar a bebê. Eu a continha porque era eu quem ficava mais tempo em casa. E eu já era garotão grandão, com certa força, mas ela era uma mulher muito grande. Ela ficava transtornada, não parecia mais minha mãe. Passei esse drama por 2 anos. Lembro-me de cenas de pessoas aflitas saindo do quarto dela e não me deixavam entrar. Me lembro de toalhas encharcadas de sangue, não sei se ela estava tendo hemorragias, mas não tenho informações muito precisas do que estava acontecendo... – estou pensando aqui que um dia posso conversar com meu irmão mais velho porque ele tem informações mais precisas sobre isso, porque eu tenho algumas lembranças nebulosas – Enfim, era um drama, minha mãe estava muito doente, e foi piorando cada vez mais, e naquela época não sabiam lidar com a chamada neurose de parto. Ela chegou até a tomar eletro choques. Lembro que ela fugiu de casa várias vezes e eu corria atrás dela. Em uma das vezes ela tomou um táxi e eu parei o carro e disse: “Moço, é minha mãe, ela não pode fugir, ela não pode ir embora!”. E o taxista achou que eu estava mentindo, que eu era um moleque de rua, e ela dizendo que não me conhecia, então ele me tocou do carro. O olhar dela mudava. Ela não nos reconhecia mais! Esse drama foi se estendendo, mas eu era um garoto muito brincalhão, e ia levando tudo isso muito na brincadeira, mas certamente tudo isto estava sendo registrado em algum lugar no meu corpo emocional. E eu era muito caseiro e foi por isso que eu presenciei tantas cenas, meu irmão já saía mais de casa que eu. Um dia eu estava tomando banho, na época com 11 anos, olhei para cima e vi o cano do chuveiro amassado, e pensei: “Minha mãe está tentando se matar, se enforcar”. Mas eu era um moleque e nem liguei muito. Desse acontecimento passou alguns meses, e um dia minha avó vem correndo e diz: “Sua mãe sumiu”. – Minha avó morava conosco, e este também foi um componente dramático porque ela era surda e não gostava do meu pai e se utilizava da surdez para falar qualquer coisa, fingindo que não o via. Foi ficando uma situação muito dramática no relacionamento entre minha mãe e meu pai, contribuindo para um quadro de desarmonia dentro da família. Talvez tudo isso tenha agravado a problemática da minha mãe. Minha avó veio morar em casa para cuidar de mim, pois quando eu era bebê, com 11 meses, tive que fazer uma transfusão de sangue total, o que era de altíssimo risco, e ela cuidou de mim. Como eu saí vivo disseram para minha mãe: “A senhora teve outro filho”. Olha outro drama que minha mãe passou. E depois disso minha avó foi ficando em casa, e meu avô já era falecido, e isso também era mais confortável para minha mãe porque minha avó sempre ajudava aqui e ali a cuidar das crianças, então ela foi ficando. E tem até outra história com a minha avó; pouco antes da minha mãe morrer eu tive varíola, esse foi outro drama, fiquei internado no Emílio Ribas em isolamento, e minha avó cuidou de mim, ela ficava dentro da sala de isolamento comigo. Mas minha avó era uma pessoa que causava uma tensão constante na família. – Voltando naquele dia, minha avó veio então me dizer nervosamente: “Procura sua mãe, a sua mãe está no banheiro de empregada!”. Corri lá e olhei pelo respirador da porta, e vi o pé da minha mãe no chão, parado, e chamei: “Mãe, mãe, mãe”. Como ela não respondia abri a porta e dei de cara com uma cena terrível; ela estava enforcada com o fio do ferro de passar roupa! Olhei e não entendi, porque ela estava com uma fisionomia de quem estava dormindo, não estava com uma cara ruim. Provavelmente ela subiu na privada, prendeu o

fio no chuveiro e se asfixiou, mas ela estava com os pés no chão. Quer dizer que o que eu havia pensado alguns meses antes estava certo, ela realmente já tinha tentado se matar, mas o cano do outro chuveiro não tinha agüentado. Mas naquele dia ela conseguiu o intento dela. Eu olhei e fiquei bastante traumatizado, muito triste, e saí correndo. Lembro-me de correr para frente de casa gritando e fui falar para o vizinho: “Minha mãe se matou!”. Depois vi encostar o IML, tinham vindo buscar o cadáver dela, e eu disse: “Minha mãe morreu!”. Mas a vizinha me disse: “Não morreu não, não morreu não”. Isso foi um trauma para mim, principalmente porque eu fiquei com essa dúvida naquele momento: “Será que ela não morreu?”. E eu queria acreditar na vizinha e pensava: “Não pode ser, não perdi a minha mãe”. Mas eu sabia que ela tinha morrido... mas fiquei assim, bem dividido. Depois fiquei olhando o caminhão do IML, e percebi que ela tinha morrido mesmo. Então chegou o meu irmão mais velho, ele tinha 2 anos a mais que eu, e foi muito difícil, não sei se pedi para alguém falar ou eu mesmo falei. Dar a notícia para ele foi terrível! Esse dia foi traumático...

Depois disso tenho uma foto com agasalho do tênis clube paulista, como atleta, por volta dos 12 anos, começando a nadar. Hoje tenho uma leitura de que eu elegi a água como minha mãe substituta. Antes eu era um garoto gordinho, preguiçoso, mas depois que minha mãe morreu comecei a nadar, nadar e nadar. Me valorizaram no clube, diziam que eu podia ser campeão e senti-me acolhido por uma nova família, que era a equipe de natação, e o meu técnico tinha bem um jeitão de paizão, de cuidador. Acho que a água hoje representa uma mãe que me acolheu, me deu guarita emocional, me fez homem forte, realizado, atleta, campeão brasileiro, me deu uma profissão e me trouxe agora a possibilidade de gratidão. Hoje posso devolver aos meus alunos, através do amor, da paixão pela minha profissão, pela questão delicada e humana do medo e da superação, vencendo o bloqueio. Sou professor de natação e trabalho com pessoas que têm medo, traumas ligados à água. Essa importância simbólica da água está para mim inserida nessa trajetória traumática da perda, nessa necessidade de elaborar a perda.

Com relação a essa elaboração da perda, eu fiquei bastante traumatizado, senti-me bastante triste e foi bastante difícil elaborar isso até um determinado período. No começo eu não queria nem saber de falar sobre isso. Mas depois de um tempo essa elaboração começou a acontecer. Eu me considero bastante corajoso e me lembro que fui tentando elaborar isso, sempre pensava nisso, sempre que possível falava no assunto. Era muito importante fazer o que estou fazendo hoje, contar para alguém sobre o que aconteceu. Até hoje ainda tenho necessidade de falar, mas a necessidade é bem menor porque já está bem elaborado.

Depois da morte da minha mãe minha família foi acabando. Acho que não apenas por causa da morte da minha mãe, mas meu pai também morreu de câncer quando eu tinha 25 anos, e minha avó morreu mais ou menos nesse período também. Então perdi mãe, depois pai e avó, que foi minha cuidadora, mesmo com todos os defeitos dela. Tive essas perdas todas. E teve ainda a perda do irmão, o primeiro que nasceu, que eu não senti tanto, mas que deixou uma marca na família. Perda da mãe, da avó, do pai. Depois de tudo isso a família acabou...

Voltando à questão da elaboração da perda da minha mãe, quando comecei a elaborar melhor isso um ponto bem importante foi entrar no banheiro em que ela morreu. Eu não me lembro exatamente quando, já com uns 20 e poucos anos. Antes eu passava no banheiro e nem olhava para a porta, mas um dia eu disse: “Quer saber de uma coisa, vou entrar nesse banheiro”. Entrei no banheiro, olhei para o chuveiro, para a janela e pensei: “A última cena que minha mãe viu foi essa janela”. Senti-me emocionado, mas não lembro de ter chorado, mas me senti bem. Nos primeiros momentos após a morte dela, querendo entender o que aconteceu, eu me sentia mal, achava que tinha sido uma certa covardia dela, pois abandonou a gente. Depois comecei a entender o contrário: “Puxa, mulher sofredora, corajosa, doente...” Era uma doença, porque antes minha mãe era uma mulher alegre, muito bem humorada, sorridente, ela não tinha nada a ver com “se matar”. Ela gostava de viver, era muito bonita, lindíssima! Era inteligente, estudou nos melhores colégios da época. Então foi mesmo o problema do parto da minha irmã, a depressão pós-parto. Antes do parto ela era outra pessoa. Comecei então a lembrar dessa minha mãe alegre, sorridente, e a pensar que ela teve um problema de saúde, e a minha leitura da situação começou a mudar... – Parece-me que ela escreveu um bilhete de despedida, mas que não mostraram para os filhos. Tenho quase certeza que esse bilhete existe. Cheguei a perguntar

para as pessoas se isso está registrado em algum B.O., e até hoje eu ainda pergunto, porque antes eu era uma criança e não me deixaram ler, mas agora sou adulto e já posso ler (sorrindo). Será que ela escreveu assim?: “Me matei por causa dos filhos que davam muito trabalho”. Ou: “Me matei porque meu marido me traiu”. Já ouvi tantas histórias sobre a morte da minha mãe, até mesmo que o meu pai era gay, e que tinha um caso com outro homem e ela descobriu. Isso me faz entender melhor o ser humano, que tem uma curiosidade mórbida. Vivenciei pessoas falando coisas absurdas, distorcidas, que não lembro nem quem falou. Por exemplo, disseram que ela se matou porque eu dava muito trabalho. Eu era um moleque bagunceiro, de rua, ficava nos telhados dos vizinhos, tocava a campainha, aprontava, eu era terrível, mas terrível entre aspas, porque o que um moleque de 11 anos pode dar tanto trabalho? Por outro lado eu era bastante carinhoso, eu sentia que ela gostava de mim, diziam que eu era o mais afetivo. E eu não lembro quem era que falava essas coisas, porque era uma situação muito tensa. Até hoje, quando encontro alguém que viu o que aconteceu na época, percebo que a pessoa fica mais tensa do que eu quando se toca no assunto, me trata até meio estranhamente. Isso foi algo que fui obrigado a conviver e a entender... – Quando comecei a entender que minha mãe também era um ser humano, comecei a ver minha mãe como uma mulher, que tem a sua história, filha daquela senhora difícil, comecei a tentar resgatar e entender mais sobre a história dela. Então comecei a vê-la não mais como aquela pessoa que me abandonou, abandonou a família com uma certa covardia, mas sim como uma pessoa que foi vítima de uma doença e que tentou ser feliz, como eu também estou tentando ser... – Na verdade eu tenho um sentimento de felicidade, uma sensação de estar de bem com a vida desde sempre, desde pequenino. E meu pai me dizia que a vida não era um mar de rosas. Hoje estou com 60 anos e continuo achando que é um mar de rosas. Essa energia positiva talvez tenha me ajudado a entender tudo o que aconteceu. – Então comecei a elaborar e elaborar e em um dado momento da minha vida, por volta dos 15 anos, comecei a escrever poesias. Tenho muitos poemas escritos. E muitos deles são em homenagem à minha mãe, falando da mulher corajosa e maravilhosa.

Até que, por volta dos 30 anos de idade, consegui um bom dinheiro e resolvi parar de trabalhar para cuidar de mim, fazendo terapia, alimentação macrobiótica, caminhada, natação, sem preocupações, resolvi cuidar de mim dessa maneira até acabar o dinheiro, o que durou uns 2 anos. Nesse período fiz bastante terapia com um terapeuta da linha bioenergética, com trabalhos corporais em grupo. Ele usava também uma técnica que usa respiração alotrópica, que busca uma regressão. E quando eu fiz esses trabalhos, nas regressões, tive várias catarses, vários transbordamentos emocionais. E para terminar o curso fiz uma sessão individual com o terapeuta, nesse individual senti que chorei o choro que não chorei quando a minha vizinha disse que minha mãe não estava morta, e isso eu já tinha por volta dos 30 anos... Eu senti que chorei um choro de desabafo, e me senti muito bem! Eu considero que esse foi um marco do entendimento dessa perda. Foi exatamente aí que eu senti que fechou, e eu elaborei a perda. Foi uma trajetória, e tiveram pontos muito importantes; antes eu punha um som na vitrola e fazia umas doideiras, entrei no banheiro, lia isso e aquilo, e utilizei muito as poesias, que me ajudaram muito, teve também a natação, a mãe água... e o fechamento da elaboração foi o renascimento na sessão individual com meu terapeuta. E muitas vezes antes eu já tinha entrado em catarse de choro, esta não tinha sido nem a primeira nem a última vez, mas senti, pensei: “Agora sim resolveu o meu problema”. Não sei se é verdade ou não, mas eu estou estudando algumas coisas de Psicologia, e estou percebendo o seguinte: não interessa se tem correspondência ou não com o renascimento que o terapeuta fez, ou qual foi a técnica que ele aplicou, mas o mais importante é que eu, eu mesmo, disse e continuo dizendo: “Aquele choro foi o choro que eu não chorei quando a vizinha me disse que a minha mãe não tinha morrido”. Eu engoli o choro ali. Eu lembro disso. E porque eu senti que aquele choro engolido eu o soltei 20 anos depois, num quarto com um maluco, maluco no bom sentido, um maluco beleza, fazendo uma técnica de respiração? Com aquilo eu fiquei bem, me senti muito bem.

Hoje posso dizer que a perda da minha mãe me trouxe entendimento sobre a morte, sobre a finitude, sou uma pessoa privilegiada que nasceu do lodo, assim como a flor de lótus, que é lindíssima e nasce do lodo. Saí de um drama e hoje me vejo como uma pessoa corajosa, sensível, que escreve poesias, que tem a imagem da mãe como heroína, certamente que sem exageros, mas heroína como as mulheres são. Porque tenho dois filhos e assisti os partos deles.

Um nasceu de parto normal, e o outro de cesariana, cortei o cordão umbilical dos dois. Vi duas mulheres diferentes parindo, porque são filhos de mães diferentes. Eu vi o bisturi correndo na pele de uma delas, e a outra fazendo força para o meu filho sair de lá de dentro. Então hoje não vejo a minha mãe mais como “a suicida”. Eu vejo uma mulher forte, com uma história de fraquezas, força e coragem, mãe, enfim, eu a vejo como mulher forte. Ela é um dos símbolos de mulher para mim hoje! Será que é um exagero? Para mim não é, porque tenho muita intimidade com essa pessoa. Quem achou o corpo dessa pessoa fui eu. Poderia ter sido somente um drama, somente um trauma, mas não foi. Inicialmente sim, mas hoje não. Hoje me traz uma certa intimidade com a morte. Acho que tenho um bom entendimento sobre a morte. A morte valoriza a vida, como uma caixa de jóias que valoriza a vida. A morte é uma constante na vida, que nos acompanha desde o nascimento, nascer e começar a respirar já é começar a morrer, mas não em um sentido negativo, mas em um sentido de desafio, de nascer a cada instante, no sentido do olhar corajoso para com a vida. E a vida é frágil e imediata, a vida é urgente. Esse foi o legado, legado da transformação, da necessidade de entender a perda e de superar o trauma. Então me vejo como a flor de lótus. Quando fui levado ao limite, ou eu entendia ou sucumbia, ou me vitimizava ou me transformava e agradecia, e eu escolhi o segundo caminho!

O que me levou a escolher esse caminho foi o entendimento dela, não como pessoa tresloucada, mas como uma pessoa doente, que pode ter tido problemas com o tratamento, que na época era muito precário. Hoje em dia os tratamentos da depressão pós-parto são muitos eficazes, de resultados muito bons, e na época eram os eletrochoques, internaram ela como louca... Eu tenho inteligência emocional, entendimento e compreensão, alegria suficiente para entender essa mulher... Consigo ter um certo distanciamento necessário para ter um olhar de entendimento do que aconteceu, o que me proporciona elaborar a perda, proporciona entendê-la e compreender um pouco mais do universo feminino, que eu também tenho essa parte feminina. Hoje sinto perfeitamente essa mulher em mim. Fui machão, mas hoje é impossível ser machão. Todo homem deveria assistir um parto! Então passei a entender esse universo feminino, a fertilidade, a procriação, a perpetuação da espécie, a representação da mãe... As pessoas se perguntam o que acontece com um garoto que está entrando na puberdade e perde a mãe aos 12 anos? É muito forte? Pode prejudicar muito a vida dessa pessoa? Pode. Mas não foi o meu caso. Aquele molecão, que diziam que era terrível, dava muito trabalho, não era só um transgressor, mas essa energia se transformou em uma coragem de ver o que tinha do outro lado... Então entrei no banheiro, fiz terapia, trabalhei, parei de trabalhar, investi em mim, fiz alimentação desintoxicante com macrobiótica, fiz tai-chi-chuan, fiz meditação, busquei auto-ajuda, li muito... O que eu estava buscando com tudo isso era elaborar a perda. Pode até parecer uma presunção minha, mas acho que hoje tenho um entendimento poético da vida e da morte, tenho uma coragem de aceitar essa condição humana de uma melhor maneira. Eu cuido muito bem da minha saúde. Estou muito saudável aos 60 anos. Continuo irreverente. Na minha profissão busquei inovar, busquei gratidão, trabalho com a água hoje, como uma forma de agradecer ao que minha segunda mãe, a água, fez por mim. E, pensando hoje, no que mais me marcou na vida foi ter visto aquela morte tão violenta, naquela idade tão precoce, eu era muito pequeno ainda. Acho que nesses casos ou você entende, ou você pira, e eu entendi...

Até hoje tenho vontade de reunir meus irmãos para falar sobre isso, porque nós nunca falamos sobre isso, nunca sentamos e olhamos olho no olho para falar sobre o que aconteceu naquela época. Talvez eles não tenham estrutura emocional para fazer isso. Com a minha irmã mais nova, que hoje tem 50 anos, eu tenho um pouco de receio de falar sobre tudo isso que acabei de relatar, porque percebo que ela ainda sente bastante. Mas eu tenho muita vontade de perguntar para eles: “Como chegou em vocês essas coisas?”. Você acredita que eles nunca me perguntaram nada e não me perguntam até hoje, fui eu que encontrei o corpo da minha mãe, e eles não têm coragem de perguntar como foi. Eu gostaria de conversar com eles porque hoje sou grato, porque consegui tirar o melhor dessa experiência toda. Claro que demorei muitos anos para chegar nisso, demorei muitos anos para ir no túmulo... – Na época eu fui no enterro dela, mas foi algo muito idiota que fizeram comigo, fui obrigado a ir, não me lembro quem fez isso, e me disseram ainda para beijar o rosto da minha mãe, beijei minha mãe gelada! Hoje fico pensando se essa pessoa que me falou isso não tinha cabeça, se tinha boa ou má intenção. O mesmo garoto que viu a mãe lá, enforcada, teve que ir para o velório e ainda beijar a mãe gelada.

Você acredita nisso? No enterro do meu pai eu já era adulto e escolhi não ir, não fui porque queria lembrar dele vivo e acho que deu certo. Mas enfim... – Demorei muito tempo para ir ao túmulo da minha mãe, uns 30 anos sem ir lá. Eu lembro então do dia em que fui no túmulo da minha mãe, já com esse olhar mais corajoso, entendendo a perda, fui para prestar uma homenagem a ela. Me emocionei, chorei, e foi um choro gostoso, foi muito bacana, muito bom mesmo. Eu gostaria de ir com os meus irmãos, mas não sei não, acho que eles não vão gostar muito da idéia, acho que eles estão mais fechados do que eu. Até hoje sou o único que quando perguntado sobre quantos irmãos nós somos eu digo cinco, porque conto com o primeiro que faleceu. Acho que tenho uma relação muito boa com a morte hoje. Sinto que de forma geral as pessoas têm pavor da morte, principalmente do suicídio, mas eu não.

Hoje estudando Psicologia acho que uma das fases para elaborar uma perda é fazer piada, levar na brincadeira, banalizar o que aconteceu, e acho que eu superei esta fase. No percurso da elaboração da perda precisei fazer isso, eu dizia: “Imagina, é normal, muitas pessoas se matam, o suicídio é normal”, mas hoje não preciso mais fazer isso. Eu sei do que aconteceu na minha vida, e tem um lugar para a dor dentro de mim, e sei que tem coisas registradas em mim que não vão sair nunca. Não quero dizer que hoje vivo como se nada disso tivesse acontecido, não é assim, o que quero dizer é que houve sim uma história dramática, mas que foi muito bem vivida. Houve o período de silêncio, de não olhar para a porta do banheiro, o momento da coragem, da poesia, do entendimento da minha profissão, hoje lido com pessoas que têm medo de morrer por asfixia, o que talvez tenha até alguma relação com a morte da minha mãe. E hoje me sinto bem. Eu não posso agradecer pela parte trágica da minha vida, não posso dizer: “Que bom que eu vivi isso”, isso não posso dizer mesmo, mas uma vez que eu vivi isso, eu agradeço. Tudo isso graças à minha coragem e à vontade viver que tenho desde pequeno. Enfrentei doenças e senti o gosto da morte no meu corpo físico e emocional. Vivi tantas outras histórias próximas à morte, mas a principal história de toda minha vida é a morte da minha mãe...

Após os 2 anos em que fiquei me tratando e me cuidando tive um estalo e uma vontade de voltar, então voltei para natação, mas agora com um olhar terapêutico, comecei a questionar a competição como instrumento pedagógico, eu não aceitava mais a competição como um instrumento para educar, então criei um novo método para ajudar pessoas com medo de asfixia pela água, criei o “nadar sem medo”, passei a dar palestras sobre isso.

A morte da minha mãe foi uma pedra fundamental na minha vida, e o que parecia apenas tragédia tem também beleza, mas sei reconhecer a dor e o drama dela, meu, dos meus irmãos. Não estou dizendo que quero apenas olhar o lado bom para poder fugir do lado ruim da história. Não é isso, hoje olho para os dois lados; para a tragédia, mas que também pode ser vista como algo que pode alavancar a vida de uma pessoa.

A mãe do meu segundo filho também foi internada, ela pirou, na linguagem popular. Antes dela engravidar ela já tinha pirado. Ela fez terapia com o mesmo terapeuta que eu fiz, mas não gostou. Ela foi então numa terapia intensiva oriental e voltou totalmente desarmonizada. Daí para a frente até os dias de hoje ela precisa de tratamento. Ela engravidou porque a gente tentou segurar o namoro, e o relacionamento estava terminando, mas bobeamos e engravidamos. E agora tenho meu filho, graças a Deus ele está aí conosco, o Rafael, fez 20 anos ontem. Eu cheguei até a fazer uma relação entre a Silvia e a minha mãe, porque a Silvia perdeu uma irmã por suicídio, que se matou com um tiro no coração. A Silvia foi diagnosticada com transtorno bipolar, e eu faço essa relação com a minha mãe, ou seja, ela também é uma mulher que teve um filho em uma situação emocional bastante complicada. Ela chegou a pegar o Rafael, virá-lo de ponta cabeça e chacoalhá-lo, tiveram que tirá-lo da mão dela correndo. E hoje o garoto tem algum probleminha... os psicólogos em que levei, psicopedagogas, suspeitam de autismo... porque ele não gostava de toque, não conversava com ninguém, abaixava a cabeça. Hoje ele está melhor, outro dia o abracei e ele me abraçou também, e antes ele não deixava que ninguém encostasse nele. Até hoje o relacionamento comigo é distante, ele diz que não se acostuma muito comigo, mas hoje está bem melhor. Ele é bem inteligente, sensível, mas não se ajusta aos estudos formais, é um desafio para os profissionais entenderem essas questões...

Hoje meu filho mais velho mora comigo. A mãe dele casou-se com um psiquiatra de vanguarda, que trabalha com dependentes químicos. Ele foi morar comigo quando tinha onze

anos, há dez anos, porque a mãe iria se casar. Meus dois filhos nasceram quando eu já estava separado das mulheres. Não que eu fuja dos compromissos, pelo contrário, eu até quero me comprometer, tenho vontade de estar com uma mulher, uma família, e não da forma como aconteceu. Mas no caso do meu primeiro filho eu já estava separado há três anos e meio, mas em uma ciúmeira, porque eu já estava namorando a mãe do segundo filho, então tivemos uma relação sexual totalmente irresponsável e ela engravidou. Mas eu fiquei com a outra, porque eu estava começando o namoro com ela, que mais tarde também engravidou. Por isso meus dois filhos têm apenas 1 ano e 3 meses de diferença de idade, um tem 21 anos e o outro tem 20.

Acho que estou me abrindo aqui de uma forma especial, e estou percebendo que está sendo terapêutico para mim porque estou começando a alinhar algumas coisas que não estavam muito claras... Falando sobre as duas mães dos meus filhos, não sei se vai ser importante para a pesquisa, mas gostaria de falar. Naquela época formamos um triângulo amoroso. A Silvia é bissexual e ficou atraída pela Ângela, mãe do meu primeiro filho. E eu fiquei muito confuso com tudo isso.

Acho que o que está mais diretamente ligado à perda da minha mãe eu já falei. Mas, depois da mobilização emocional que a entrevista produziu em mim, acho importante citar algumas relações mais sutis, que antes estavam latentes, como por exemplo, a forma como me relaciono com as mulheres. Tentei me relacionar com duas mulheres ao mesmo tempo, quer dizer, nós tentamos namorar a três, um triângulo amoroso. Acho que a perda da minha mãe aos 12 anos teve uma influência em mim como homem. Então quando aconteceu esse triângulo amoroso, lembro-me que eu estava procurando entender se o fato de ter vivido o que vivi com a minha mãe estava atrapalhando a minha vida amorosa. Provavelmente sim. Acho que a perda da minha mãe tem uma influência em mim como um todo. Eu acredito, mas não tenho certeza de nada, acho que tenho um certo medo dela (namorada) ir embora, nem tanto através da morte, mas por ela fugir, assim como minha mãe fugia de casa, surtada, olhava para mim mas não me via, não me reconhecia. Hoje o amor romântico me remete a uma certa dificuldade de lidar com esse vínculo, com o medo de que de repente a mulher olhe para mim como se não estivesse me vendo. Acho que tem a ver com um medo do abandono. Acho que suporto bem a pessoa que me olha, me vê, e diz que não me quer mais, mas não suporto perceber que não estou sendo visto, ou seja, que não fui o suficientemente compreendido... A coisa mais angustiante para mim era minha mãe me olhar como uma pessoa desconhecida. Ela não me via como filho, eu via isso no olhar dela... Lembrei da Tatiana, uma namorada que tive há 10 anos. Uma vez falei para ela: “Compreenda o que estou tentando abrir sobre mim. Se eu sentir que você está entendendo o meu drama, está próxima de mim, então vou lidar melhor com seu fora. Porque o que você está falando de mim eu não concordo, eu não sou assim. Se você está dizendo ‘não’, diga ‘não’ para mim, para o Luiz, e não para outra pessoa”. Talvez isso tenha relação com a doença da minha mãe e eu esteja carregando isso para a relação com as mulheres.

Agora me lembrei de outro ponto. Me lembro que algumas namoradas disseram: “Será que você não está buscando uma mulher perfeita?”. Algumas comentaram em medo de amar, por medo de perder, como perdi minha mãe. Mas acho que isso é lugar comum, isso é o ser humano, todo ser humano tem medo de perder. Mas a questão de que eu busco a perfeição acho que tem mais a ver com a minha história, porque minha mãe morreu e virou minha heroína. Ela morreu aos meus 12 anos, no início da puberdade, eu posso ter formado uma mulher heroína, apesar dela ter fugido da luta da vida, mas acredito que foi um suicídio por patologia. Acho que vale a pena pensar nisso: “Será que estou buscando uma mulher ideal?”. Pode ser. Porque minha mãe morreu e virou uma grande heroína, e ninguém vai conseguir suplantar essa imagem, e isso é muito perigoso... É uma questão que eu posso muito bem levar para um espaço terapêutico. Vale a pena.

Em relação ao meu pai, ele era uma figura omissa, não sei se essa é a palavra correta. Ele trabalhou muito e quase não o via... Meu pai hoje para mim é o meu grandessíssimo herói. Ele é um exemplo para a minha vida. Hoje sou educador graças a ele. Ele era professor, dono de escola, educador para os outros e para os filhos. Ele dizia frases de efeito, citava pensadores, falava bem, era orador. Ele dizia para eu ler o dicionário, e hoje eu sou amigo das palavras. Eu o tenho como herói, mas vivi pouco com ele e quando eu virei homem, aos 25 anos, ele já estava morrendo de câncer. Ele morreu aos 57 anos, morreu menino. Tenho saudades, muito respeito e

muita reverência, mas ele não teve muita presença como pai. Eu tenho uma leitura legal dele hoje. Onde eu moro hoje foi herança do meu pai, e da minha mãe também, que era dona-de-casa, que na época era desvalorizada, mas era uma participação muito importante na família. Hoje moro em uma casa que foi herança deles. Eu fui um moleque que dei muito trabalho para o meu pai, deixava-o quase louco. Ele era certinho e eu era terrível na infância, playboy na juventude, aprontava, brigava na rua, e algumas vezes ele teve até que me buscar na delegacia. E meu pai gostava de bons autores, dos pensadores gregos e o filho era daquele jeito, mas quando ele estava morrendo ele percebeu que eu já não era mais daquele jeito...

Depois que morreram minha mãe, meu pai e minha avó só ficaram os 4 irmãos, e a família se diluiu, não apenas emocionalmente, todos se separaram, mas também os bens materiais se foram. Tem uma coisa interessante, os quatro irmãos não são uma família. Minha irmã mais velha, eu mando e-mails para ela, às vezes e-mails engraçadinhos, ela não dá nem um oi, não responde, é uma coisa muito esquisita. Uma época ela morou perto de casa durante um bom tempo e só foi me visitar uma vez, quando eu estava muito doente, de cama, e ela me levou uma marmita; lembro que fiquei até emocionado, aquilo não foi comida para mim, mas foi uma linda poesia! A família não existe... eu não entendo... Dois anos atrás fiz um esforço danado para juntar os 4 irmãos, fomos em uma pizzeria. Eles adoraram, nos divertimos, demos risada. Mas eu acho muito estranho, ninguém fala da dor, nós 4 perdemos a mãe daquela forma, mas nunca sentamos e conversamos sobre isso! Nós não fazemos festa de família, Natal e Ano Novo não passamos juntos. Não lembramos nem dos aniversários um do outro! Até eu sou assim, mas ultimamente eu tenho sentido falta da questão afetiva, sinto falta. Eu mandei para eles a poesia sobre a minha mãe, mas ninguém falou nada, foi um silêncio total e sepulcral... Eu não tenho uma visão da família como algo imprescindível, mas me chama muita atenção essa distância entre nós irmãos.